



PHANTASTES

A TERRA DAS FADAS

GEORGE MACDONALD



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Prefácio

*“George MacDonald fez mais por mim do que qualquer outro escritor.”*  
C.S. Lewis

Todo livro tem uma história, mas Phantastes foi além da ficção.

Esse livro foi a maior influência para C.S. Lewis, servindo como inspiração para que ele escrevesse “As Crônicas de Nárnia”.

Em sua autobiografia “Surpreendido pela Alegria”, C.S. Lewis fala sobre o episódio que marcou sua vida, o dia em que leu Phantastes pela primeira vez:

*“Virando-me para a banca de livros da estação de Leatherhead, escolhi um livro de sobrecapa poeirenta: Phantastes – a faerie Romance de George MacDonald. Na mesma noite comecei a ler o livro.*

*As jornadas nas matas, os inimigos fantasmagóricos, as damas boas e más da narrativa lembravam bastante as minhas fantasias costumeiras, e assim me puderam seduzir sem que eu percebesse uma mudança. É como se fora carregado inconscientemente para além da fronteira, ou como se tivesse morrido no velho país e não pudesse me lembrar de como ressuscitei de novo. Ali eu encontrava tudo o que me fascinara em Malory, Spencer, Morris e Yeats. Mas noutro sentido, tudo mudara. Eu não sabia ainda (e demorava a aprender as coisas) o nome da nova qualidade, a sombra brilhante, que pairava nas viagens de Anodos. Hoje sei. Era a Santidade. Eu não tinha a menor noção daquilo que me envolvera ao comprar Phantastes<sup>1</sup>”.*

Nas palavras de C.S. Lewis, Phantastes converteu a sua imaginação.

George MacDonald tornou-se para Lewis uma espécie de “pai espiritual” e em diversas ocasiões, se referia a ele como “seu mestre e mentor.”

O próprio Lewis contribuiu em muito para que a obra de George Macdonald fosse disseminada em seu tempo, tendo ele mesmo editado uma antologia de Macdonald. Em um dos volumes da antologia Lewis escreveu no prefácio: “Nunca escondi o fato de que eu o considerava meu mestre, na verdade acredito que eu nunca escrevi um livro no qual eu não o tenha citado.”

A Influência de MacDonald está latente em toda a obra de CS Lewis, em especial nos seus livros de Fantasia, como As Crônicas de Nárnia e Perelandra.

George Macdonald foi uma influência marcante para J. R. R. Tolkien escrever “O Hobbit”.

## SOBRE O AUTOR

Mas quem foi esse grande homem que foi capaz de influenciar tantos escritores, cujas obras venceram o tempo e ainda hoje servem de inspiração para milhões de leitores ao redor do mundo<sup>2</sup>?

George MacDonald, nascido em 10 de dezembro de 1824 na Escócia, é um dos mais notáveis escritores de sua época. Foi amigo e mentor de Lewis Carroll e o incentivou a publicar “Alice no País das maravilhas”. Influenciou autores como J. R. R. Tolkien, C.S. Lewis e Mark Twain e era para Chesterton, um dos quatro maiores homens do século XIX.

Ainda na adolescência começou a escrever poesias que acabou deixando de lado por um tempo, pois logo depois entrou para o seminário estudar teologia.

Mas como pastor exerceu seu ministério por pouco mais de dois anos devido a divergências teológicas, por pregar contra a predestinação. Ainda naquela época MacDonald já levantava questões teológicas importantes como a Graça de Deus. Para ele, a crença de que somente os “eleitos” (predestinados) seriam salvos, era algo insuportável e declarou “O Amor de Deus não teria me tocado tão profundamente se Ele não amasse a todos<sup>3</sup>”.

Para ele, a punição não poderia ser mais forte do que o Amor de Deus e cria que deveria ser dado uma ênfase maior na Graça de Deus, pois cria que através da Graça todos poderiam chegar a Deus, diferente o que era pregado por sua congregação na época.

O resultado disso foi a expulsão de MacDonald.

Tal fato acabou contribuindo para que o autor dedicasse muito mais tempo a escrita. Em 1855, logo após publicar dois outros trabalhos de poesia, publicou “Phantastes – A Terra das Fadas” que foi o seu primeiro sucesso e o consolidou como grande escritor de sua época.

Ao ser lançado foi muito comparado com grandes obras como: “O peregrino de John Bunyan” e “A Divina comédia de Dante” por apresentar um enredo que trata da

jornada de redenção humana com ênfase na caminhada espiritual.

**Phantastes** apresenta a jornada de Anodos, um rapaz comum que está explorando uma mesa velha em seu castelo recém-herdado quando, uma fada imponente aparece para ele e promete que no dia seguinte **ele vai encontrar o caminho para o Reino das Fadas.**

Phantastes, assim como toda obra de MacDonald apresenta temas como a fé, honra, coragem, caráter e bondade.

George MacDonald publicou romances de fantasia e dezenas de contos que o tornaram conhecido e amado por crianças e adultos.

O próprio autor declarou certa vez: “Eu não escrevo livros infantis, mas escrevo para todas as crianças, sejam elas de 5, 50 ou 75 anos”.

O autor faleceu em 08 de setembro de 1905, mas suas obras são imortais no coração de seus leitores.

1 – “Surpreendido pela Alegria” – CS Lewis - Página 184 – Editora Mundo Cristão – 1998

2 – Do prefácio de Léo Kades para o livro “A Chave Dourada” – Editora Dracaena – 2013

3 – “Muito mais que palavras” – Philip Yancey – Página 168 – Editora Mundo Cristão – 2005

# Ficha Técnica

Copyright © 2015 by Editora Dracaena

Produção Editorial - Editora Dracaena

Editor - Léo Kades

Projeto Gráfico e Diagramação - Grupo Oxigênio

Capa - Grupo Oxigênio

Tradução - Letícia Campopiano

Revisão - Gabriele Dassi

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto 6.583, de 29 de setembro de 2008)

1ª Edição: março / 2015

George, Macdonald

Phantastes / George Macdonald

1. C. S. Lewis. Fantasia. Ficção. Infantojuvenil.

I Título. Autor.

Publicado com autorização. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida  
sem a devida autorização da Editora.

Editora Dracaena

Rua Edson Crepaldi, 720 – Zona Sul

Balneário Rincão – CEP 88828-000 – SC

Tel. (48) 3468-4544

[www.dracaena.com.br](http://www.dracaena.com.br)

# Sumário

[Prefácio](#)

[Ficha Técnica](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

# Capítulo 01

*“Um espírito*

*As florestas ondulantes, e a nascente silenciosa,*

*E o riacho agitado, e o brilho da tarde,*

*Agora aprofundando as sombras escuras, para fins de discussão,*

*Conversando intimamente com ele; como se ele e ela*

*Fossem tudo que há”.* – *Alastor, Shelley.*

Acordei em uma manhã com a usual perplexidade mental que acompanha a retomada de consciência. Enquanto eu estava deitado e olhava pela janela oriental do meu quarto, uma fraca faixa pêssego, dividindo uma nuvem que acabara de subir por cima da baixa linha do horizonte, anunciou a chegada do sol. Assim que meus pensamentos, que um sono profundo e aparentemente sem sonhos tinha dissolvido, começaram novamente a tomar formas cristalinas, os estranhos eventos da noite anterior se apresentaram novamente para minha consciência curiosa. O dia anterior havia sido meu aniversário de 21 anos.

Junto com outras cerimônias que me presenteavam com meus direitos legais, as chaves de um velho escritório, no qual meu pai havia guardado seus documentos particulares, foi entregue para mim. Assim que fui deixado sozinho, acendi as luzes na câmara que continha o escritório, as primeiras luzes que estiveram lá em mais de um ano; pois, desde a morte de meu pai, o ambiente tinha sido deixado imperturbado. Mas, como se a escuridão tivesse sido uma companheira por tanto tempo para ser facilmente expulsa, e tinha tingido de preto as paredes de maneira que, como morcegos, havia se fixado, essas velas serviram, porém muito mal, para iluminar os penduricalhos brilhantes e pareciam criar sombras ainda mais escuras nos buracos e concavidades da cornija.

Todas as outras partes do cômodo ficaram envoltas em um mistério cujas rugas mais profundas se reuniam em volta do gabinete de carvalho escuro de qual agora eu me aproximava com uma estranha mistura de reverência e curiosidade. Talvez, como um

geólogo, eu estava prestes a expor parte dos estratos do mundo humano, com seus restos fossilizados carbonizados pela paixão e petrificados pelas lágrimas. Talvez eu estivesse prestes a aprender como meu pai, cuja história pessoal era desconhecida para mim, tinha tecido sua teia de histórias; como ele havia encontrado o mundo e como o mundo o havia deixado. Talvez eu estivesse prestes a encontrar apenas registros de terras e dinheiro, como haviam sido obtidos e como eram guardados; vindo de um homem estranho, e através de tempos perturbados, para mim, que sabia pouco ou nada de tudo isso.

Para dissipar minhas especulações, e para afastar o temor que estava se acumulando rapidamente ao meu redor como se os mortos estivessem se aproximando, aproximei-me do escritório e, tendo achado a chave que encaixava na parte de cima, o abri com um pouco de dificuldade, trouxe para perto uma cadeira pesada e de encosto alto e sentei-me frente a uma infinidade de pequenas gavetas e escaninhos. Mas a porta de um pequeno armário no centro atraiu especialmente meu interesse, como se lá ficasse o segredo deste mundo há muito tempo perdido. Encontrei a chave do armário. Uma das dobradiças enferrujadas estalou e quebrou conforme eu abri a porta: ela revelou um grande número de escaninhos.

Esses, porém, sendo superficiais quando comparados com aqueles ao redor do pequeno armário, os mais de fora chegando à parte de trás da mesa, eu concluí que deveria haver algum espaço acessível atrás; e descobri, na verdade, que eles eram feitos com uma armação diferente, que possibilitava que o todo fosse removido de uma só vez. Atrás, encontrei uma espécie de ponte levadiça de pequenas barras de madeira dispostas próximas umas das outras horizontalmente. Depois de uma longa busca, e tentando de várias formas movê-la, descobri finalmente uma ponta de aço escassamente projetada em um dos lados.

Pressionei-a repetidamente com a ponta de uma velha ferramenta que estava por perto, até que enfim ela cedeu para dentro; e o pequeno plano inclinado, subindo repentinamente, expôs uma câmara – vazia, exceto que em um canto se amontoavam algumas pétalas de rosa, cujo aroma duradouro tinha há muito se esvaído; e, em outro, um pequeno maço de papéis, amarrados com um pedaço de fita, cuja cor havia partido junto com o aroma das rosas. Quase com medo de tocá-los, eles testemunharam tão silenciosamente as leis do esquecimento, recostei-me em minha cadeira, e os fitei por um momento; quando de repente ali apareceu na soleira da pequena câmara, como se ela tivesse acabado de surgir de suas profundezas, uma pequena forma feminina, tão perfeita em seu contorno como se ela tivesse sido uma pequena estatueta grega que tivesse ganhado vida e movimentos.

Seu vestido era de um tipo que jamais sairia de moda, porque era simplesmente natural: um manto trançado em uma faixa ao redor do pescoço, preso por um cinto na altura da cintura, que descia até seus pés.

Foi apenas depois, no entanto, que eu reparei em seu vestido, embora minha surpresa não tivesse um grau tão excessivo quanto o que uma aparição dessas pode naturalmente provocar. Vendo, no entanto, como suponho, certa perplexidade em meu semblante, ela veio para frente distando uma jarda de mim, e disse, em uma voz que estranhamente lembrava uma sensação de crepúsculo, débeis margens de rios e um vento suave, mesmo nesta sala mortal.

“Anodos, você nunca viu uma criatura tão pequena assim antes, viu?”

“Não”, eu disse; “e de fato eu quase não acredito que estou vendo agora.”

“Ah! É sempre assim com vocês homens; não acreditam em nada da primeira vez; e é muita tolice permitir que apenas a repetição convença você do que considera totalmente inacreditável. Não vou discutir com você, porém, mas vou conceder-lhe um desejo.”

Aqui não pude deixar de interrompê-la com seu discurso insensato, de qual, porém, eu não tinha motivos para me arrepender.

“Como pode uma criatura tão pequena como você conceder ou rejeitar qualquer coisa?”

“Esta é toda a filosofia que você acumulou em vinte e um anos?”, disse ela. “Forma é tudo, mas tamanho não é nada. É uma mera questão de relação. Suponho que sua senhoria de um metro e oitenta não se sinta insignificante de maneira geral, apesar de que, para outros, você parece pequeno quando comparado com seu velho tio Ralph, que é pelo menos uns bons quinze centímetros maior que você. Mas comigo tamanho é de tão pouca importância, que eu posso também me acomodar aos seus preconceitos tolos.”

Assim dizendo, ela saltou da mesa para o chão, aonde ela se transformou em uma alta e graciosa mulher, com o rosto pálido e grandes olhos azuis. Seu cabelo escuro caía para trás, ondulado, mas sem cachos, até sua cintura, e assim sua forma ficou clara em seu manto branco.

“Agora”, disse ela, “você acreditará em mim.”

Dominado pela presença de uma beleza que eu agora conseguia perceber, e puxado em direção a ela por uma atração tão irresistível quanto incompreensível, acredito que eu tenha esticado meus braços na direção dela, pois ela recuou um passo ou dois, e disse:

“Garoto tolo, se você pudesse me tocar eu o machucaria. Além disso, eu tinha duzentos e trinta e sete anos de idade na última véspera do solstício de Verão; e um homem não deve se apaixonar por sua avó, sabe.”

“Mas você não é minha avó”, disse eu.

“Como você sabe disso?”, ela retorquiu. “Ouso dizer que você sabe um pouco de seus bisavôs um bom tanto mais para trás que isso; mas você sabe muito pouco de suas bisavós de ambos os lados. Agora, vamos ao ponto. Sua irmãzinha estava lendo um conto de fadas para você noite passada.”

“Ela estava.”

“Quando ela acabou, ela disse, enquanto fechava o livro, Existe um país das fadas, irmão?” Você respondeu com um suspiro, „Acredito que exista, se alguém conseguisse encontrar o caminho até lá.”

“Eu disse; mas eu quis dizer algo um tanto diferente do que você parece ter entendido.”

“Não se preocupe com o que eu pareço ter entendido. Você encontrará o caminho para a terra das fadas amanhã. Agora olhe em meus olhos.”

Avidamente o fiz. Eles me preencheram com uma ânsia desconhecida. Lembrei de alguma maneira que minha mãe havia morrido quando eu era bebê. Eu olhei cada vez mais fundo, até que eles se espalharam ao meu redor como mares e eu afundei em suas águas. Esqueci de todo o resto, até que me encontrei na janela, cujas cortinas sombrias estavam abertas, e onde eu estava contemplando todo um céu de estrelas, pequenas e brilhantes no luar. Abaixo havia um mar, parado como a morte e grisalho como a lua, varrendo baías, penínsulas e ilhas, para longe, para longe, eu não sabia para onde. Ai! Não era um mar, mas uma névoa baixa polida pela lua. “Certamente há um mar assim em algum lugar!”, eu disse para mim mesmo. Uma voz baixa e doce respondeu ao meu lado:

“Na terra das fadas, Anodos.”

Me virei, mas não vi ninguém. Fechei o escritório, fui para meu próprio quarto e para a cama.

Tudo isso eu lembrava enquanto deitado com os olhos meio fechados. Logo eu descobriria que a promessa da mulher era verdadeira, que neste dia eu encontraria o caminho para a terra das fadas.

# Capítulo 02

*"Onde está o córrego?", chorou ele, com lágrimas. Não vêes tu suas ondas azuis acima de nós?",*

*Ele olhou para cima e, uau! O córrego azul estava correndo gentilmente acima das cabeças deles.*" – Novalis, Heinrich von Ofterdingen

Enquanto esses estranhos eventos estavam passando por minha cabeça, eu subitamente, como alguém toma consciência de que o mar esteve chamando por ele por horas, ou que a tempestade esteve uivando perto de sua janela a noite toda, fiquei ciente do som de água corrente perto de mim. Olhando para fora da cama, eu vi que uma bacia grande e de mármore verde, na qual eu estava habituado a me lavar e que ficava em um plinto <sup>1</sup> baixo do mesmo material no canto do meu quarto, estava transbordando como uma nascente. Um feixe de água límpida estava correndo pelo carpete, por todo o quarto, achando uma saída eu não sei onde.

E, ainda mais estranhamente, onde este carpete que eu mesmo tinha desenhado para que imitasse um campo de grama e margaridas se encontrava com o curso da pequena corrente, a grama e as margaridas pareciam ondular-se com uma pequena brisa que acompanhava o curso da água. Enquanto embaixo do riacho elas se dobravam e oscilavam com todos os movimentos da corrente inconstante, como se estivessem prestes a dissolver-se com ela, e, abandonando suas formas fixas, tornavam-se fluídas como as águas.

Minha penteadeira era um artigo de mobília antiquado de carvalho preto, com gavetas por toda a parte da frente. Essas eram elaboradamente cravadas em forma de folhagem, da hera que formava a parte superior. A extremidade mais próxima desta mesa continuava do mesmo jeito, mas na extremidade mais distante uma mudança singular havia começado. Aconteceu de eu fixar o olhar em um pequeno cacho de folhas de hera.

As primeiras delas eram evidentemente trabalho do entalhador; as próximas eram mais curiosas; a terceira era inequivocamente hera; e logo após esta, uma gavinha de clematis havia se enrolado no puxador dourado de uma das gavetas. Ouvindo a seguir um leve movimento perto de mim, olhei para cima e vi que os ramos e folhas projetados nas cortinas da minha cama se moviam suavemente. Sem saber qual

alteração poderia ocorrer a seguir, pensei fortemente que era hora de me levantar; e, brotando da cama, meus pés descalços pousaram em uma relva verde e fria. Embora eu tivesse me vestido com toda a pressa, encontrei-me completando meu traje debaixo dos galhos de uma grande árvore, cuja copa ondulava no raio dourado do nascer do sol com muitas luzes alternadas, e com as sombras de folhas e galhos deslizando sobre folhas e galhos, enquanto o vento frio da manhã levava-os para lá e para cá, como as ondas do mar.

Depois de me lavar o melhor que pude no riacho límpido, eu levantei e olhei a minha volta. A árvore debaixo da qual eu parecia ter passado a noite toda, era uma das primeiras sentinelas de uma densa floresta, em direção da qual o riacho corria. Pegadas meio apagadas, há muito dominadas pela grama e musgo, com até algumas anagallis aqui e ali, eram perceptíveis ao longo da margem direita. “Este”, pensei eu, “certamente é o caminho para a terra das fadas, que a mulher de ontem prometeu que eu tão logo encontraria”. Eu cruzei o riacho e o acompanhei, mantendo as pegadas na margem direita até que fui levado, como esperava, para dentro da floresta.

Aqui as abandonei, sem nenhuma boa razão, e com uma vaga sensação de que eu deveria ter seguido seu curso: preferi uma direção mais meridional.

1 - Elemento que fica diretamente sob a base de um pilar, pedestal, estátua ou monumento

# Capítulo 03

*“Os homens usurpam todo o espaço,*

*Olham-te, na rocha, mato, rio, no rosto.*

*Nunca antes teus olhos viram uma árvore;*

*Não és um mar que tu vês no mar,*

*És uma humanidade disfarçada.*

*Para evitar teu companheiro, inútil teu plano;*

*Tudo que interessa a um homem, é o homem.” – Henry Sutton*

As árvores que estavam bem dispersas quando entrei, dando passagem para vários raios de sol, fecharam-se rapidamente conforme eu avançava, de forma que seus muitos galhos baniam a luz solar, como se fossem um grosso xadrez entre mim e o Leste. Eu parecia estar avançando em direção a uma segunda meia-noite. No meio do crepúsculo forçado, porém, antes de eu adentrar no que parecia ser a parte mais escura da floresta, vi uma camponesa vindo em minha direção lá das profundezas. Ela não parecia ter me visto, pois ela estava aparentemente atenta a um monte de flores silvestres que carregava em sua mão.

Eu mal podia ver seu rosto; pois, embora ela tenha vindo exatamente em minha direção, não olhou para cima. Mas quando nos encontramos, ao invés de continuar andando, ela virou-se e andou ao meu lado por alguns metros, ainda mantendo seu rosto para baixo e ocupada com suas flores. Ela falou rapidamente, porém, o tempo todo, em um tom baixo, como se falando consigo mesma, mas claramente endereçando o sentido de suas palavras a mim. Ela parecia ter medo de estar sendo observada por algum inimigo na espreita. “Confie no Carvalho”, disse ela; “Confie no Carvalho, no Olmo e na grande Faia <sup>7</sup>. Cuide da Bétula <sup>7</sup>, pois apesar de ser honesta, ela é muito nova para não ser instável. Mas evite o Freixo <sup>7</sup> e o Amieiro <sup>7</sup>; o Freixo é um ogro – você vai reconhecê-lo por seus dedos grossos; e o Amieiro vai sufocá-lo com seus cabelos entrelaçados se você ficar por perto durante a noite”. Tudo isso foi dito sem pausa nem alteração no tom de voz.

Então ela virou-se subitamente e me deixou, andando com o mesmo ritmo imutável. Eu não pude adivinhar o que ela quis dizer, mas me satisfiz com a ideia de que teria tempo suficiente para entender o que ela quis dizer quando fosse hora de usar seus avisos, e que a situação revelaria sua necessidade.

Conclui, pelas flores que ela carregava, que a floresta não podia ser sempre tão densa quanto parecia no lugar em que eu estava andando agora; e eu estava certo nisso. Pois logo cheguei a uma parte mais aberta, e aos poucos cruzei uma grande clareira gramada na qual havia vários círculos de um verde mais vivo. Mas mesmo aqui eu estava preso com a total quietude. Nenhum pássaro cantava. Nenhum inseto zumbia. Nenhuma criatura viva cruzou meu caminho. Mas apesar disso, de alguma forma todo o ambiente parecia apenas adormecido; e, mesmo dormindo, deixava um tom de expectativa no ar. As árvores pareciam todas ter uma expressão de mistério consciente, como se dissessem a si mesmas, “Nós poderíamos, e se o fizéssemos...”. Todas elas tinham uma aparência cheia de significados.

Então me lembrei de que a noite é o dia das fadas, com a lua sendo seu sol; e pensei: tudo dorme e sonha agora; quando a noite chegar, será diferente. Ao mesmo tempo eu, sendo um homem e um filho do dia, senti certa ansiedade perante o que eu deveria fazer entre os elfos e outros filhos da noite que acordam quando os mortais dormem, e encontram sua vida cotidiana naquelas horas assombrosas que passam sem ruídos por sobre as formas imóveis de homens, mulheres e crianças, esparramados e separados embaixo das pesadas ondas da noite, que flutuam, se espalhando, os nocauteiam e os mantêm submersos e inanimados, até que a maré baixa chega e as ondas se esvaem de volta ao oceano de escuridão. Mas enchi-me de coragem e continuei. Logo, porém, fiquei ansioso novamente, mas por outro motivo. Eu não tinha comido nada naquele dia, e pela última hora tinha sentido fome. Então fiquei com medo de que neste lugar estranho eu não fosse achar nada para suprir minhas necessidades humanas; mas mais uma vez confortei-me com esperança e segui em frente.

Antes do meio dia, fantasiei ter visto uma esguia fumaça azul subindo pelos troncos das árvores maiores na minha frente; e logo cheguei a uma área mais aberta, na qual ficava uma pequena cabana, construída de tal forma que os troncos de quatro grandes árvores formavam suas extremidades, enquanto que seus galhos se encontravam e enroscavam acima de seu telhado, amontoando uma grande nuvem de folhas por ali, para cima em direção ao céu. Perguntei-me se haveria um humano vivendo nesta região; e ainda assim não parecia inteiramente humano, embora fosse o suficiente para encorajar-me a esperar encontrar algum tipo de comida. Sem ver nenhuma porta, dei a volta até o outro lado e lá encontrei uma, escancarada. Uma

mulher estava sentada ao lado, preparando alguns vegetais para o jantar. Isso era simples e reconfortante. Conforme me aproximei ela olhou para cima e, ao ver-me, não mostrou surpresa, mas baixou sua cabeça novamente para seu trabalho, e disse em uma voz baixa:

“Você viu minha filha?”

“Acredito que sim”, disse eu. “Você pode me dar algo para comer, pois sinto muita fome?”

“Com prazer”, ela respondeu no mesmo tom; “mas não diga mais nada até entrar na casa, pois o Freixo está nos observando.”

Tendo dito isso, ela levantou-se e guiou o caminho para dentro da cabana; cuja qual, agora eu via, fora construída com os troncos de pequenas árvores arranjadas próximas umas às outras e era mobiliada com cadeiras e mesas rústicas, das quais nem a casca havia sido tirada. Assim que ela tinha fechado a porta e acomodado uma cadeira:

“Você tem sangue de fada em você”, disse ela, olhando duramente para mim.

“Como você sabe disso?”

“Você não poderia ter adentrado tão profundamente esta floresta se não fosse por isso; e estou tentando encontrar algum traço disso em sua fisionomia. Acredito que estou vendo.”

“O que você vê?”

“Ah, deixe para lá. Eu posso estar errada quanto a isso.”

“Mas então como você veio morar por aqui?”

“Porque eu também tenho sangue de fada em mim.”

Aqui eu, na minha vez, olhei duramente para ela, e achei que pudesse perceber, não obstante a aspereza de seus traços, e especialmente a densidade de suas sobrancelhas, algo incomum – eu mal poderia chamar isso de graça e, ainda assim, era uma expressão que contrastava estranhamente com as formas das feições dela. Notei também que suas mãos eram formadas delicadamente, apesar de marrons por causa de trabalho e exposição.

“Eu ficaria doente”, ela continuou, “se eu não vivesse nas fronteiras da terra das fadas e de vez em quando comesse da comida deles. E eu vejo em seus olhos que você também não está completamente livre desta necessidade; ainda que, por causa de sua educação e da sua atividade mental, você tenha sentido menos do que eu. Você também pode ser removido da raça das fadas no futuro”.

Lembrei-me do que a mulher havia dito sobre minhas avós.

Aqui ela colocou um pouco de pão e leite na minha frente, com um gentil pedido de desculpas por conta da simplicidade da refeição, com o qual, no entanto, eu não tinha humor para discutir. Pensei que agora fosse a hora de conseguir algumas explicações para as palavras estranhas que tanto ela quanto a filha haviam falado.

“O que você quis dizer quando falou sobre o Freixo?”

Ela se levantou e olhou para fora da pequena janela. Meus olhos seguiram-na; mas como a janela era muito pequena para permitir que qualquer coisa fosse vista de onde eu estava sentado, levantei-me e olhei por cima do ombro dela. Tive tempo apenas de ver, através do espaço aberto, na beira da floresta mais densa, um único e grande Freixo, cuja folhagem mostrava-se azulada, no meio do verde genuíno das outras árvores ao seu redor, até que ela me empurrou para trás com uma expressão de impaciência e terror, e então quase tampou toda a luz proveniente da janela ao colocar um livro grande e velho lá.

“De maneira geral”, disse ela recobrando sua compostura, “não há perigo durante o dia, pois é quando ele está dormindo profundamente. Mas há algo estranho acontecendo na floresta. Deve haver algo grave entre as fadas hoje, pois todas as árvores estão inquietas; e apesar de não poderem acordar, elas veem e ouvem durante seu sono”.

“Mas qual perigo deve ser temido dele?”

Ao invés de responder a pergunta, ela foi novamente até a janela e olhou para fora, dizendo que temia que as fadas fossem interrompidas por um tempo desagradável, pois uma tempestade estava se formando no Oeste.

“E quanto mais cedo escurecer, mais cedo o Freixo acordará”, adicionou ela.

Perguntei a ela como ela sabia que havia uma inquietação incomum na floresta. Ela respondeu:

“Além da aparência das árvores, o cachorro ali está infeliz. E os olhos e orelhas do coelho branco estão mais vermelhos do que o normal, ele salta por aí como se estivesse esperando alguma diversão. Se a gata estivesse em casa, ela estaria com as costas arqueadas, pois as fadas jovens tiram faíscas de seu rabo com espinhos de amora e ela sabe quando elas estão vindo. E eu também, de outra maneira.”

Neste instante, uma gata cinza entrou desesperada como um demônio e então sumiu em um buraco na parede.

“Ali, eu te disse!”, falou a mulher.

“Mas o que tem o Freixo?”, disse eu, voltando mais uma vez ao assunto. Aqui, porém, a jovem que eu havia encontrado pela manhã entrou. Um sorriso foi compartilhado entre mãe e filha e então a última começou a ajudar sua mãe em pequenas tarefas domésticas.

“Eu gostaria de ficar aqui até o anoitecer,” eu disse, “e então seguir minha viagem, se vocês permitirem.”

“Você é bem vindo a fazer como queira, mas talvez seja melhor que fique a noite toda, do que arriscar-se com os perigos da floresta. Onde você está indo?”

“Ah, isso eu não sei,” respondi. “Mas desejo ver tudo que há para ser visto e, por consequência, gostaria de começar logo no pôr do sol.”

“Você é um jovem corajoso, se você tem alguma ideia do que está se atrevendo a fazer; mas um imprudente, se você não sabe nada sobre isso; e, com licença, mas você não parece muito bem informado sobre esta terra e seus costumes. Porém, ninguém vem para cá sem motivo, seja ele conhecido de quem vem ou por quem os encarrega de vir. Então você fará como desejar.”

Consequentemente me sentei e, sentindo-me relativamente cansado e indisposto para mais conversa, pedi apenas para dar uma olhada no livro velho que ainda tapava a janela. A mulher o trouxe diretamente para mim, mas sem antes dar mais uma olhada em direção à floresta, e então puxando uma cortina branca por cima da janela. Sentei-me à mesa na direção oposta da janela, na qual apoiei o grande livro e li. Continha vários contos maravilhosos sobre a Terra das Fadas, tempos mais antigos, e os Cavaleiros da mesa do Rei Arthur. Continuei lendo e lendo, até que as sombras da tarde começaram a se intensificar, pois no meio da floresta escurecia mais cedo do que na área aberta. Finalmente cheguei a esta passagem:

“Aqui mudou, que na busca deles, o Sr. Galahad e o Sr. Percival se reencontraram nas profundezas de uma grande floresta. Agora, o Sr. Galahad estava vestido com uma armadura completa de prata, brilhante e reluzente – o que é uma maravilha de se olhar, mas fica manchado muito rapidamente e, sem o trabalho de um escudeiro sempre preparado, impossível de manter-se limpa. Mas mesmo sem um escudeiro ou um serviçal, a armadura do Sr. Galahad brilhava como a Lua. Ele montava uma grande égua branca, cujas ferraduras e outros arreios eram pretos, mas todos salpicados de flores-de-lis feitas de uma prata brilhante. Ao passo que o Sr. Percival montava um cavalo avermelhado, com a crina e o rabo castanhos, cujos arreios estavam todos sujos de lodo e lama; sua armadura era incrivelmente enferrujada para se observar e ele não conseguiria poli-la novamente de maneira alguma.

Assim o sol, enquanto se punha brilhava por entre os troncos desnudos direto sobre o par de cavaleiros, um parecendo todo reluzente debaixo da luz e o outro brilhando com um fogo avermelhado. Ora, aconteceu desta maneira. Para o Sr. Percival, depois de sua fuga da dama demoníaca, quando a cruz no punho de sua espada atingiu o seu coração, e ele vagueou apoiando-se na coxa e fugiu, ele chegou até uma grande floresta. E, de maneira alguma curado de sua culpa, ainda que lamentasse a mesma, a donzela do amieiro o encontrou, bem visível; e com suas palavras razoáveis e falso semblante ela o confortou e o enganou, até que ele a seguiu e ela o levou até – “

Aqui um choramingo baixo da minha anfitriã me fez desviar o olhar do livro e eu não li mais.

“Olhe ali!”, disse ela; “olhe os dedos dele!”

Do mesmo jeito que eu estive lendo no livro, o sol poente estava brilhando através de uma fissura nas nuvens acumuladas no Oeste. E a sombra do que parecia ser uma mão grande e distorcida, com os nós dos dedos largos e grandes calos, de forma que era muito mais larga pelos dedos do que na parte não dividida da mão, passou vagarosamente pela pequena cortina e voltou igualmente devagar na direção oposta.

“Ele está quase acordado, mãe; e mais ganancioso do que nunca nesta noite.”

“Silêncio, filha. Você não precisa deixá-lo ainda mais irritado conosco do que ele já está, pois você não sabe quão cedo algo pode acontecer que nos obrigue a entrar na floresta depois do anoitecer.”

“Mas vocês estão na floresta,” disse eu; “como é que vocês estão a salvo aqui?”

“Ele não ousa chegar mais perto do que ele está agora”, ela respondeu; “pois qualquer um desses quatro carvalhos, nas extremidades de nossa cabana, o destruiriam. Eles são nossos amigos. Mas ele fica ali e às vezes faz caras horríveis para nós, estica seus longos braços e dedos e tenta nos matar de medo; pois, de fato, esse é seu jeito favorito de o fazer. Eu lhe imploro, fique longe dele esta noite.”

“Serei eu capaz de ver estes seres?”, disse eu.

“Isso eu ainda não posso dizer, sem saber o quanto da natureza das fadas que há em você. Mas logo saberemos se você será capaz de identificar as fadas no meu pequeno jardim e isso nos guiará de alguma forma.”

“As árvores também são fadas, assim como as flores?”, perguntei.

“Elas são da mesma raça,” ela respondeu; “apesar de que aqueles que você chama de fadas na sua terra são principalmente os filhos jovens das fadas das flores. Eles gostam bastante de se divertir com as pessoas grossas, como eles o chamam; pois, como as outras crianças, eles gostam mais de se divertir do que de qualquer outra coisa.”

“Então por que você tem fadas perto de você? Elas não te perturbam?”

“Ah, não, elas são muito divertidas, com suas mímicas de pessoas grandes e cerimônias imitadas. Às vezes elas apresentam toda uma peça à minha frente, com perfeita compostura e confiança, pois elas não têm medo de mim. Só que, assim que elas terminam, elas caem em gargalhadas estrondosas e finas, como se fosse uma grande piada ter agido sério sobre qualquer coisa. Essas de quem eu falo, porém, são as fadas do jardim. Elas são mais sensatas e educadas do que as dos campos e florestas. Claro que elas têm relações próximas com as flores selvagens, mas elas as apadrinham, e as tratam como primas, que não sabem nada sobre a vida e muito pouco sobre modos. De quando em quando, porém, elas são compelidas a invejar a graça e a simplicidade das flores naturais.”

“Elas vivem nas flores?”, eu perguntei.

“Não sei dizer”, ela respondeu. “Há algo nisso que eu não entendo. Às vezes elas desaparecem por completo, até de mim, apesar de eu saber que elas estão por perto. Elas parecem que morrem junto com as flores que às quais se assemelham e por cujos nomes são chamadas; mas se elas voltam à vida com as novas flores ou se são novas flores e novas fadas, não sei dizer. Elas têm tantos tipos de disposição quanto

os homens e as mulheres, enquanto que seus humores são ainda mais variáveis; vinte expressões diferentes cruzam seus rostos em meio minuto.

Eu frequentemente me divirto observando-as, mas nunca consegui fazer contato pessoal com nenhuma delas. Se eu falar com alguma, ele ou ela olham para o meu rosto, como se prestar atenção em mim não valesse a pena, dá uma risadinha e vai embora”. Aqui a mulher começou, como se subitamente recobrasse a compostura, e disse em uma voz grave para sua filha, “Se apresse: vá e o observe, e veja em que direção ele vai”.

Devo mencionar agora também que a conclusão a qual cheguei pelas observações, que mais tarde consegui fazer, foi que as flores morrem porque as fadas vão embora – não que as fadas desaparecem porque as flores morrem. As flores parecem um tipo de casa para elas, ou um corpo externo, que elas podem colocar ou tirar quando querem. Assim como você pode ter uma ideia da natureza de um homem baseado no tipo de casa que ele constrói, se ele segue seu próprio gosto, você também pode, sem ver as fadas, dizer como cada uma delas é simplesmente olhando para a flor até sentir que você a entendeu. Pelo que a flor te diz, você entende que o rosto e a forma da fada diriam a mesma coisa – só que um rosto e forma humanos se expressam muito mais claramente do que uma flor.

Pois a casa ou as roupas, ainda que como o habitante ou o que se veste com elas, não podem ser entendidas com um mesmo poder de expressão. Ainda assim você notaria uma estranha semelhança, quase uma harmonia, entre a flor e a fada, que você não conseguiria descrever, mas que se autodescreveria para você. Se todas as flores têm fadas não sei dizer, do mesmo modo que não posso afirmar que todos os homens e mulheres possuem almas.

A mulher e eu continuamos a conversa por mais alguns minutos. Eu estava muito interessado na informação que ela me dava e abismado com a linguagem com a qual ela a transmitia. Parecia que a relação com as fadas não era má educação em si. Mas agora a filha retornara com as notícias que o Freixo acabara de sair em direção ao sudoeste; e, como meu percurso parecia estar a Leste, ela esperava que eu não correria perigo de encontrá-lo caso saísse imediatamente. Olhei para fora da pequena janela e lá estava o Freixo aos meus olhos da mesma forma que antes; mas acreditei que elas sabiam mais do que eu e me preparei para ir. Peguei minha bolsa, mas, para meu desânimo, não havia nada nela.

A mulher, com um sorriso, implorou para que eu não me preocupasse, pois dinheiro não tinha nenhuma utilidade lá – e como eu poderia encontrar com pessoas em minha

jornada que eu não reconheceria como sendo fadas, seria bom que eu não tivesse dinheiro a oferecer, pois nada as ofendia tanto quanto esta atitude.

“Elas pensariam”, ela adicionou, “que você estaria fazendo um jogo com elas e este é o privilégio peculiar delas no que diz respeito a nós”, Então fomos juntos ao pequeno jardim que inclinava-se em direção a uma parte inferior da floresta.

Aqui, para o meu grande deleite, tudo era vida e animação. Ainda havia luz do dia o suficiente para ver um pouco daquilo; e a pálida meia lua, na metade do caminho para seu apogeu, estava revivendo todos os momentos. Todo o jardim era como um carnaval, com formas minúsculas e decoradas alegremente em grupos, assembleias, procissões, pares ou trios, seguindo em frente imponentemente, correndo descontroladamente ou passeando de lá para cá. Das taças ou sinos das flores mais altas, como se de varandas, alguns olhavam para a massa lá embaixo, ora explodindo em risadas, ora silenciosos como corujas – mas, mesmo na mais profunda solenidade, pareciam apenas estar esperando pela chegada do próximo momento de gargalhadas. Algumas eram arremessadas em um córrego pantanoso lá embaixo, em barcos escolhidos a partir dos montes de folhas do ano anterior que estavam por ali, enroladas e secas. Estas logo afundavam com elas, que nadavam para terra firme e pegavam outras.

Aquelas que tomavam folhas frescas de roseiras como barcos eram as que navegavam por mais tempo, mas por estas elas tinham que lutar, pois a fada da roseira reclamava amargamente que elas estavam roubando suas roupas e defendia suas propriedades bravamente.

“Você não consegue usar nem metade do que você tem”, diziam alguns.

“Isto não te interessa. Não escolhi você para tê-las: elas são minha propriedade”.

“Tudo pelo o bem da comunidade!”, disse um e fugiu correndo com uma grande folha côncava. Mas a fada-rosa saltou atrás dele (que linda que ela era! Quase como uma modelo viva), o derrubou de cabeça para baixo conforme ele corria e recuperou sua majestosa folha vermelha. Porém, no meio tempo, mais vinte outros correram cada um em uma direção com folhas tão boas quanto aquela e a pequena criatura sentou e chorou, e então, como um mimo, fez cair uma perfeita nevasca cor de rosa de pétalas da sua árvore, saltando de galho em galho, pisando forte, chacoalhando e puxando. Finalmente, depois de outro grande choro, ela escolheu a maior que conseguiu achar e correu rindo, para lançar seu barco junto aos outros.

Mas minha atenção foi primeiramente e principalmente atraída por um grupo de fadas perto da cabana, que estavam conversando ao redor do que parecia uma última primula <sup>2</sup> que estava morrendo. Elas conversavam cantando, e sua conversa formava uma música, algo próximo disso:

*“A irmã Campânula <sup>3</sup> morreu*

*Antes de nascermos.”*

*“Ela veio como uma noiva*

*Em uma aurora de neve.”*

*“O que é uma noiva?”*

*“O que é neve?” “Nunca provei.”*

*“Não sei o que é.”*

*“Quem te apresentou a ela?”*

*“A pequena primula ali.*

*Não podemos ficar sem ela.”*

*“Ah, de uma beleza tão doce!”*

*“Nunca tema,*

*Ela virá,*

*Querida primula.”*

*“Ela é burra?”*

*“Ela virá de porta em porta.”*

*“Você jamais a verá.”*

*“Ela foi para casa para perecer,*

*Até o ano novo”*

*“Campânula!” “Não é bom*

*Convidá-la.”*

*“A primula é muito rude,*

*Mordê-la-ei.”*

*“Ah, sua Algibeira impertinente!”*

*“Olhem, ela deixou a cabeça cair.”*

*“Ela mereceu, rúcula,*

*E ela estava quase morta.”*

*“Para sua maca – para lá você vai!”*

*“E balançar sozinha.”*

*“Ninguém rirá com você.”*

*“Não, nem um.”*

*“Agora nos deixe lamentar.”*

*“E cobri-la.”*

*“Primula se foi.”*

*“Tudo exceto a flor.”*

*“Aqui está uma folha.”*

*“Deite-a sobre ela.”*

*“Seguiremos em luto.”*

*“A Algibeira fez isso.”*

*“Mais fundo, pobre criatura!”*

*O Inverno pode chegar.”*

*“Ele não pode alcançá-la*

*Isso é uma promessa.”*

*“Ela está enterrada, a belezura!”*

*“Agora está concluído.”*

*“Este foi o dever.”*

*“Agora vem a diversão.”*

E com uma gargalhada fervorosa elas se espalharam, a maioria delas em direção à cabana. Durante a última parte da conversa-música, elas tinham tomado a forma de uma procissão fúnebre, duas delas carregando a pobre Prímula, cuja morte a Algibeira havia adiantado ao morder seu caule, até uma de suas grandes folhas. Eles a carregaram solenemente por certa distância e então a enterraram debaixo de uma árvore. Apesar de eu dizer ela, não vi nada exceto as flores secas da prímula em seu longo caule.

A Algibeira, que havia sido expulsa da comitiva por um consenso, foi amuada até a sua cama, pois ela era a fada da Calceolária <sup>4</sup> e parecia bastante perversa. Quando ela chegou a seu caule, ela parou e olhou em volta. Não pude evitar falar com ela, pois eu estava parado perto dela. Eu disse, “Algibeira, como você pôde ser tão malcriada?”

“Jamais sou malcriada”, ela disse meio irritada, meio desafiadora; “só se você chegar perto da minha cama, vou te morder e ai você vai embora”.

“Porque você mordeu a pobre Prímula?”

“Porque ela disse que nunca veria a Campânula; como se nós não fôssemos boas o suficiente para vê-la; e ela era a criatura orgulhosa! Mereceu!”

“Ah, Algibeira, Algibeira”, disse eu; mas nesse momento a comitiva que tinha ido em direção a casa correu para fora novamente, gritando e berrando conforme davam risada. Metade delas estava nas costas da gata e a outra metade se segurava em seu pelo e rabo, ou corriam ao lado dela; ainda assim, com mais outras vindo em seu socorro, a gata furiosa foi logo parada. E elas continuaram a cutucar as pulgas que

havia nela com os espinhos e alfinetes, que elas seguravam como arpões. De fato, havia mais instrumentos trabalhando sobre ela do que jamais poderia haver pulgas. Um pequeno rapaz que segurava bem forte na ponta do rabo dela, com seus pés plantados no chão a um ângulo de quarenta e cinco graus, ajudando a mantê-la segura, administrava um fluxo contínuo de avisos à gatinha.

“Ora, gatinha, seja paciente. Você sabe muito bem que é tudo para seu próprio bem. Você não pode estar confortável com todas essas pulgas em você; e, na verdade, eu estou caridosamente disposto a acreditar”, e aqui ele ficou todo pomposo, “que elas são a causa de todo seu mau-humor; então devemos tirar todas elas; se não, seremos obrigados a dolorosa necessidade de cortar suas garras e arrancar seus caninos. Quieta! gatinha, quieta!”

Mas com um perfeito furacão de maldições felinas, o pobre animal se soltou e disparou pelo jardim e através da cerca viva, mais rápido do que mesmo as fadas jamais conseguiriam acompanhar. “Não se preocupem, não se preocupem, a acharemos novamente. E quando este momento chegar ela terá se deitado sobre um novo lote de pulgas. Uhu!” E eles foram embora, atrás de uma nova travessura.

Mas não demorarei a engrandecer as aventuras dessas criaturas divertidas. Seus hábitos e maneiras agora são tão bem conhecidos para o mundo, tendo sido descritos tantas vezes por testemunhas oculares, que seria apenas favorecer a presunção adicionar minhas opiniões a todas as outras.

Não posso deixar de desejar, porém, que meus leitores pudessem vê-las por si próprios. Especialmente desejo que pudessem ver a fada da margarida: uma criança pequena, gordinha e de olhos redondos, com um olhar cheio de uma confiança inocente! Até a mais maliciosa das fadas não o provocava, apesar de ele não pertencer ao seu cenário, mas era um belo interiorano rústico.

Ele passeava por ai sozinho e olhava para tudo, com suas mãos em seus pequenos bolsos, e vestido em uma camisola branca, o querido! Ele não era tão belo quanto grande parte das outras flores selvagens que mais tarde eu vi, mas com tanto amor e carinho em seus olhares e seus trejeitos confiantes.

2 Uma espécie botânica que possui flores principalmente herbáceas e silvestres.

3 Uma espécie botânica que possui flores pequenas e delicadas.

4 Espécie botânica cujas flores, geralmente amarelas e com pintas vermelhas, têm o formato de uma bolsa

# Capítulo 04

*“Quando o fardo é muito grande, a recompensa é maior ainda” – Ballad of Sir Aldingar.*

Nesse momento, minha anfitriã já estava um tanto quanto ansiosa sobre eu ainda não ter partido. Então, com agradecimentos calorosos pela hospitalidade, peguei minhas coisas e tomei meu caminho através do pequeno jardim em direção à floresta. Algumas das flores do jardim tinham viajado até a floresta e estavam crescendo aqui e ali ao longo do caminho, mas logo as árvores se tornaram muito grossas e sombrias para elas. Eu particularmente notei alguns lírios altos que cresciam dos dois lados do caminho, com grandes flores estonteantes e brancas, contrastando com o verde predominante.

Agora estava escuro o suficiente para eu conseguir ver que cada flor brilhava com uma luz própria. De fato era por causa dessas luzes que eu as via, uma luz interna e peculiar, partindo de cada uma delas e não refletindo de uma fonte comum como durante o dia. Essa luz era suficiente apenas para a própria planta e não era forte o suficiente para fazer nada além de sombras a sua volta ou iluminar coisas vizinhas com algo diferente de sua fraca tonalidade de sua própria coloração individual. Dos lírios acima mencionados, das campânulas, das dedaleiras <sup>5</sup> e todas as flores com formas de sinos, pequenas figuras curiosas levantavam suas cabeças, espiavam a mim e então voltavam.

Elas pareciam habitar as flores, como caramujos habitam suas conchas; mas eu tinha certeza que algumas delas eram intrusas e pertenciam às fadas gnomos ou duendes que vivem na terra e em plantas rasteiras. Das taças dos copos-de-leite, criaturas com cabeças grandes e rostos grotescos saltavam como palhaços em caixas surpresas e faziam caretas para mim; ou levantavam-se lenta e disfarçadamente da borda da taça e esguichavam água em mim, deslizando rapidamente de volta, como aqueles pequenos caranguejos que habitam as conchas dos caramujos.

Passando por uma fileira de cardos <sup>6</sup> altos, os vi cheios de pequenos rostos, todos espiando por trás de suas flores e voltando a se esconder o mais rápido possível; e

eu os ouvia falando uns com os outros, evidentemente com a intenção de que eu os ouvisse, mas com o falante sempre se escondendo atrás de seu ramalhete quando eu olhava em sua direção, “Olhem para ele! Olhem para ele! Ele começou uma história sem início e jamais terá um fim. Há! Há! Há! Olhem para ele!”.

Mas conforme eu me aprofundava mais na floresta, estas visões e sons tornaram-se mais escassos, dando espaço para outros de um caráter diferente. Uma pequena floresta de jacintos silvestres estava cheia de vida com criaturas extraordinárias que ficavam quase imóveis, com os pescoços tombados, segurando-se cada uma pelo caule de sua flor e balançando suavemente sempre que uma leve lufada de vento balançava o campanário cheio de flores. Com um comportamento similar, mas, obviamente, diferindo em forma e significado, havia um grupo de campainhas <sup>7</sup>, como pequenos anjos em espera, prontos, até que tivessem que partir para proferir uma, até então desconhecida, mensagem.

Em cantos mais escuros, perto das raízes cobertas de musgo das árvores, ou em pequenos tufos de grama, cada um brilhando em seu próprio globo de luz verde, tecendo uma rede de grama e suas sombras, brilhavam os pirilampos. Eles eram exatamente como os pirilampos de nossa terra, pois há fadas em todos os lugares; vermes durante o dia e pirilampos durante a noite, quando os da sua espécie podem aparecer e eles podem ser eles mesmos para os outros assim como para eles mesmos.

Mas eles tinham seus inimigos aqui, pois vi grandes e fortes besouros, correndo por aí com a pressa mais desajeitada, desastrados como filhotes de elefantes, parecendo procurar por pirilampos; neste momento um besouro espiou um, cujo caminho até ele era composto de uma floresta de grama ou uma concentração rasteira de musgo, pulou em cima dele e o levou embora, apesar de sua débil resistência. Imaginando qual objetivo poderia ser o deles, observei um dos besouros e então descobri uma coisa que eu não poderia esperar. Mas não faz sentido esperar por coisas na Terra das Fadas; e alguém que viaja por lá logo esquece a ideia de fazê-lo e aceita tudo da maneira que vem – como uma criança, que em uma situação crônica de curiosidade, surpreende-se com o nada.

O que eu vi era isso. Em todo lugar, aqui e ali pelo solo, havia pequenos caroços escuros de algo mais parecido com terra do que com qualquer coisa e aproximadamente do tamanho de uma castanha. Os besouros caçavam estas coisas em duplas – e, tendo encontrado uma, um deles ficava para observá-la, enquanto o outro corria para encontrar um pirilampo. Por sinais, presumo eu, entre eles, o último

logo encontrava seu companheiro novamente: eles então pegavam o pirilampo e seguravam sua parte luminosa perto da bolinha escura e terrosa.

Quando isso era feito, ela pulava pelo ar como um foguete, raramente, porém, atingindo a altura das árvores mais altas. Ainda como um foguete, explodia no ar e caía em uma chuva de centelhas de todas as variações de cores; fogos dourados e vermelhos, roxos e verdes e azuis e rosados cruzavam e intercruzavam uns aos outros, debaixo das copas sombrias e entre os troncos colunares das árvores da floresta. Eles nunca usavam o mesmo pirilampo duas vezes, observei, mas os soltavam, aparentemente ilesos do uso que faziam deles.

Em outras partes, toda a folhagem nas proximidades era iluminada pelas danças entrelaçadas de vaga-lumes esplendidamente coloridos, que voavam de cá para lá, viravam, espiralavam, cruzando-se e se recruzando, entrelaçando-se com toda complexidade de movimento que estava emaranhada. Aqui e ali, árvores todas poderosas brilhavam com uma radiação de luz fosforescente. Você podia traçar o caminho das grandes raízes na terra por causa da débil luz que vinha através dela – e cada galho e cada veia em cada folha era um feixe de um pálido fogo.

Todo este tempo, conforme eu avançava mais e mais na floresta, eu estava obcecado com a sensação de que outras formas, mais parecidas com meu próprio tamanho e porte, estavam se movendo a uma pequena distância em todos os meus lados. Mas como eu ainda não podia discernir nenhuma delas, apesar de a lua estar alta o suficiente para mandar um bom tanto de seus raios por entre as árvores; e esses raios eram excepcionalmente brilhantes e favoreciam a visão, não obstante ela era apenas uma meia-lua.

Eu constantemente imaginava, porém, que as formas eram visíveis em todas as direções, exceto aquelas para qual meu olhar estava focado; e que elas apenas ficavam invisíveis, ou se dissolviam em outras formas florestais, no momento em que meus olhares eram direcionados a elas. Como quer que isso fosse possível, exceto por essa sensação de presença, a floresta parecia completamente nua de algo como companhia humana, apesar de meu olhar frequentemente repousar sobre algo que eu fantasiava ser uma forma humana, que eu logo descobria que eu estava enganado, pois, no momento em que fixava minha atenção naquilo, a forma mostrava-se claramente ser apenas um arbusto, uma árvore ou uma pedra.

Logo uma vaga sensação de desconforto me possuiu. Com variações de alívio, isso aumentou gradualmente; como se algo maligno estivesse passeando ao meu redor, às

vezes mais próximo, às vezes mais distante, mas ainda assim aproximando-se. O sentimento perpetuou e aprofundou-se, até que meu prazer de ver todos os espetáculos de todos os tipos, que em todos os lugares denunciava a presença de alegres fadas, desapareceu aos poucos e deixou-me cheio de inquietação e medo, que eu era incapaz de associar com qualquer tipo de coisa. Finalmente o pensamento cruzou minha mente com horror: “É possível que o Freixo esteja me procurando? Ou que, em seus passeios noturnos, seu caminho esteja gradualmente convergindo com o meu?”. Me confortei, porém, lembrando que ele tinha começado em uma direção totalmente oposta – uma direção que o levaria, se ele continuasse a segui-la, para bem longe de mim.

Especialmente pelo fato de que, pelas últimas duas ou três horas, eu estive viajando diligentemente para o Leste. Segui o meu caminho, portanto, motivando-me pelo esforço direto da vontade de que o medo não crescesse ainda mais; e com essa finalidade ocupando minha mente, o máximo que eu conseguia, com outros pensamentos. Fui tão bem sucedido que, apesar de eu estar consciente, se eu me entregasse por um momento, eu ficava quase submerso em horror, eu ainda fui capaz de andar direto por uma hora ou mais. O que eu temia eu não sabia dizer.

Na verdade, eu estava num estado de total incerteza sobre a natureza do meu inimigo, e não conhecia o modo ou finalidade de seus ataques – pois, de uma maneira ou outra, nenhuma das minhas perguntas tinha tido sucesso em conseguir arrancar uma resposta direta da dama no casebre. Então eu não sabia como me defender nem através de qual sinal eu definitivamente reconheceria a presença do meu inimigo, pois, por enquanto, esta vaga, porém poderosa sensação de medo era todo o indicador de perigo que eu tinha.

Para aumentar minha aflição, as nuvens a Oeste tinham subido quase até a altura do céu e elas e a lua estavam viajando lentamente umas em direção as outras. Na verdade, algumas mais adiantadas já tinham encontrado com ela e ela começou a caminhar através de um pequeno vapor que gradualmente se acentuava. Por fim, ela esteve por um momento quase toda encoberta. Quando ela brilhou novamente, com o esplendor maior em contraste com o escuro, eu vi perfeitamente no caminho a minha frente – ao redor do qual, neste ponto, as árvores recuavam, deixando um pequeno espaço de relva verde – a sombra de uma grande mão, com articulações nodosas e protuberâncias aqui e ali. Eu notei especialmente, mesmo no meio do meu medo, as pontas bulbosas dos dedos. Olhei apressadamente a minha volta, mas não vi nada que podia fazer uma sombra como aquela.

Agora, entretanto, que eu tinha uma direção, apesar de indeterminada, sobre a qual projetar minha apreensão, a simples sensação de perigo e necessidade de agir superou aquela imobilidade, que é a pior propriedade do medo. Refleti por um momento que, se isso fosse realmente uma sombra, era inútil procurar pela coisa que a causava em qualquer direção diferente da que estava entre ela e a lua. Eu olhei, espreitei e intensifiquei minha visão, tudo sem propósito. Não consegui ver nada daquele tipo, nem mesmo um Freixo naquela região.

Mesmo assim a sombra permanecia; instável, movendo-se para frente e para trás, e uma vez que vi os dedos se fecharem, e rangerem até fecharem, como as garras de um animal selvagem, como se numa cobiça incontrolável para alguma presa apressada. Parecia haver apenas um último modo de descobrir a origem desta sombra. Fui em frente corajosamente, apesar de estar com um estremecer interior, a qual eu não daria atenção, para o ponto em que a sombra estava, joguei-me no chão, deitei minha cabeça no que consistia na forma da mão e direcionei meus olhos para a lua. Céus!

O que eu vi? Pergunto-me como consegui me levantar e como que apenas a sombra da mão não me segurou onde eu estava até que o medo tivesse congelado meu cérebro. Vi a figura mais estranha; vaga, sombria, quase transparente, nas partes centrais, e gradualmente aprofundando-se com matéria em direção a suas extremidades, até que acabava em extremidades capazes de produzir uma sombra tal qual a que caía da mão, através dos horríveis dedos cujos quais eu agora via a lua.

A mão estava erguida na postura de uma pata prestes a atacar sua presa. Mas o rosto, que latejava com uma visibilidade flutuante e pulsatória - não com mudanças na luz que refletia, mas com mudanças no seu próprio poder de reflexão, as alterações vindas de dentro, não de fora - era horrível.

Não sei como descrevê-lo. Causou uma nova sensação. Assim como alguém não consegue traduzir um cheiro horrível, uma dor sinistra ou um som assustador em palavras, eu também não consigo descrever essa nova forma abominável. Posso apenas tentar descrever algo que não é exatamente aquilo, mas que parece de alguma forma correspondente àquilo; ou, pelo menos, lembra aquilo.

Lembrava-me sobre o que eu havia ouvido sobre vampiros, pois o rosto se parece mais com o de um cadáver do que com qualquer outra coisa que eu possa pensar, especialmente quando vejo tal rosto em movimento, mas sem sugerir qualquer tipo de vida como fonte do movimento.

Os traços eram mais bonitos do que feios, exceto pela boca, que mal tinha uma curva nela. Os lábios eram igualmente grossos, mas a grossura não era nada bela, mesmo que eles parecessem levemente inchados. Eles pareciam estar fixamente abertos, mas não totalmente. É claro que eu não observei essas feições no momento: eu estava muito aterrorizado para tal. Os notei mais tarde, quando a forma apareceu novamente na minha visão interior com uma vividez muito intensa para admitir minha dúvida sobre a precisão do reflexo. Mas a mais horrível das feições eram os olhos.

Estes estavam vivos, ainda que não com vida. Eles pareciam acesos com uma cobiça infinita. Uma voracidade atormentadora, que devorava o devorador, parecia viver dentro e fornecer poder para a aparição fantasmagórica completa. Permaneci deitado por alguns momentos, simplesmente cheio de pavor; quando outra nuvem, obscurecendo a lua, levou-me imediatamente dos poderes paralisantes da presença até a visão do objeto de horror, enquanto somava ao poder da imaginação o poder do medo dentro de mim. Enquanto eu, sabendo muito melhor a causa da minha apreensão do que antes, continuei sem saber o que eu tinha para poder defender-me ou como tomar precauções: ele poderia estar sobre mim na escuridão a qualquer momento. Botei-me em meus pés, e corri não sei para onde, só para longe do espectro.

Não pensei mais sobre o caminho, e várias vezes escapei por pouco de me encontrar com uma árvore, na minha fuga precipitada de medo.

Grandes gotas de chuva começaram a tamborilar sobre as folhas. Trovões começaram a murmurar e então a rosar a distância. Continuei correndo. A chuva caía mais forte. Até que as folhas não conseguiam mais segurá-la; e, como um segundo céu, elas derramavam suas torrentes sobre a terra. Logo eu estava encharcado, mas isso não era nada. Cheguei até um córrego inchado que corria pela floresta. Eu tinha uma vaga esperança de que seu cruzasse esse riacho, eu estaria a salvo do meu perseguidor; mas logo descobri que minha esperança era tão falsa quanto vaga. Disparei através do córrego, subi para um solo mais elevado, e cheguei a um espaço mais aberto onde havia apenas árvores grandes.

Através delas direcionei meu caminho, mantendo-me a Leste tanto quanto eu poderia adivinhar, mas sem uma certeza absoluta de que eu não estava me movendo em uma direção oposta. Minha mente estava apenas revivendo um pouco de todo seu temor extremo, quando vi, subitamente, um flash de luz ou mais uma catarata de flashes sucessivos, atrás de mim, mas muito mais fraco do que antes, por conta da extensão

da fonte de luz, a sombra da mesma mão horrível. Eu saltei para frente, atingindo uma velocidade ainda maior; mas não consegui correr muitos passos antes que meu pé escorregasse, e, inutilmente tentando recuperar-me, caí aos pés de uma das árvores grandes.

Meio atordoado, ainda assim me levantei, e quase involuntariamente olhei para trás. Tudo que eu via era a mão a um metro do meu rosto. Mas, no mesmo momento, senti dois grandes braços suaves envolvendo-me por trás e a voz de uma mulher disse: "Não tenha medo do gnomo, ele não se atreve a machucá-lo". Com isso, a mão foi afastada subitamente, como se por um incêndio, desapareceu na escuridão e na chuva. Subjugado pelo terror e alegria, fiquei quase inconsciente por um momento. A primeira coisa de que me lembro é do som de uma voz acima de mim, cheia e grave, e estranhamente me lembrando do som de um vento suave por entre as folhas de uma árvore.

A voz murmurava de novo e de novo: "Posso amá-lo, posso amá-lo, pois ele é um homem e eu sou apenas uma faia". Descobri que eu estava sentado no chão, recostado sobre uma forma humana, e mantido imóvel pelos braços a minha volta, que eu sabia ser os de uma mulher que deveria ser um pouco maior que um humano, e proporcionalmente larga. Virei minha cabeça, mas sem mexer mais nada, pois tinha medo que os braços me soltassem e, claro, olhos lúgubres encontraram os meus. Pelo menos foi assim que me impressionaram, mas eu podia ver muito pouco da cor ou do contorno, pois estávamos sentados na sombra escura e chuvosa da árvore.

O rosto parecia muito adorável e solene por sua imobilidade, com o aspecto de alguém que está bem satisfeito, mas esperando por algo. Vi pelos braços dela que minha conjectura estava correta: ela estava inteiramente acima da escala humana, mas não absurdamente.

"Por que você se chama de faia?", eu disse.

"Porque eu sou uma", ela respondeu na mesma voz grave, musical e murmurante.

"Você é uma mulher", devolvi.

"Você acha? Sou muito parecida com uma mulher então?"

"Você é uma mulher muito bonita. É possível que você não saiba disso?"

"Fico muito feliz que você pense assim. Fantasio sentir-me como uma mulher, às vezes. Faço isso hoje - e toda vez que a chuva pinga do meu cabelo, pois há uma velha profecia na nossa floresta que um dia todos seremos homens e mulheres como você. Você sabe de algo sobre isso na sua região? Devo ficar muito feliz quando eu for uma mulher? Não tenho medo, pois é sempre em noites como essa que me sinto

como uma. Mas desejo ser uma mulher por tudo isso."

Eu tinha a deixado continuar falando, pois sua voz era como uma solução para todos os sons musicais. Eu agora disse a ela que mal podia saber se as mulheres eram felizes ou não. Eu conhecia uma que não tinha sido feliz; e, de minha parte, eu tinha há muito desejado a Terra das Fadas, como agora ela desejava o mundo dos homens. Mas por outro lado, nenhum de nós tinha vivido muito, e talvez as pessoas ficassem mais felizes conforme fossem ficando mais velhas. Só que eu duvidava disso. Não pude conter um suspiro. Ela sentiu o suspiro, pois seus braços ainda estavam ao meu redor. Ela perguntou-me quantos anos eu tinha.

"Vinte e um", disse eu.

"Ora, seu bebê!", disse ela, e beijou-me com o beijo mais doce dos ventos e fragrâncias. Havia uma fidelidade fresca no beijo que reviveu meu coração maravilhosamente. Senti que não mais temia o terrível Freixo.

"O que o horrível Freixo quer comigo?", eu perguntei.

"Não tenho tanta certeza, mas acredito que ele quer enterrá-lo aos pés de sua árvore. Mas ele não irá tocá-lo, meu menino."

"Todos os freixos são horríveis como ele?"

"Ah, não. Todos eles são criaturas desagradavelmente egoístas - (que homens horríveis eles seriam, se isso for verdade!), mas este tem um buraco em seu coração que ninguém sabe o motivo, apenas um ou dois. E ele está sempre tentando preenchê-lo, mas ele não pode. Deve ser para isso que ele te queria. Penso se ele algum dia será um homem. Se ele for, espero que o matem."

"Quanta gentileza a sua de salvar-me dele!"

"Cuidarei para que ele não chegue perto de você novamente. Mas há outros na floresta que são mais como eu, de quem - ai! - não posso protegê-lo. Apenas se vir um deles muito bonito, tente andar ao redor dele."

"O que acontecerá, depois?"

"Não posso te dizer mais. Mas agora devo amarrar um pouco do meu cabelo em você e então o Freixo não irá tocá-lo. Aqui, corte um pouco. Vocês homens têm estranhas coisas cortantes consigo."

Ela chacoalhou seu longo cabelo solto sobre mim, jamais movendo seus braços.

"Não posso cortar seus lindos cabelos. Seria uma pena."

"Não cortar meu cabelo! Terá crescido o suficiente antes que seja necessário novamente nessa floresta. Talvez nunca mais seja útil - não até que eu seja uma mulher". E ela suspirou.

O mais suavemente que consegui, cortei com uma faca uma longa trança de cabelos escuros e fluídos, com ela mantendo sua linda cabeça pendurada acima de mim. Quando eu terminei, ela estremeceu e respirou fundo, como alguém faz quando uma dor aguda, firmemente suportada sem sinal de sofrimento, é finalmente relaxada. Ela então pegou o cabelo e o amarrou a minha volta, cantando uma estranha e doce canção, que eu não podia entender, mas que me deixou uma sensação assim:

"Nunca vi você antes;

Nunca mais o verei;

Mas amor, e ajuda, e dor, e beleza única,

Fizeram de você meu, até que todos meus anos acabem."

Não consigo colocar mais que isso em palavras. Ela apertou os braços ao meu redor mais uma vez e continuou cantando. A chuva nas folhas e um vento suave que havia aparecido faziam companhia à canção dela. Eu estava preso em um transe de prazer imóvel. Ele me contou o segredo da floresta, das flores e dos pássaros. Uma vez senti como se eu estivesse viajando pela infância através de florestas ensolaradas na Primavera, sobre tapetes de primulas, anêmonas e pequenas coisas brancas e estreladas - eu quase disse criaturas e encontrando novas e maravilhosas flores todas as

vezes. Noutra vez, eu estava quase dormindo no quente meio-dia do Verão, com um livro de contos antigos ao meu lado, debaixo de uma grande faia; ou, no Outono, ficava triste porque pisava em todas as folhas que haviam me abrigado, e recebiam suas últimas bênçãos nos doces perfumes da decadência; ou, em uma noite de Inverno, congelado, olhava para cima, conforme eu ia para casa para uma lareira quente, através dos ramos e galhos trançados até a lua fria e nervosa, com sua zona nebulosa ao redor dela.

Finalmente cai no sono, pois não sei mais nada do que aconteceu, até que eu me encontrei deitado sob uma esplêndida faia, na clara luz da manhã, logo antes do nascer do sol. Ao meu redor estava um cinto de frescas folhas de faia. Ai!

Não trouxe nada comigo da Terra das Fadas, além de memórias - memórias. Os grandes ramos da faia estavam pendurados ao meu redor. Na altura da minha cabeça ficava seu suave caule, com suas grandes áreas de superfícies curvadas que cresciam como membros mal desenvolvidos. As folhas e ramos acima continuavam com a canção que tinha me ninado; só que agora, na minha cabeça, soava como um adeus. Sentei-me durante um bom tempo, sem vontade de partir; mas minha história inacabada me impulsionava a continuar.

Preciso agir e viajar. Com o sol já nascido, levantei-me e coloquei os meus braços o mais longe que eles conseguiam ao redor da faia, a beijei e disse adeus. Um tremor percorreu as folhas; algumas das últimas gotas da chuva da noite anterior caíram delas até meus pés. E conforme eu lentamente ia embora, eu parecia escutar em um sussurro mais uma vez as palavras: "Posso amá-lo, posso amá-lo, pois ele é um homem e eu sou apenas uma faia".

5 Espécie botânica cujas flores, de coloração tipicamente rosa arroxeadas ou brancas, têm formato de dedos de luvas.

6 Espécie botânica que possui flores de formato ovoide, com pétalas que divergem de seu centro em várias direções, formando um hemisfério espigado.

7 Espécie floral que se assemelha à dedaleira.

# Capítulo 05

*“E ela era macia e cheia, como se uma golfada*

*De vida a tivesse lavado, ou como se um sono*

*Repousasse em sua pálpebra, mais fácil de alcançar*

*Do que uma abelha uma margarida.” - Pygmalion, Beddoes.*

*“Ela era alva como lírios em Maio,*

*Ou neve que nevou em dias de Inverno.” - Romance of Sir Launfal.*

Eu caminhei, no ar fresco da manhã, como se renascido. A única coisa que abafava meu prazer era uma nuvem de algo entre pesar e deleite que passava por minha cabeça com o pensamento sobre a minha anfitriã da noite anterior, que frequentemente voltava. “Mas então,” pensei eu, “se ela sentir muito, eu não poderia evitar; e ela tem todos os prazeres que ela já teve. Um dia tal como esse é certamente uma alegria para ela, pelo menos o mesmo que é para mim.

E a vida dela talvez seja a mais rica, por segurar nela agora o que veio, mas não pôde ficar. E se ela algum dia for mulher, quem sabe não nos encontraremos em algum lugar? Há muito espaço para encontros no universo”. Confortando-me com isso, apesar de que com um vago remorso, como se eu não devesse tê-la deixado, segui em frente. Havia pouco que distinguisse a floresta, hoje, daquelas da minha própria terra; exceto que todas as coisas silvestres, coelhos, pássaros, esquilos, ratos e os inumeráveis outros habitantes, eram muito mansos; isto é, eles não fugiam correndo de mim, mas me fitavam enquanto eu passava, frequentemente chegando mais perto, como se para me examinar mais minuciosamente.

Se isso era oriundo de pura ignorância ou da familiaridade com a aparência humana de seres que nunca os machucavam, não sei dizer. Enquanto eu estava parado uma vez, olhando para cima para a esplêndida flor de um parasita, que estava pendurada em um ramo de uma árvore acima da minha cabeça, um grande coelho branco trotou para perto lentamente, colocou uma de suas pequenas patinhas em um de meus pés, e olhou para mim com seus olhos vermelhos, assim como eu estava olhando para a

flor acima de mim. Eu me abaixei e o acariciei; mas quando tentei pegá-lo, ele bateu no chão com suas patas traseiras, e disparou a correr em grande velocidade, virando, porém, para olhar para mim diversas vezes antes que eu o perdesse de vista.

De vez em quando, também, uma sombria forma humana aparecia e desaparecia, a certa distância, entre as árvores, movendo-se como um sonâmbulo. Mas ninguém nunca se aproximou de mim.

Este dia achei bastante comida na floresta – estranhas castanhas e frutas que eu nunca tinha visto antes. Hesitei antes de pegá-las; mas argumentei que se eu podia viver com o ar da Terra das Fadas, poderia viver com sua comida também. Provei que minha conjectura estava correta, e o resultado era melhor do que eu havia esperado, pois elas não só satisfizeram minha fome, mas afetaram meus sentidos de tal forma que minha relação com as coisas ao meu redor se intensificou. As formas humanas apareciam muito mais densas e definidas, visivelmente mais tangíveis, se posso dizer isso.

Eu parecia saber melhor que direção escolher quando a dúvida surgia. Comecei a sentir em certo nível o que os pássaros queriam dizer com suas canções, apesar de não conseguir expressar em palavras, mais do que você consegue com algumas paisagens. Às vezes, para a minha surpresa, eu me encontrava ouvindo atentamente, como se não fosse excepcional para mim, a uma conversa entre dois esquilos ou macacos. Os assuntos não eram muito interessantes, exceto quando associados às vidas e necessidades individuais das pequenas criaturas: onde as nozes eram encontradas nas redondezas e quem as abria melhor, ou quem estava mais preparado para o Inverno, e coisas do tipo; só que eles nunca diziam onde ficava o aprovisionamento.

Não havia nenhuma diferença na natureza da conversa deles das conversas humanas típicas. Algumas das criaturas eu jamais ouvia falar, e acredito que eles nunca falem, sob o impulso de uma grande excitação. Os ratos falavam, mas os porcos-espinhos pareciam bem impassíveis; e apesar de eu ter encontrado algumas toupeiras acima da terra várias vezes, elas nunca disseram palavras umas as outras na minha presença.

Não havia nenhum animal selvagem na floresta; pelo menos, não vi nenhum maior do que um gato selvagem. Havia várias cobras, entretanto, e não acho que elas fossem todas inofensivas; mas nenhuma me mordeu.

Logo após o meio-dia eu cheguei a uma colina rochosa e vazia, não muito grande,

mas bastante íngreme; e, sem ter árvores – mal havendo até arbustos – em seu contorno, inteiramente exposta ao calor do sol. Meu caminho parecia continuar em seu topo e eu imediatamente comecei a subida. Chegando ao topo, com calor e cansado, olhei ao meu redor e vi que a floresta ainda se esticava em todas as direções até onde o olhar podia alcançar.

Observei que as árvores, na direção que eu estava prestes a descer, não chegavam tão perto da base da colina como as do outro lado, e estava principalmente me arrependendo da inesperada protelação de abrigo, pois este lado parecia mais difícil de descer do que o outro tinha sido para subir, quando meus olhos apanharam o aspecto de um caminho natural, serpenteando para baixo através de pedras quebradas e junto ao curso de uma pequenina corrente de água, que eu esperava que me levasse mais facilmente até o pé da colina. Tentei o caminho, e não achei a descida nada trabalhosa; não obstante, quando cheguei embaixo, estava muito cansado e exausto com o calor. Mas exatamente onde o caminho parecia acabar, havia

uma grande pedra, bem dominada com arbustos e plantas rasteiras, algumas delas na floração plena e esplêndida: estas quase escondiam uma abertura na rocha, até a qual o caminho parecia levar. Eu entrei sedento pela sombra que ela prometia.

Qual foi meu prazer a encontrar uma célula rochosa, em todos os ângulos rodeada por um rico musgo, e cada saliência e projeção cobertos por uma bela samambaia, a variedade de suas formas, agrupamentos e colorações forjadas em mim como um poema, pois tal harmonia não podia existir, exceto se elas consentissem com a mesma finalidade! Um pequeno poço da água mais límpida enchia uma cavidade cheia de musgo num canto. Eu bebi, e senti como se soubesse como o elixir da vida deve ser; então me joguei em um montículo musgoso que parecia um sofá na extremidade interna.

Aqui fiquei em um delicioso devaneio por algum tempo, no qual todas as formas, cores e sons amáveis pareciam usar meu cérebro como área comum, onde eles podiam ir e vir, sem serem convidados e injustificados. Nunca achei que capacidade para tal felicidade existisse em mim, como for a agora acordada pela assembleia de formas e sensações espirituais, que ainda eram muito vagas para admitirem serem traduzidas em qualquer forma comum para a minha ou outras mentes. Eu havia repousado por uma hora, suponho, apesar de poder ter sido por muito mais tempo, quando, o tumulto harmonioso em minha mente tendo de alguma forma relaxado, tomei consciência de que meus olhos estavam fixos em um estranho e envelhecido baixo-relevo na rocha contrária a mim. Isto, depois de algum estudo, conclui que

representava Pigmaleão, enquanto ele esperava a vivificação de sua estátua.

O escultor estava sentado mais rígido do que a figura para a qual ele olhava. Esta parecia estar prestes a saltar de seu plinto e abraçar o homem, que mais esperava do que ansiava.

“Uma história encantadora”, eu disse para mim mesmo. “Esta caverna, agora, com os arbustos aparados para longe da entrada para deixar que a luz entre, poderia ser um lugar tal qual ele escolheria, afastado do conhecimento dos homens, para montar seu bloco de mármore, e moldar em um corpo visível o pensamento já vestido com forma na parte jamais vista do cérebro do escultor. E, na verdade, se não estou enganado”, eu disse, levantando-me, conforme um súbito raio de luz chegava naquele momento através de uma fenda no telhado, e iluminava uma pequena porção da rocha, desnuda de vegetação, “esta própria rocha é mármore, suficientemente branca e suficientemente delicada para qualquer estátua, mesmo se destinada a se tornar a mulher ideal nos braços do escultor”.

Peguei minha faca e retirei o musgo de uma parte do bloco sobre o qual eu estava sentado; quando, para minha surpresa, descobri que era mais parecido com alabastro do que com mármore comum, e suave nas extremidades da faca. De fato, era alabastro. Em um inexplicável - apesar de não incomum - tipo de impulso, continuei a retirar o musgo da superfície da pedra; e logo vi que era polida, ou pelo menos lisa, em seu comprimento. Continuei meu trabalho; e depois de limpar um espaço de uns sessenta centímetros quadrados, observei o que me fez continuar o trabalho com mais interesse e cuidado do que antes. Visto que o raio de luz solar agora tinha alcançado o ponto em que eu havia limpado, e debaixo de seu esplendor o alabastro revelou sua usual e ligeira transparência quando polido, exceto onde minha faca havia arranhado sua superfície; e observei que a transparência parecia ter um limite definido e acabava em um corpo mais opaco como o mármore branco e sólido. Tomei cuidado para não arranhá-lo mais.

E primeiramente uma vaga antecipação deu caminho para uma surpreendente sensação de possibilidade; então, enquanto eu prosseguia, uma revelação após a outra produziu a arrebatadora convicção de que, debaixo da crosta do alabastro, havia uma forma em mármore dificilmente visível, mas se masculina ou feminina eu ainda não sabia dizer. Trabalhei o mais rápido que o cuidado necessário permitia; e quando eu tinha descoberto toda a massa, levantando-me dos meus joelhos, e tinha recuado um pouco, para que o efeito de toda sua grandeza recaísse sobre mim, vi a minha frente com suficiente simplicidade - apesar de que, concomitantemente, com considerável indistinção, surgindo da limitada quantidade de luz que o local admitia,

assim como da própria natureza da coisa – um bloco de puro alabastro delimitando a forma, aparentemente em mármore, de uma mulher em repouso.

Ela estava deitada de lado, com sua mão debaixo de sua bochecha, e seu rosto virado para mim; mas seu cabelo havia caído parcialmente sobre seu rosto, de forma que eu não conseguia a expressão do todo. O que vi pareceu para mim perfeitamente encantador; mais perto do rosto que havia nascido comigo em minha alma do que qualquer coisa que eu jamais vi antes na natureza ou na arte. Os reais contornos do resto da forma eram tão indistintos que mais do que a semi-opacidade do alabastro parecia insuficiente para desencobrir tudo; e conjecturei que um leve manto adicionava-se a obscuridade. Incontáveis histórias passaram por minha mente de mudança de matéria por conta de encantamentos e outros motivos, e aprisionamentos tal qual esse a minha frente. Pensei sobre o Príncipe da Cidade Encantada, metade mármore e metade homem vivo; sobre Ariel; sobre Niobe; sobre a Bela Adormecida; sobre as árvores sangrentas; e muitas outras histórias.

Até mesmo minha aventura na noite anterior com a moça da faia contribuiu para levantar uma feroz esperança que de alguma forma vida fosse dada a esta forma também, e que, levantando-se de sua tumba de alabastro, ela poderia glorificar meus olhos com sua presença. “Pois”, argumentei, “quem pode saber se esta caverna não foi a casa de Mármore, e esta, essencialmente Mármore – aquele espírito de mármore que, presente por toda a parte, a faz capaz de ser moldado em qualquer forma? Então ela deveria acordar!

Mas como acordá-la? Um beijo acordou a Bela Adormecida! Um beijo não pode chegar até ela através do alabastro incrustado”. Ajoelhei-me, entretanto, e beijei o caixão pálido, mas ela continuou adormecida. Eu pensei em mim mesmo como Orfeu e as pedras que o seguiam – que árvores seguiam sua música não parecia nada surpreendente agora. Uma canção não poderia acordar esta forma, que a glória do movimento poderia por um tempo substituir a adorabilidade do repouso? Doces sons podem ir até onde um beijo não entra. Sentei-me e pensei.

Agora, apesar de sempre me deleitar com a música, eu nunca tinha sido presenteado com o dom da música, até entrar nesta floresta encantada. Eu tinha uma voz e tinha um verdadeiro senso de sons; mas quando eu tentava cantar, um não encontrava o outro, e então eu permanecia em silêncio.

Esta manhã, contudo, encontrei-me, antes que eu acordasse, regozijando em uma canção; mas se foi antes ou depois de eu comer as frutas da floresta, eu não poderia me satisfazer. Concluí que foi depois, porém; e que o crescente impulso de cantar

que eu agora sentia era, em partes, devido ao fato de eu ter bebido do pequeno poço, que brilhava como um olho cintilante no canto da caverna. Sentei-me no chão ao lado da “tumba pré-natal”, inclinei-me sobre ela em direção a cabeça da forma que a tumba continha, e cantei – as palavras e notas vindo juntas, e inseparavelmente conectados, como se palavra e nota formassem apenas uma coisa; ou, como se cada palavra pudesse ser proferida apenas naquele tom e era incapaz de distinguir dele, exceto em pensamento, através de uma análise perspicaz.

Cantei algo próximo disso: mas as palavras são apenas uma representação enfadonha de um estado cuja própria elevação excluía a possibilidade de lembranças; e na qual eu presumo que as palavras realmente cantadas eram tão mais grandiosas que estas, quanto aquele estado transcendia isto que eu me lembro.

*“Mulher de mármore, dormindo vaidosamente*

*Na própria morte dos sonhos!*

*Irá você – soneca de tua arrebatadora (não seria de tua soneca arrebatadora?)*

*Tudo exceto o que a visão povoa -*

*Escutar minha voz através da dourada*

*Névoa de memórias e esperança;*

*E com um sombrio sorriso encorajar*

*A mim com a morte primal a lidar?*

*A ti todos os escultores perseguem;*

*Encarnaram senão seus próprios;*

*Completaram sua visão, ao vestir,*

*Vestes de mármore que tu forneceste;*

*Mas a ti mesma, uma tortura silenciosa,*

*Tu manteves eternamente;*

*A ti eles não encontraram, muitos procurando*

*Eu encontrei a ti: acorde para mim.”*

Conforme cantava, olhei fervorosamente para a face tão vagamente revelada a minha frente. Eu fantasiava, apesar de acreditar que fosse apenas fantasia, que através do turvo véu do alabastro, eu vi um movimento da cabeça como se causado por um suspiro abafado. Eu contemplei mais fervorosamente, e conclui que era apenas fantasia. Não obstante não pude evitar cantar novamente -

*“O repouso está agora cheio de beleza*

*E pode desistir de ti, creio eu;*

*Venhas tu adiante, para outro dever*

*Que o movimento consome para sua rainha.*

*Ou, se precisar de anos para acordar a ti*

*De tua solidão sonolenta,*

*Venha, sonâmbula, e valhas-te ti da*

*Amigável e adormecida floresta.*

*Sonhos mais doces estão na floresta,*

*Em volta de ti tempestades nunca rugiriam;*

*E quando a necessidade por descanso for mais dolorosa,*

*Deslizes tu então para tua caverna.*

*Ou, se tu ainda escolhes, ao invés*

*Do mármore, caia seu feitiço sobre mim;*

*Deixe teu sono me recolher,*

*Deixo outro sonho contigo!”*

Novamente pausei, e olhei através da mortalha de pedra, como se, pela própria força da visão penetrante, eu descobrira cada lineamento do rosto adorável. E agora achei

que a mão que repousava debaixo da bochecha havia escorregado um pouco para baixo. Mas então eu não poderia ter certeza de que eu havia primeiramente observado sua posição correta. Então cantei novamente, pois a ânsia havia se transformado em uma necessidade apaixonada de vê-la viva –

*“Serás tu a Morte, ou Mulher? Pois desde que*

*Eu me coloquei a cantar neste lado,*

*A vida abandonou o céu lá de cima,*

*E todo o mundo lá fora morreu.*

*Sim, estou morto, pois tu sugaste*

*Toda a minha vida para dentro de ti.*

*Lua morta de amor! Deixe o crepúsculo baixar:*

*Acorde! E deixe a escuridão fugir.*

*Senhora fria da encantadora pedra! Acorde! Ou eu perecerei aqui;*

*E tu nunca terás estado mais sozinha,*

*Minha forma e eu por séculos por perto.*

*Mas palavras são inúteis; rejeite-as todas*

*Elas proferem apenas uma pequena parte:*

*Escutes tu das profundezas das quais a chamam,*

*O desejo mudo do meu coração.”*

Aqui surgiu um ligeiro som de algo se espatifando. Como uma súbita aparição que vem e então some, uma forma branca, velada em um leve manto de brancura, explodiu da pedra para cima, ficou de pé, deslizou para frente cintilou para longe em direção a floresta.

Conforme a segui para a boca da caverna, assim que o espanto e a concentração de deleite permitiram que os nervos de movimento agissem novamente, e vi a forma

branca em meio às árvores, enquanto cruzava uma pequena clareira no limite da floresta onde a luz solar incidia por completo, parecendo reunir-se com um esplendor mais intenso na coisa que mais flutuava do que esvoaçava através de seu lago de raios solares.

Fixei meu olhar nela com certo desespero; encontrada, libertada, perdida!

Parecia inútil segui-la, mas devo seguir. Marquei a direção que ela tomou; e sem nem uma vez olhando para a caverna abandonada, apressei-me em direção à floresta.

# Capítulo 06

*"Ach, hüte sich doch ein Mensch, wenn seine erfüllten Wünsche auf ihn herad regnen, und er so über alle Maasse fröhlich ist!" - Der Zauberring, Fouqué.*

*"Ah, deixe um homem ter cuidado, quando seus desejos, realizados, choverem sobre ele, e sua felicidade for libertada."*

*"Teus lábios vermelhos, como vermes,*

*Viajam pela minha bochecha." - Motherwell.*

Mas conforme eu cruzava o espaço entre a base da montanha e a floresta, uma visão de outro tipo atrasou meus passos. Através de uma abertura a Oeste fluía, como uma corrente, os raios do sol poente, e inundava com um esplendor avermelhado o lugar aberto onde eu estava. E cavalgando por essa corrente para baixo em minha direção, veio um cavaleiro no que parecia ser uma armadura vermelha. Da testeira até o rabo, o cavalo brilhava igualmente vermelho no pôr-do-sol. Senti como se eu tivesse visto o cavaleiro antes; mas conforme ele se aproximava, não consegui lembrar de nenhum traço de suas feições. Antes que ele viesse até mim, entretanto, lembrei-me a lenda do Sr. Percival na armadura enferrujada, que eu havia deixado inacabada no velho livro na cabana: era o Sr. Percival a quem ele me lembrava. E sem surpresas, pois quando ele se aproximou de mim eu vi que, do elmo até os calcanhares, toda a superfície da armadura dele estava coberta com uma leve ferrugem. As esporas douradas brilhavam, mas as grevas <sup>8</sup> de ferro estavam incandescentes na luz do sol.

A estrela matutina, que estava pendurada em seu pulso, brilhava e reluzia com sua prata e bronze. Sua aparência geral era terrível; mas seu rosto não correspondia a sua aparência. Era triste, até mesmo melancólica, e algo de vergonha parecia cobri-lo. Ainda assim era nobre e superior, apesar de isso ficar obscurecido; e a forma parecia arrogante, apesar da cabeça estar abaixada e todo o conjunto estar curvado como se em um luto interno.

O cavalo parecia compartilhar da tristeza de seu dono, e andava sem vida e vagorosamente. Notei, também, que a pluma branca em seu capacete estava

descolorida e tombada. "Ele caiu em um combate com lanças", eu disse para mim mesmo; "mas ainda assim não se torna um cavaleiro nobre em espírito porque seu corpo caiu". Ele pareceu não me ver, pois ele estava cavalgando por mim sem olhar para cima, e entrou em uma atitude de guerra quando ouviu pela primeira vez o som da minha voz. E então um rubor, como se de vergonha, cobriu todo seu rosto que a pequena viseira descobria. Ele retornou minha saudação com uma cortesia distante, e seguiu em frente. Mas subitamente ele puxou as rédeas, permaneceu sentado e imóvel por um momento e então, virando seu cavalo, cavalgou de volta até onde eu estava olhando para ele.

"Estou envergonhado", ele disse, "de parecer um cavaleiro em tal aparência; mas é meu dever dizer-lhe que aceite meus conselhos para que o mesmo mau, em sua própria espécie, atinja o cantor que sucedeu do cavaleiro. Tu já leste a história do Sr. Percival e" - e aqui ele estremeceu, e sua armadura rangeu - "da dama do Amieiro?"

"Em partes, sim", disse eu; "pois ontem, na entrada desta floresta, encontrei em uma cabana o volume em que é contada."

"Então tenha cautela", ele retorquiu; "pois veja minha armadura; - Eu a retiro; e como aconteceu com ele, também aconteceu comigo. Eu que era orgulhoso agora sou humilde. Ainda que ela seja terrivelmente bela - cuidado. Jamais", ele adicionou, levantando sua cabeça, "esta armadura poderá ser polida, exceto pelos ventos de um encontro cavalheiresco, até que o último cisco tenha desaparecido de cada ponto onde o machado e a espada de executores do mal ou nobres inimigos podem recair; quando novamente poderei levantar minha cabeça e dizer para meu escudeiro 'Faças tu teu dever mais uma vez, e faça esta armadura brilhar'".

Antes que eu pudesse questionar mais, ele colocou as esporas em seu cavalo e galopou para longe, envolto pela minha voz no barulho de sua armadura. Por conta disso o chamei, ansioso para saber mais sobre esta feiticeira assustadora; mas em vão - ele não me ouviu. "Ainda assim", eu disse para mim mesmo, "até agora fui frequentemente alertado, certamente devo estar bem na retaguarda; e estou completamente resolvido de que não serei iludido por nenhuma beldade, não obstante linda. Sem dúvidas, um único homem pode escapar, e eu serei ele". Então continuei na floresta, ainda esperando encontrar, em um de seus misteriosos recessos, minha dama perdida do mármore.

A tarde ensolarada morreu no crepúsculo mais encantador. Grandes morcegos começaram a passar rapidamente com seus próprios voos silenciosos, parecendo

inúteis, porque seus alvos não estavam à vista. A monótona música das corujas era emitida de todos os cantos inesperados na meia escuridão ao meu redor. Os pirilampos estavam acesos aqui e ali, brilhando no grande universo. O bacurau <sup>9</sup> intensificava toda a harmonia e quietude com seu piado constante e contraditório.

Inumeráveis sons desconhecidos vinham da escuridão desconhecida; mas todos eram típicos do crepúsculo, oprimindo o coração como se com uma atmosfera condensada de um amor e desejo sonhadores e indefinidos. Os perfumes da noite surgiram, e me banharam naquela melancolia luxuriosa peculiar para eles, como se as flores de onde eles vinham tivessem sido regadas com lágrimas passadas.

A terra me puxou em direção ao seu seio; senti como se eu pudesse cair e beijá-la. Esqueci-me que estava na Terra das Fadas, e parecia estar andando em uma noite perfeita em nossa própria velha e maternal terra. Grandes caules surgiam ao meu redor, soerguendo um imenso e espesso teto acima de mim de galhos, ramos e folhas - o mundo dos pássaros e insetos elevou-se sobre o meu, com suas próprias paisagens, com seus próprios bosques, caminhos, clareiras e habitações; seus próprios trejeitos aviários e os deleites de inseto. Grandes galhos cruzavam meu caminho; grandes raízes embasavam as grandes árvores-coluna e agarravam poderosamente a terra, fortes para levantar e fortes para apoiar. Parecia uma antiga, antiga floresta, perfeita nas maneiras e prazeres florestais.

E quando, no meio deste êxtase, lembrei-me que debaixo de alguns dosséis de folhas, perto de algum caule gigante, ou em alguma caverna cheia de musgo, ou perto de um poço frondoso, estava sentada a dama do mármore, a qual minha canção tinha chamado para o mundo exterior, esperando (não poderia ser?) para conhecer e agradecer seu libertador em um crepúsculo que velaria sua confusão, a noite inteira se tornando um reino de sonhos e regozijo, cuja forma central estava presente em todos os lados, embora invisível. E então, lembrando como minhas canções pareciam tê-la chamado de dentro do mármore, penetrando pela crosta perolada do alabastro - "Ora", pensei eu, "porque minha voz não a alcançaria agora, através da noite negra que a envolve?". Minha voz rompeu em música tão espontaneamente que pareceu involuntário.

*"Nenhum som*

*Mas, o que ecoa em mim,*

*Vibra em toda a volta,*

*Com um cego deleite,*

*Até que chegue a ti,*

*Rainha da Noite!*

*Cada árvore,*

*Ofuscadas com melancolia,*

*Parecem cobrir a ti,*

*Secreta, obscura, amorosa, entretanto,*

*Em uma sala sagrada*

*Cheia de silêncio.*

*Não deixe nenhuma lua*

*Rastejar até o céu nesta noite,*

*Eu no meio-dia sombrio*

*Andando esperançosamente,*

*Busco minha luz envolvente -*

*Tateio por ti!*

*Mais escuros ficam*

*Os limites da escuridão!*

*Através dos galhos brilham,*

*Do céu acima,*

*Estrelas e faíscas de diamantes,*

*Luz para o amor."*

Mal os últimos sons tinham flutuado para longe da minha própria audição, quando ouvi, ao invés daquilo, uma risada baixa e deliciosa perto de mim. Não era a risada de alguém que não pudesse ser ouvido, mas a risada de alguém que acabou de receber algo há muito esperado e desejado - uma risada que acaba em um gemido musical baixo. Eu comecei e, virando-me de lado, vi uma turva figura branca estava sentada ao lado de um matagal entrelaçado de árvores menores e vegetação rasteira.

"É a minha dama branca!", eu disse, e atirei-me no chão ao lado dela; esforçando-me, por entre a escuridão que se aglomerava, para conseguir um vislumbre da forma que havia quebrado o mármore ao meu chamado.

"É sua dama branca", disse a voz mais doce, em resposta, mandando um arrepio de um prazer sem palavras para um coração cujo todo amor e encanto do dia e da tarde anterior estiveram marinando para esta hora culminante. Ainda assim, se eu tivesse confessado, havia algo ou no som da voz dela, embora parecesse a própria essência da doçura, ou outra coisa nesta brandura que não aguardava uma transição gradual de abordagens suaves, que não vibrava harmoniosamente com a batida da minha música interior. E, outrossim, quando, pegando a mão dela na minha, aproximei-me dela, olhando para a beleza em seu rosto que, de fato, eu achava muito abundantemente, um calafrio passou por mim; mas "é o mármore", eu disse a mim mesmo e não dei atenção para isso.

Ela afastou sua mão da minha, e depois disso raramente deixava que eu a tocasse. Parecia estranho, depois da plenitude de sua primeira saudação, que ela não pudesse confiar em mim para aproximar-me dela. Embora as palavras dela fossem como as de uma amante, ela manteve-se afastada como se um quilômetro de espaço nos interrompesse.

"Por que você fugiu de mim quando acordou na caverna?", eu disse.

"Fugi?", ela devolveu. "Isso foi muito indelicado de minha parte; mas eu não sabia."

"Queria poder vê-la. A noite está muito escura."

"De fato está. Venha para a minha caverna. Lá há luz."

"Você possui outra caverna, então?"

"Venha e veja."

Mas ela não se moveu até eu primeiramente me levantasse, e então ela estava de pé

antes que eu pudesse oferecer minha mão para ajudá-la. Ela veio para perto de mim, e conduziu-me através da floresta. Mas vez ou outra quando, quase involuntariamente, eu estava prestes a colocar meu braço ao redor dela enquanto andávamos pelas sombras calorosas, ela pulava vários passos, sempre mantendo seu rosto completamente voltado para mim, e então parava e ficava me olhando, suavemente inclinada, como alguém que teme um inimigo que não é completamente visto.

Estava muito escuro para discernir a expressão no rosto dela. E então ela voltava e mais uma vez andava próxima a mim, como se nada tivesse acontecido.

Achei isso estranho; mas, além do fato de que eu havia quase, como mencionei antes, desistido de considerar as aparições na Terra das Fadas, julguei que seria muito injusto esperar de alguém que tivesse dormido por tanto tempo e sido acordada de um jeito tão abrupto, um comportamento correspondente ao que eu irrefletidamente poderia buscar. Eu não sabia sobre o que ela poderia ter sonhado. Além do que, era possível que, enquanto suas palavras fossem livres, seus sentidos de toque fossem requintadamente delicados.

Finalmente, depois de andar por um longo caminho na floresta, nós chegamos a outro matagal, através de cuja textura uma luz rosa pálida brilhava.

"Empurre os galhos para os lados", ela disse, "e abra espaço para nós entrarmos."

Fiz como ela me mandou.

"Entre", ela ordenou; "vou segui-lo."

Fiz como ela desejava, e encontrei-me em uma pequena caverna, não muito diferente da caverna de mármore. Estava festoada e decorada com todos os tipos de verdes que se prendem em rochas sombrias. Na extremidade mais distante, semiescondida em folhas, através das quais brilhava, misturando sombras encantadoras entre elas, queimava uma chama rosa vívida em um lampião de terra.

A moça deslizou por ai perto da parede atrás de mim, ainda mantendo seu rosto voltado em minha direção, e sentou-se na extremidade mais distante, com as costas voltadas para o lampião, que ela escondeu completamente da minha visão. Eu então vi uma forma de perfeita graciosidade a minha frente. Quase parecia que a luz do lampião rosado brilhava através dela (pois não podia ser refletida através dela); uma nuance tão delicada de rosa parecia sombrear o que deve ser em essência uma

alvura marmórea. Descobri mais tarde, porém, que havia uma coisa nisso que eu não gostava; que era que a parte branca dos olhos estava tingida com a mesma nuance rósea que o resto da forma.

É estranho que eu não consiga me lembrar de seus traços; mas eles, assim como sua figura mais ou menos feminina, passavam para mim simples e unicamente a impressão de um encanto intenso. Deitei aos pés dela, e fitei seu rosto enquanto estava deitado.

Ela começou, e contou-me um estranho conto, que, da mesma forma, não consigo recordar; mas cujo qual, em cada mudança e em cada pausa, de um jeito ou outro fixava meus olhos e pensamentos em sua beleza extrema; parecendo sempre acabar em algo que tinha relação, explícita ou escondida, mas sempre em vigor, com sua própria amabilidade. Permaneci em transe. É um conto que traz sensações como a de neve e tempestades; torrentes e samambaias d'água; amantes separados há muito tempo e finalmente se encontrando; com uma deslumbrante noite de Verão para concluir o conjunto. Escutei até que eu e ela estávamos misturados com o conto; até que ela e eu éramos a história toda.

E tínhamos nos encontrado, enfim, nesta mesma caverna de vegetações verdes, enquanto a noite de Verão pendurava-se pesadamente a nossa volta com amor, e os perfumes que rastejavam pelo silêncio da floresta dormente eram os únicos sinais de um mundo exterior que invadiam nossa solidão. O que se seguiu eu não consigo lembrar claramente. O horror que se sucedeu quase o obliterou.

Acordei conforme um alvorecer cinza assaltava a caverna. A donzela tinha desaparecido; mas nos arbustos, na boca da caverna, havia uma coisa estranha e horrível.

Parecia com um caixão aberto montado em uma extremidade; exceto que a parte para a cabeça e o pescoço estava definida pela parte dos ombros.

Na verdade, era uma representação grosseira da estrutura humana, só que oco, como se feito de cascas em decomposição arrancados de uma árvore. Havia braços, que eram escassamente costurados, do ombro até o cotovelo, como se a casca tivesse se curado novamente do corte de uma faca. Mas os braços se moviam e as mãos e dedos estavam rasgando em pedaços uma longa e sedosa trança de cabelo.

A coisa virou-se - tinha como rosto e fronte aqueles da minha feiticeira, mas agora de uma nuance verde pálida na luz da manhã, e com olhos mortos e embaçados. No

terror do momento, outro medo me invadiu. Coloquei minha mão em minha cintura, e descobri de fato que meu cinto de folhas de faia não estava mais lá. Com o cabelo mais uma vez em suas mãos, ela estava picando-o ferozmente.

Mais uma vez, conforme ela virava, ela deu uma risada baixa, como se com um companheiro com o qual ela estivesse falando enquanto eu estava dormindo, "Lá está ele; você pode levá-lo agora", Permaneci deitado e imóvel, petrificado com consternação e medo; pois agora eu vi outra figura ao lado dela que, embora imprecisa e indistinta, eu ainda assim reconheci muito bem.

Era o Freixo. Minha beldade era a dama do Amieiro! E ela estava entregando-me, livre de minha única defesa disponível, para as mãos do meu terrível inimigo. O Freixo inclinou sua cabeça de medusa e adentrou a caverna. Eu não conseguia me mexer. Ele se aproximou de mim. Seus olhos vampíricos e seu rosto horrendo me fascinaram.

Ele veio se abaixando, com a mão hedionda esticada, como um animal de rapina. Eu havia me entregado para uma morte de horror insondável quando, subitamente, e justo quando ele estava prestes a me capturar, o som enfadonho e pesado de um machado ecoou pela floresta, seguido por outros em uma rápida repetição.

O Freixo estremeceu e lamentou, recolheu a mão estendida, voltou de costas até a porta da caverna e então se virou e desapareceu por entre as árvores. A outra Morte ambulante olhou para mim uma vez, com um desgosto negligente em seus traços perfeitamente moldados; então, descuidada demais para mascarar sua profunda deformidade, virou suas assustadoras costas e da mesma maneira desapareceu na escuridão verde. Deitei e chorei. A dama do Amieiro havia me enganado – quase me assassinado – apesar de todas as advertências que eu havia recebido daqueles que conheciam meu perigo.

8 Componente das armaduras antigas, que se utilizava como proteção para as canelas e topo do joelho. Podiam ser de bronze, ferro ou mesmo couro.

9 Ave de cerca de trinta centímetros que sai para se alimentar à noite

# Capítulo 07

*"Continue a lutar, homem, diz Sr. Andrew,*

*Estou um pouco machucado, mas ainda não morto;*

*Vou apenas me deitar e sangrar um pouco,*

*Então levantarei e lutarei mais uma vez.” – Ballad of Sir Andrew Barlon.*

Eu não podia mais ficar onde eu estava, ainda que a luz do dia fosse detestável para mim e o pensamento do grande, inocente e vigoroso nascer do sol era insuportável. Aqui não havia um poço para refrescar meu rosto, doendo com a amargura de minhas próprias lágrimas. Nem tampouco teria me lavado nas águas daquele poço, se ele fluísse límpido como os rios do Paraíso. Levantei-me, e debilmente saí da caverna sepulcral. Segui meu caminho para não sei onde, mas ainda em direção ao sol nascente. Os pássaros estavam cantando; mas não para mim. Todas as criaturas falavam uma língua própria deles, com a qual eu não tinha nada a ver, e para a qual eu não me importava mais em achar a chave.

Eu continuei a andar indiferentemente. O que mais me angustiava – mais ainda do que minha própria tolice – era a questão desconcertante – como podem beleza e feiura permanecerem tão próximas? Mesmo com sua aparência alterada e sua expressão de desgosto; desencantada da crença que se agarrava a ela; conhecida por ser um túmulo vivo e ambulante, desleal, enganadora, traidora; eu senti, não obstante tudo isso, que ela era linda.

Sobre isso ponderei com uma perplexidade inalterada, embora sem nenhum benefício. Então comecei a fazer conjecturas sobre o modo da minha libertação; e concluí que algum herói, vagando em busca de aventura, havia ouvido como a floresta era infestada; e, sabendo que era inútil atacar o mau pessoalmente, havia atacado com seu machado o corpo cujo qual ele habitava, e do qual ele era dependente para seu poder de maldade na floresta. “Muito provavelmente”, eu pensei, “o cavaleiro arrependido, que me avisou sobre o mau que me aconteceu, estava ocupado recuperando sua honra perdida, enquanto eu estava me afogando na mesma tristeza que ele; e, tendo ouvido sobre o perigoso e misterioso ser, chegou a sua árvore a tempo de me salvar de ser arrastado até suas raízes e enterrado como

carniça, para nutri-lo com uma insatisfação ainda maior”.

Descobri mais tarde que minha proposição estava correta. Perguntei-me como ele havia se saído, quando seus golpes lembravam o próprio Freixo, e isso também descobri depois.

Andei o dia todo, com intervalos de descanso, mas sem comida; pois eu não poderia ter comido, se alguma tivesse sido oferecida a mim; até que, durante a tarde, eu parecia ter atingido a periferia da floresta, e finalmente cheguei a uma casa de fazenda.

Uma alegria indescritível surgiu em meu coração ao observar uma moradia humana mais uma vez, eu me apressei até a porta, e bati. Uma mulher de aparência gentil e matronal, ainda bonita, apareceu; que, assim que me viu, disse suavemente, “Ah, meu pobre garoto, você veio da floresta! Você estava nela noite passada?”.

Eu devia ter suportado mal a noite anterior, para ser chamado de garoto; mas agora a gentileza maternal da palavra chegou até meu coração; e, como um menino de fato, explodi em lágrimas. Ela me acalmou delicadamente; e, levando-me até um quarto, fez-me deitar em um estofado, enquanto ela foi buscar um refresco para mim. Ela logo voltou com comida, mas eu não conseguia comer. Ela quase me convenceu a engolir um pouco de vinho, quando revivi o suficiente para ser capaz de responder algumas das perguntas dela. Contei a ela a história toda.

“É exatamente como eu temia”, ela disse; “mas agora você está, pela noite, longe de todas essas criaturas horríveis. Não é surpresa que eles podiam iludir um menino como você. Mas devo implorar-lhe, quando meu marido chegar, não dizer uma palavra sobre essas coisas; pois ele me acha meio louca por acreditar em coisas deste tipo. Mas devo confiar em meus sentidos, já que ele não pode confiar nos dele, que não dá a ele intimações deste tipo. Acredito que ele podia ficar toda a véspera do solstício de Verão na floresta e voltar com o anúncio de que ele não viu nada pior do que ele mesmo. Na verdade, bom homem, ele dificilmente encontraria algo melhor que ele mesmo, se ele tivesse mais sete sentidos dados a ele.”

“Mas agora me conte como ela podia ser tão linda sem nenhum coração – sem mesmo um lugar para um coração viver.”

“Não posso dizer muito bem”, ela disse; “mas tenho certeza que ela não pareceria tão bonita se ela não tivesse meios de fazê-la ficar muito mais bonita do que ela realmente é. E então, você sabe, você começou por apaixonar-se por ela antes de ver

sua beleza, confundindo-a com a dama do mármore – um tipo totalmente diferente, devo dizer. Mas a principal coisa que a faz bonita é isso: que, apesar de ela não amar nenhum homem, ela ama o amor de qualquer homem; e quando ela encontra um em seu poder, seu desejo de o enfeitiçar e ganhar seu amor (nem tampouco pelo objetivo do amor dele, mas para que ela possa ter consciência mais uma vez de sua própria beleza, através da admiração que ele manifesta) a faz muito encantadora – com uma beleza autodestrutiva, porém, pois é o que a está constantemente desgastando interiormente, até que, enfim, o apodrecimento chega a seu rosto e toda sua fronte, quando toda a encantadora máscara de nada cai em pedaços, e ela desaparece para sempre.

Então um homem esperto, que ela conheceu na floresta há alguns anos, e quem, eu acho, por conta de toda sua sabedoria não se saiu melhor que você, me disse quando, como você, ele passou a noite seguinte aqui, e recontou para mim suas aventuras.”

Agradei muito calorosamente a ela pela solução, apesar de ser parcial; com tantos pensamentos abstratos nela, assim como na mulher que eu conheci logo que entrei na floresta, devia haver uma grande superioridade em sua condição aparente. Aqui ela me deixou para descansar um pouco; apesar de que, na verdade, eu estava muito agitado para descansar de qualquer outra maneira diferente de apenas parar de me mover.

Em meia hora, ouvi passos pesados se aproximarem e entrarem na casa. Uma voz alegre, cuja rouquidão parecia oriunda de muitas risadas, chamou: “Betsy, a calha dos porcos está tanto quanto vazia, e isto é uma pena. Deixe-os beber, moça! Eles não têm utilidade senão engordar. Há! Há! Há!

A gula não é proibida nos mandamentos deles. Há! Há! Há!” A própria voz, gentil e jovial, parecia despir o cômodo da estranheza que todo novo lugar veste – parecia desencantá-lo da região do ideal e trazê-lo para o verdadeiro. Começou a parecer como se eu conhecesse cada canto dele há vinte anos; e quando, logo depois, a senhora veio me buscar para participar da ceia precoce deles, a garra da grande mão dele e a lua cheia em seu rosto benevolente, que era necessária para iluminar a rotundidade do globo debaixo dele, produziu tal reação em mim que, por um momento, eu mal podia acreditar que havia uma Terra das Fadas; e tudo pelo que passei desde que saí de casa, não havia sido o sonho fantasioso de uma imaginação doentia, operando em um quadro muito flexível, não apenas me levando a viajar de fato, mas povoando com vagos fantasmas para mim regiões pelas quais meus passos verdadeiros tinham me levado.

Mas no momento seguinte, meus olhos caíram sobre uma menininha que estava sentada perto do canto em que estava a chaminé, com um pequeno livro em seu joelho, do qual ela aparentava ter acabado de levantar os olhos para fixar o olhar interrogador sobre mim. Eu acreditava na Terra das Fadas novamente. Ela continuou com sua leitura, assim que ela viu que eu a vi olhando para mim. Cheguei perto e, espiando por sobre o ombro dela, vi que ela estava lendo A história de Graciosa e Percinet <sup>10</sup>.

"Um livro muito bom, senhor", observou o velho fazendeiro, com uma risada bem humorada. "Estamos no canto mais notável da Terra das Fadas. Há! Há! Noite tempestuosa, a noite passada, senhor."

"Foi mesmo?", repliquei. "Para mim não foi. Nunca vi noite mais adorável."

"Jura! Onde você estava noite passada?"

"Passei a noite na floresta. Eu havia me perdido."

"Ah! Então, talvez, você possa convencer minha boa mulher, que não há nada muito especial sobre a floresta; pois, para falar a verdade, ela tem uma reputação ruim por esses lados. Ouso dizer que você não viu nada pior que você mesmo lá?"

"Espero que sim", foi minha resposta interior; mas, para uma resposta audível, me contentei em dizer: "Ora, eu certamente vi algumas aparições que eu não estava esperando; mas isso não é nada que deva ser estranhado em uma floresta desconhecida, e só com a luz incerta da lua para prosseguir."

"Bem verdade! Você fala como um homem sensato, senhor. Temos poucas pessoas sensatas por aqui. Agora, você mal poderá acreditar, mas minha esposa acredita em todos os contos de fadas que já foram escritos. Não consigo entender. Ela é a mulher mais sensata em relação a todo o resto."

"Mas isso não deveria fazer com que você tratasse a crença dela com algo próximo a respeito, apesar de você não concordar com ela?"

"Sim, isso é muito verdade em teoria; mas quando você chega ao ponto de viver cada dia em meio à absurdidade, é muito menos fácil reagir a isso respeitosamente. Ora, minha esposa realmente acredita na história do 'Gato Branco'. Você conhece, ousa dizer."

"Eu li todos esses contos quando criança, e conheço este especialmente bem."

"Mas, pai", interveio a garotinha do canto da chaminé, "você sabe muito bem que a mamãe é descendente daquela princesa que foi transformada em um gato branco pela fada má. Mamãe me contou muitas vezes, e você tem que acreditar em tudo que ela fala."

"Posso facilmente acreditar nisso", retrucou o fazendeiro, com outra rodada de risadas; "pois, algumas noites atrás, um rato veio roendo e arranhando por baixo do chão e não nos deixava dormir. Sua mãe pulou da cama, e chegando o mais perto possível dele, miou tão infernalmente quanto um grande gato que o barulho cessou imediatamente. Acho que o pobre rato morreu com o susto, pois nunca mais o ouvimos. Há! Há! Há!"

O filho, um jovem com aparência doentia, que havia entrado durante a conversa, juntou-se ao pai em sua risada; mas sua risada era muito diferente da do velho homem: era poluída com escárnio. Eu o observei e vi que, assim que a risada acabou, ele pareceu amedrontado, como se ele temesse que alguma consequência terrível seguisse sua presunção. A mulher estava de pé por perto, esperando até que nós nos sentássemos à mesa, e ouvindo tudo aquilo com um ar divertido, que continha nele algo do olhar de alguém que escuta as observações sentenciosas de uma criança pomposa. Sentamo-nos para o jantar, e eu comi com vontade. Minhas angústias passadas já pareciam muito longe.

"Em que direção você está indo?", perguntou o velho homem.

"Para o Leste," respondi; mas não é como se eu pudesse ter dado uma resposta mais precisa. "A floresta se estende muito nessa direção?"

"Oh! Por quilômetros e quilômetros; não sei quão longe. Apesar de ter vivido em suas bordas por toda a minha vida, estive muito ocupado para fazer viagens ao seu interior para explorá-la. Tampouco vejo o que eu poderia descobrir. É apenas árvores e árvores, até ninguém aguentar mais. Por sinal, se você seguir a trilha para o Leste daqui, você vai passar perto da casa que as crianças dizem que é a própria casa do ogro que o Pequeno Polegar visitou e comeu suas pequenas filhas com as coroas de ouro."

"Meu pai! Comeu as filhas pequenas! Não; ele apenas trocou suas coroas de ouro por toucas de dormir; e o grande ogro com dentes longos as matou por acidente; mas ainda assim não acho que ele as comeu, pois você sabe que elas eram suas próprias pequenas ogrinhas."

"Ora, ora, criança; você sabe sobre tudo isso muito mais do que eu.

Porém, a casa tem, é claro, em uma vizinhança tão tola quanto esta, uma reputação ruim o suficiente; e devo confessar que há uma mulher vivendo nela, com dentes longos o suficiente, e branca o suficiente também, para ser a descendente direta do ogro mais velho. Acho que é melhor você não se aproximar dela."

De conversas como esta a noite se alimentou. Quando a refeição havia acabado, o que durou um tempo, minha anfitriã me conduziu para meu quarto.

"Se você já não estivesse cansado disso", ela disse, "eu teria colocado você em outro quarto, que tem vista para a floresta; e onde você teria visto mais um pouco de seus habitantes. Eles frequentemente passam pela janela, e até entram no quarto às vezes. Estranhas criaturas passam noites inteiras nele, em algumas épocas do ano. Estou acostumada com isso, e não me importo. Tampouco se importa minha filha, que sempre dorme nele. Mas este quarto tem a visão para o Sul em direção ao interior aberto, e eles nunca se mostram aqui; pelo menos eu nunca vi nenhum."

Eu estava de certa forma triste por não acumular experiências que eu poderia ter, dos habitantes da Terra das Fadas; mas o efeito da companhia do fazendeiro, e das minhas próprias aventuras posteriores eram tantas que eu escolhi uma noite um tanto quanto imperturbável nos meus aposentos mais humanos; cujos quais, com suas cortinas brancas e limpas e lençóis brancos, eram muito convidativos para o meu cansaço.

Na manhã, acordei revigorado depois de um sono profundo e sem sonhos. O sol estava alto, quando olhei pela janela, brilhando sobre um campo amplo, ondulante e cultivado. Diversas hortaliças estavam crescendo debaixo da minha janela. Tudo estava radiante com a clara luz solar. As gotas de orvalho estavam cintilando com todo seu potencial; as vacas em um campo próximo estavam comendo como se não tivessem feito isso o dia inteiro ontem; as empregadas estavam cantando no trabalho enquanto passavam de lá para cá entre as casas: eu não acreditava na Terra das Fadas. Eu descii e encontrei a família já no café da manhã. Mas antes de entrar no cômodo no qual eles estavam sentados, a garotinha veio até mim, olhou para o meu rosto, como se quisesse dizer algo para mim. Inclinei-me em direção a ela; ela colocou os braços ao redor do meu pescoço e a boca em meu ouvido, e sussurrou -

"Uma senhora branca esteve flutuando ao redor da casa a noite toda."

"Sem sussurros por trás de portas!", chorou o fazendeiro, assim que entramos juntos.

"Bem como você dormiu? Sem pesadelos?"

"Nem um, obrigado; dormi excepcionalmente bem."

"Fico feliz em ouvir isso. Venha tomar café da manhã."

Depois do café, o fazendeiro e seu filho saíram; e eu fiquei sozinho com a mãe e a filha.

"Quando olhei pela janela esta manhã", eu disse, "tinha quase certeza de que a Terra das Fadas era apenas um delírio do meu cérebro; mas sempre que chego perto de você ou de sua pequena filha, eu sinto diferente. Por ora eu conseguiria me persuadir, depois de minhas últimas aventuras, a voltar e não ter mais nada a ver com seres tão estranhos."

"Como você vai voltar?", disse a mulher.

"Não, isso eu não sei."

"Porque eu ouvi que, para aqueles que entram na Terra das Fadas, não há jeito de voltar. Eles precisam seguir em frente, atravessá-la. Como, eu não tenho a menor ideia."

"Esta é a impressão que tenho em minha própria mente. Algo me compele a continuar, como se meu único caminho fosse avante, mas esta manhã me sinto menos inclinado a continuar minhas aventuras."

"Você virá ver o quarto da minha filhinha? Ela dorme naquele de qual te falei, com vista para a floresta."

"De bom grado", eu concordei.

Então fomos juntos, a garotinha correndo na frente para abrir a porta para nós. Era um quarto grande, cheia de mobília antiquada, que pareciam um dia ter pertencido a uma grande casa. A janela era construída com um arco baixo, e repleta de vidros em forma de losango. A parede era muito grossa, construída com pedra sólida. Eu podia ver que aquela parte da casa havia sido levantada sobre os destroços de um velho castelo ou mosteiro, ou outro prédio grande, de cujo qual as pedras caídas serviram para completar a casa. Mas, assim que olhei para fora da janela, uma golfada de maravilha e saudade fluiu pela minha alma como a maré de um grande mar.

A Terra das Fadas estava a minha frente e me puxava em sua direção com uma atração irresistível. As árvores banhavam suas grandes cabeças nas ondas da manhã, enquanto suas raízes estavam plantadas profundamente na escuridão; salvo onde, nas bordas, a luz do sol penetrava por entre seus caules, ou varriam em longos feixes por suas avenidas, lavando com uma nuance mais brilhante as folhas sobre as quais fluía; revelando o rico marrom das folhas em decomposição e das pinhas caídas e o verde delicado dos extensos gramados e minúsculas florestas de musgo que cobriam o canal pelo qual passava em rios imóveis de luz. Virei-me apressadamente para dizer adeus à minha anfitriã, sem mais delongas. Ela sorriu para minha pressa, mas com um olhar nervoso.

"Melhor você não passar perto da casa da ogra, eu acho. Meu filho mostrará a você outro caminho, que se juntará com o primeiro além dele."

Não querendo mais ser teimoso ou extremamente confiante, concordei; e tendo me despedido de meus amáveis anfitriões, fui para a floresta, acompanhado do jovem. Ele mal falou conforme avançamos; mas ele me guiou pela floresta até que chegamos a um caminho. Ele me disse para segui-lo e, com um "bom dia" murmurado, me deixou.

# Capítulo 08

*"Sou parte da parte, que a princípio era o todo." Mephistopheles in Faust, Goethe.*

Meus ânimos reviveram conforme eu entrei mais fundo na floresta; mas eu não consegui recobrar minha elasticidade mental anterior. Descobri que a alegria era como a própria vida - não deveria ser criada com qualquer desculpa. Mais tarde aprendi que o melhor jeito de lidar com alguns pensamentos dolorosos é desafiá-los a fazerem seu pior; deixá-los repousar e corroer o seu coração até que estejam cansados; e você descobrirá que ainda tem um resíduo de vida que eles não podem matar. Então, bem ou mal, continuei, até que cheguei a uma pequena clareira na floresta.

No meio desta clareira havia uma longa e baixa cabana, construída com uma extremidade contra um único e alto cipreste, que estava fincado na construção como uma flecha. Um vago receio passou pela minha mente quando a vi; mas eu precisava chegar mais perto e olhar por entre uma porta meio aberta, perto da extremidade oposta à do cipreste. Não vi nenhuma janela. Ao espiar, e olhando em direção a extremidade posterior, vi um lampião queimando com uma chama escura e avermelhada, e a cabeça de uma mulher, inclinada para baixo, como se lendo com sua luz. Não pude ver mais nada por alguns momentos. Finalmente, conforme meus olhos se acostumavam com a escuridão do local, vi que a parte da construção rústica próxima de mim era usada para propósitos domésticos; pois vários utensílios grosseiros repousavam aqui e ali, e uma cama ficava no canto.

Uma atração irresistível me fez entrar. A mulher nunca levantou seu rosto, de cuja parte de cima eu conseguia ver distintamente; mas, assim que pisei na soleira, ela começou a ler em voz alta, em uma voz grave e não completamente desagradável, de um livro pequeno e antigo que ela segurava aberto com uma mão em cima da mesa sobre a qual o lampião estava. O que ela lia era algo assim:

"Então, assim, como a escuridão não teve início, também não terá fim. Então, assim, é eterna. A negação de qualquer outra coisa, é sua afirmação. Onde a luz não pode vir, ali permanece a escuridão. A luz cava apenas uma mina oca fora da extensão infinita da escuridão. E mesmo nos passos da luz pisa a escuridão; sim, brota de fontes e poços entre ela, dos canais secretos de seu oceano grandioso.

Verdadeiramente, o homem não é nada além de uma chama passageira, movendo-se não silenciosamente pelo repouso circundante da noite; sem a qual ele ainda não pode ser, e da qual ele é parcialmente composto."

Conforme me aproximei, e ela continuou lendo, ela se moveu um pouco para virar uma página do escuro livro velho, e vi que o rosto dela era pálido e suavemente ameaçadora. Sua testa era grande, e seus olhos negros repressivamente tranquilos. Mas ela não me notou. Nesta extremidade do chalé, se é que pode ser chamado de chalé, era destituída de mobília, exceto pela mesa com a lanterna e a cadeira na qual a mulher estava sentada. Em um canto havia uma porta, aparentemente de um armário na parede, mas que poderia levar para um quarto fora do meu campo de visão. Ainda o desejo irresistível que me fez entrar na construção me impulsionou: preciso abrir aquela porta e ver o que está além dela.

Aproximei-me, e repousei minha mão na tranca grosseira. Então a mulher falou, mas sem levantar a cabeça ou olhar para mim: "Melhor você não abrir esta porta". Isso foi proferido bem discretamente; e ela continuou com sua leitura, partes em silêncio, partes em voz alta; mas ambos os modos pareciam igualmente intencionados apenas para ela. A proibição, entretanto, apenas aumentou meu desejo de ver; e como ela não mais observou, eu lentamente abri a porta em toda sua extensão e olhei para dentro. A princípio, não vi nada que merecesse atenção. Parecia um armário comum, com prateleiras em ambos os lados, nas quais havia vários itens indispensáveis para os usos modestos de uma cabana.

Em um canto havia uma ou duas vassouras, em outro uma machadinha e outras ferramentas comuns; mostrando que estava em uso a toda hora do dia para propósitos domésticos. Mas, enquanto eu olhava, vi que não existiam prateleiras na parte traseira, e que um espaço vazio avançava; seu limite parecia ser uma parede ou cortina com um brilho fraco, de alguma maneira menor, porém, que a porta onde eu estava. Mas, conforme continuei olhando por alguns segundos em direção a este limite mal iluminado, meus olhos criaram uma verdadeira relação com seu objeto de atenção. Tudo de uma vez, com um arrepio tal qual o que sente alguém que subitamente toma consciência de uma presença de outro alguém em um cômodo no qual, por horas, ele havia pensado estar sozinho. Vi que a extremidade aparentemente luminosa era um céu, como o da noite, visto através da longa perspectiva de uma estreita e escura passagem, através da qual, ou construída do quê, eu não saberia dizer.

Conforme observei, eu claramente discerni duas ou três estrelas brilhando fracamente no azul distante. Mas, de repente, e como se estivesse correndo rápido de

uma grande distância até este próprio ponto, e tivesse virado a esquina sem diminuir sua rapidez, uma figura escura se apressou para dentro e através da passagem do buraco azul no fim longínquo. Eu recuei e estremei, mas continuei olhando, pois não podia evitar isso.

Mais e mais se aproximou, com uma aproximação rápida, mas uma chegada atrasada; até que, finalmente, através das várias gradações de aproximação, parecia vir em direção a minha esfera, apressou-se para mim, e me passou para dentro do chalé. Tudo que eu podia dizer da aparência dele era que parecia ser uma escura figura humana. Seus movimentos eram completamente silenciosos, e podiam ser chamados de um voo planado, não pareciam ser aqueles de um corredor, mas com pés fantasmas. Eu tinha me mexido um pouco para trás para deixá-lo passar, e virei para procurá-lo imediatamente. Eu não conseguia vê-lo.

"Onde ele está?", eu disse meio alarmado, para a mulher, que continuava sentada lendo.

"Ali, no chão, atrás de você," ela disse, apontando com seu braço meio estendido, mas sem levantar os olhos. Eu virei e olhei, mas não vi nada. Então com uma sensação de que ainda havia algo atrás de mim, olhei por cima do meu ombro; e ali, no chão, estava uma sombra preta, do tamanho de um homem. Era tão escura, que eu conseguia ver na obscura luz da lâmpada, que brilhava completamente sobre ela, aparentemente sem diminuir em nada a intensidade de sua cor.

"Eu te disse", avisou a mulher, "que você não deveria ter olhado dentro daquele armário."

"O que é isto?", eu questioneei, com uma crescente sensação de horror.

"É apenas sua sombra que te encontrou", ela respondeu. "A sombra de todo mundo está correndo para lá e para cá tentando achá-lo. Acredito que vocês chamam de outra coisa no seu mundo: o seu te encontrou, como quase certamente toda pessoa que olhar dentro daquele armário o fará, especialmente depois de conhecer um na floresta, que eu ouse dizer que você conheceu."

Aqui, pela primeira vez, ela levantou sua cabeça e olhou em cheio para mim: sua boca era cheia de dentes longos, brancos e brilhantes; e eu soube que estava na casa da ogra. Eu não consegui falar, mas virei-me e deixei a casa, com a sombra nos meus calcanhares. "Um bom tipo de curinga para se ter", eu disse para mim mesmo amargamente, conforme eu pisava na luz do sol e, olhando por sobre meu ombro, vi

que ficou ainda mais preta no esplendor completo da luz solar. Na verdade, apenas quando eu ficava entre ela e o sol, a negritude era diminuída.

Eu estava tão desorientado - aturdido - tanto pelo evento em si e sua brusquidão, que eu não conseguia de maneira alguma compreender comigo mesmo o que seria ter o tempo todo uma presença tão constante e estranha; mas com uma fraca convicção de que meu presente desgosto iria logo crescer para repugnância, segui meu melancólico caminho pela floresta.

# Capítulo 09

*"Ó senhora, recebemos aquilo que damos,*

*E apenas na nossa vida a natureza vive:*

*A nossa é o seu vestido de casamento, e nossa é sua mortalha!*

*Ah! Da própria alma deve-se despedir,*

*Uma luz, uma glória, uma nuvem bem luminosa,*

*Envolvendo a Terra -*

*E da própria alma deve-se mandar*

*Uma voz doce e potente, de seu próprio nascimento,*

*De todos os sons doces da vida e do elemento!" – Coleridge.*

De agora, até quando cheguei ao palácio da Terra das Fadas, não consigo não perder a conta de todas minhas viagens e aventuras. Tudo, daqui em diante, existiu para mim em relação com meu companheiro. Qual influência ele exerceu sobre tudo com o qual eu tive contato, pode ser entendida por algumas instâncias individuais. Começando por este mesmo dia no qual ele primeiramente se juntou a mim: depois que eu andei impiedosamente por mais duas ou três horas, eu estava muito exausto e deitei para descansar em uma parte muito agradável da floresta, acarpetada com flores silvestres. Deitei por meia hora em um repouso tedioso, e então me levantei para seguir meu caminho.

As flores no local onde eu havia deitado estavam esmagadas contra a terra: mas vi que logo elas levantavam suas cabeças e regozijavam-se mais uma vez no sol e no ar. Mas não aquelas sobre as quais minha sombra havia deitado. O contorno dela própria poderia ser traçado na grama mirrada e sem vida, e as flores chamuscadas e murchas que estavam ali, mortas, e sem esperanças de qualquer ressurreição. Eu estremeci, e apressei-me com um triste pressentimento.

Em alguns dias, eu tinha motivos para temer uma extensão de suas funestas influências pelo fato que ela não estava mais confinada em uma posição no que diz respeito a mim mesmo. Até aqui, quando pego de surpresa com um desejo irresistível de olhar para meu demônio perverso (e este tal desejo inexplicavelmente me surpreendia a qualquer momento, voltando em intervalos mais longos ou mais curtos, às vezes a todo minuto), eu precisava virar minha cabeça para trás, e olhar por cima de meu ombro; em tal posição, enquanto eu conseguisse mantê-la, eu ficava fascinado. Mas um dia, tendo chegado a uma colina gramada, que dominava um prospecto glorioso, mesmo que do que eu não possa dizer agora, minha sombra se moveu, e veio para minha frente. E, dentro em pouco, uma nova manifestação aumentou minha angústia. Pois ela começou a reluzir, e disparar em todas as direções uma radiação de sombra escura.

Esses raios de escuridão eram oriundos da sombra central como se fossem de um sol preto, estendendo-se ou encurtando-se em uma oscilação contínua. Mas onde quer que um raio batesse, aquela parte da terra, do mar ou do céu tornava-se vazia, deserta e triste para meu coração. Assim, com o desenvolvimento de seu novo poder, um raio destacava-se do resto, parecendo estender-se infinitamente, até que atingia o grande sol em cheio, que perdia o vigor e escurecia com o golpe. Virei-me e continuei. A sombra voltou para sua posição anterior; e quando olhei novamente, ela havia se torcido em todas as suas lanças de escuridão, se seguia como um cachorro aos meus pés.

Uma vez, enquanto eu passava por um casebre, de lá veio uma adorável criança-fada, com dois brinquedos maravilhosos, um em cada mão. Um deles era o tubo através do qual um poeta dotado de magia olha quando ele observa a mesma coisa em todos os lugares; na outra o objeto através do qual ele olha quando ele combina em novas formas de encanto as imagens de beleza das quais sua própria escolha recolheu de todas as regiões para as quais ele viajou. Ao redor da cabeça da criança havia uma auréola de raios que emanavam. Conforme eu olhava para ele com curiosidade e prazer, rastejou ao meu redor a coisa escura, e a criança estava de pé em minha sombra. Imediatamente ele se tornou em um garoto comum, com um rústico chapéu de palha de abas largas. Os brinquedos que ele carregava eram uma lupa e um caleidoscópio. Suspirei e parti.

Uma tarde, enquanto uma corrente silenciosa de ouro ocidental fluía por uma avenida no meio da floresta, descendo pelo córrego, exatamente como o vi antes, veio o cavaleiro triste, montado em seu corcel castanho. Mas a armadura dele não brilhava com metade do brilho avermelhado de quando eu o vi pela primeira vez. Muitos golpes de espada e machado, deixados de lado pela força de sua armadura, e

brilhando ao longo da superfície, tinham tirado de seu caminho a ferrugem incrustada e o aço glorioso havia respondido ao golpe amigável com o agradecimento em formato de luz.

Esses feixes e pontos faziam sua armadura parecida com o chão de uma floresta à luz do sol. Sua testa estava mais elevada do que antes, pois as rugas contraídas tinham quase desaparecido; e a tristeza que permanecia em seu rosto era a tristeza de um crepúsculo orvalhado de Verão, não aquela de uma manhã de Outono gelada. Ele, também, havia encontrado a dama do Amieiro assim como eu, mas ele havia mergulhado na torrente de milagres, e a mancha quase havia sido removida por completo. Nenhuma sombra o seguida. Ele não havia entrado na casa escura; ele não havia tido tempo de abrir a porta do armário. “Ele algum dia olhará lá dentro?”, eu disse para mim mesmo. “A sombra dele necessita encontrá-lo algum dia?”, Mas eu não conseguia responder minhas próprias perguntas.

Viajamos juntos por dois dias e eu comecei a amá-lo. Era óbvio que ele suspeitava de minha história em algum nível; e eu o vi uma ou duas vezes olhando nervoso para a minha acompanhante escura, que neste tempo todo se manteve muito servilmente atrás de mim; mas não ofereci nenhuma explicação, e ele não pediu por nenhuma. A vergonha pela minha negligência ao aviso dele e um terror que me fez estremecer de apenas pensar em sua causa mantiveram-me em silêncio; até que, na noite do segundo dia, algumas palavras nobres de meu companheiro despertaram o meu coração; e eu estava prestes a me atirar ao pescoço dele, e contar a ele toda a história; procurando, senão por conselhos úteis, pois disso eu não tinha mais esperanças, ainda que por conforto de simpatia – quando a sombra veio para frente e enrolou-se em meu amigo; e eu não podia confiar nele.

A glória de sua fronte desapareceu; a luz de seus olhos tornou-se fria; e eu mantive minha tranquilidade. Na manhã seguinte nos separamos.

Mas a coisa mais terrível de todas era que agora eu havia começado a sentir algo como satisfação com a presença de minha sombra. Comecei a sentir-me um pouco convencido por causa de meu companheiro, dizendo para mim mesmo, “Em uma terra como esta, com tantas ilusões em todos os lugares, preciso da ajuda dele para desencantar as coisas à minha volta. Ele acaba com todas as falsas aparências, e me mostra as coisas em suas cores e formas verdadeiras. E eu não sou alguém que é enganado pelas vaidades das multidões comuns. Não verei beleza onde não há nenhuma. Ousarei ver as coisas como elas são. E se eu viver em um lugar desolado ao invés de um paraíso, viverei sabendo onde vivo”. Mas disso um certo exercício do poder dele que logo se seguiu me curou, tornando meus sentimentos em relação a

ele mais uma vez em repugnância e desconfiança.

Foi assim: Em um meio-dia claro, uma pequena donzela se juntou a mim, vindo pela floresta em uma direção com os ângulos certos até o meu caminho. Ela juntou-se cantando e dançando, feliz como uma criança, apesar de que parecia quase uma mulher. Nas mãos dela – ora em uma, ora noutra – ela carregava um pequeno globo, brilhante e claro como o cristal mais puro. Isso logo pareceu seu brinquedo e maior tesouro. Em um momento, você a consideraria descuidadosa com ele, e em outro, dominada por nervosismo em relação a sua segurança. Mas acredito que ela estivesse tomando conta dele o tempo todo, talvez não menos quando menos ocupada com ele. Ela parou perto de mim com um sorriso, e me disse bom dia com a voz mais doce. Senti um grande carinho pela criança – pois ela produzia em mim mais a impressão de uma criança, apesar de meu discernimento me dizer outra coisa. Nós conversamos um pouco, e então caminhamos juntos pela direção que eu estava seguindo.

Perguntei a ela sobre o globo que ela carregava, mas sem obter resposta definitiva, estendi minha mão para pegá-lo. Ela se afastou, e disse, mas sorrindo quase convidativa ao mesmo tempo, “Você não deve tocá-lo;” – e então, depois de uma pausa momentânea, “Ou se o fizer, deve ser muito suavemente”. Toquei o globo com um dedo. Uma leve vibração começou dentro dele, acompanhada, ou talvez manifestada, por um débil som doce. Toquei-o novamente, e o som aumentou. Toquei pela terceira vez: uma pequena torrente de harmonia rolou para fora do pequeno globo. Ela não me deixou mais tocá-lo.

Viajamos juntos aquele dia inteiro. Ela me deixou quando o crepúsculo chegou; mas no dia seguinte, ao meio-dia, ela me encontrou como antes, e novamente viajamos até a noite. No terceiro dia ela veio mais uma vez ao meio-dia, e andamos juntos. Agora, embora tenhamos conversado sobre várias coisas conectadas com a Terra das Fadas, e a vida que ela havia levado até então, eu não consegui aprender nada sobre o globo. Este dia, porém, conforme seguíamos em frente, a sombra veio para frente e envolveu a donzela. Ela não pôde mudá-la. Mas meu desejo de saber sobre o globo, que em sua escuridão começou a oscilar como se com uma luz interna, e a projetar flashes de chamas multicoloridas, ficou irresistível.

Estendi minhas duas mãos e tomei posse dele. Ele começou a soar como antes. O som rapidamente aumentou, até que chegou a uma grave tempestade de harmonia, e o globo tremeu, agitou e latejou entre minhas mãos. Eu não tive coragem de tirá-lo da donzela, embora eu o segurasse apesar das tentativas dela de tirá-lo de mim; sim, envergonho-me de dizer, apesar das súplicas dela e, enfim, de suas lágrimas. A

música continuou crescendo em intensidade e complexidade de notas, e o globo vibrava e se agitava; até que enfim explodiu em nossas mãos, e um vapor negro subiu dele; e então virou, como se assoprado lateralmente, e envelopou a donzela, escondendo até mesmo a sombra em sua negritude.

Ela rapidamente segurou os fragmentos, que eu havia abandonado, e fugiu de mim para a floresta na direção da qual ela havia vindo, soluçando como uma criança, e chorando, “Você quebrou meu globo; meu globo está quebrado – meu globo está quebrado!”. A segui, na esperança de confortá-la; mas não havia seguido ela bastante, antes que uma súbita e fria rajada de vento curvasse as copas das árvores acima de nós, e varresse através dos caules a nossa volta; uma grande nuvem cobriu o dia, e uma poderosa tempestade veio, na qual eu a perdi de vista. Até agora pesa no meu coração. À noite, antes que eu caia no sono, frequentemente, sobre o que quer que eu esteja pensando, eu subitamente escuto a voz dela, chorando, “Você quebrou meu globo; meu globo está quebrado; ah, meu globo!”.

Aqui mencionarei mais uma coisa estranha; mas se essa peculiaridade foi de alguma maneira devido à minha sombra, não consigo me assegurar. Cheguei a um vilarejo, de cujo qual os habitantes não podiam ser diferenciados daqueles de nossa própria terra.

Eles mais evitaram do que procuraram por minha companhia, apesar de que eram muito agradáveis quando eu me referia a eles. Mas finalmente eu observei, que sempre que eu chegava a uma certa distância de algum deles, qual distância, porém, variava com diferentes indivíduos, toda a aparência da pessoa começava a mudar; e essa mudança aumentava em níveis conforme eu me aproximava. Quando eu regressava a distância anterior, a aparência anterior era restaurada.

A natureza da mudança era grotesca, sem seguir uma regra fixa. A semelhança mais próxima a isso que eu conheço é a distorção produzida em suas feições quando você olha para ela refletida em uma superfície côncava ou convexa – digamos, ambos os lados de uma colher. Deste fenômeno eu primeiramente me tornei consciente de um jeito tanto quanto ridículo. A filha da minha anfitriã era uma bonita garota muito encantadora, que se mostrou mais agradável para mim do que a maioria daqueles a minha volta.

Por alguns dias minha sombra-companheira havia sido menos importuna do que o normal; e tal era a reação de humores causados pela simples mitigação de tortura, que, apesar de eu ter sentido muitos, além de serem sombrios, sentia-me leve e comparativamente feliz. Minha impressão é que ela estava bem consciente da lei de

aparências que existia entre as pessoas do lugar e eu, e havia resolvido divertir-se as minhas custas; pois uma noite, depois de algumas brincadeiras e zombaria, ela, de maneira ou outra, provocou-me a tentar beijá-la. Mas ela estava bem protegida de qualquer assédio do tipo. O semblante dela se tornou, de repente, absurdamente horrendo; a boca bonita foi alongada e ampliada o suficiente para ter permitido seis beijos concomitantes. Afastei-me para trás com um medo atordoante; ela explodiu na gargalhada mais feliz, e correu do quarto.

Logo descobri que a mesma indefinível lei de mudança operava entre mim e todos os outros aldeões; e aquilo, sentir que eu estava em companhia agradável, era absolutamente necessário para que eu descobrisse e observasse a distância focal certa entre mim e cada um com quem eu tinha algo a ver. Tendo isso feito, tudo foi agradável o suficiente. Se, quando acontecia de eu negligenciar esta precaução, eu apresentava para eles uma aparência igualmente ridícula, eu não consegui descobrir; mas assumo que a mudança era comum para ambas as partes que se aproximavam.

Eu era da mesma forma incapaz de determinar se eu era um item necessário para este evento de estranhas transformações ou se também acontecia, dadas as circunstâncias corretas, entre os próprios habitantes.

# Capítulo 10

*"Das residências do Éden os rios cheios fluem,*

*Para guiar os párias até uma terra de desventura:*

*Nossa Terra um pequeno córrego produz laboriosamente,*

*Para guiar os andarilhos aos campos felizes."*

Depois de deixar este vilarejo, onde eu havia descansado por quase uma semana, viajei por uma região deserta de areia seca e pedras brilhantes, povoada principalmente por duendes. Quando adentrei seus domínios pela primeira vez, e, na verdade, sempre que eu esbarrava com outra tribo deles, eles começavam a me ridicularizar oferecendo mãos cheias de ouro e joias, fazendo caretas horrendas para mim, e prestando a homenagem mais antiga, como se eles pensassem que eu esperava por reverências, e quisessem me entreter como um maníaco. Mas sempre, assim que algum deles colocava os olhos sobre a sombra atrás de mim, fazia uma cara retorcida, parte por pena, parte de desdém, e parecia envergonhado, como se ele tivesse sido pego fazendo algo desumano; então, jogando para baixo sua mão cheia de ouro, e parando com todas suas caretas, ele saía do caminho para me deixar passar em paz, e fazia sinais para seus companheiros fazerem o mesmo.

Eu não tinha inclinação a observá-los por muito tempo, pois a sombra estava no meu coração assim como nos meus calcanhares. Eu segui em frente indiferente e quase desanimado, até que um dia cheguei a uma pequena nascente; que, explodindo frieza no coração de uma pedra aquecida pelo sol, fluía de certa forma para o Sul da direção que eu estava seguindo. Bebi desta nascente, e descobri-me maravilhosamente revigorado. Um certo tipo de amor pela pequena corrente nasceu em meu coração. Ela nascia num deserto; mas parecia dizer, "Vou fluir, cantar e banhar minhas margens, até que eu faça do deserto meu paraíso". Achei que eu não poderia fazer algo melhor senão segui-la e ver o que acontecia. Então segui para o Sul com a corrente, sobre terras rochosas, queimando com raios de sol.

Mas o riacho não fluiu muito, antes que algumas lâminas de grama brotassem em suas margens, e então, aqui e ali, um arbusto atrofiado. Às vezes ela desaparecia por completo debaixo do solo; e depois que eu havia viajado certa distância, o mais

próximo que eu podia imaginar, na direção que ela parecia tomar, eu subitamente a ouvia mais uma vez, cantando, às vezes distante para minha direita ou esquerda, por entre novas rochas, sobre as quais fazia novas cataratas de melodias aquosas.

A vegetação à suas margens aumentava conforme ela fluía; outras correntes se juntaram; e enfim, depois de muitos dias de viagem, encontrei-me, em uma linda noite de Verão, descansando ao lado de um largo rio, com uma gloriosa árvore castanha me majorando, e derrubando suas flores, brancas e de um vermelho rosado, sobre mim. Conforme eu estava sentado, uma jorrada de alegria passou pelo meu coração e transbordou pelos meus olhos.

Através de minhas lágrimas, a paisagem inteira brilhava em uma graciosidade tão encantadora, que eu senti como se eu estivesse entrando na Terra das Fadas pela primeira vez, e uma mão amável estivesse esperando para esfriar minha cabeça, e palavras amáveis para aquecer meu coração. Rosas, rosas selvagens, para todos os lados! Eram tão plenas, que não apenas perfumavam o ar, pareciam tingi-lo de uma fraca nuance rosada. A cor fluía junto com o perfume, subia e se espalhava, até que todo o Oeste corava e brilhava com o incenso acumulado de rosas.

E meu coração fraquejou com saudade em meu peito. Poderia eu não ver o Espírito da Terra, como uma vez vi a mulher que habitava a faia, e minha bela do pálido mármore, eu deveria estar satisfeito. Satisfeito! - Ah, como eu morreria feliz com a luz dos olhos dela! Sim, eu deixaria de existir, se isso fosse me trazer uma palavra de amor daquela boca. O crepúsculo afundou a minha volta, e me envelopou com sono. Dormi como eu não havia dormido em meses. Não acordei até tarde pela manhã; quando, revigorado em meu corpo e mente, levantei como se da morte que varre as tristezas da vida, e então morre na nova manhã. Novamente segui a corrente; agora escalando um íngreme banco rochoso que a orlava; ora vadeando através de longos gramados e flores selvagens em seu caminho; ora através de campinas; e em breve através de florestas que aglomeravam-se até a última gota de água.

Finalmente, em um recanto do rio, sombrio com o peso de folhagens penduradas acima, e imóvel e profundo como uma alma na qual as torrentes e redemoinhos de dor haviam escavado um grande abismo, e então, recuando em violência, haviam deixado ele cheio de uma tristeza imóvel e abismal - eu vi um pequeno barco flutuando. A água aqui estava tão parada que o barco não precisava de âncora.

Ele estava lá como se alguém tivesse acabado de pisar em terra firme e voltaria em um instante. Mas como lá não havia sinais de nenhuma presença e nenhum caminho por entre os arbustos grossos; e, além disso, eu estava na Terra das Fadas, onde

alguém faz exatamente o que ele quer, forcei meu caminho até a borda, entrei no barco, o empurrei, com a ajuda dos galhos das árvores, para dentro da corrente, deitei-me na parte de baixo, e deixei meu barco e eu flutuarmos até onde o córrego iria nos levar. Eu parecia me perder no grande fluxo do céu acima de mim, contínuo em sua infinitude, exceto de vez em quando, aproximando-me da costa em alguma curva no rio, uma árvore balançava sua cabeça grandiosa silenciosamente acima da minha, e deslizava de volta para o passado, nunca mais capaz de lançar sua sombra sobre mim.

Eu caí no sono neste berço, no qual a mãe Natureza estava ninando seu filho exausto; e enquanto eu dormia, o sol não dormiu, mas deu a volta em seu caminho arqueado. Quando eu acordei, ele dormia nas águas, e eu segui meu caminho silencioso debaixo de uma lua prateada e redonda. E uma lua pálida olhava para cima do chão da grande caverna azul que estava sobre o silêncio abismal abaixo.

Por que todas as reflexões são mais encantadoras do que o que nós chamamos de realidade? - não tão grande ou tão forte, pode ser, mas sempre mais encantadora? Tanto quanto o saveiro deslizante no mar brilhoso, o veleiro ondulante, vacilante e inquieto abaixo é ainda mais imóvel. Sim, o próprio oceano refletido, refletido no espelho, possui uma assombrosa característica de suas águas que de alguma forma desaparece quando eu viro-me para o real. Todos os espelhos são espelhos mágicos. O quarto mais comum é um quarto em um poema quando eu viro-me para o espelho. (E isso me lembra, enquanto eu escrevo, de uma estranha história que eu li no palácio das fadas, e da qual eu tentarei fazer um débil memorial em seu lugar).

De qualquer maneira que possa ser levado em consideração, de uma coisa podemos ter certeza, que este sentimento não é uma fraude; pois não há fraudes na natureza e nos simples sentimentos não procurados da alma. Deve haver uma verdade envolvida nisso, embora nós possamos tomar conhecimento apenas de parte de seu significado. Até as memórias de dores passadas são lindas; e alegrias passadas, embora mantidas apenas entre fissuras de nuvens cinza de tristeza, são tão encantadores quanto a Terra das Fadas. Mas como eu viajei até a terra das fadas mais profunda da alma, enquanto eu apenas flutuo em direção ao palácio encantado da Terra das Fadas! A lua, que é a memória mais encantadora ou reflexo do sol posto, o dia alegre visto no opaco espelho da noite descendente, havia me extasiado.

Sentei-me no barco. Gigantescas árvores de florestas estavam ao meu redor; através das quais, como uma serpente prateada, curvava-se e se esgueirava o rio prateado. As pequenas ondas, quando eu me movia no barco, suspiravam e caíam com um borriço como se de prata derretida, partindo a imagem da lua em milhares de

pedaços, fundindo-se novamente em um só, como as risadas morrem na imóvel expressão de contentamento. A floresta adormecida, em uma indefinição massiva; a água que fluía em seu sono; e, acima de tudo, a lua feiticeira, que havia enfeitiçado a todos, com seu olho pálido, para caírem num sono encantado, afundou em minha alma, e eu senti como se eu tivesse morrido em um sonho, e nunca mais fosse acordar.

Disso eu fui parcialmente acordado por um fraco brilho branco, que, através das árvores à esquerda, vagamente cruzou minha visão, conforme eu olhava para cima. Mas as árvores novamente esconderam a coisa; e no momento, algum pássaro estranhamente melodioso assumiu sua canção, e cantou, não um canto comum de pássaros, com constantes repetições da mesma melodia, mas o que parecia com um esforço contínuo, no qual um pensamento era expresso, aprofundando-se em intensidade conforme se desenvolvia em progresso. Parecia com uma boas-vindas já sombreada com o adeus advento. Como em todas as músicas mais doces, uma nuance de tristeza estava presente em todas as notas.

Nem tampouco sabemos o quanto dos prazeres constantes da vida devemos às tristezas entremeadas. A alegria não pode desvendar as verdades mais profundas, embora a verdade mais profunda deva ser a alegria mais intensa. Vem tristeza do robe branco, curvada e pálida, e escancare as portas que ela não pode adentrar. Quase hesitamos com tristeza por cada amor.

Conforme a canção foi concluída, a corrente atçou meu pequeno barco com um leve empurrão ao redor de uma curva do rio; e ah! Em um largo gramado, que erguia-se da beira da água com um longo declive verde para uma clara elevação na qual as árvores recuavam em todos os lados, havia um majestoso palácio brilhando fantasmagoricamente no brilho do luar: parecia ter sido construído a partir do mármore mais branco.

Não havia reflexos da luz da lua nas janelas - parecia não haver nenhuma; então não havia um brilho frio; apenas, como eu disse, um brilho fantasmagórico. Inúmeras sombras cobriam o brilho, de colunas, varandas e torres. Para todos os lados galerias acompanhavam a face do edifício; salas estendiam-se em muitas direções; e inúmeras aberturas, através das quais os raios do luar desapareciam no interior, e que serviam tanto para portas, quanto para janelas, possuíam suas varandas individuais à frente, comunicando-se com uma galeria comum que erguia-se sobre seus próprios pilares. Claro, não descobri tudo isso do rio, e na luz da lua. Mas, apesar de eu ter ficado lá por muitos dias, não obtive sucesso em dominar a topografia interior do edifício, de tão extensa e complicada que era.

Aqui eu desejei parar, mas o barco não tinha remos a bordo. No entanto, descobri que uma tábua, que servia como assento, não estava presa, e com isso levei o barco até a margem e arrastei-me para a terra. Uma relva profunda e macia afundou sobre meus pés, conforme eu subi o declive em direção ao palácio. Quando o alcancei, vi que ele era construído em cima de uma plataforma de mármore, com uma subida com largos degraus do mesmo material, em toda a sua volta. Chegando à plataforma, descobri que havia um extenso panorama sobre a floresta, que, porém, estava bem velada ao invés de revelada pelo luar. Entrando por um grande portal, mas sem portões, para uma corte interior, rodeada em todos os lados por grandes pilares de mármore que suportavam galerias acima, vi uma grande fonte de porfirio no meio, jogando para cima uma sublime coluna d'água, que caiu, com um barulho como se da fusão de todos os sons doces, em uma bacia abaixo; transbordando a bacia, corria em um único canal em direção ao interior do edifício.

Apesar de a lua, a esta hora, estar bem baixa no Oeste, que nem um raio de sua luz caía sobre a corte, por sobre a altura dos edifícios circundantes; ainda assim a corte era iluminada por um segundo reflexo do sol de outras terras. Pois o topo da coluna d'água, logo que se espalhava para cair, pegava os raios do luar; e como um grande abajur pálido, pendurada no alto do ar noturno, jogava uma turva memória da luz (como ela era) sobre a corte abaixo. Esta corte era pavimentada com diamantes de mármore branco e vermelho. De acordo com meus costumes desde que entrei na Terra das Fadas, de tomar como guia a primeira coisa que eu via se movendo em qualquer direção, segui a corrente da bacia da fonte. Ela me guiou para uma grande porta aberta, sob cujos degraus corria por um arco baixo e desaparecia.

Entrando aqui, encontrei-me em um grande salão, rodeado de pilares brancos e pavimentado com preto e branco. Isso eu conseguia ver pelo luar, que, pelo outro lado, viajava por janelas abertas até o salão. Sua altura eu não conseguia ver distintamente. Assim que entrei, tive a sensação tão comum para mim na floresta que lá existiam outros além de mim, embora eu não pudesse ver nenhum, e não ouvi nenhum som para indicar alguma presença. Desde minha visita à Igreja da Escuridão, meu poder de ver as fadas de ordens superiores havia diminuído gradualmente, até que quase não existisse mais. Mas eu frequentemente podia acreditar na presença delas enquanto incapaz de vê-las. Então, embora eu tivesse companhia, e indubitavelmente de um tipo seguro, parecia um tanto quanto melancólico passar a noite em um salão de mármore vazio, ainda que lindo; especialmente quando a lua estava prestes a se por, e logo mais estaria escuro.

Então comecei pelo lugar que entrei, e andei em volta do salão, procurando por alguma porta ou passagem que pudesse me levar até uma câmara mais hospitalar.

Enquanto eu caminhava, eu estava deliciosamente assombrado com a sensação de que atrás de um dos aparentemente inumeráveis pilares, alguém que me amou estava esperando por mim. Então pensei que ela estava me seguindo de pilar a pilar conforme eu avançava; mas nenhum braço apareceu no luar, e nenhum suspiro me assegurou da presença dela.

Enfim, cheguei a um corredor aberto, no qual eu virei; não obstante isso, ao fazê-lo, deixei a luz para trás. Pelo seu comprimento andei com as mãos estendidas, tateando meu caminho; até que, chegando a outro corredor, que parecia decepar em ângulos retos aquele em que eu estava, eu vi no final uma luz fraca e cintilante, pálida demais até para o luar, lembrando mais uma vaga fosforescência. No entanto, onde tudo era branco, uma pequena luz percorreu um grande caminho. Então andei até o fim, e era um longo corredor. Quando cheguei à luz, descobri que ela era oriunda do que pareciam ser letras prateadas em uma porta de ébano; e, para a minha surpresa mesmo que na própria casa das maravilhas, as letras formaram as palavras A Câmara do Sr. Anodos. Embora eu ainda não tivesse direito às honras de um cavaleiro, eu me arrisquei a concluir que a câmara de fato era destinada para mim; e, abrindo a porta sem hesitação, eu entrei. Qualquer dúvida se eu estava certo em fazê-lo, logo foi deixada de lado. O que para meus olhos escuros parecia uma chama de luz queimou a minha frente.

Uma fogueira de grandes pedaços de alguma madeira de cheiro doce, amparada por cães de prata, estava queimando na lareira, e uma lâmpada brilhante estava em uma mesa, no meio de uma refeição plena, aparentemente esperando minha chegada. Mas o que me surpreendeu mais do que qualquer coisa foi que o quarto era em todos os aspectos uma cópia do meu próprio quarto, o quarto de qual a pequena corrente da minha bacia havia me levado até a Terra das Fadas. Havia o próprio tapete de grama, musgo e margaridas, que eu mesmo havia desenhado; as cortinas de seda azul e pálida, que caíam como uma catarata por sobre as janelas; a cama antiquada, com a mobília de chita (tecido de algodão com estampas de cores fortes, geralmente florais, e tramas simples), na qual eu havia dormido quando garoto. "Agora irei dormir", eu disse a mim mesmo. "Minha sombra não ousará entrar aqui".

Sentei-me à mesa, e comecei a ajudar a mim mesmo com as coisas boas a minha frente com confiança. E agora eu descobri, como em várias situações anteriores, quão verdadeiros os contos de fadas são; pois eu fui servido, durante todo o tempo da minha refeição, por mãos invisíveis. Eu mal tinha que fazer qualquer coisa além de olhar para o que eu queria, quando era trazido para mim, exatamente como se tivesse vindo a mim por vontade própria. Minha taça mantinha-se cheia com o vinho

que eu havia escolhido, até que eu olhasse para outra garrafa ou decanter <sup>11</sup>; quando uma nova taça era substituída, e o outro vinho servido. Quando eu havia comido e bebido mais sinceramente e felizmente desde quando entrei na Terra das Fadas, o todo foi removido por diversos ajudantes, dos quais alguns eram homens e outros eram mulheres, como eu imaginava que eu podia distinguir pelo jeito com o qual os pratos eram levantados da mesa, e o movimento com o qual eram levados para fora do quarto.

Assim que todos tinham sido levados embora, ouvi um som como se de uma porta fechando; e eu soube que tinha sido deixado sozinho. Sentei-me em frente à fogueira, meditando, e me perguntando como tudo iria acabar; e quando enfim, exausto de pensar, recolhi-me para minha própria cama, era com metade de esperança que, quando eu acordasse pela manhã, eu acordaria não apenas em meu próprio quarto, mas no meu próprio castelo também; e que eu andaria sobre meu próprio solo nativo; e descobriria que a Terra das Fadas era, no final das contas, apenas uma ilusão da noite.

O som das águas que caíam nas fontes me fez flutuar até o esquecimento.

11 Garrafa ornamental.

# Capítulo 11

*“Uma imensidão de construções, afundando longe*

*E auto retiradas para uma espantosa profundidade,*

*Ao longe afundando em esplendor – sem fim*

*O edifício parecia de diamante e ouro,*

*Com cúpulas de alabastro, e espirais de prata*

*E terraços em chamas acima de terraços, alto*

*Elevados.” – Wordsworth.*

Mas quando, depois de um sono que, embora sem sonhos, ainda que tenha deixado para trás uma sensação passada de bem aventurança, acordei na plena manhã, eu descobri, de fato, que o quarto ainda era o meu; mas que parecia estrangeiro sobre uma paisagem desconhecida da floresta, da colina e do pequeno vale de um lado - e no outro, sobre a corte de mármore, com a grande fonte, cuja crista brilhava gloriosamente no sol agora, e caía sobre o pavimento debaixo de uma chuva de sombras das águas que caíam dela na bacia de mármore abaixo.

Agradavelmente com todas as considerações autênticas dos tratamentos para com os viajantes na Terra das Fadas, encontrei ao lado de minha cama uma muda completa de roupas limpas, exatamente como as que eu estava acostumado a vestir; pois, embora variasse suficientemente daquela que fora retirada, ainda era totalmente de acordo com meus gostos. Vesti-me com elas e saí. O palácio inteiro brilhava como prata no sol. O mármore era em partes irregular e em partes polido; e cada pináculo<sup>12</sup>, cúpula e torre acabam em uma bola, cone ou cúspide<sup>13</sup> de prata.

Eram como estalactites, e muito deslumbrantes, no sol, para olhos mundanos como os meus. Não tentarei descrever os arredores, exceto por dizer que todos os prazeres a serem encontrados nos mais variados e artísticos arranjos de madeira e rios, gramado e floresta, jardim e matagal, colina rochosa e vale luxurioso; em criaturas vivas selvagens e domesticadas, em pássaros lindos, fontes dispersas, pequenas

correntes e finos lagos - todos estavam aqui. Algumas partes do palácio em si, teremos ocasiões para que eu possa descrevê-las minuciosamente.

Durante toda esta manhã não pensei sobre minha sombra demoníaca; e não virei-me até que a fadiga que sobreveio o prazer a trouxe novamente para minha memória para ver se ela estava atrás de mim: estava dificilmente discernível. Mas sua presença, embora debilmente revelada, mandou uma angústia para meu coração, pois cuja dor nenhuma das belezas ao meu redor poderia compensar.

Foi seguida, porém, pela reconfortante reflexão de que, porventura, eu poderia aqui encontrar a palavra mágica de poder para banir o demônio e libertar-me, de forma que eu não mais fosse um homem além de eu mesmo. A Rainha da Terra das Fadas, pensei eu, deve morar aqui: certamente ela colocará em uso seu poder para me libertar, e me mandar cantando através dos portões da frente de suas terras de volta para minha própria. "Sombra de mim!", eu disse; "que não sou eu, mas que te representa a mim como eu; aqui eu posso encontrar uma sombra de luz que devorará a ti, a sombra da escuridão! Aqui posso encontrar uma benção que cairá sobre ti como uma maldição, e te condenar à negritude donde tu surgiste sem ser convidado".

Eu disse isso, estiquei-me enfim no declive do gramado acima do rio; e conforme a esperança cresceu dentro de mim, o sol apareceu de uma clara nuvem rápida que flutuou por sobre sua face; e colina e vale, e o grande rio viajando pela ainda misteriosa floresta, levaram para trás seus raios como se com um silencioso grito de alegria; toda a natureza vivia e brilhava; a própria terra ficou quente debaixo de mim; uma maravilhosa libélula passou por mim como uma flecha atirada de um arco, e todo um concerto de pássaros explodiu em um canto coral.

O calor do sol logo se tornou muito intenso até para aquecê-lo passivamente. Portanto levantei-me e procurei pelo abrigo de uma das arcadas. Viajando de uma a outra dessas, onde quer que meus passos negligentes me levassem e admirado para todos os lados com a simples magnificência do edifício, cheguei a outro saguão, cujo teto era de um pálido azul, lantejoulado com constelações de estrelas prateadas e apoiado sobre pilares de porfírio de um vermelho mais pálido que o original. Nesta casa (posso observar de passagem), a prata parecia em todos os lugares, preferia ao ouro; e tal era a pureza do ar que não mostrava em lugar algum sinal de embaciamento <sup>14</sup>. Toda a extensão do chão deste salão, exceto um estreito caminho atrás dos pilares, pavimentados em preto, era escavado em uma imensa bacia, vários metros de profundidade e cheia com a água mais pura, líquida e radiante. As laterais da bacia eram de mármore branco e a parte de baixo era pavimentada com todos os tipos de pedras refulgentes, de todos os formatos e cores.

No seu arranjo, você teria suposto, à primeira vista, que não havia um desenho, pois elas pareciam repousar como se tivessem sido jogadas ali por mãos descuidadas e brincalhonas; mas era uma confusão muito harmoniosa; e conforme eu olhava para a brincadeira de suas cores, especialmente quando as águas estavam em movimento, vim finalmente a sentir como se nem um pequeno cristal pudesse ser deslocado, sem ferir o efeito do todo.

Debaixo deste chão de água, repousava o reflexo do teto azul invertido, incrustado com suas estrelas prateadas, como um segundo mar mais profundo, abraçando e apoiando o primeiro. Esta banheira encantada provavelmente era alimentada pela fonte na corte. Levado por um desejo irresistível, me despi e mergulhei nas águas. Ela me vestiu como se com uma nova sensação e seu objeto ambos em um. As águas estavam tão próximas de mim que elas pareciam entrar e reavivar meu coração. Emergi para a superfície, chacoalhei a água do meu cabelo, e nadei como se em um arco-íris, no meio das fulgurações das gemas abaixo vistas através da agitação causada pelos meus movimentos.

E então, com os olhos abertos, eu mergulhei e nadei sob a superfície. E eis aqui uma nova maravilha. Pois a bacia, assim contemplada, parecia estender-se para todos os lados como um mar, com grupos do que pareciam ser rochas do oceano aqui e ali, escavadas por ondas incessantes em maravilhosas cavernas e pináculos grotescos. Ao redor das cavernas cresciam algas de todas as cores, e os corais brilhavam no meio; ainda que longe, vi o vislumbre do que pareciam ser criaturas de forma humana em casas nas águas. Achei que eu tivesse sido enfeitiçado; e que quando eu emergisse para a superfície, eu me encontraria a quilômetros da terra, nadando sozinho em um mar agitado; mas quando meus olhos emergiram das águas, eu vi acima de mim o a abóbada lantejoulada azul, e os pilares vermelhos ao redor. Afundei novamente, e me encontrei mais uma vez no coração do grande mar.

Eu então emergi, e nadei até a borda, donde saí facilmente, pois a água chegava até o limite, e eu me aproximei quase lavado em ondas minúsculas até a borda de mármore preto. Me vesti e saí, profundamente revigorado.

E agora comecei a discernir formas fracas e graciosas, aqui e ali ao longo do edifício. Algumas andavam juntas nas conversas mais fervorosas. Outros vagavam sozinhos. Algumas ficavam paradas em grupos, como se olhando para algo e conversando sobre uma pintura ou estátua. Nenhum deles prestou atenção em mim. Tampouco eram completamente visíveis para meus olhos. Às vezes um grupo, ou um único indivíduo, desaparecia completamente do meu campo de visão enquanto eu olhava. Quando a noite veio e a lua ascendeu, nítida como uma circunferência de um

mar no horizonte quando o sol flutua sobre ele no Oeste, eu comecei a vê-los todos mais claramente.

Especialmente quando eles ficavam entre mim e a lua; e ainda mais especialmente quando eu mesmo estava na sombra. Mas, mesmo assim, eu às vezes via somente a onda passageira de um robe branco; ou um braço, ou pescoço encantador brilhantes na luz do luar. Ou pés brancos passavam andando sozinhos sobre o pasto lunar. Nem tampouco, entristeço-me ao dizer, eu cheguei muito mais perto desses seres gloriosos, nem olhei para a própria Rainha das Fadas. Meu destino quis que fosse de outra maneira.

Neste palácio de mármore, prata, fontes e luaretes, eu passei vários dias; servido constantemente em meu próprio quarto com tudo que fosse desejado e banhando-me diariamente na banheira encantada. Todo este tempo eu fui pouco perturbado por minha sombra demoníaca. Eu tinha uma vaga sensação de que ele estava em algum lugar pelo palácio; mas parecia como se a esperança que eu tinha de que neste palácio eu seria libertado de sua presença odiada, tinha sido suficiente para bani-lo por um tempo. Como e onde eu o encontrei, deverei logo relatar.

No terceiro dia após minha chegada, encontrei a biblioteca do palácio e aqui, todo o tempo que me restava, eu gastei a maior parte do meio do dia. Pois ela era, sem mencionar outras atrações muito mais interessantes, um retrato luxurioso do sol do meio-dia. Durante as manhãs e tardes eu perambulava pelas redondezas encantadoras, ou deitava, perdido em deliciosos devaneios, debaixo de alguma forte árvore no gramado aberto. Minhas noites eram pouco a pouco gastas em alguma parte do palácio, de cujas considerações, e minhas aventuras conectadas a ela, devo ainda postergar por mais um pouco.

A biblioteca era um saguão grandioso, iluminado pelo teto que era formado de algo como vidro, abobadado em um único pedaço, e manchado ao longo dele com uma grande e misteriosa pintura em cores maravilhosas. As paredes eram forradas do chão ao teto com livros e mais livros: a maior parte deles em encadernações antigas, mas algumas em modelos estranhos e novos que eu nunca vi antes, e cujos quais, caso eu tentasse, eu poderia descrever muito mal. Em todas as paredes, na frente dos livros, corriam galerias em linhas comunicando-se por escadas.

Estas galerias eram construídas de todos os tipos de pedras coloridas. Todos os tipos de mármore e granito, com porfírio, jaspe, lápis-lazúli, ágata, e muitas outras, estavam arrançadas em uma maravilhosa melodia de cores sucessivas. Embora os materiais, então, dos quais estas galerias e escadas eram construídas, devolvessem

certa necessidade de um grau de solidez do edifício, ainda que tão fosse o tamanho do lugar, que elas pareciam correr pelas paredes como cordões. Sobre algumas partes da biblioteca, desciam cortinas de seda de várias cores, nenhuma das quais eu vi levantada enquanto estava lá. Eu senti de alguma forma que seria presunçoso de minha parte me aventurar a olhar por trás delas.

Mas o uso dos outros livros parecia livre; e dia após dia eu vinha à biblioteca, me jogava em um dos muitos suntuosos tapetes orientais, que ficavam aqui e ali pelo chão, e lia, e lia, até me exaurir. Se isso pode ser considerado exaustão, já que era mais uma fadiga de prazer arrebatador; ou até, às vezes, que a queda da luz me convidava a ir para o exterior, na esperança de que uma brisa fria e suave pudesse ter ascendido para se banhar, com um banho arejado e revigorante, os membros dos quais o brilho do espírito interior em chamas havia minguado não menos do que o brilho do sol escaldante.

Uma peculiaridade destes livros, ou pelo menos da maioria dos quais eu dei uma olhada, eu preciso fazer uma tentativa de certa forma vaga de descrevê-los.

Se, por exemplo, fosse um livro de metafísica que eu abrisse, eu mal teria lido duas páginas antes que eu parecesse a mim mesmo estar ponderando sobre uma verdade descoberta, e construindo a máquina intelectual pela qual conseguiria comunicar a descoberta a meus companheiros homens.

Com alguns livros, porém, desta natureza, parecia mais como se o processo todo tivesse sido removido para um lugar bem mais para trás; e eu estava tentando encontrar a raiz de uma manifestação, a verdade espiritual donde uma visão material se projetava; ou para combinar duas proposições, ambas aparentemente verdadeiras, tanto concomitantemente quanto em diferentes estados de espírito lembrados, e para encontrar o ponto no qual suas linhas invisivelmente convergentes se uniriam em uma, revelando uma verdade maior que ambas e diferente das duas. Embora muito longe de ser oposta à ambas, que era dela donde cada uma derivava sua vida e poder. Ou se o livro fosse um de viagens, eu descobria que eu era o viajante.

Novas terras, novas experiências, costumes originais, cresciam a minha volta. Eu andava, eu descobria, eu lutava, eu sofria, eu regozijava-me com meu sucesso. Era uma história? Eu era o protagonista dela. Eu sofria minha própria culpa; eu estava contente em meu próprio louvor. Com uma ficção era o mesmo. Minha era a história inteira. Pois eu tomava o lugar do personagem que mais se parecia comigo, e a história dele era a minha; até que, exausto com a vida de anos condensada em uma hora, ou chegando ao meu leito de morte, ou ao fim do volume, eu acordava, com

uma súbita perplexidade, para a consciência da minha vida presente, reconhecendo as paredes e teto ao meu redor e descobria que eu tinha alegrado-me ou entristecido-me apenas em um livro.

Se o livro fosse um poema, as palavras desapareciam, ou tomavam a posição subordinada de um acompanhamento para a sucessão de formas e imagens que ascendiam e desapareciam com um ritmo mudo, e uma rima escondida.

Em um, com um título místico, do qual eu não consigo me lembrar, eu li sobre um mundo que não é como o nosso. Das narrações espantosas, de uma forma tão débil e fragmentada quanto possível para mim, eu participava de bom grado. Se fora ou não tudo um poema, eu não posso dizer; mas, pelo impulso que senti, quando eu primeiramente ponderei sobre escrevê-lo, quebrá-lo em rimas, para qual impulso eu darei lugar caso ele venha até mim novamente, acho que deve ter sido, parcialmente pelo menos, em versos.

12 Pináculo é o ponto mais alto de um determinado lugar – um edifício ou uma torre, por exemplo.

13 Cúspide é uma ponta ou extremidade aguda, seja de edifícios, ferrões de animais ou outros.

14 Fazer com que fique baço (obscuro); perder o brilho.

# Capítulo 12

*"Acorrentada está a Primavera. O vento noturno forte*

*Assopra por sobre a terra dura;*

*O tempo não é mais confuso e frio;*

*Nem tampouco mantém mais a alegria invernal.*

*"Mas ainda assopra e rola pelo mundo;*

*Assopre, Tempo - assopre, Vento do Inverno!*

*Através de fissuras no Tempo, o céu espiou,*

*E a Primavera deixou o gelo para trás." - G.E.M.*

Aqueles que acreditam na influência das estrelas no destino dos homens são, em sentimentos pelo menos, mais perto da verdade do que aqueles que consideram os corpos celestes como relacionados a eles meramente por uma comum obediência a uma lei externa. Tudo o que o homem vê tem a ver com o homem. Mundos não podem existir sem um relacionamento intramundano.

A comunidade do centro de toda a criação sugere uma conexão irradiante e dependência das partes. Uma ideia ainda grandiosa é mais concebível do que a que já está incorporada. O vazio, que é apenas uma vida esquecida, largado atrás da consciência, e o esplendor enevoado, que é uma vida não desenvolvida, largado à frente, podem estar cheios de misteriosas revelações de outras conexões com o mundo a nossa volta, do que aqueles da ciência e poesia. Nenhum cinturão brilhante ou lua reluzente, nenhuma glória vermelha e verde de estrelas gêmeas circulando uma a outra, tem uma relação com as coisas escondidas da alma de um homem, e, pode ser, com a história secreta do seu corpo também. Eles são partes da casa viva em que ele habita.

*Através dos reinos do Sol monarca*

*Rasteja um mundo, cujo curso há começado,  
Em um caminho penoso com um ritmo exaustivo,  
Antes que a Terra lançou-se para frente em sua corrida:  
Mas durante muito tempo a Terra correu  
Pelo caminho ela ainda deve prosseguir,  
Antes que o planeta mais velho, com asas de chumbo,  
Uma vez contornasse a corte do rei do planeta.  
Ali, naquela estrela solitária e distante,  
As temporadas não são como nossas temporadas;  
Mas mais de um ano teve o Outono para vestir  
As árvores em seu encanto feminino;  
O mesmo tempo teve o velho Inverno em triunfo para partir  
Outras belezas mortas nas suas sepulturas abaixo;  
E mais de um ano a Primavera pôde usar  
Penteando as estalactites de seu cabelo;  
E o Verão, querido Verão, teve anos de junho;  
Com grandes nuvens brancas, e banhos frios ao meio-dia:  
E uma beleza que cresce pesada como um pesar,  
Até que uma explosão de lágrimas é o alívio do coração.  
Crianças, nascidas quando o Inverno era rei,  
Podem nunca se regozijar na Primavera ascendente;*

*Embora seus próprios companheiros estejam explodindo de alegria,*

*E as crianças cresceram em garotas ou garotos;*

*Mas podem morrer com o frio e horas geladas*

*Observando-os sempre no lugar das flores.*

*E alguns que acordarem de seu sono original,*

*Quando os sinais do Verão pelas florestas rastejarem,*

*Vivem, amam e são amados novamente;*

*Procuram por prazer, e encontram sua dor;*

*Afundam para seu último, seu sono abandonado,*

*Com os mesmos doces perfumes ao redor deles rastejando.*

Agora as crianças, ali, não são nascidas como as crianças nascem em mundos mais próximos ao sol. Pois de sua chegada ninguém sabe. Uma dama, andando sozinha, escuta um choro: pois até lá o choro é a primeira expressão; e procurando, ela encontra, debaixo de uma pedra pendente, ou no interior de uma moita de arbustos, ou, pode ser, entre pedras cinzentas na lateral de um morro, ou em qualquer outro lugar coberto e inesperado, uma pequena criança. Esta ela pega carinhosamente e a carrega para casa com alegria, chamando, "Mãe, mãe" - se é que a mãe dela é viva - "Eu tenho um bebê - eu encontrei uma criança!". E os habitantes da casa juntam-se para ver; - "Onde ele está? Como ele é? Onde você o encontrou?", e outras questões do tipo, abundantes. E em consequência disso, ela conta toda a história da descoberta. Pois pelas circunstâncias, tais como estação do ano,

hora do dia, condição do ar e coisas assim, especialmente, os peculiares e nunca repetidos aspectos dos céus e da terra no momento, e a natureza do tipo de abrigo onde foi encontrado, determinam, ou pelo menos indicam, a natureza da criança descoberta. Assim, em certas estações, e em certos estados do tempo, concordando, em partes, com suas próprias fantasias, as jovens mulheres vão para fora procurar crianças. Elas geralmente evitam procurar por elas, apesar de às vezes não poderem evitar encontrá-las, em lugares e com circunstâncias incompatíveis com seus gostos peculiares.

Mas assim que uma criança é encontrada, sua reivindicação por proteção e alimentos obliteram todas as sensações de escolha no que diz respeito ao assunto.

Principalmente, porém, no Verão, que dura tanto, vindo como vem depois de intervalos tão longos; e sobretudo nas noites quentes, no meio do crepúsculo; e principalmente na floresta e nas margens dos rios, as damas vão procurar por crianças, assim como crianças procuram por flores. E sempre que a criança cresce, sim, mais e mais conforme avança pelos anos, seu rosto indicará para aqueles que entendem o espírito da Natureza, e suas expressões na face do mundo, a natureza do seu lugar de nascimento e outras circunstâncias daquilo.

Se um claro sol da manhã guiou a mãe dele para o canto de onde vinha o choro baixo do menino; ou ao entardecer a dama solitária (pois a mesma mulher nunca encontra um segundo, pelo menos enquanto o primeiro vive) descobre a garota pelo brilho de sua pele branca, deitada em um ninho como aquele das cotovias, no meio de gramíneas longas e curvas, e os olhos curiosos das humildes margaridas; se a tempestade curvou as árvores da floresta em volta, ou o gelo imóvel fixou no silêncio a senão fluida e balbuciante corrente.

Depois que crescem, os homens e mulheres ficam pouco juntos. Tem esta singular diferença entre eles, que da mesma maneira distingue as mulheres daquelas da terra. Apenas os homens têm braços; as mulheres têm apenas asas. Resplandecentes asas elas são, em que elas podem se proteger da cabeça aos pés em uma panóplia <sup>15</sup> de glória cintilante. Apenas por estas asas, podem ser frequentemente julgadas em qual estação, e sob quais aspectos, elas nasceram. daquelas que vieram no Inverno, seguem grandes asas brancas, brancas como a neve; a ponta de cada pena brilhando como a prata, de forma que elas reluzem e refletem como gelo ao sol. Mas por baixo, elas são tingidas com um rosa pálido.

Aquelas nascidas na Primavera têm asas de um verde radiante, verde como a grama; e em direção às pontas as penas são esmaltadas como a superfície das lâminas de grama. Essas novamente são brancas por dentro. Aquelas que são nascidas no Verão têm asas de um rosa profundo, contornadas com um dourado pálido. E aquelas nascidas no Outono têm asas roxas, com um rico marrom por dentro.

Mas essas cores são modificadas e alteradas em todas as variedades, correspondendo ao estado do dia e do horário, assim como da estação do ano; e às vezes eu acho as diversas cores tão entremeadas, que eu não conseguia determinar nem mesmo a estação, apesar dos hieróglifos indubitavelmente poderem ser decifrados por olhos mais experientes. Um esplendor, em especial, eu me lembro -

asas de um carmim intenso, com a parte interna de um cinza quente, em torno de uma forma de uma brilhante brancura. Ela havia sido encontrada enquanto o sol se punha através de uma baixa névoa marinha, projetando carmim ao longo de um largo caminho até uma pequena caverna no litoral, onde uma dama que se banhava a viu deitada.

Mas embora eu fale de sol e névoa, e mar e litoral, o mundo lá é em alguns aspectos muito diferente da terra em que os homens vivem. Por exemplo, as águas não refletem formas. Para os olhos desacostumados ela parece, se não perturbada, com a superfície de um metal escuro, exceto que a última refletiria indistintamente, enquanto que elas não refletem absolutamente nada, exceto pela luz que incide imediatamente sobre elas. Isso tem uma grande responsabilidade em fazer com que as paisagens sejam diferentes daquelas na terra. Na noite mais imóvel, nenhum navio alto no mar manda uma baixa reflexão bruxuleante quase aos pés dele no litoral; o rosto de nenhuma dama se ilumina com sua própria beleza em um poço quieto de uma floresta.

Os próprios sol e lua apenas cintilam na superfície. O mar é como um mar da morte, pronto para engolfar e nunca para revelar: uma visível sombra do esquecimento. Embora as mulheres brinquem em suas águas como lindas aves marinhas. Os homens mais raramente entram nelas. Mas, pelo contrário, o céu reflete tudo abaixo dele, como se fosse feito de água como a nossa. É claro, por conta de sua concavidade há certa distorção nos objetos refletidos; mas ainda assim maravilhosas combinações de formas podem ser frequentemente vistas na profundidade pendente. E então não tem exatamente o formato muito parecido com uma abóbada curva como o céu da terra, mas, mais com o formato de um ovo, ascende para uma grande altura no meio, parecendo bem mais alto que o outro. Quando as estrelas aparecem à noite, revelam uma grandiosa cúpula, "incrustada com chamas douradas", em que há espaço para todas as tempestades se apressarem e delirarem.

Em uma manhã no começo do Verão, eu estava parado com um grupo de homens e mulheres em uma pedra íngreme que pendia sobre o mar. Eles todos estavam me questionando sobre meu mundo e os costumes de lá. Ao responder a uma das perguntas deles, senti-me obrigado a dizer que na Terra as crianças não nascem como com eles. Com isso eu fui atacado com toda uma bateria de perguntas, que primeiramente tentei evitar; mas, enfim, fui compelido, da maneira mais vaga que eu pude inventar, a aproximar-me de alguma maneira do assunto em questão. Imediatamente uma leve noção do que eu queria dizer pareceu despontar na mente da maioria das mulheres. Algumas dobraram suas grandes asas inteiras em volta de si, como geralmente fazem quando se sentem

minimamente ofendidas, e ficaram eretas e imóveis. Uma delas espalhou as pontas de suas asas rosadas, e saltou do promontório <sup>16</sup> no braço de mar aos seus pés. Uma grande luz brilhou nos olhos de uma dama, que virou e lentamente se afastou, com suas asas brancas e roxas meio abertas atrás dela. Ela foi encontrada, na manhã seguinte, morta debaixo de uma árvore seca em uma encosta vazia, a alguns quilômetros da ilha. Eles a enterraram onde ela estava deitada, como era costume deles; pois, antes que eles morram, eles instintivamente procuram por um lugar como o em que nasceram, e tendo encontrado um que os satisfaça, eles deitam, enrolam suas asas ao redor de si, se forem mulheres, ou cruzam os braços por cima do peito, se forem homens, exatamente como se estivessem indo dormir; e dormem de fato. O sinal ou causa da morte é um desejo indescritível por algo, eles não sabem o quê, que os capturam, e os levam à solidão, consumindo-os por dentro, até que o corpo falha.

Quando um rapaz e uma dama olham muito profundamente dentro dos olhos um do outro, este desejo os captura e possui; mas ao invés de se aproximarem um do outro, eles vagam sozinhos, cada um por si só, até lugares solitários, e morrem por conta de seus desejos. Mas parece para mim, que depois disso eles nascem como bebês em nosso mundo: onde, se, quando crescem, eles encontram um ao outro, vai bem entre eles; se não, parecerá que vai mal. Mas disso não sei nada. Quando eu contei a elas que as mulheres na Terra não têm asas como elas, mas braços, elas me encararam e disseram que elas devem parecer muito audazes e masculinas; sem saber que suas asas, gloriosas como elas são, são apenas braços mal desenvolvidos.

Mas veja o poder deste livro, que, enquanto recontando o que me lembro de seu conteúdo, escrevo como se eu mesmo tivesse visitado o planeta distante, aprendido seus costumes e aparências, e conversado com seus homens e mulheres. E assim, enquanto escrevia, parecia para mim que eu o tinha feito de fato.

O livro continua com a história de uma dama, que, nascida perto do Outono, e vivendo em um longo e, para ela, interminável Inverno, saiu por fim para encontrar as regiões da Primavera; pois, como no nosso mundo, as estações eram divididas por sobre o globo. Começa mais ou menos assim:

*Ela os viu morrendo por muitos dias,*

*Despencando das antigas árvores,*

*Um por um; senão numa cascata*

*Acumulando-se sobre as flores murchas.*

*Pois como se tivessem feito um mal grave*

*O sol, que os tinha amado e cuidado por tanto tempo,*

*Cansou-se de amar, e, virando as costas,*

*Apressou-se embora em seu caminho para o Sul;*

*E desesperadamente se segurando cada folha atrofiada,*

*Desaparecidas com uma tristeza ociosa.*

*E as rajadas de vento, tristes suspiros do Outono,*

*Pesarosamente vagou por suas famílias;*

*Esvaindo-se com um gemido desesperado,*

*Tudo que ele ainda podia chamar de seu,*

*Como a criança, quando seu pássaro se vai para sempre,*

*Arremessa a gaiola no rio viajante.*

*E as gigantes árvores, nuas como a Morte,*

*Lentamente se curvam sob a respiração do Vento;*

*E grunhindo ao tentar não grunhir*

*No meio das jovens árvores se curvando e gemendo.*

*E o poderoso oceano do planeta ancião*

*Estava se erguendo e caindo inquietamente,*

*E as cristas das ondas eram quebradas e brancas,*

*Agitando-se por ai para aliviar sua força;*

*E o rio estava lutando para chegar ao oceano,  
E a onda estava se apressando para trás novamente.  
A natureza vivia em tristeza agora;  
A tristeza vivia na face da dama,  
Enquanto ela observada com um olhar fixo e semiconsciente,  
Uma folha solitária que tremulava no alto,  
Até que finalmente caiu do galho desolado –  
Tristeza, ah, tristeza! É Inverno agora.  
E suas lágrimas emergiram, embora fosse apenas uma folha,  
Pois poucos perderão a pequena fonte inchada de luto:  
Quando até o lábio a água vai,  
É preciso de apenas uma gota, para que transborde.  
Ah! Para muitos e muitos um ano melancólico  
Precisa passar antes que os brotos apareçam;  
Muitas noites de tristeza sombria  
Rendem-se a luz de um amanhã sem alegria,  
Antes que pássaros novamente, nas árvores cheias,  
Preencham os galhos com melodias.  
Ela sonhará com prados com correntes despertas;  
Com gramas ondulantes sob os raios de sol;  
De poços escondidos aquela Primavera muda,*

*Acumulando sua alegria como algo sagrado;*

*De mananciais que falam o dia todo*

*Até as florestas ouvintes, com canções exultantes;*

*Ela sonhará com tardes que morrem nas noites,*

*Onde cada sentido é preenchido com seus próprios prazeres,*

*E a alma é imóvel como o céu abobadado,*

*Embalada com uma harmonia interior;*

*E as flores se entregam a uma noite orvalhada,*

*Transformadas em perfume, a luz que se acumula;*

*E a escuridão afunda sob sua hospedeira,*

*Até que o sol suba na costa Leste –*

*Ela acordará e verá os galhos nus,*

*Balançando uma rede no ar congelado.*

A história continua para contar como, finalmente, exausta com o Inverno, ela viajou para as regiões ao Sul de seu planeta, para encontrar a Primavera em seu caminho lento até o Norte; e como, depois de muitas aventuras tristes, muitas esperanças desapontadas e muitas lágrimas, amargas e infrutíferas, ela encontrou enfim, uma tarde tempestuosa, em uma floresta sem folhas, uma única campânula branca crescendo na fronteira do Inverno com a primavera.

Ela deitou ao lado dela e morreu. Quase acreditei que uma criança, pálida e pacífica como a campânula branca, nasceu na Terra em uma temporada fixa por causa daquela tarde tempestuosa.

15 Armadura completa de um cavaleiro na Idade Média.

16 Cabo que termina em formação rochosa elevada ou alcantilada.

# Capítulo 13

*“Vi um navio navegando pelo mar,*

*Profundamente carregado como um navio deve ser;*

*Mas não tão profundamente como estou apaixonado,*

*Pois não me importo se afundo ou nado.” - Old Ballad.*

*“Mas o amor é um grande Mistério*

*Que não consigo descobrir:*

*Pois quando penso que estou decidido,*

*Então estou mais incerto.” – Sir John Suckling.*

Uma história tentarei de reproduzir. Mas, infelizmente, é como tentar reconstruir uma floresta a partir de galhos quebrados e folhas secas. No livro encantado, tudo era exatamente como deveria ser, apesar de em palavras ou de outras maneiras, eu não consigo dizer. Reluzia e piscava os pensamentos por sobre a alma, com tal poder que o moderador desaparecia da consciência, e era ocupado apenas com as coisas propriamente ditas. Minha representação dele deve assemelhar-se a uma tradução de uma língua rica e poderosa, capaz de incorporar os pensamentos de pessoas esplendidamente desenvolvidas, para um discurso pobre e mal articulado de uma tribo selvagem.

Claro, enquanto eu o lia, eu era Cosmo, e sua história era minha. Mas ainda assim, o tempo todo, eu parecia ter uma espécie de consciência dupla, e a história um duplo sentido. Às vezes parecia representar apenas uma simples história de uma vida comum, talvez até uma vida mundana; em que duas almas, amando-se uma a outra e desejando aproximarem-se, fazem, afinal, apenas observarem-se como se através de um vidro escuro.

Como através da dura rocha correm as veias prateadas; como pelo sólido solo correm os riachos e golfos do mar desassossegado; como as luzes e influências dos

mundos superiores afundam silenciosamente pela atmosfera da terra; assim as Fadas invadem o mundo dos homens, e às vezes assustam os olhos comuns com uma associação como se de causa e efeito, quando entre as duas linhas de conexão não podem ser traçadas.

Cosmo Von Wehrstahl era um aluno da Universidade de Praga. Apesar de descendente de uma família rica, ele era pobre, e se orgulhava da independência que a pobreza o dava; pois do que um homem deve se orgulhar quando ele não consegue se livrar dela? Ele era o favorito entre seus

colegas estudantes, ainda assim ele não tinha companheiros; e nenhum deles jamais tinha cruzado a soleira de seu alojamento no topo de uma das casas mais nobres da cidade antiga. Na verdade, o segredo de muito daquela complacência que o favorecia a seus colegas, era o pensamento de seu abrigo desconhecido, para onde à noite ele podia se recolher e entrar imperturbado em seus próprios estudos e devaneios. Esses estudos, além daqueles assuntos necessários para seu curso na Universidade, abordavam alguns menos conhecidos e aprovados; pois em uma gaveta secreta estavam os trabalhos de Alberto Magno <sup>17</sup> e Cornelius Agrippa <sup>18</sup>, junto com outros menos lidos e mais obscuros. Ainda assim, porém, ele tinha seguido estas pesquisas apenas por curiosidade, e não as tinha tornado em nenhum propósito prático.

Sua morada consistia de um quarto grande e de teto baixo, singularmente despido de mobília; pois além de algumas cadeiras de madeira, um sofá que servia para sonhar, tanto durante o dia, quanto durante a noite, e um grande guarda-roupa de carvalho negro, havia muito pouco no quarto que poderia ser considerado mobília. Mas instrumentos curiosos estavam amontoados nos cantos; e em um havia um esqueleto, meio inclinado sobre a parede, meio seguro por uma corda ao redor de seu pescoço. Uma de suas mãos, com todos os dedos, repousava sobre o pesado punho de uma grande espada que estava ao seu lado.

Várias armas estavam espalhadas pelo chão. As paredes eram completamente nuas de adornos; pois as poucas coisas estranhas, assim como um grande morcego ressecado com as asas abertas, a pele de um porco-espinho e um rato-do-mar<sup>19</sup> recheado, mal podiam ser contados como adornos. Mas embora sua extravagância se regozijasse em caprichos como esses, ele satisfazia sua imaginação com um alimento bem diferente. Sua mente, ainda, nunca havia sido preenchida com uma paixão absorvente; mas repousava como um crepúsculo imóvel aberto a qualquer vento, quer seja o baixo fôlego que sopra apenas no exterior, ou a tempestade que curva as árvores até que elas se tencionem e ranjam. Ele via tudo como se através de um

vidro róseo. Quando ele olhava da sua janela para a rua abaixo, uma dama não passava, mas movia-se como em uma história, e atraía os pensamentos dele para ela até que ela desaparecesse no horizonte.

Quando ele andava pelas ruas, ele sempre sentia como se estivesse lendo um conto, no qual ele procurava tecer cada face de interesse que passava por ele; e cada voz doce abalava sua alma como se com a asa de um anjo passageiro. Ele era de fato um poeta sem palavras; o mais absorto e em perigo, do que as águas que brotavam e eram represadas de volta em sua alma, onde, sem encontrar enunciações, elas cresciam, inchavam e minavam. Ele costumava se deitar em seu sofá duro e ler um conto ou um poema, até que o livro caísse de sua mão; mas ele continuava sonhando, ele não sabia se estava acordado ou dormindo, até que o telhado oposto aparecia em seus sentidos, e tornava-se dourado no nascer do sol.

Então ele se levantava também; e os impulsos de uma juventude vigorosa o mantinham mais ativo que nunca, quer seja em estudos ou em esportes, até que novamente o encerramento da noite o deixava livre; e o mundo da noite, que havia repousado afogado nas cataratas do dia, ascendia em sua alma, com todas as suas estrelas e formas fantasmas mal vistas. Mas isso dificilmente podia durar muito. Alguma forma, mais cedo ou mais tarde, entrará no círculo encantado, entrará na casa da vida, e obrigará o aturdido mágico a ajoelhar-se e adorar.

Em uma tarde, que ia rumo ao crepúsculo, ele estava vagando sonhadamente em uma das ruas principais, quando um colega estudante o despertou com um tapa no ombro e pediu a ele que o acompanhasse a um pequeno beco para ver uma armadura que ele tinha começado a desejar possuir. Cosmo era considerado um perito em qualquer assunto pertencente a armas, antigas ou modernas. Quanto ao uso das armas, nenhum dos estudantes chegava perto dele; e seu conhecimento prático com algumas delas tinha contribuído principalmente para estabelecer sua autoridade em relação a tudo. Ele o acompanhou com prazer. Eles entraram em um beco estreito, e dali em um pátio pequeno e sujo, onde uma porta com um arco baixo os admitiu a uma assembleia heterogênea de tudo que é embolorado, empoeirado e velho, que possa ser imaginado.

O veredicto dele sobre a armadura foi satisfatório, e o companheiro imediatamente concluiu a compra. Enquanto eles estavam indo embora do lugar, o olhar de Cosmo foi atraído para um espelho antigo com formato de elipse, que se inclinava sobre a parede, coberto com poeira. Ao redor dele havia um entalhamento curioso, que ele podia ver muito indistintamente por conta da luz fraca que o dono da loja carregava em sua mão. Foi este entalhamento que chamou a atenção dele; pelo menos era o

que parecia para ele. Ele deixou o lugar, porém, com seu amigo, sem notá-lo mais. Eles andaram juntos até a rua principal, onde se separaram e tomaram direções opostas.

Assim que Cosmo encontrou-se sozinho, o pensamento do curioso espelho antigo voltou para ele. Um forte desejo de o ver mais claramente cresceu dentro dele, e ele direcionou seus passos mais uma vez em direção à loja. O dono abriu a porta quando ele bateu, como se estivesse esperando-o. Ele era um homem pequeno, velho e murcho, com um nariz curvo, e olhos em chamas em um movimento lento e inquieto, e olhando para cá e para lá como se em busca de algo que os esquivava. Fingindo examinar diversos outros artigos, Cosmo enfim aproximou-se do espelho, e pediu para que ele fosse despendurado.

"Despendure você mesmo, mestre; eu não o alcanço", disse o velho.

Cosmo o despendurou cuidadosamente, quando ele viu que o entalhamento era de fato delicado e dispendioso, sendo de admiráveis desenhos e execução; contendo, além disso, diversos dispositivos que pareciam incorporar algum significado do qual ele não fazia ideia. Isto, naturalmente, em um de seus gostos e maneira de ser, aumentou o interesse que ele tinha pelo antigo espelho; tanto, na verdade, que agora ele desejava possuí-lo, para que pudesse estudar sua moldura em seu tempo livre. Ele fingiu, porém, querê-lo apenas para uso próprio; e dizendo que ele temia que a lâmina pudesse ser inútil, como era bem velha, ele espanou um pouco do pó de seu rosto, esperando ver um reflexo amorfo em seu interior.

Sua surpresa foi grande quando ele descobriu que o reflexo era brilhante, revelando um vidro não apenas ileso, mas espantosamente claro e perfeito (caso o todo correspondesse a esta parte) até mesmo para o novo nas mãos do fabricante. Ele perguntou descuidadamente o que o dono queria pelo espelho. O velho homem respondeu mencionando uma quantia de dinheiro muito além do alcance do pobre Cosmo, que prosseguiu pendurando o espelho onde ele estava antes.

"Você acha o preço muito alto?", disse o velho.

"Não sei se é muito para você pedir", respondeu Cosmo; "mas é muito para eu dar."

O homem estendeu sua lanterna em direção ao rosto de Cosmo. "Gosto da sua aparência", disse ele.

Cosmo não podia devolver o elogio. Na verdade, agora que ele olhava de perto para

ele pela primeira vez, ele sentia certa repugnância em relação ao velho, misturada com uma estranha sensação de dúvida quanto a se era um homem ou uma mulher que estava na frente dele.

"Qual o seu nome?", ele continuou.

"Cosmo Von Wehrstahl."

"Ah, ah! Foi o que pensei. Vejo seu pai em você. Eu conhecia seu pai muito bem, jovem rapaz. Ouso dizer em alguns cantos estranhos da minha casa você pode encontrar algumas coisas velhas com o elmo e o criptograma dele ainda sobre eles. Bem, eu gosto de você: você pode levar o espelho por um quarto do que eu pedi; mas sobre uma condição."

"E qual é?", disse Cosmo; pois, embora o preço ainda fosse uma grande quantia para ele dar, ele podia lidar com aquilo; e o desejo de possuir o espelho tinha crescido para um nível incontável, já que parecia estar fora do alcance dele.

"Que se algum dia você quiser se livrar dele você me permitirá dar a primeira oferta."

"Certamente", respondeu Cosmo, com um sorriso; adicionando, "uma condição sensata, de fato."

"Tenho sua palavra?", insistiu o vendedor.

"Tem minha palavra", disse o comprador; e a barganha foi concluída.

"Vou carregá-lo para casa para você", disse o velho, conforme Cosmo o pegava em suas mãos.

"Não, não; eu mesmo carrego", disse ele; pois ele tinha um peculiar desgosto em revelar sua residência para qualquer um e, sobretudo para essa pessoa, por quem a cada momento ele sentia uma antipatia maior.

"Como você desejar", disse a velha criatura, e murmurou para si mesmo enquanto segurava a lanterna perto da porta para mostrar a ele a saída do pátio: "Vendido pela sexta vez! Pergunto-me qual será o desfecho dele desta vez. Acredito que minha senhora já teria se cansado disso agora."

Cosmo carregou seu prêmio cuidadosamente para casa. Mas por todo o caminho ele

teve um sentimento desconfortável de que estava sendo vigiado e seguido. Repetidamente ele olhou em volta, mas não viu nada para justificar suas suspeitas. Na verdade, as ruas estavam muito cheias e mal iluminadas para que pudessem expor facilmente um espião cuidadoso, que deveria estar em seus calcanhares. Ele chegou a seu alojamento em segurança, e encostou sua compra contra a parede, bem aliviado, forte como ele era, de ter se livrado de seu peso; então, acendendo seu cachimbo, jogou-se no sofá, e logo foi envolto nas ondulações de um de seus sonhos assombrosos.

Ele voltou para casa mais cedo do que o normal no dia seguinte e fixou o espelho na parede, acima da lareira, em uma das extremidades de seu longo quarto. Ele então cuidadosamente espanou a poeira de sua superfície, e, claro como a água de uma nascente ensolarada, o espelho brilhou para além da cobertura invejosa. Mas seu interesse estava principalmente focado com a curiosa cravação da moldura.

Esta ele limpou tão bem quando pôde com um pincel; e então ele seguiu para um minucioso exame de suas várias partes, na esperança de descobrir algum indicador para a intenção do cravador. Nisso, porém, ele não teve sucesso; e, enfim, pausando com certo cansaço e decepção, ele contemplou vagamente por alguns momentos a profundidade do quarto refletido. Mas antes que muito tempo fosse decorrido ele disse, meio em voz alta: "Que coisa estranha é um espelho! E que espantosa afinidade existe entre ele e a imaginação de um homem!

Pois este meu quarto, enquanto observo-o no espelho, é o mesmo, ainda que não seja. Não é a mera representação do quarto em que vivo, mas parece exatamente como se eu tivesse acabado de ler sobre ele em uma história que eu gosto. Toda sua vulgaridade desapareceu. O espelho o moveu da região dos fatos para o domínio da arte; e a própria representação dele para mim vestiu com interesse o que, caso contrário, era rígido e despido; assim como alguém vê com prazer sobre o palco a representação de um personagem do qual escaparia, na vida, de algo insuportavelmente desgastante.

Mas não é mais a arte que resgata a natureza dos nossos sentidos exaustos e saciados, e a degradante injustiça de nosso cotidiano inquieto, e, apelando para a imaginação, que habita outro lugar, revela a Natureza em alguns níveis como ela realmente é, e como ela representa a si mesma para os olhos de uma criança, cujo cotidiano, destemido e sem ambição, que encontra a verdadeira importação do mundo cheio de perguntas ao redor dela, e lá se regozija sem questionar? Aquele esqueleto, agora – quase o temo, parado ali tão imóvel, com olhos apenas para o invisível, como uma torre de vigia olhando através de todo o desperdício do mundo

ocupado para as silenciosas regiões de descanso além.

E ainda assim eu conheço cada osso e cada junta dele tão bem quanto meu próprio punho. E aquele velho machado de guerra parece como se a qualquer momento uma mão vestida com armadura o fosse pegar, e, carregado pela poderosa mão, fosse destruidor pelo elmo, crânio e cérebro, invadindo o Desconhecido com mais um fantasma aturdido. Eu gostaria de viver naquele quarto se eu apenas pudesse entrar nele.”

As palavras meio moldadas mal tinham saído dele, enquanto ele ficava de pé olhando para o espelho, quando, o atingindo como um lampejo de assombro que o fixou em sua postura, silenciosa e sem aviso prévio, deslizou subitamente pela porta até o quarto refletido, com movimentos majestosos, ainda que relutante e com passos vacilantes, a forma graciosa de uma mulher, vestida toda de branco. Suas costas foram apenas visíveis enquanto ela andava lentamente até o sofá na extremidade mais afastada do quarto, no qual ela se deitou com exaustão, apontando para ele uma expressão de indescritível amabilidade, na qual o sofrimento, desgosto e uma sensação de compulsão, estranhamente misturados com a beleza.

Ele ficou de pé por alguns momentos sem o poder de movimentar-se, com seus olhos irremediavelmente fixos sobre ela; e mesmo depois que ele tinha consciência da habilidade de poder se mexer, ele não podia invocar coragem para virar e olhar para ela, cara a cara, na verdadeira câmara na qual ele estava. Enfim, com um esforço repentino, no qual o exercício da vontade era tão puro que parecia involuntário, ele virou seu rosto para o sofá. Estava vazio. Aturdido, com um misto de terror, ele virou novamente para o espelho: ali, no sofá refletido, estava deitada a extraordinária forma feminina. Ela estava deitada com os olhos fechados, de onde duas grandes lágrimas estavam quase transbordando de sob as pálpebras que velavam; imóvel como a morte, exceto pelo movimento convulsivo do peito dela.

O próprio Cosmo não teria conseguido descrever o que ele sentia. As emoções dele eram de um tipo que destrói a consciência, e nunca poderiam ser claramente recordadas. Ele não podia evitar ainda ficar de pé perto do espelho, mantendo seus olhos fixos na dama, embora ele estivesse dolorosamente consciente de sua rudeza, temia a cada segundo que ela fosse abrir os olhos e encontrar seu olhar fixo. Mas ele ficou, dentro em pouco, um tanto quanto aliviado; pois, depois de um tempo, as pálpebras dela lentamente se ergueram, e os olhos dela permaneceram descobertos, mas desempregados por um tempo; e quando, finalmente, eles começaram a vagar pelo quarto, como se languidamente procurando fazer uma relação com o ambiente dela, eles nunca foram em direção a ele: parecia como se nada exceto o que estava

no espelho podia afetar a visão dela.

E, por consequência, se ela o via, seria apenas as costas dele, que, por necessidade, estavam viradas contra ela no vidro. As duas figuras no espelho não podiam se encontrar cara a cara, exceto se ele se virasse e olhasse para ela, presente em seu quarto; e, como ela não estava lá, ele concluiu que se fosse para ele se virar para a parte do quarto correspondente à parte na qual ela estava deitada, o reflexo dele seria totalmente invisível para ela ou, pelo menos, deveria aparecer vagamente ao olhar dela, e nenhum encontro dos olhos promoveria a impressão de uma proximidade espiritual.

Pouco a pouco o olhar dela repousou sobre o esqueleto, e ele a viu estremecer e os fechar. Ela não os abriu novamente, mas sinais de repugnância continuaram evidentes no semblante dela. Cosmo teria retirado imediatamente a coisa detestável, mas ele temia a transtornar ainda mais com a declaração de sua presença, que o ato envolveria. Então ele permaneceu de pé e a observou. As pálpebras ainda envolviam os olhos, como um rico guarda suas joias em caixas; a expressão perturbada gradualmente desvaneceu do semblante, deixando apenas uma fraca tristeza para trás; as feições se estabilizaram em uma expressão imutável de descanso; e por estes sinais, e o movimento lento e regular da respiração dela, Cosmo soube que ela havia dormido.

Ele agora podia observá-la sem constrangimento. Ele viu que a figura dela, vestida no robe branco mais simples, era digno do rosto dela; e tão harmonioso, que tanto o pé delicadamente formado, ou qualquer dedo da mão igualmente delicada, era um indicador para o todo. Conforme ela estava deitada, toda sua forma manifestava o relaxamento de um repouso perfeito. Ele observou até que estivesse exausto, e enfim sentou-se perto do novo santuário, e mecanicamente pegou um livro, como um que vigia o leito de um doente.

Mas seus olhos não recolheram pensamentos da página ante ele. O intelecto dele havia sido atordoado pela brava contradição, em sua cara, com toda sua experiência, e agora permanecia passivo, sem afirmações ou especulações, ou mesmo um espanto consciente; enquanto a imaginação dele mandava um sonho selvagem de bem-aventurança atrás de outro percorrendo sua alma. Por quanto tempo ele permaneceu sentado ele não sabia; mas com o tempo ele se despertou, levantou, e, tremendo em cada porção de sua estrutura, olhou novamente dentro do espelho. Ela havia sumido. O espelho refletia fielmente o que o quarto dele representava, e nada mais. Estava pendurado lá como uma moldura dourada donde a joia central havia sido roubada; como um céu noturno sem a glória de suas estrelas.

Ela havia levado com ela toda a estranheza do quarto refletido. Havia chegado ao nível do quarto sem as estranhezas. Mas quando as primeiras angústias de sua decepção passaram, Cosmo começou a confortar-se com a esperança de que ela pudesse voltar, talvez na noite seguinte, na mesma hora. Decidindo que se ela o fizesse, ela pelo menos não ficaria assustada com o odioso esqueleto, ele tirou aquele e diversos outros artigos de aparência questionável para um recesso ao lado da lareira, de onde eles não poderiam causar nenhuma reflexão no espelho; e tendo arrumado seu pobre quarto o melhor que pode, buscou o consolo do céu aberto e de uma brisa noturna que havia começado a soprar; pois ele não podia descansar onde ele estava. Quando ele voltou, de certa maneira sereno, ele mal podia triunfar sobre si mesmo e a vontade de deitar-se em sua cama; pois ele não podia evitar sentir como se tivesse se deitado sobre ela; e para ele deitar-se lá agora seria algo como sacrilégio.

No entanto, a fadiga prevaleceu; e deitando-se no sofá, vestido como estava, ele dormiu até o dia nascer.

Com um coração que bate, batendo até que ele mal pudesse respirar, ele ficou de pé com uma tola esperança na frente do espelho, na noite seguinte. Novamente o quarto refletido brilhou como se através de um vapor roxo no crepúsculo que chegava. Tudo parecia em espera, como ele mesmo, por um esplendor para glorificar sua pobre humanidade com a presença de uma alegria celestial. E assim que o quarto vibrou com as badaladas de um sino de uma igreja das redondezas, anunciando que já eram seis horas, para dentro deslizou a pálida beleza, e novamente deitou-se no sofá. O pobre Cosmo quase perdeu seus sentidos com o deleite. Ela estava lá mais uma vez! Os olhos dela procuraram o canto onde o esqueleto havia estado, e um fraco vislumbre de satisfação cruzou seu rosto, aparentemente por tê-lo visto vazio.

Ela ainda parecia estar sofrendo, mas havia menos desconforto expresso em seu semblante do que havia na noite anterior. Ela notou melhor as coisas ao redor de si, e parecia observar com certa curiosidade os estranhos aparatos pendurados aqui e ali no quarto dela. Com o tempo, porém, a sonolência pareceu tomar conta dela, e novamente ela caiu no sono. Decidido a não perdê-la de vista esta noite, Cosmo vigiou a forma dormente. O sono dela era tão profundo e absorvente, que um fascinante repouso pareceu passar contagiosamente

dela para ele, conforme ele a observava; e ele começou como se a acordar de um sonho, quando a dama se moveu, e, sem abrir os olhos, levantou-se, e passou pelo quarto com o andar de um sonâmbulo.

Cosmo estava agora em um estado de extravagante deleite. A maior parte dos homens têm um tesouro secreto em algum lugar. O avarento tem sua reserva de ouro; o virtuoso seu anel de estimação; o estudante seu livro raro; o poeta seu assombro favorito; o apaixonado sua gaveta secreta; mas Cosmo tinha um espelho com uma linda dama nele. E agora que ele sabia por conta do esqueleto, que ela era afetada pelas coisas ao redor dela, ele tinha um novo objetivo na vida: ele transformaria a câmara desnuda no espelho em um quarto tal qual nenhuma dama precisa de desdém para chamá-lo de seu. Isto ele podia fazer apenas mobiliando e adornando o dele. E Cosmo era pobre.

Ainda que ele possuísse realizações que pudessem ser transformadas em dinheiro; embora, até então, ele havia preferido viver em seu subsídio delgado a aumentar suas posses através do que o orgulho dele considerava indigno da consideração dele. Ele era o melhor espadachim da Universidade; e agora ele ofereceu dar aulas de esgrima e exercícios similares, em troca de receber bem pelo trabalho. Sua proposta foi ouvida com surpresa por entre os estudantes; mas foi avidamente aceita por vários; e logo suas instruções não estavam confinadas aos estudantes mais ricos, mas eram ansiosamente buscadas por vários da jovem nobreza de Praga e sua vizinhança. Assim sendo logo ele tinha uma grande quantia de dinheiro em suas mãos.

A primeira coisa que ele fez foi guardar seus aparatos e esquisitices em um armário no quarto. Então ele colocou sua cama e alguns outros itens necessários em ambos os lados da lareira, e os separou do resto do quarto por duas telas de tecido Indiano. Então ele colocou um elegante sofá para a dama se deitar, no canto em que sua cama anteriormente havia ficado; e, pouco a pouco, todos os dias adicionando algum artigo de luxo, o converteu, com o tempo, em um rico vestiário feminino.

Toda noite, mais ou menos no mesmo horário, a dama entrava. A primeira vez que ela viu o novo sofá, ela começou com um meio-sorriso; então o olhar dela ficou bastante triste, as lágrimas vieram aos olhos dela, e ela se deitou sobre o sofá, e pressionou o rosto contra as almofadas sedosas, como se para se esconder de tudo. Ela notou cada adição e cada mudança conforme o trabalho procedeu; e um olhar de reconhecimento, como se ela soubesse que alguém a estava ajudando, e era muito grata a isso, misturado com a constante aparência de sofrimento. Enfim, depois que ela tinha se deitado como o de costume, em uma noite, os olhos dela caíram sobre umas pinturas com as quais Cosmo tinha acabado de decorar as paredes.

Ela levantou, e para o grande deleite dele, andou através do quarto, e prosseguiu a examiná-las cuidadosamente, testemunhando muito prazer nos olhares dela conforme

ela o fazia. Mas novamente a expressão infeliz e chorosa retornou, e novamente ela enterrou o rosto nas almofadas do sofá dela. Gradualmente, porém, o semblante dela ficou mais sereno; muito do sofrimento manifestado no rosto dela havia desaparecido, e um tipo de expressão quieta e cheia de esperança o substituiu; que, no entanto, frequentemente dava lugar para um olhar nervoso e perturbado, misturado com algo como pena complacente.

No meio tempo, como estava se saindo Cosmo? Como poderia ser esperado de um temperamento seu, seu interesse tinha desabrochado em amor, e o amor dele – devo dizer que amadureceu, ou – murchou em paixão? Mas, ai! Ele amava uma sombra. Ele não podia chegar perto dela, não podia falar com ela, não podia ouvir nenhum som daqueles doces lábios, para os quais seus olhos desejosos eram atraídos como abelhas para suas fontes de mel. De tempos em tempos ele cantava para si mesmo:

“Morrerei por amor à dama.”

E sempre que ele olhava novamente, e não morria, apesar de que seu coração parecia pronto para se partir com a intensidade da vida e do desejo. E quanto mais ele fazia por ela, mais ele a amava; e ele esperava que, embora ela parecesse nunca vê-lo, ela ainda se sentia satisfeita ao pensar que um desconhecido daria a vida dele para ela. Ele tentou se confortar com a sua separação dela, que talvez um dia ela o visse e fizesse sinais para ele, e que isso o satisfaria; “pois,” pensou ele, “não é isso que uma alma apaixonada pode fazer para entrar em comunhão com outra! Não, quantos que amaram nunca chegaram mais perto do que olhar um ao outro como em um espelho; parecer saber mas ainda assim não conhecer a vida interior; nunca adentrar a outra alma; e se separar afinal, com apenas a mais vaga noção de que a do universo nas bordas sobre o que eles estiveram pairando por anos?

Se eu pudesse apenas falar com ela, e saber que ela me escuta, eu ficaria satisfeito”. Uma vez que ele ponderou pintar um retrato na parede, que deveria, por necessidade, transmitir para a dama uma ideia dele mesmo; mas, embora ele tivesse algumas habilidades com o lápis, ele descobria que sua mão tremia muito quando ele começava a tentativa, que ele era forçado a desistir.

“Quem vive, ele morre; quem morre, ele está vivo.”

Uma noite, enquanto ele estava de pé observando seu tesouro, ele pensou ter visto uma expressão de autoconsciência no semblante dela, como se ela supusesse que olhos apaixonados estavam fixos nela. Isto cresceu; até que com o tempo o sangue vermelho subiu pelo pescoço dela, e também a bochecha e a frente. O desejo de

Cosmo de chegar perto dela tornou-se quase delirante. Esta noite ela estava vestida em um traje noturno, resplandecente com diamantes. Isso não podia adicionar nada à beleza dela, mas a apresentava em um novo aspecto; possibilitava que a graciosidade dela fizesse uma nova manifestação dela mesma em uma nova personificação.

Pois a beleza essencial é infinita; e, como a alma da Natureza precisa de uma sucessão infinita de formas variadas para incorporar seu encanto, incontáveis faces de beleza aparecendo, nenhuma igual à outra, em cada uma das palpitações do coração dela; então as formas individuais precisam de mudanças infinitas de seus ambientes, para possibilitá-la descobrir todas as fases de seu encanto. Diamantes cintilavam em meio ao cabelo dela, semiescondidos em sua luxúria, como estrelas entre nuvens escuras de chuva; e os braceletes nos braços brancos dela lampejavam todas as cores de um arco-íris de luzes, conforme ela levantava suas mãos de neve para cobrir seu rosto em chamas.

Mas a beleza dela apagava o brilho de todos os adornos. “Se eu tivesse apenas um dos pés dela para beijar”, pensou Cosmo, “eu ficaria satisfeito”, Ai! Ele se iludia, pois a paixão nunca ficaria satisfeita. Nem tampouco ele sabia que há duas saídas de sua casa encantada. Mas, subitamente, como se a angústia tivesse sido levada de fora até seu coração, o pensamento disparou na mente dele, “Ela tem um amante em algum lugar. Palavras lembradas dele agora trazem cor para a face dela. Não estou em lugar nenhum para ela. Ela vive o dia todo em outro mundo, e toda noite, depois que ela me deixa. Por que ela vem e me faz amá-la, até que eu, um homem forte, fico muito fraco para conseguir olhá-la mais?”. Ele olhou novamente, e o rosto dela estava tão pálido quanto um lírio. Uma compaixão triste parecia repreender o brilho das joias inquietas, e as lentas lágrimas surgiram nos olhos dela. Ela deixou o quarto mais cedo esta noite do que era o costume dela. Cosmo permaneceu sozinho, com um sentimento como se seu florescer tivesse subitamente sido deixado vazio e oco, e o peso do mundo todo estava pressionando contra suas paredes. Na manhã seguinte, pela primeira vez desde que ela havia começado a vir, ela não veio.

E agora Cosmo estava em uma situação miserável. Desde que o pensamento de um rival tinha ocorrido a ele, ele não podia descansar por um momento. Mais do que nunca ele desejava ver a dama cara a cara. Ele persuadiu a si mesmo de que se ele apenas soubesse do pior ele ficaria satisfeito; pois então ele poderia abandonar Praga, e encontrar aquele alívio no movimento constante, que é a esperança de todas as mentes ativas quando invadidas com a angústia. No meio tempo ele esperava com uma ansiedade indescritível pela noite seguinte, com a esperança de que ela fosse aparecer: mas ela não aparecia. E agora ele ficou realmente mal. Mobilizado pelos

seus colegas estudantes por conta de sua aparência miserável, ele parou de ir às aulas. Seus compromissos foram negligenciados. Ele não se importava com nada. O céu, com o grande sol nele, era para ele um deserto em chamas e sem coração. Os homens e mulheres nas ruas eram meras marionetes, sem motivação para si mesmos, ou interesse para ele.

Ele via a todos como se no campo sempre mutante de uma câmara escura. Ela – apenas e completamente ela – era o universo dele, sua fonte de vida, seu bem encarnado. Por seis noites ela não veio. Deixou que a paixão absorvente dele, e a lenta febre que estava consumindo o cérebro dele, sejam a desculpa para a decisão que ele tomou e começara a executar, antes que aquele tempo tivesse expirado.

Raciocinando consigo mesmo, que devia ser por conta de algum encantamento conectado com o espelho que a fora da mulher podia ser vista nele, ele determinou tentar trazer à tona o que ele até então havia estudado principalmente por curiosidade. “Pois”, disse ele a si mesmo, “se um feitiço pode forçar a presença dela naquele vidro (e ela veio a contragosto, no começo), não pode um feitiço mais forte, que eu conheça, especialmente com o auxílio da semi-presença dela no espelho, se ela jamais aparecer novamente, atrair a forma viva dela para vir aqui para mim? Se eu a fizer mal, deixe o amor ser minha desculpa. Quero apenas conhecer minha desgraça nos próprios lábios dela”. Ele nunca duvidou, o tempo todo, que ela era uma mulher real e terrestre; ou, então, que havia uma mulher, que, de uma maneira ou outra, jogava este reflexo da forma dela no espelho mágico.

Ele abriu a gaveta secreta dele, tirou seus livros de magia, acendeu sua lâmpada, leu e tomou notas da meia noite até as três da manhã, por três noites consecutivas. Então ele substituiu os livros; e a noite seguinte foi em busca dos materiais necessários para se fazer a conjuração. Estes não eram fáceis de se encontrar; pois, em feitiços de amor e todos os encantos desta natureza, os ingredientes que são empregados raramente se encaixam nos mencionados, e por qual pensamento, em conexão com ela, ele podia apenas ter como desculpa a satisfação de sua necessidade amarga. Com o tempo ele teve sucesso em obter tudo que ele precisava; e na sétima noite depois daquela que ela havia aparecido pela última vez, ele se encontrava preparado para o exercício de poder ilegal e tirânico.

Ele liberou o centro do quarto; curvou-se e desenhou um círculo vermelho no chão, ao redor do ponto onde ele se encontrava; escreveu nos quatro cantos símbolos místicos e números que eram todos potências de sete ou nove; examinou todo o anel cuidadosamente para ver que nenhuma pequena parada tivesse ocorrido na circunferência; e então ergueu-se de sua postura encurvada. Enquanto ele se

levantava, o relógio da igreja marcou sete horas; e, exatamente como ela havia aparecido da primeira vez, relutante, lenta e imponentemente deslizou para dentro a dama. Cosmo estremeceu; e quando, virando-se, ela revelou um semblante desgastado e abatido, como se por doença ou problemas interiores, ele ficou fraco, e sentiu como se não pudesse ousar prosseguir. Mas enquanto ele observava o rosto e a forma, que agora possuía toda sua alma, até a exclusão de todas as outras alegrias e tristezas, o desejo de falar com ela, de saber que ela o ouvia, de ouvir dela uma palavra em resposta, tornou-se tão insuportável, que ele subitamente e apressadamente

retomou suas preparações. Pisando cuidadosamente pelo círculo, ele colocou um pequeno braseiro em seu centro. Ele então pôs fogo em seu conteúdo de carvão, e enquanto ele queimava, abriu sua janela e sentou-se, esperando, ao lado dele.

Era uma noite abafada. O ar estava cheio de trovões. Uma sensação de luxuosa depressão preenchia o cérebro. O céu parecia ter ficado pesado, e comprimir o ar debaixo dele. Um tipo de coloração roxa prevalecia na atmosfera, e através da janela aberta vinham os perfumes de campos distantes, que todos os vapores da cidade não podiam extinguir. Logo o carvão brilhava. Cosmo polvilhou sobre ele o incenso e outras substâncias que ele havia misturado, e, pisando dentro do círculo, virou seu rosto do braseiro e em direção ao espelho. Então, fixando seus olhos sobre o rosto da dama, ele começou com uma voz trêmula a repetir um poderoso encantamento. Ele não tinha ido longe, antes que a dama ficasse pálida; e então, como uma onda que recua, o sangue lavou todas as suas margens com sua maré carmim, e ela escondeu o rosto nas mãos.

Ele então passou para uma conjuração ainda mais forte. A dama se levantou e andou apreensiva para lá e para cá em seu quarto. Outro feitiço; e ela parecia procurar com os olhos por um objeto no qual eles quisessem descansar. Enfim pareceu como se ela subitamente o tivesse descoberto; pois os olhos dela se fixaram totalmente nos dele, e ela se aproximou gradualmente, e de alguma maneira de má vontade, do lado dela do espelho, exatamente como se os olhos dele tivessem-na fascinado. Cosmo nunca a havia visto tão perto antes. Pelo menos agora, olhos encontravam olhos; mas ele não podia entender direito a expressão dos dela. Eles estavam cheios de uma súplica gentil, mas lá havia mais algo que ele não podia interpretar.

Embora o coração dele parecesse trabalhar em sua garganta, ele não poderia deixar nenhum deleite ou agitação o distrair de sua tarefa. Olhando fixamente no rosto dela, ele passou para o feitiço mais poderoso que conhecia. Subitamente a dama virou-se e saiu pela porta da sua câmara refletida. No momento seguinte, ela entrou no quarto

dele com uma presença verdadeira; e, esquecendo-se de todas as suas precauções, ele saltou do círculo encantado, e ajoelhou-se diante dela. Ali estava ela, a dama viva de suas visões apaixonadas, sozinha ao lado dele, em um crepúsculo tempestuoso, e com o brilho de um fogo mágico.

“Por que”, disse a dama, com uma voz trêmula, “você trouxe uma pobre dama pelas ruas chuvosas sozinha?”

“Pois estou morrendo de amores por ti; mas eu apenas a trouxe daquele espelho ali.”

“Ah, o espelho!”, e ela olhou para ele e estremeceu. “Ai de mim! Sou apenas uma escrava, enquanto este espelho existir. Mas não pense que foi o poder de teus feitiços que me atraiu; foi teu extremo desejo de me ver, esta batida na porta do meu coração, até que eu fosse forçada a me render.”

“Você não pode me amar então?”, disse Cosmo, em uma voz calma como a morte, mas quase inarticulada com a emoção.

“Eu não sei”, ela respondeu tristemente; “isto eu não posso dizer, enquanto eu estiver aturdida com encantamentos. Foi de fato uma alegria muito grande, deitar minha cabeça em teu peito e chorar até a morte; pois acho que tu me amas, embora eu não saiba;

Cosmo levantou-se de seus joelhos.

“Eu amo a ti como – não, eu não sei o quê – pois desde que amei a ti, não há nada mais.”

Ele pegou a mão dela: ela recuou.

“Não, melhor não; estou em teu poder, e, portanto, não devo.”

Ela explodiu em lágrimas, e, ajoelhando-se ante ele em resposta, disse:

“Cosmo, se tu me amas, me liberte, até mesmo de si: quebre o espelho.”

“E poderei ver a ti própria no lugar do reflexo?”

“Isto eu não sei dizer, não irei iludir-te; podemos nunca nos encontrar novamente.”

Uma feroz luta surgiu no peito de Cosmo. Agora ela estava sob o poder dele. Ela ao

menos não desgostava dele; e ele podia vê-la quando tivesse vontade. Quebrar o espelho seria destruir sua própria vida, banir deste universo a única glória que ele possuía. O mundo todo seria apenas uma prisão, se ele aniquilasse a única janela que tinha vista para o paraíso do amor. Mas ainda não puro no amor, ele hesitou.

Com um lamento de tristeza, a dama levantou-se e pôs-se de pé.

“Ah! Ele não me ama; ele não me ama nem o quanto eu o amo; e ai! Eu me importo mais com o amor dele do que com a liberdade que peço!”

“Não esperarei ter vontade”, chorou Cosmo; e saltou para o canto onde a grande espada ficava.

No meio tempo havia ficado bem escuro; apenas as brasas causavam um brilho vermelho através do quarto. Ele pegou a espada pela bainha de aço, e ficou de pé em frente ao espelho; mas enquanto ele concebia um pesado golpe contra ele com a pesada pancada, a lâmina escorregou meio caminho para fora da bainha, e a pancada acertou a parede acima do espelho. Naquele momento, um terrível estrondo de trovão pareceu explodir no próprio quarto atrás deles; e antes que Cosmo pudesse repetir o golpe, ele caiu desmaiado na lareira. Quando ele voltou a si, ele descobriu que ambos, a dama e o espelho, haviam desaparecido. Ele foi apunhalado com uma febre cerebral, que o manteve em seu sofá por semanas.

Quando ele recobrou a razão, ele começou a pensar sobre o que deve ter acontecido com o espelho. Pela dama, ele esperava que ela tivesse encontrado o caminho dela de volta como ela veio; mas como o espelho envolvia o destino dela com o dele, ele estava mais imediatamente nervoso sobre aquilo. Ele não podia pensar que ela o tivesse carregado para fora. Era muito pesado, mesmo se não tivesse sido fixado tão firmemente na parede, para ela o retirar de lá. Então, de novo, ele lembrou-se do trovão; que o fez acreditar que não fora o relâmpago, mas algum outro golpe que o derrubou.

Ele concluiu que, seja por ação supernatural, ele tendo se exposto à vingança de demônios ao deixar o círculo de segurança, ou de algum outro modo, o espelho provavelmente tinha achado seu caminho de volta para seu dono anterior; e, horrível de se pensar, pode ter sido agora mais uma vez eliminados, entregando a mulher para o poder de outro homem; que, se ele não usasse seu poder de maneira pior do que ele mesmo tinha feito, podia ainda dar a Cosmo causa abundante para amaldiçoar a indecisão egoísta que evitou que ele quebrasse o espelho de uma vez. Na verdade, pensar que ela a quem ele amava, e que tinha implorado a ele por liberdade, deveria

ainda estar à mercê, em algum nível, do possuidor do espelho, e era pelo menos exposta a sua constante observação, era em si mesma suficiente para enlouquecer um amante cuidadoso.

A ansiedade por estar bem retardou sua recuperação; mas pelo menos ele era capaz de rastejar no exterior. Primeiramente ele se dirigiu ao velho agente, fingindo estar em busca de mais alguma coisa. Uma risada de escárnio no rosto da criatura o convenceu que ele sabia de tudo; mas ele não podia ver o espelho entre sua mobília, ou tirar qualquer informação dele sobre o que tinha acontecido com ele. Ele expressou a maior surpresa ao ouvir que ele tinha sido roubado; uma surpresa que Cosmo viu imediatamente que era falsificada; enquanto, concomitantemente, ele fantasiava que o velho desgraçado não estava nem um pouco nervoso para fingir que ela era genuína.

Cheio de angústia, que ele mascarava o melhor que podia, ele fez várias buscas, mas sem sucesso. Claro que ele não podia fazer perguntas; mas ele manteve seus ouvidos despertos por qualquer dica, por mais remota que fosse, que pudesse mandá-lo em uma direção de busca. Ele nunca saía sem um curto e pesado martelo de aço com ele, que ele pudesse quebrar o espelho no segundo em que ele ficasse feliz com o vislumbre de seu tesouro perdido, se algum dia este momento abençoado chegasse. Se ele poderia ver a dama novamente, era agora um pensamento totalmente secundário, e postergado até a conquista da liberdade dela. Ele vagava por aqui e por ali, como um fantasma angustiado, pálido e abatido; corroído sempre no coração, com o pensamento do que ela poderia estar sofrendo – tudo por culpa dele.

Uma noite, ele se misturou com uma multidão que enchia os quartos de uma das mansões mais notáveis da cidade; pois ele aceitava cada convite, para que ele não perdesse nenhuma chance, embora pequena, de obter alguma informação que pudesse agilizar sua descoberta. Aqui ele vagava, ouvindo cada palavra perdida que ele pudesse pegar, na esperança de uma revelação. Conforme ele aproximou-se de algumas damas que conversavam silenciosamente em um canto, uma disse para a outra: "Você ouviu falar sobre a estranha doença da Princesa Von Hohenweiss?"

"Sim; ela está doente há mais de um ano agora. É triste que uma criatura tão bonita tenha uma doença tão terrível. Ela esteve melhor por algumas semanas, ultimamente, mas dentro dos últimos dias os mesmos ataques voltaram, aparentemente acompanhados de mais sofrimento do que nunca. É uma história ao todo inexplicável."

"Há uma história conectada com a doença dela?"

"Apenas ouvi relatos imperfeitos dela; mas é dito que ela culpou, há uns dezoito meses uma velha senhora que tinha uma posição de confiança na família dela, e que, depois de algumas ameaças incoerentes, desapareceu. Esta peculiar afeição seguiu-se logo depois. Mas a parte mais estranha da história é que está associada com a perda de um espelho antigo, que ficava no vestiário dela, e do qual ela constantemente fazia uso."

Aqui a voz da narradora afundou para um sussurro; e Cosmo, embora sua própria alma estivesse em seus ouvidos escutando, não pôde ouvir mais. Ele tremia muito para ousar falar com as damas, mesmo se fosse conveniente para ele expor a si mesmo à curiosidade delas.

O nome da Princesa era bem conhecido para ele, mas ele nunca a havia visto; exceto na verdade fora ela, que agora ele duvidava fortemente, que tinha ajoelhado-se diante dele naquela noite terrível. Temeroso de atrair atenção, pois, do fraco estado da saúde dele, ele não podia recobrar uma aparência de calma, ele achou seu caminho até a rua, e voltou para suas acomodações; felizmente nisso, que pelo menos ele sabia onde ela morava, embora ele nunca sonharia em abordá-la a céu aberto, mesmo que ele ficasse feliz o suficiente de libertá-la da escravidão odiosa dela. Ele esperava, também, que como ele havia inesperadamente aprendido tanto, a outra parte bem mais importante poderia ser revelada para ele dentro em pouco.

"Você tem visto Steinwald ultimamente?"

"Não, não o tenho visto por um tempo. Ele é quase um par perfeito para mim com o florete, e suponho que ele ache que não precise de mais aulas."

"Pergunto-me o que aconteceu com ele. Quero muito vê-lo. Deixe-me ver; a última vez que o vi ele estava saindo daquele covil do velho agente, ao qual, se você se lembra, você me acompanhou uma vez, para olhar uma armadura. Isto foi há três semanas."

A dica foi o suficiente para Cosmo. Von Steinwald era um homem influente na corte, bem conhecido por seus hábitos inconsequentes e paixões ferozes. A mera possibilidade de que o espelho pudesse estar sob a posse dele era o próprio inferno para Cosmo. Mas medidas violentas ou precipitadas de qualquer tipo eram muito improváveis de serem bem sucedidas. Tudo que ele queria era uma oportunidade de quebrar o vidro fatal; e para conseguir isso ele precisava aguardar a sua hora. Ele

girava muitos planos em sua cabeça, mas sem conseguir se prender a um só.

Enfim, em uma noite, conforme ele passava pela casa de Von Steinwald, ele viu as janelas mais brilhantes do que o normal. Ele assistiu por um tempo, e vendo que companhia começou a se aproximar, apressou-se para casa, e vestiu-se o melhor que pôde, na esperança de misturar-se inquestionavelmente com os convidados: ao fazer isso, não deveria haver nenhuma dificuldade para um homem com o comportamento dele.

Em uma câmara elevada e silenciosa, em outra parte da cidade, estava deitada uma forma que mais parecia com mármore do que com a de uma mulher. A graciosidade da morte parecia congelada no

rosto dela, pois os lábios dela estavam rígidos, e as pálpebras fechadas. Suas mãos longas e brancas estavam cruzadas sobre o peito, e nenhuma respiração perturbava seu repouso. Apesar da morta, homens falavam em sussurros, como se o repouso mais profundo de todos pudesse ser perturbado com o som de uma voz viva. Assim sendo, embora a alma estivesse evidentemente além do alcance de todas as intimações dos sentidos, as duas damas, que estavam sentadas ao lado dela, falavam nos tons mais doces de uma tristeza subjugada.

"Ela está assim por uma hora."

"Isto não pode durar muito mais, temo."

"Como ela emagreceu nas últimas semanas! Se ela pelo menos falasse, e explicasse do que ela sofre, seria melhor para ela. Acredito que ela tem visões nos transes dela, mas nada pode induzi-la a falar sobre eles quando ela acorda."

"Ela fala durante estes transes?"

"Eu nunca a ouvi; mas eles dizem que às vezes ela anda, e uma vez colocou todos os membros da família em um pânico terrível ao desaparecer por uma hora inteira, voltando encharcada com a chuva, e quase morta de exaustão e medo. Mas mesmo então ela não disse nada sobre o que havia acontecido."

Um murmúrio pouco audível dos lábios ainda imóveis da dama aqui assustou suas criadas. Depois de várias tentativas ineficazes de articulação, a palavra "Cosmo!" explodiu dela. Então ela continuou deitada tão imóvel quanto antes; mas apenas por um momento. Com um choro feroz, ela pulou do sofá ereta no chão, atirou os braços acima da cabeça dela, com as mãos unidas e esticadas, e, seus olhos bem abertos

cintilando com luz, chamou alto, com uma voz tão exultante quanto aquela de um espírito estourando para fora de um sepulcro, "Estou livre! Estou livre! Agradeço a ti!". Então ela se atirou no sofá, e soluçou; então levantou-se, e andou ferozmente para lá e para cá no quarto, com gestos em um misto de prazer e nervosismo. Então virando-se para suas criadas imóveis - "Rápido, Lisa, meu casaco e capuz!". Então mais baixo - "Preciso ir até ele. Apresse-se, Lisa! Você pode vir comigo, se quiser".

No momento seguinte elas estavam na rua, apressando-se em direção a uma das pontes sobre o Moldau. A lua estava perto do zênite (O ponto mais elevado; auge, ápice, apogeu: atingir o zênite), e as ruas estavam quase vazias. A princesa logo deixou para trás sua criada, e estava na metade do caminho sobre a ponte, antes que a outra a alcançasse.

"Você está livre, senhora? O espelho está quebrado: você está livre?"

As palavras foram ditas perto dela, enquanto ela apressava-se. Ela virou; e ali, inclinado sobre o parapeito em um recesso da ponte, estava Cosmo, em trajes esplêndidos, mas com uma expressão branca e trêmula.

"Cosmo! - Estou livre - e tua serva para sempre. Estava indo até você agora."

"E eu até você, pois a Morte me fez corajoso; mas não pude avançar mais. Eu ao menos expiei <sup>20</sup>? Eu amo você um pouco - verdadeiramente?"

"Ah, agora eu sei que você me ama, meu Cosmo; mas o que você estava dizendo sobre a morte?"

Ele não respondeu. A mão dele estava pressionada contra a lateral de seu corpo. Ela olhou mais de perto: o sangue estava transbordando por entre os dedos. Ela atirou os braços ao redor dele com um lamento débil e amargo.

Quando Lisa chegou, ela encontrou sua senhora ajoelhada por cima de face pálida e morta, que continuou a sorrir no luar espectral.

E agora não direi mais nada sobre estes livros maravilhosos; embora eu pudesse contar vários contos oriundos deles, e poderia, talvez, vagamente representar alguns pensamentos arrebatadores de uma natureza mais profunda que eu encontrei dentro deles. De vários meios-dias abafados até o crepúsculo, eu sentei naquele grande salão, enterrei-me e surgi novamente naqueles velhos livros. E eu confio que carreguei comigo em minha alma alguns dos eflúvios <sup>21</sup> de suas folhas imortais.

Em horas posteriores de tristeza merecida e necessária, porções do que eu havia lido lá frequentemente vieram para mim novamente, com um conforto inesperado; que não foi infrutífero, embora o conforto possa parecer em si mesmo infundado e vão.

17 Também conhecido como Alberto, o Grande, foi um filósofo, escritor e teólogo católico. Frade dominicano alemão e bispo católico.

18 Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, alemão, interessava-se por magia, era escritor de ocultismo, teólogo, astrólogo e alquimista.

19 Verme marinho nativo do Atlântico Norte e Mediterrâneo.

20 Expiar: pagar as consequências de; receber punição por.

21 Espécie de emanção que se exala do corpo do homem e dos animais, e, em geral, dos corpos organizados.

# Capítulo 14

*“Sua galeria*

*Tendo nós passado por ela, não sem muito contentamento*

*Em várias singularidades; mas nós não vimos*

*Aquilo que minha filha veio a olhar,*

*A estátua da mãe dela.” – Winter’s Tale.*

Para mim parecia estranho, que por todo este tempo eu não tinha ouvido música no palácio encantado. Eu estava convencido de que deveria haver música nele, mas meus sentidos ainda eram muito grosseiros para receber a influência daqueles movimentos misteriosos que produzem som. Às vezes eu tinha certeza, pela maneira com qual as figuras cujas quais eu conseguia vislumbres tão transitórios quando passavam por mim, ou deslizavam para o vácuo à minha frente, que eles estavam se movendo sob a lei das músicas; e, na verdade, diversas vezes eu fantasiava por um momento que eu escutava algumas poucas e maravilhosas notas vindo não sei de onde. Mas elas não duravam tempo o suficiente para me convencer de que eu as havia ouvido com o sentido físico.

Da forma como eram, entretanto, elas tinham liberdades estranhas comigo, me fazendo romper em lágrimas subitamente, de qual não havia nenhuma presença para me deixar constrangido, ou me colocando em algum tipo de transe de um prazer sem palavras, que, indo embora tão subitamente quanto veio, deixava-me fraco e com desejo de mais.

Agora, em uma noite, antes que eu estivesse no palácio há uma semana, eu estava vagando por uma arcada iluminada e corredor após outro. Enfim eu cheguei, através de uma porta que se fechou atrás de mim, em outro vasto salão do palácio. Estava preenchido com uma luz carmim subjugada; pela qual eu vi que delgados pilares pretos, construídos próximos a paredes de mármore branco, erguiam-se a uma grande altura, e então, dividindo-se em inúmeros arcos divergentes, suportavam um telhado, como as paredes, de mármore branco, sobre o qual os arcos cruzavam-se intrinsecamente, formando um incômodo do preto sobre o branco, como a rede de uma folha esqueleto.

O chão era preto. Entre diversos pares de pilares de cada lado, o espaço da parede atrás estava ocupado com uma cortina carmim de seda grossa, penduradas em pesadas e ricas dobras.

Atrás de cada uma destas cortinas queimava uma luz poderosa, e estas eram as fontes do brilho que preenchia o salão. Um odor peculiar e delicioso prevalecia no lugar. Assim que eu entrei, a velha inspiração pareceu voltar para mim, pois eu senti um forte impulso a cantar; ou mais, parecia como se outra pessoa estivesse cantando uma música em minha alma, que desejava sair pelos meus lábios, encarnada em minha respiração. Mas eu fiquei em silêncio; e sentindo-me de alguma forma dominado pela luz vermelha e pelo perfume, assim como pela emoção em mim, e vendo em uma extremidade do salão uma grande cadeira carmim, mais como um trono do que uma cadeira, ao lado de uma mesa de mármore branco, eu fui até lá, e, jogando-me nele, me entreguei para uma sucessão de imagens de uma beleza atordoante, que passavam pelo meu olho interno, em um longo e ocasionalmente cheio trem. Aqui fiquei sentado por horas, imagino; até que, retornando de certa forma a mim mesmo, vi que a luz vermelha tinha se apagado, e senti um hálito frio e suave flutuando sobre minha testa.

Levantei-me e deixei o salão com passos instáveis, achando meu caminho com certa dificuldade até meu próprio quarto, e debilmente lembrando, conforme eu ia, que apenas na caverna de mármore, antes que eu encontrasse a estátua adormecida, eu jamais tive uma experiência parecida.

Depois disso, eu me dirigia toda manhã para o mesmo salão; onde às vezes eu me sentava à cadeira e sonhava deliciosamente, e às vezes andava para lá e para cá sobre o piso preto. Às vezes eu atuava comigo mesmo todo um drama, durante uma dessas perambulações; às vezes andava deliberadamente através de toda a epopeia de um conto; às vezes me aventurava a cantar uma canção, apesar de que com um medo encolhedor de eu não sei o quê. Eu estava atônito com a beleza da minha própria voz conforme ela soava por todo o lugar, ou melhor, rastejava em ondulações, como uma serpente de som, pelas paredes e teto desta soberba sala de música.

Versos arrebatadores surgiam em mim como se pelo seu próprio consentimento, entoando a si mesmos a suas próprias melodias, e sem precisar de qualquer adição de música para satisfazer o sentido interior. Mas, em todas as pausas destes, quando o temperamento de cantar estava em mim, eu parecia ouvir algo como o som distante de multidões de dançarinos, e sentia como se fosse a música inaudível, movendo-se

em seus movimentos rítmicos, que dentro de mim floresciam em verso e música. Eu sentia, também, que eu poderia ver apenas a dança, eu deveria, pela harmonia de complicados movimentos, não apenas dos dançarinos em relação uns aos outros, mas de cada dançarino individualmente no poder de plástico manifestado que movia a forma harmoniosa e permissiva, entender o todo da música nas ondas da qual eles flutuavam e oscilavam.

Finalmente, uma noite, subitamente, quando esta sensação de dançar recaiu sobre mim, considerei levantar uma das cortinas carmim, e olhando se, por acaso, atrás dela não poderia ter outro mistério escondido, que poderia pelo menos remover um passo além do aturdimento deste presente. Nem tampouco eu fiquei completamente decepcionado. Eu andei até uma das magníficas cortinas, levantei um canto, e espiei.

Ali, queimava uma grande luz carmim e no formato de globo, elevada no centro cúbico de outro salão, que poderia ser maior ou menor do que aquele em que eu estava, pois suas dimensões não eram facilmente percebidas, vendo que chão, teto e paredes eram inteiramente de mármore preto. O teto era suportado pela mesma disposição de pilares irradiando em arcos, como aqueles do primeiro salão; só que, aqui, os pilares e arcos eram de um vermelho escuro. Mas o que absorveu meu olhar encantado foi uma inumerável assembleia de estátuas de mármore branco, de todas as formas, e em numerosas posições, enchendo o salão do começo ao fim. Estas ficavam, no brilho avermelhado da grande lanterna, sobre pedestais de azeviche <sup>22</sup>. Ao redor do globo brilhavam em letras douradas, plenamente visíveis de onde eu estava, as duas palavras –

**NÃO TOQUE!**

Havia em tudo isso, no entanto, nenhuma solução para o som de dança; e agora eu tinha consciência que a influência na minha cabeça havia parado. Eu não entrei naquela noite, pois eu estava exausto e fraco, mas eu aferrolhei a expectativa de entrar, como se por conta de uma grande alegria que estava por vir.

Na noite seguinte eu andei, como na anterior, pelo salão. Minha mente estava cheia de imagens e canções, e com isso muito absorta, que por algum tempo eu não pensei em olhar no interior da cortina que na noite anterior eu havia levantado. Quando o pensamento de o fazer primeiramente ocorreu para mim, aconteceu de eu estar a alguns metros de distância dela. Fiquei consciente, no mesmo instante, que o som de dança estava há algum tempo em meus ouvidos. Aproximei-me da cortina

rapidamente, e, levantando-a, entrei no salão negro. Tudo estava imóvel como a morte. Eu deveria ter concluído de que o som vinha de alguma parte mais distante, cuja conclusão sua fraqueza teria, em circunstâncias normais, necessitado da primeira; mas havia algo sobre estas estátuas que ainda me fazia ficar em dúvida.

Como eu disse, cada uma ficava perfeitamente imóvel em seu plinto preto: mas havia em quase todas um certo ar, não de movimento, mas como se tivesse acabado de parar de se mexer; como se o resto não estivesse completamente com a imobilidade marmórea dos milhares de anos. Era como se a atmosfera peculiar de cada uma ainda tivesse um tipo de tremor invisível; como se suas pequenas ondas agitadas ainda não tivessem retrocedido em uma calma perfeita. Eu tinha a suspeita de elas tinham antecipado minha aparição, e tinham saltado, cada uma, da alegria viva da dança, para o silêncio mortal e negritude de seu plinto individual, logo antes de eu entrar.

Andei através do salão central até a cortina oposta a que eu tinha levantado, e, entrando ali, encontrei todas as aparências similares; exceto que as estátuas eram diferentes, e agrupadas diferentemente. Nem elas produziram em minha mente a impressão – de movimento logo cessado, que eu havia experienciado com as outras. Descobri que atrás de cada uma das cortinas carmim havia um salão similar, similarmente iluminado, e similarmente ocupado.

Na noite seguinte, eu não permiti que meus pensamentos fossem absortos como anteriormente com imagens interiores, mas esgueirei-me furtivamente ao longo da cortina mais distante no salão, detrás de qual, da mesma forma, eu tinha anteriormente parecido ouvir o som de dança. Eu puxei de lado sua ponta o mais subitamente que pude, e, olhando para dentro, vi que a maior imobilidade de todas prevalecia no vasto lugar. Eu entrei, e passei por ele até a outra extremidade. Lá descobri que se comunicava com um corredor circular, separado dele por apenas duas linhas de colunas vermelhas.

Este corredor, que era preto, com nichos vermelhos segurando estátuas, corriam por todos os salões de estátuas, formando uma comunicação com a extremidade posterior de cada um deles; mais para frente, isto é, com respeito ao salão branco central de onde eles todos divergiam como raios, encontrando sua circunferência no corredor. Ao redor deste corredor eu fui, entrando em todos os salões, dos quais havia doze, e descobrindo que todos eram similarmente construídos, mas preenchidos com estátuas bastantes variadas, do que parecia ambas esculturas antigas e modernas. Depois que eu havia simplesmente andado por todos eles, eu me

encontrei suficientemente cansado para desejar descansar, e fui para meu próprio quarto.

Durante a noite eu sonhei que, andando próximo a uma das cortinas, eu subitamente fui apanhado pelo desejo de entrar, e disparei para dentro. Desta vez eu fui rápido demais para eles. Todas as estátuas estavam em movimento, não mais estátuas, mas homens e mulheres – todos os tipos de beleza que jamais saltaram da mente do escultor, misturadas com as circunvoluções <sup>23</sup> de uma dança complicada.

Passando por eles para a extremidade posterior, eu quase comecei do meu sono a contemplar, não participando da dança com os outros, nem tampouco aparentemente dotado com vida como eles, mas de pé na frieza e rigidez do mármore sobre um plinto preto no extremo canto esquerdo – minha dama da caverna; a beleza de mármore que saltou do túmulo dela em seu berço ao chamado de minhas canções. Enquanto eu observava em perplexidade e admiração sem palavras, uma sombra negra, descendendo de cima como uma cortina de um palco, gradualmente a escondeu completamente da minha visão. Senti com um tremor que esta sombra fosse talvez meu demônio desaparecido, que eu não havia visto há dias. Acordei com um choro asfíxiado.

Obviamente, na noite seguinte comecei minha jornada até os salões (pois eu não sabia até qual meu sonho havia me carregado), na esperança de provar que o sonho era um verdadeiro, ao descobrir a beleza de mármore sobre o plinto negro dela. Finalmente, ao chegar ao décimo salão, pensei ter reconhecido algumas das formas que vi dançando em meu sonho; e para a minha perplexidade, quando eu cheguei ao canto extremo à esquerda, ali estava, o único que eu havia visto até então, um plinto vazio. Estava exatamente na posição ocupada, no meu sonho, pelo plinto sobre o qual a dama branca estava. A esperança bateu fortemente em meu coração.

“Agora”, eu disse a mim mesmo, “se pelo menos mais uma parte do sonho se tornasse verdade, e eu tivesse sucesso em surpreender estas formas em sua dança noturna; pode ser que o resto seguisse, e eu deveria ver no plinto a rainha do mármore. Então certamente se minhas canções foram suficientes para dar vida a ela antes, quando ela estava deitada sob as amarras do alabastro, muito mais elas seriam suficientes do que dar a ela volição <sup>24</sup> e movimento, quando ela sozinha de multidões agregadas de formas de mármore, estaria aqui rígida e fria.”

Mas a dificuldade era surpreender os dançarinos. Eu tinha descoberto que uma tentativa premeditada de surpresa, embora executada com o maior cuidado e rapidez,

não tinha sucesso. E, no meu sonho, tinha sido realizada por um pensamento subitamente realizado. Eu vi, portanto, que não havia um plano de operação que oferecesse chance de sucesso, exceto este: permitir que minha mente fosse ocupada por outros pensamentos, conforme eu vagava pelo grande salão central; e então esperar até que o impulso de entrar em um dos outros surgisse em mim exatamente no momento em que eu estivesse perto de uma das cortinas carmim. Pois eu esperava que se eu entrasse em qualquer um dos doze salões no momento certo, que isso me daria o direito de entrar em todos os outros, tendo em vista que todos eles tinham uma comunicação na parte posterior.

Eu não diminuiria a esperança pela chance certa, ao supor que um desejo necessário de entrar acordaria no meu interior, precisamente quando eu estivesse próximo às cortinas do décimo salão.

No começo, os impulsos de ver recorreram tão continuamente, apesar do imaginário cheio que continuava passando por minha mente, que eles formavam muito cedo uma corrente contínua, pela esperança de que qualquer um deles teria sucesso com uma surpresa. Mas conforme eu persistia em os banir, eles recorriam menos e menos frequentemente; e depois de dois ou três, em intervalos consideráveis, que chegavam ao lugar em que acontecia de eu estar ser inadequado, a esperança cresceu, que logo um poderia surgir exatamente no momento certo; ou seja, quando, ao andar pelo salão, eu devesse estar perto de uma das cortinas.

Finalmente o momento certo e o impulso coincidiram. Eu disparei para dentro do nono salão. Estava cheio das formas mais requintadas em movimento. Todo o espaço oscilava e nadava com as involuções <sup>25</sup> de uma dança complexa. Pareceu parar subitamente quando eu entrei, e todos fizeram um ou dois saltos até seus pedestais; mas, aparentemente descobrindo que todos eles tinham sido completamente ultrapassados, eles retornaram a seu trabalho (pois parecia com eles sério o suficiente para ser chamado desta forma) sem mais ter cuidado comigo. De certa forma impedido pela multidão flutuante, eu me apressei o máximo que pude até o fim do salão; de onde, entrando no corredor, virei-me em direção ao décimo. Logo cheguei ao canto que eu queria alcançar, pois o corredor estava comparativamente vazio; mas, apesar de os dançarinos aqui, depois de um pouco de confusão, todos desconsideraram minha presença, eu estava consternado ao observar, ainda, um plinto vazio.

Mas eu tinha uma convicção de que ela estava perto de mim. E enquanto eu olhava para o plinto, eu pensei ter visto sobre ele, vagamente revelado como se através de

dobras sobrepostas de cortinas, os contornos indistintos de pés brancos. Embora não houvesse sinal de cortinas ou qualquer sombra que a ocultasse. Mas lembrei da sombra descendente em meu sonho. E eu ainda tinha esperança no poder das minhas canções; pensando no que poderia ter dissipado o alabastro, poderia da mesma forma dissipar o que quer que fosse que estivesse escondendo minha bela agora, mesmo se fosse o demônio cuja escuridão havia ofuscado toda a minha vida.

- 22 Carvão compacto usado como gema, também conhecido por âmbar negro.
- 23 Círculo, volta feita em torno de um centro comum: descrever circunvoluções.
- 24 Ato pelo qual a vontade se determina a alguma coisa.
- 25 Movimento de regressão.

# Capítulo 15

*“Alexandre. Quando você terminará com Campaspe <sup>26</sup>?”*

*Apelles <sup>27</sup>. Nunca acabarei: pois sempre a beleza absoluta está de certa forma acima da arte.” – Campaspe, Lyly.*

E agora, que canção deveria eu cantar para desvelar minha Ísis <sup>28</sup>, se de fato ela estava presente e invisível? Eu me apressei para o salão branco da Fantasia, desatento às inúmeras formas de beleza que lotavam meu caminho: estas poderiam cruzar meus olhos, mas o invisível preenchia meu cérebro. Vaguei por muito tempo, para lá e para cá no espaço vazio: nenhuma canção veio. Minha alma não estava calma o suficiente para canções. Somente no silêncio e escuridão da alma da noite, aquelas estrelas do firmamento interior afundam para sua superfície mais baixa das regiões cantantes além, e brilham sobre o espírito consciente. Aqui todo o esforço era inútil. Se elas não vinham, elas não podiam ser encontradas.

Na vez seguinte, aconteceu exatamente a mesma coisa. Eu andei pelo brilho vermelho do salão silencioso; mas solitário como lá eu andava, igualmente solitária minha alma trilhava para lá e para cá nos salões do cérebro. Enfim eu entrei em um dos salões das estátuas. A dança havia acabado de começar, e eu estava satisfeito em descobrir que eu estava livre da assembleia deles. Continuei andando até que cheguei ao canto sagrado. Lá encontrei o plinto exatamente como eu o havia deixado, com o débil brilho como se de pés brancos ainda descansando sobre o preto pleno. Assim que os vi, eu pareci sentir uma presença que desejava se tornar visível; e, como era, chamou para mim para me presentear com a auto manifestação, que poderia brilhar sobre mim.

O poder da música veio até mim. Mas no momento em que minha voz, embora eu cantasse devagar e suavemente, agitava o ar do salão, os dançarinos começaram; a multidão rápida e entrelaçada se sacudiu, perdeu sua forma, se dividiu; cada figura saltou para o seu plinto, e ficou, não mais uma vida auto envolvente, mas uma forma marmórea, rígida e natural, com toda a forma composta na expressão de um único estado ou ato. O silêncio rolava como um trovão espiritual através do grandioso espaço. Minha canção havia parado, assustada com sua própria influência. Mas vi na mão de uma das estátuas próximas a mim, uma harpa cujas cordas ainda tremiam.

Lembrei que enquanto ela se espremeu ao passar por mim, a harpa dela havia roçado contra o meu braço; então o feitiço do mármore não a havia envolvido. Eu corri para ela, e com um gesto de súplica, coloquei minha mão sobre a harpa. A mão de mármore, provavelmente por conta de seu contato com a harpa não enfeitiçada, tinha força o suficiente para relaxar seu controle, dar a harpa para mim. Nenhum outro movimento indicava vida.

Instintivamente eu toquei as cordas e cantei. E sem quebrar o registro da minha canção, menciono aqui, que enquanto eu cantei os quatro primeiros versos, os pés mais graciosos se tornaram visíveis sobre o plinto preto; e quanto mais eu cantava, era como se um véu estivesse sendo levantado de ante a forma, mas um véu invisível, de forma que a estátua parecia crescer a minha frente, não tanto por evolução, mas como por infinitesimais níveis de altura adicionados. E, enquanto eu cantava, não senti como se eu estivesse de pé perto de uma estátua, como de fato aparecia para mim, mas que uma verdadeira alma feminina estava se revelando por sucessivos estágios de encorporamento, e conseqüente manifestação e expressão.

*Pés da beleza, firmemente plantados*

*Arcos brancos nos calcanhares rosados!*

*De onde o jato de vida, latejante, ofegante,*

*Pulsa para fora para revelar!*

*Coisas mais belas conhecem menos desprezo;*

*Pés e terra encontram-se ternamente:*

*Esta é a mulher, descansado, surgindo,*

*Para cima até a sublimidade.*

*Surjam os membros, calmamente inclinados,*

*Fortes e suaves, completos e livres;*

*Suaves e lentos, com certa expectativa,*

*Trazendo para perto o firme e largo joelho.*

*Até um discurso! Como se até as rosas,  
Arqueja a vida da folha até a flor,  
Para que cada possibilidade de mistura se revele,  
Ainda mais perto, a expressão do poder.  
Ali! Varreduras justas, ondas brancas, entrelançando-se  
Para cima e para fora destemidas!  
Colunas de templos, proximamente se combinando,  
Levantam um consagrado mistério.  
Coração meu! Que surpresas estranhas  
Posicionadas ao alto de tal escada!  
Uma grande visão acima surge,  
Curvando-se, inclinando-se, flutuando honestamente.  
Bandas e rodeios, e colinas e vales  
Levam meu olhar fascinado;  
Algum apocalipse irá seguir,  
Alguma nova palavra de divindade.  
Zoneado e invisível, um inchaço exterior,  
Com novos pensamentos e maravilhas frequentes,  
A rainha majestade prediz,  
Vê a casa da vida em expansão!  
Subitamente içando, sem proibições*

*Suspiros eternos, ainda o mesmo*

*Montanhas de neve esconderam cúpulas*

*No meio de chamas pronunciadas.*

*Mas o espírito, nascendo próximo,*

*Não tem voz com a dor mais fervorosa;*

*Encontra apenas um suspiro inaudível*

*Constrói suas escadas, e se eleva novamente.*

*Coração, a rainha, com uma esperança secreta,*

*Manda seu par de espera;*

*Mãos, cegas mãos, meio cegamente tateando,*

*Meio abraçando visões raras;*

*E os grandes braços, dobrando-se em direção ao coração;*

*Poder da Beleza, indo para casa;*

*Para lá retornando, e misturando-se novamente,*

*De onde de raízes de amor eles perambulam.*

*Construir tuas inclinações de raios brilhantes,*

*Espírito, justo com a feminilidade!*

*Cresce sobre teu precipício, com um clarão branco,*

*Escala até a hora do bem.*

*Espaço estúpido será fendido <sup>29</sup>,*

*Agora as colunas brilhantes ficam de pé*

*Prontas para serem coroadas com a maravilha*

*Pelas mãos alegres do criador.*

*Todas as linhas lá fora estão se espalhando,*

*Como uma corrida de fontes em queda.*

*Ali, o queixo, primeira característica, pisando*

*O pé etéreo para descansar a face!*

*A fala é da noite; ah, veja o rubor,*

*A doce aproximação de lábio e hálito!*

*Ao redor da boca um leve silêncio, aquietando,*

*Espera para morrer uma morte extática.*

*Estendido em uma terrível curvatura,*

*Curvatura da promessa, lábio superior!*

*Os liberte, com um desvio gracioso;*

*Deixe as palavras chave flutuarem e mergulharem.*

*És estúpido? Ó Amor imortal,*

*Mais do que palavras teu discurso deve ser;*

*O portal gentio ainda que sem crianças*

*Da casa da melodia.*

*Agora as narinas abrem-se sem medo,*

*Orgulhosas em uma calma inconsciência,*

*Com certeza deve ser algo inigualável*

*Que o grande Pã<sup>30</sup> iria expressar!*

*Se aprofunda, aglomera alguns significados tenros,*

*Na pura e querida face da dama.*

*Ali, uma cegante explosão de esplendor!*

*Isso é a alma livre emitindo graça.*

*Dois calmos lagos de glória fundida*

*Circulando os arredores de profundezas insondáveis!*

*Flashes de luzes, transitórios,*

*Cruzam os golfos onde a escuridão dorme.*

*Este é o portão, finalmente, da alegria,*

*Para o eu exterior e esforçado:*

*Em uma chuva de luz e tristeza,*

*Para fora voam seus amores e desejos!*

*Com uma presença eu sou atingido*

*Estúpido, com uma surpresa conhecida de antemão;*

*Presença ainda maior do que escrita*

*Mesmo nos gloriosos olhos.*

*Através dos golfos, com olhares interiores,*

*Devo olhar até estar perdido;*

*Vagando profundamente em labirintos espirituais,*

*Em um mar sem um litoral.*

*Janelas abertas para o glorioso!*

*Tempo e espaço, ah, muito além!*

*Mulher, ah! Tu és vitoriosa,*

*E eu pereço, super apaixonado.*

*Nascentes em cima do ainda Não Dito,*

*Na graça sem fim da testa,*

*Cheia de silêncios não perturbados;*

*Face infinita e sem características.*

*Cúpulas acima, o monte da maravilha;*

*Altura e profundezas envoltas na noite;*

*Escondidos em suas cavernas abaixo*

*Nações de mulheres em seu poder.*

*Formas em trânsito, o Humano superior*

*Se dissolve no Divino:*

*Nenhuma característica, de homem ou mulher,*

*Pode desvelar o brilho mais sagrado.*

*Aos lados, varandas entalhadas apenas*

*Visíveis para o olhar em trânsito,*

*Ficam os silenciosos, sem porta e encantadores*

*Portões de entrada da melodia.*

*Mas todos os sons voam para dentro tão corajosamente,*

*Gemido e canção, e beijo e choro,*

*Em suas galerias, içadas friamente,*

*Sombriamente, entre a terra e o céu.*

*Beleza, tu és gasta, tu sabes:*

*Então, em um desespero débil e meio feliz,*

*Da cimeira tu transbordas*

*Em uma queda de torrente de cabelos;*

*Escondendo o que tu criastes*

*Em uma mortalha semitransparente:*

*Assim, com a glória suavemente abatida,*

*Brilha a lua através de uma nuvem vaporosa.*

26 Campaspe era uma amante de Alexandre, o Grande, e uma cidadã proeminente de Larissa, capital da maior cidade da região da Tessália, na Grécia, e capital da unidade regional homônima.

27 Apelles foi um renomado pintor da Grécia Antiga.

28 Deusa da mitologia egípcia, cuja adoração se estendeu por todas as partes do mundo greco-romano e, posteriormente, do mundo. É cultuada como modelo da mãe e esposa ideais, protetora da natureza e da magia. Ísis é a deusa da maternidade e da fertilidade.

29 Fender: produzir fendas; rachar.

30 Na mitologia grega, Pã é o deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores. Reside em grutas e vaga pelos vales e pelas montanhas, cantando ou dançando com as ninfas.

# Capítulo 16

*“Selbst der Styx, der neunfach sie umwindet,*

*Wehrt die Rückkehr Ceres Tochter nicht:*

*Nach dem Apfel greift sie, und es bindet*

*Ewig sie des Orkus Pflicht.” – Das Ideal und das Leben, Schiller.*

*“Mesmo a Estige <sup>31</sup>, que é nove vezes maior que o abraço dela,*

*Abainha não a filha de Ceres <sup>32</sup> em seu curso;*

*Mas ela agarra a maçã – até segura*

*Ela, triste Orco <sup>33</sup>, bem abaixo.”*

Sempre que eu cantava, o véu era erguido; sempre que eu cantava, os sinais de vida cresciam; até que, quando os olhos nasceram sobre mim, foi com aquele nascer do sol de esplendor que minha débil canção tentava reincorporar. Eu então me perguntava, como eu não estava completamente dominado, mas fui capaz de completar minhas canções enquanto o véu invisível continuava a se erguer.

Esta habilidade veio unicamente do estado de elevação mental no qual eu me encontrava. Apenas por estar elevado na música, eu era capaz de suportar o incêndio do alvorecer. Mas não sei dizer se ela parecia mais com uma estátua ou com uma mulher; ela parecia recolhida naquela região de fantasia onde tudo é intensamente vívido, mas nada claramente definido.

Enfim, enquanto eu cantava sobre o cabelo descendente dela, o brilho da alma se esvaiu, como um pôr-do-sol morto. A lâmpada interior havia sido extinta, e a casa da vida brilhava vazia em uma manhã de Inverno. Ela era mais uma vez uma estátua – mas visível, e isto era muito lucro. Ainda que a revulsão <sup>34</sup> por causa da esperança e fruição <sup>35</sup> era tamanha, que, incapaz de me restringir, joguei-me para ela, e, desafiando as leis do lugar, atirei meus braços ao redor dela, como se eu pudesse soltá-la do abraço de uma Morte visível, e a levantei do plinto em direção ao meu

coração. Mas logo que os pés dela deixaram de ter contato com o plinto preto, então ela estremeceu e tremeu por todo o corpo; então, contorcendo-se para fora de meus braços, antes que eu pudesse intensificar o aperto deles, ela saltou para o corredor, com o choro repreensivo, “Você não deveria ter me tocado!”, disparou para trás de um dos pilares do círculo, e desapareceu.

Segui quase com a mesma rapidez; mas antes que eu pudesse chegar até o pilar, o som de uma porta que se fechava, o mais triste dos sons, às vezes, caiu sobre meus ouvidos; e, chegando ao lugar onde ela tinha desaparecido, eu vi, iluminada por uma lâmpada pálida e amarela que estava pendurada sobre ela, uma porta pesada e grosseira, completamente diferente de todas as outras que eu havia visto no palácio; pois elas eram todas de ébano, marfim, ou cobertas com placas de prata, ou de alguma madeira cheirosa, e bastante ornamentadas; enquanto esta parecia ser feita de carvalho antigo, com pesados pregos e parafusos de ferro.

Não obstante a precipitação de minha perseguição, não pude evitar ler, em letras prateadas sob a lâmpada: “Ninguém entra aqui sem a permissão da Rainha”. Mas o que era a Rainha para mim, quando eu segui minha dama branca? Eu escancarei a porta em direção à parede, e atirei-me através dela. Ai! Eu estava de pé em um morro desgastado e ventoso. Grandes pedras como lápides estavam por toda a minha volta. Nenhuma porta, nem nenhum palácio podiam ser visto.

Uma figura cintilou por mim, retorcendo suas mãos, e chorando. “Ah! Você deve ter cantado para mim; você deve ter cantado para mim!”, e desapareceu atrás de uma das pedras. Eu a segui. Uma rajada fria de vento me encontrou de detrás da pedra, e quando eu olhei, não vi nada além de um grande buraco na terra, para o qual eu não consegui achar nenhum jeito de entrar. Ela havia caído? Eu não sabia dizer. Eu precisava esperar pela luz do dia. Eu me sentei e lamentei, pois não havia como evitar.

31 Na mitologia grega, estige é uma ninfa e um rio infernal no Hades, dedicado a ela.

32 Na antiga mitologia romana, Ceres era uma deusa da agricultura, da cultura de grãos, fertilidade e relacionamentos maternos.

33 Era o deus do submundo na mitologia romana, punidor daqueles que quebravam juramentos.

34 Termo geralmente usado na medicina, significando irritação local provocada por medicamento específico com o fim de fazer cessar um estado congestivo ou inflamatório existente em outra parte do corpo.

35 Ação de aproveitar ou usufruir de alguma oportunidade. Utilização prazerosa de algo; gozo.

# Capítulo 17

*“Anfangs wollt' ich fast verzagen,*

*Und ich glaubt' ich trüg' es nie,*

*Und ich hab' es doch getragen, -*

*Aber fragt mich nur nicht: wie?" – Heine.*

*“Primeiro, eu pensei, quase me desesperando,*

*Isso deve esmagar meu espírito agora;*

*No entanto eu suportei, e estou suportando –*

*Só não me pergunte como.”*

Quando a luz do dia veio, trouxe a possibilidade de ação, mas com pouca consolação. Com o primeiro aumento visível de luz, olhei para dentro do abismo, mas não pude, por mais de uma hora, ver bem o suficiente para descobrir sua natureza. Enfim vi que era quase uma abertura perpendicular, como um poço grosseiramente escavado, só que muito grande. Eu não conseguia perceber um chão; e não foi antes de o sol realmente nascer, em várias partes mais do que sugestivamente, que foi ao redor do golfo, descendendo espiralmente para dentro do abismo. Vi imediatamente que este era meu caminho; e sem hesitar por nenhum momento, feliz em sair da luz do sol que me encarava sem coração, comecei minha tortuosa descida. Era muito difícil. Em algumas partes eu tinha que me pendurar em pedras como um morcego.

Em um lugar, despenquei do caminho até o retorno da espiral seguinte da escada, que era larga nesta parte em particular, e se projetando da parede em ângulos retos, me recebeu seguro em meus pés, mas de certa maneira estupefato com o choque. Depois de descer um bom tanto, descobri que a escadaria acabava em uma abertura estreita que entrava na rocha horizontalmente. Nesta abertura, e, tendo entrado, tinha apenas espaço para dar a volta. Coloquei minha cabeça dentro do eixo pelo qual eu havia descido, e inspecionei o curso de minha descida. Olhando para cima, vi as

estrelas; embora o sol, a esta hora, devesse estar bem alto nos céus.

Olhando para baixo, vi que as laterais do eixo iam simplesmente para baixo, lisas como vidro; e bem abaixo de mim, vi o reflexo das mesmas estrelas que eu havia visto nos céus quando olhei para cima. Virei-me novamente, e rastejei para dentro por certa distância, quando a passagem se alargou, e eu estava enfim capaz de ficar de pé e andar ereto. Mais largo e mais alto ficou o caminho; novos caminhos se ramificaram em cada lado; grandes salões abertos apareceram; até que enfim encontrei-me vagando por um campo no subsolo, no qual o céu era de pedra, e ao invés de árvores e flores, havia apenas rochas e pedras fantásticas. E quanto mais eu avançava, mais sombrios ficavam meus pensamentos, até que enfim eu não tinha nenhum tipo de esperança de encontrar a dama branca: eu não mais a chamava para comigo mesmo de minha dama branca. Sempre que uma escolha era necessária, eu sempre escolhia o caminho que parecia ir para baixo.

Com o tempo comecei a descobrir que estas regiões eram habitadas. Detrás de uma pedra um estrépito de uma gargalhada forte, cheia de humor negro, soou pelos meus ouvidos, e, olhando em volta, vi uma criatura estranha e meio duende, com uma grande cabeça e feições ridículas, exatamente como aquelas descritas, em histórias e viagens alemãs, como Kobolds<sup>36</sup>. “O que você quer comigo?”, eu disse. Ele apontou para mim com um longo indicador, muito grosso na base, e que se afinava em uma ponta, e respondeu, “Há! Há! Há! O que você quer aqui?”.

Então, mudando seu tom, ele continuou, com uma humildade fingida – “Honrado senhor, dignai-vos retirar de teus escravos o brilho da tua augusta presença, porque teus servos não podem suportar teu brilho”. Um segundo apareceu, e interrompeu: “Você é tão grande, que você esconde o sol de nós. Não podemos ver por sua causa, e estamos com tanto frio”.

Logo a seguir surgiu, em todos os lados, o mais fantástico tumulto de risadas, de vozes como aquelas de crianças em volume, mas débeis e grosseiras como a daqueles de idade decrépita, embora, infelizmente, sem sua fraqueza. Todo o pandemônio de fadas demoníacas, de todas as variedades de feiuras fantásticas, ambos em forma e feições, e de todos os tamanhos, de trinta centímetros a um metro e vinte, pareciam ter subitamente se agregado a minha volta.

Enfim, depois de um grande murmúrio de conversas entre eles, em uma língua desconhecida para mim, e depois de gesticulações aparentemente sem fim, consultas, cotoveladas, e estrépitos não atenuados de risadas, eles se arranjaram em um círculo ao redor de um de seus membros, que se arrastou para cima de uma pedra, e, para

minha grande surpresa, e de alguma forma para minha consternação, começou a cantar, em uma voz correspondente em natureza à que ele tinha para falar, do começo ao fim, a canção com a qual eu havia trazido a luz para os olhos da dama branca. Ele cantou o mesmo ar também; e, o tempo todo, manteve uma expressão de súplica e adoração forjadas; acompanhando a canção com os gestos travestidos de alguém que toca o alaúde <sup>37</sup>.

Toda a assembleia manteve o silêncio, exceto ao fim de cada verso, quando eles rugiam, dançavam e gritavam com risadas, e se atiravam no chão, em reais ou fingidas convulsões de deleite. Quando ele terminou, o cantor se jogou do topo da pedra, ficando de ponta cabeça várias vezes em sua descida; e quando ele de fato pousou, foi sobre sua cabeça, na qual ele pulou por ai, fazendo as gesticulações mais grotescas com suas pernas no ar. Risadas inexprimíveis se seguiram, que explodiram em uma chuva de minúsculas pedras jogadas de inúmeras mãos.

Eles não podiam me ferir materialmente, embora elas me cortassem na cabeça e no rosto. Tentei fugir, mas todos se apressaram contra mim, e, agarrando qualquer parte que suportava um aperto, me seguraram firmemente. Amontoando-se ao meu redor como abelhas, eles gritaram um enxame de insetos de discursos exasperados na minha cara, junto com o qual os mais frequentes eram – “Você não pode tê-la; você não pode tê-la; há! Há! Há! Ela é para um homem melhor; ela é para um homem melhor; como ele irá beijá-la! Como ele irá beijá-la!”.

A torrente galvânica desta bateria de malevolência trouxe a vida dentro de mim uma centelha de nobreza, e eu disse em voz alta, “Bem, se ele for um homem melhor, deixe-o tê-la”.

Eles instantaneamente me saltaram e recuaram um ou dois passos, com todo um bordo de grunhidos e suspiros, como se de aprovação inesperada e desapontada. Dei um ou dois passos à frente e uma faixa foi instantaneamente aberta para mim no meio dos palhacinhos sorridentes, que se curvavam o mais educadamente para mim de cada lado conforme eu passava. Depois que eu havia andado alguns metros, olhei para trás, e os vi todos parados bem imóveis, olhando para mim, como um grande colégio de garotos; até que subitamente um se virou, e com um grito alto, correu para o meio dos outros. Em um instante, o todo era uma multidão que se contorcia e caía em contorcionismos, lembrando-me das pirâmides vivas de cobras entrelaçadas que os viajantes reportam. Assim que um foi retirado da massa, ele recuou alguns passos, e então, com uma cambalhota e uma corrida, se jogou girando no ar, e desceu com todo seu peso no cume do caos ofegante e contorcente de figuras fantásticas.

Os deixei ainda ocupados nesta diversão fervorosa e aparentemente sem sentido. E conforme eu avançava, eu cantava –

*Se alguém mais nobre espera por ti,*

*Eu sairei da frente;*

*É bom que tu devesses ser,*

*Do mais nobre, a noiva.*

*Pois se o amor constrói o amor,*

*Onde o coração é livre,*

*Ainda sem casa o coração deve vagar,*

*Que não encontrou a ti.*

*Alguém deve sofrer: eu, por ela,*

*Entrego a ela minha parte.*

*Tome-a, tu és mais digno –*

*Calmo! Fique calmo, meu coração!*

*Presente não recebido! Altura maior*

*De uma vontade frustrada!*

*Mas entregar-me amorosamente*

*Ainda é alguma coisa.*

Então uma pequena canção surgiu em si mesma em minha alma; e eu senti no momento, enquanto ela cantava tristemente dentro de mim, como se eu estivesse mais uma vez andando para lá e para cá no salão branco da Fantasia no Palácio das Fadas. Mas isto não durou mais do que a canção, como será visto.

*Não moleste tua violeta*

*Que proporciona perfume:*

*Senão nenhum outro odor tu irás obter*

*De seu pequeno tesouro.*

*Em teus graciosos olhos femininos*

*Não olhes por muito tempo;*

*Senão deles a glória fugirá,*

*E tu a farás mal.*

*Não chegues muito perto da dama,*

*Não a segure muito intensamente;*

*Senão o esplendor é dissipado,*

*E teu coração enganado.*

Um estrondo de riso, mais discordante e zombeteiro do que qualquer um que eu já tivesse ouvido invadiu meus ouvidos. Olhando para a direção do som, vi uma pequena mulher idosa, muito mais alta, porém, que os duendes que eu havia acabado de deixar, sentada em uma pedra ao lado do caminho. Ela se levantou, conforme me aproximei, e veio para me conhecer. Ela era muito singela e trivial em aparência, sem ser horrivelmente feia.

Olhando direto em meu rosto com um escárnio estúpido, ela disse: “Não é uma pena que você não tenha uma moça bonita para andar somente com você neste doce campo? Quão diferente tudo ia parecer? Não é? Estranho que alguém não pode ter o que ele mais quer! Como as rosas iriam florescer e tudo isso, mesmo neste buraco infernal! Elas não iriam, Anodos? Os olhos dela iluminariam a velha caverna, não iluminariam?”

“Isso depende de quem seria a moça bonita”, respondi eu.

“Isto não importa tanto”, ela respondeu; “olhe aqui.”

Eu tinha me virado para ir embora quando dei minha resposta, mas agora eu parei e

olhei para ela. Como um grosseiro e feio broto pode subitamente florescer na flor mais adorável; ou melhor, como um raio de sol passa por uma nuvem sem forma, e transfigura a terra; da mesma maneira apareceu uma face de beleza resplandecente, como se através da cara feia da mulher, destruindo-a com luz conforme nascia através dela. Um céu de Verão surgiu acima de mim, cinza com o calor; através de uma paisagem entorpecida e brilhante, estavam ao longe os picos de montanhas cobertos de neve; e debaixo de uma grande rocha ao meu lado, caía um lençol de água louco com seu próprio deleite.

“Fique comigo”, ela disse, levantando seu rosto requintado, e olhando em cheio no meu.

Eu me afastei. Novamente a risada infernal soou em meus ouvidos; novamente as rochas se fecharam ao meu redor, e a mulher feia olhava para mim com olhos malvados e zombeteiros, de cor de avelã.

“Você terá sua recompensa”, disse ela. “Você verá sua dama branca novamente.”

“Isso não cabe a você”, eu respondi, e virei-me e deixei-a.

Ela me seguiu com guincho após guincho de risada, conforme eu seguia meu caminho.

Devo mencionar aqui, que embora sempre houvesse luz suficiente para ver o meu caminho e alguns metros em cada um dos meus lados, eu nunca consegui descobrir a fonte desta iluminação sepulcral.

36 É um termo recorrente da mitologia alemã. As descrições mais comuns de kobolds são de figuras como os humanos, do tamanho de uma criança pequena. Mais comumente, as criaturas são espíritos da casa de natureza ambivalente.

37 Instrumento musical em forma de meia pêra, com cravelhas situadas no braço em ângulo reto, usado na Europa nos séculos XVI e XVII.

# Capítulo 18

*“Im Sausen des Windes, im Brausen des Meers,  
Und im Seufzen der eigenen Brust.” Heine.*

*“No alvoroço do vento, a fúria sombria do mar,  
E os suspiros que nascem nele.”*

*“Ja, es wird zwar ein anderes Zeitalter kommen, wo es Licht wird, und wo der Mensch aus erhabnen Traümen erwacht, und die Traüme - wieder findet, weil er nichts verlor als den Schlaf.” – Hesperus, Jean Paul.*

*“De sonhos de êxtase os homens acordarão  
Um dia, mas não para se lamentar:  
Os sonhos permanecem; eles apenas quebraram  
O espelho do sono.”*

Como eu passei por essa parte sombria de minhas viagens eu não sei. Não acho que eu fui encorajado pela esperança que a qualquer momento a luz pudesse aparecer sobre mim; pois eu mal pensava sobre isso. Segui em frente com uma resistência tediosa, variada com momentos de uma tristeza incontável; cada vez mais e mais crescia em mim a convicção de que eu jamais veria a dama branca novamente. Pode parecer estranho que alguém com quem eu tive tão pouca comunhão pudesse estar tão absorta em meus pensamentos; mas os benefícios, em algumas mentes, conferiam um amor desperto, tão certamente quanto benefícios recebidos em outras mentes.

Apesar de estar orgulhoso e alegre pelo fato de que minhas músicas trouxeram a linda criatura à vida, o mesmo fato me fazia sentir uma ternura indescritível por ela, acompanhado por certo sentimento de propriedade sobre ela; pois assim o duende Egoísmo recompensaria o anjo Amor. Quando isso é adicionado ao todo, uma sensação avassaladora sobre a beleza dela, e uma convicção inquestionável que este foi de fato um indicador para o encanto interior, pode ser entendido como minha imaginação preenchia toda a minha alma com a peça de todas as suas inumeráveis cores e harmonias ao redor da forma que ainda estava de pé, com uma radiância marmórea e graciosa, no meio de seu salão branco da fantasia. O tempo passava despercebido; pois meus pensamentos estavam tomados.

Talvez esta também fosse em partes a causa da minha não necessidade de comida, e

de eu nunca pensar sobre como eu poderia encontrar um pouco, durante esta parte subterrânea de minhas viagens. Por quanto tempo duraram eu não sei dizer, pois eu não tinha como controlar o tempo; e quando eu olhava para trás, havia tamanha discrepância entre as decisões da minha imaginação e meus julgamentos, como quanto ao tempo que havia passado, que eu ficava aturdido, e desistia de qualquer tentativa de chegar a uma conclusão sobre o assunto.

Uma névoa cinza continuamente se acumulava atrás de mim. Quando eu olhava para trás em direção ao passado, esta névoa era a moderadora através da qual meus olhos tinham que se tencionar para obter uma visão do que havia passado; e a forma da dama branca havia recuado para uma região desconhecida. Com o tempo, o campo de rochas começou novamente a se fechar a minha volta, se estreitando gradual e lentamente, até que eu mais uma vez encontrei-me andando em uma galeria de rochas, ambos os lados da qual eu conseguia tocar com minhas mãos esticadas. Estreitou-se ainda mais, até que eu fosse forçado a me mover cuidadosamente, para que pudesse evitar colidir com as pontas projetadas de pedra. O teto ficou cada vez mais baixo, até que eu fui obrigado primeiro a me curvar, e então rastejar em minhas mãos e joelhos. Isso lembrava terríveis sonhos da infância; mas eu não tinha muito medo, pois eu tinha certeza de que este era meu caminho, e minha única esperança de deixar a Terra das Fadas, da qual agora eu estava quase cansado.

Finalmente, ao passar uma curva abrupta na passagem, através da qual eu tive que me forçar, eu vi, a alguns metros de mim a, há muito esquecida, luz do sol brilhando através de uma pequena abertura, para a qual o caminho, se podia ser chamado de caminho agora, me levava. Com grande dificuldade eu venci estes últimos metros, e saí para o dia. Eu estava no litoral de um mar invernal, com um sol invernal apenas alguns poucos metros acima da linha de seu horizonte. Estava nu, abandonado e cinza. Centenas de ondas sem esperança ondulavam constantemente em direção ao litoral, caindo exaustas sobre uma praia de grandes pedras soltas, que parecia se esticar por quilômetros e quilômetros em ambas as direções.

Não havia nada a ser visto exceto os tons de cinza que se misturavam; nada para se ouvir exceto o som da precipitação, o rugido da quebra e o gemido do recuo da onda. Nenhuma rocha levantava um abrigo sério sobre a melancolia ao redor; até aquela da qual eu havia emergido mal se erguia por trinta centímetros acima da abertura pela qual eu havia alcançado o lúgubre dia, mais lúgubre ainda do que o tumulto que eu havia deixado. Um vento frio e cadavérico estendia-se pelo litoral, parecendo ser oriundo de uma pálida boca de nuvem no horizonte. Sinal de vida não era visível em nenhum lugar. Eu vaguei por cima das pedras, para lá e para cá pela

praia, uma personificação da natureza ao meu redor.

O vento se intensificou; suas ondas cortantes fluíam por minha alma; a espuma subia mais alto por sobre as pedras; algumas poucas estrelas mortas começaram a bilhar no Leste; o som das ondas ficou mais alto e ainda mais desesperador.

Uma cortina escura de nuvens foi erguida, e uma fenda de um azul pálido brilhou entre sua base e a borda do oceano, que desfazia as águas em spray conforme passavam, e jogou as ondas em saltos delirantes sobre o litoral desolado. Eu não podia mais aguentar.

"Eu não serei torturado até a morte", chorei; "vou encontrá-la no meio do caminho. A vida dentro de mim ainda é suficiente para me aguentar até a face da Morte, e então morrerei sem ser conquistado."

Antes que tivesse ficado tão escuro, eu havia observado, ainda que sem nenhum interesse em particular, que na parte do litoral uma baixa plataforma de pedra parecia se entender longe no meio das águas furiosas. Em direção a elas agora eu fui, lutando com as pedras lisas, nas quais nem mesmo uma partícula de algamarinha grudava; e tendo-a encontrado, subi nela, e segui sua direção, o melhor que eu podia adivinhar, para fora em direção ao caos em queda. Eu mal conseguia me manter de pé com o vento e o oceano. As ondas repetidamente me tiravam de meu caminho; mas segui em frente, até que cheguei ao fim do baixo promontório <sup>38</sup>, que, na quebra das ondas, erguia-se uns bons centímetros sobre a superfície, e, na subida delas, ficava coberto com suas águas. Parei por um momento e contemplei o abismo arfante abaixo de mim; então mergulhei de cabeça na onda em formação abaixo.

Uma bênção, como o beijo de uma mãe, pareceu arder em minha alma; uma calma, mais profunda do que aquela que acompanha uma esperança deferida, banhou meu espírito. Afundei nas águas, e não procurei por um caminho de volta. Senti como se mais uma vez os grandes braços da faia estivessem ao meu redor, me acalmando depois das angústias pelas quais eu havia passado, e me dizendo, como a uma criancinha doente, que eu estaria melhor amanhã. As águas me levantaram, como se com braços amorosos, para a superfície. Respirei novamente, mas não abri os olhos. Eu não queria olhar o oceano invernal e o impiedoso céu cinza. Desse modo flutuei, até que algo me tocou suavemente. Era um pequeno barco flutuando ao meu lado.

Como ele chegou lá eu não pude dizer; mas ele erguia-se e afundava nas águas, e continuava a me tocar em sua descida, como se com uma vontade humana de me

deixar saber que a ajuda estava por perto. Era um pequeno barco cinza, aparentemente coberto com escamas resplandecentes como aquelas de um peixe, todas com nuances brilhantes do arco-íris. Escalei-o e deitei na parte inferior, com uma sensação de repouso extraordinário. Então joguei por cima de mim uma capa rica, pesada e roxa que estava ao meu lado; e, deitado imóvel, sabia, pelo som das águas, que minha pequena embarcação estava flutuando rapidamente para frente.

Sem sentir, porém, nenhum daqueles movimentos tempestuosos que o mar havia manifestado quando eu o observara do litoral, abri meus olhos; e, olhando primeiramente para cima, vi acima de mim o céu profundamente violeta de uma noite quente sulista; e então, levantando minha cabeça, vi que eu estava navegando rápido em um oceano de Verão, na última fronteira com um crepúsculo sulista. A auréola do sol ainda projetava as pontas extremamente débeis de seus raios mais longos sobre as ondas do horizonte, e não as afastava. Era um crepúsculo perpétuo. As estrelas, grandes e fervorosas, como os olhos de crianças, se inclinavam para baixo gentilmente em direção às águas; e as estrelas refletidas em seu interior pareciam flutuar para cima, como se desejando encontrar os abraços delas. Mas quando olhei para baixo, uma nova maravilha encontrou meu olhar.

Pois, vagamente revelado por baixo das ondas, eu flutuava por cima de todo meu Passado. Os campos de minha infância esvoaçavam abaixo; os salões de meus trabalhos juvenis; as ruas das grandes cidades onde eu havia morado; e as assembleias de homens e mulheres em que eu havia me cansado ao procurar por repouso. Mas as visões eram tão indistintas, que às vezes eu pensava estar flutuando em um oceano superficial, e que estranhas rochas e florestas de plantas marinhas enganavam meus olhos, suficiente para serem transformados, pela magia da fantasia, em objetos e regiões bem conhecidos. Ainda assim, às vezes, uma forma amada parecia estar deitada perto abaixo de mim dormindo; e as pálpebras tremiam como se prestes a abandonar o olhar consciente; e os braços se elevariam, como se em sonhos buscassem por uma presença satisfatória. Mas estes movimentos podiam vir apenas da ondulação das águas entre aquelas formas e eu.

Logo caí no sono, dominado por cansaço e deleite. Em sonhos de uma alegria indescritível - de amizades restabelecidas; de abraços ressuscitados; de amor que nunca havia morrido; de rostos que haviam desaparecido há muito tempo, ainda dizendo com lábios sorridentes que eles não sabiam nada sobre o túmulo; de desculpas imploradas, e concedidas com tamanhas explosões de enchentes de amor, que eu quase fiquei feliz por ter pecado - deste modo passei por este crepúsculo assombroso. Acordei com a sensação de que eu havia sido beijado e amado até o

contentamento de minha alma; e descobri que meu barco estava flutuando imóvel perto da costa gramada de uma pequena ilha.

38 Local mais elevado; saliência ou elevação. Cabo composto por rochas muito elevadas e por penhascos.

# Capítulo 19

*"In stiller Ruhe, in wechselloser Einfach f"uhr ich ununterbrochen das Bewusstseyn der ganzen Menschheit in mir" Schleiermacher, Monologen*

*"Em um repouso imóvel, em uma simplicidade imutável, eu suporto, ininterrupto, a consciência de toda a Humanidade dentro de mim"*

*"- tamanha doçura, tamanha a graça*

*Em todo teu discurso aparece,*

*Que o que a teus olhos é uma face bela,*

*Que tua língua está no ouvido" - Cowley.*

A água era funda até a borda; e eu saltei do pequeno barco até um relvado macio e gramado. A ilha parecia rica com uma profusão de todos os tipos de vegetação rasteira e flores. Todas as delicadas coisas rasteiras eram muito abundantes; mas nenhuma árvore se erguia em direção ao céu; nem mesmo um arbusto sobrepunha à grama, exceto em um lugar próximo à cabana que estou prestes a descrever, onde algumas plantas dos cistus <sup>39</sup>, que derruba todas as noites os botões que o dia produz, formavam um tipo de caramanchão (construção utilizada em diversos espaços públicos, nomeadamente em espaços verdes, com o intuito de poderem ser utilizados para efeitos de descanso, abrigo, entre outros) natural. Toda a ilha era aberta para o céu e o oceano. Erguia-se não mais do que alguns centímetros acima do nível das águas, que fluía profundamente ao redor de todas as suas bordas. Aqui não parecia ter nem maré nem tampouco tempestade.

Uma sensação de calma persistente e plenitude cresceu na mente com a visão da subida e descida vagarosa e como pulsação das águas profundas, claras e suaves contra a margem da ilha, pois mal podia ser chamada e costa, sendo muito mais como a borda de um rio cheio e solene. Conforme eu andei pela grama em direção à cabana, que ficava a uma pequena distância da margem, todas as flores da infância olharam para mim através da grama com perfeitos olhos infantis. Meu coração, amolecido pelos sonhos através dos quais eu havia passado, transbordou em um amor triste e tenro em direção a elas. Elas olhavam para mim como crianças

inexpugnavelmente <sup>40</sup> fortificadas em uma confiança impotente. O sol estava na metade do caminho de sua descida no céu ocidental, brilhando muito suavemente e dourado; e ali cresceu um segundo mundo de sombras em meio ao mundo dos gramados e flores silvestres.

A cabana era quadrada, com paredes baixas, e um teto alto e piramidal adornado com longas molduras, de qual os botões murchos se penduravam por todas as calhas. É notável que a maioria das construções que vi na Terra das Fadas eram cabanas. Não havia caminho para uma porta, nem tampouco, na verdade, havia qualquer curso marcado por pegadas na ilha. A cabana se erguia direto para fora do gramado suave. Não tinha janelas que eu poderia ver; mas havia uma porta no centro do lado para o qual eu estava virado, para a qual eu fui. Eu bati, e a voz mais doce que eu já ouvi disse, "entre".

Eu entrei. Um fogo brilhante estava queimando em uma lareira no centro do chão terrestre, e a fumaça achava seu caminho para fora em uma abertura no centro do teto piramidal. Sobre o fogo estava pendurada uma pequena panela, e sobre a panela inclinava-se o rosto de uma mulher, o mais maravilhoso, penso eu, que jamais vi. Pois era mais velho do que qualquer semblante que eu jamais havia visto. Não havia um ponto no qual uma ruga podia descansar, onde já não houvesse uma. E a pele era antiga e marrom, como um pergaminho velho. A forma da mulher era alta e sobressalente: e quando ela ficou de pé para me receber, vi que ela era ereta como uma flecha.

Poderia aquela voz doce ter sido emitida daqueles lábios de idade avançada? Suaves como eram, poderiam eles ser portais de onde fluiu tal melodia? Mas no instante em que vi os olhos dela, não mais pensei sobre sua voz: eles eram absolutamente jovens - aqueles de uma mulher de vinte e cinco anos, grandes, e de um cinza nítido. As rugas os haviam envolvido; as próprias pálpebras eram velhas, pesadas e usadas; mas os olhos eram a própria encarnação de luz suave.

Ela estendeu a mão para mim, e a voz da doçura novamente me saudou, com a única expressão, "Bem vindo". Ela colocou uma velha cadeira de madeira para mim perto do fogo e continuou a cozinhar. Uma espantosa sensação de refúgio e repouso veio até mim. Me senti como um garoto que chega em casa depois da escola, quilômetros, atravessando as colinas, através de uma pesada tempestade de vento e neve. Quase, enquanto eu a observava, saltei do meu assento para beijar aqueles lábios idosos. E quando, tendo terminado de cozinhar, ela trouxe um pouco do prato que ela havia preparado, e o colocou em uma pequena mesa perto de mim, coberta com uma toalha branca como a neve, não pude evitar deitar minha cabeça no peito

dela e explodir em lágrimas felizes. Ela colocou os braços ao redor de mim, dizendo "Pobre criança; pobre criança!".

Conforme continuei a me lamentar, ela gentilmente se desprendeu; e, pegando uma colher, colocou um pouco da comida (eu não sabia o que era) em meus lábios, me suplicando da maneira mais cativante a engolir. Para agradá-la, fiz um esforço e consegui.

Ela continuou a me alimentar como a um bebê, com um braço ao redor de mim, até que olhei para cima para o rosto dela e sorri: então ela me deu a colher e me disse para comer, pois me faria bem. A obedeci, e me encontrei maravilhosamente revigorado. Então ela levou para perto do fogo um sofá antigo que estava na cabana e, fazendo-me deitar sobre ele, sentou aos meus pés e começou a cantar. Um impressionante repertório de baladas agitavam-se para fora dos lábios dela, por cima dos seixos (pequena pedra que se torna suave e arredondada pela ação de água ou areia) de notas antigas; e a voz que cantava era doce como a voz afinada de uma dama que canta sempre a maior riqueza da canção. As canções eram quase todas tristes, mas com um tom de conforto. Uma delas eu consigo lembrar fracamente. Era algo assim:

*Senhor Aglovaile cavalga pelo adro <sup>41</sup>;*

*Canto, sozinha estou deitada:*

*Ele tinha pouco cuidado onde quer que ia;*

*Totalmente sozinha, lá em cima no céu.*

*Desviou seu caminho e imergiu no medo;*

*Sozinha estou deitada:*

*Seu lamento pode ter acordado os homens mortos por perto,*

*Totalmente sozinha, lá em cima no céu.*

*A própria morta que estava a seus pés,*

*Enrolada no sudário <sup>42</sup> mofado.*

*Mas ele a restringiu e a estimulou, até que ela ficou de pé*

*Imóvel em seu lugar, como um cavalo de madeira,  
Com as narinas levantadas, e os olhos largos e pálidos;  
Mas o suor em bicas corria de seus machinhos <sup>43</sup>.*

*Um fantasma saiu do ar sombrio,  
E sentou no meio do cabelo sonhador dela.  
Em seu cabelo sombrio ela sentou e chorou;  
Na lua sonhadora elas deitaram e dormiram;  
As sombras acima, e os corpos abaixo,  
Deitaram-se e dormiram lentamente nos raios lunares.*

*E ela cantou, como o gemido de um vento de Outono  
Por cima do retolho <sup>44</sup> deixado para trás:*

*Ai, como as coisas facilmente dão errado!  
Um suspiro muito profundo, ou um beijo muito duradouro,  
E então se segue uma névoa e uma chuva chorosa,  
E a vida nunca mais é a mesma.*

*Ai, como as coisas dificilmente dão certo!  
É difícil de ver em uma noite de Verão  
Pois o suspiro virá, e o beijo ficará,  
E a noite do Verão é um dia do Inverno.*

*"Ó, fantasma encantador, meu coração está aflito,  
De ver o pranto e o lamento.*

*“Ó, fantasma encantador”, disse o cavaleiro destemido,*

*"Pode a espada de um guerreiro concertar?*

*Ou a reza de um rezadeiro <sup>45</sup>, rezando suave,*

*Como um copo d'água a uma criança febril.*

*Acalme-te finalmente, em um humor sem sonhos*

*A dormir o sono que uma dama morta deveria?*

*Os teus olhos me enchem com uma saudade dolorida,*

*Como se eu tivesse te conhecido desde sempre.*

*Ó, fantasma encantador, eu poderia deixar o dia*

*Para contigo sentar no luar*

*Se tu confiasses em mim, e deitasse tua cabeça*

*Para descansar em um peito que não está morto."*

*A dama saltou com um estranho choro fantasmagórico,*

*E atirou seus braços brancos para cima:*

*E ela riu uma risada que não era alegre*

*E ela se perpetuou até que morreu;*

*E os mortos embaixo se viraram e gemeram,*

*E os teixos <sup>46</sup> acima estremeceram e lamentaram.*

*"Ele me amará duas vezes com um amor que é vão?*

*Ele matará o pobre fantasma mais uma vez?*

*Pensei que tu fostes bom; mas eu disse, e chorei:*

*'Posso eu sonhar se não durmo?'*

*E eu sabia, ai!, ou deveria,*

*Se eu sonhei, ou tu eras bom.*

*Quando meu bebê morreu meu cérebro ficou louco,*

*Acordei, e descobri que estava com meu filho."*

*"Se tu és o fantasma de minha Adelaide,*

*Como é? Você era apenas uma empregada da aldeia,*

*E tu parecias uma angelical dama branca,*

*Embora magra, pálida e um deleite passado."*

*A dama sorriu um sorriso vacilante,*

*E ela pressionou forte suas têmporas durante este tempo.*

*"Tu vês que a Morte para uma mulher pode*

*Fazer mais do que Cavalheirismo para um homem."*

*"Mas me mostre a criança que tu chamas de minha,*

*Ela está aqui hoje na luz do sol fantasma?"*

*"Na Igreja de São Pedro ela está brincando,*

*De esconde-esconde com o Apóstolo João.*

*Quando os raios lunares diretamente pela janela entram,*

*Onde os doze estão de pé em um espetáculo glorioso,*

*Ela diz que o resto deles não se mexe,*

*Apenas um vem e brinca com ela.*

*E então posso ir onde eu quiser, e lamentar,*

*Pois o bondoso São João ficará com minha criança."*

*"Tua beleza enche até mesmo o ar,*

*Nunca vi mulher mais bela."*

*"Venha, se tu ousas, e sente ao meu lado;*

*Mas não me toque, ou angústia irá suceder.*

*Infelizmente, estou fraca: eu posso muito bem saber*

*Esta alegria prenuncia mais alguma desgraça.*

*Mas venha. Ela virá. Aguentarei. Eu posso.*

*Pois tu ainda me amas - embora apenas um homem."*

*O cavaleiro desmontou o mais rápido possível;*

*Além através das lápides trovejou o corcel,*

*E caiu pela extremidade posterior, e morreu.*

*Mas o cavaleiro ajoelhava-se o lado da dama;*

*Ajoelhava-se ao lado dela em assombrosa felicidade,*

*Abduzido em um beijo eterno:*

*Embora seus lábios nunca tocassem na quase dama,*

*E apenas os olhos repousavam em sua beleza.*

*A noite inteira, até que o galo cantou alto,*

*Ele ajoelhou-se ao lado da dama, enrolada em sua mortalha.*

*E o que ela disse eu não posso dizer:*

*A noite morta era mais doce que o dia vivo.*

*Como ela o fez tão feliz*

*Que a fez e a encontrou tão fantasmagoricamente triste,*

*Não posso dizer; mas não precisa de toque*

*Para abençoar quem tanto ama.*

*"Venha toda noite, meu fantasma, para mim;*

*E uma noite irei para ti.*

*É bom ter uma esposa fantasma:*

*Ela não irá estremecer ao clangor <sup>47</sup> da contenda <sup>48</sup>*

*Ela apenas ouvirá, em meio ao ruído,*

*Atrás da porta, se ele entrar."*

*E foi assim que o Sr. Aglovaile*

*Frequentemente caminhava no luar pálido.*

*E frequentemente quando a lua crescente afinava a escuridão,*

*O luar cheio preenchia o quarto dele;*

*E por baixo da porta de seu quarto,*

*Caía um brilho fantasmagórico no chão lá fora;*

*E eles que passavam, com medo comprovavam*

*Que palavras murmuradas frequentemente ouviam.*

*Foi então que a crescente oriental brilhou*

*Pela janela do santuário, e o bom São João*

*Brincava com a criança fantasma a noite toda,*

*E a mãe estava livre até o amanhecer,*

*E apressava-se pelo crepúsculo, para ficar*

*Com Aglovaile até o dia nascer.*

*E o amor deles era arrebatador, solitário e elevado,*

*E estúpido como a lua no céu mais alto.*

*Uma noite Sr. Aglovaile, exausto, dormiu,*

*E sonhou um sonho onde ele lamentou.*

*Um guerreiro ele era, não sempre lamentava,*

*Mas esta noite lamentou amargamente.*

*Ele acordou - ao lado dele a garota fantasma brilhou*

*No escuro: era a véspera do São João.*

*Ele havia sonhado um sonho de uma floresta imóvel e escura,*

*Onde a dama idosa ao lado dele ficava;*

*Mas uma névoa baixou, e a levou embora,*

*E ele a procurou em vão pelo dia sem rumo,*

*Até que ele se lamentou com o luto que não pode fazer mais nada,*

*Embora ele tivesse sonhado o sonho antes.*

*De coração aberto o lamento continuou;*

*E ora! Ao lado dele a garota fantasma brilhou;*

*Brilhou como a luz no seio de um porto,*

*Por sobre o mar de seus sonhos agitados;*

*Brilhou como a dádiva assombrosa e anônima,*

*Que o coração sempre procura, noite ou dia:*

*Avisos esquecidos, quando mais necessários,*

*Ele apertou em seu peito o fantasma radiante.*

*Ela gemeu alto, desvaneceu e afundou.*

*Com o branco rosto virado para cima, frio e vazio,*

*Nos braços dele estava o cadáver da dama pálida,*

*E ela não mais veio para o Sr. Aglovaile.*

*Apenas uma voz, quando os ventos estavam ferozes,*

*Soluçavam e gemiam como uma criança.*

*Ai, como as coisas facilmente dão errado!*

*Um suspiro muito profundo, ou um beijo muito duradouro,*

*E então se segue uma névoa e uma chuva chorosa,*

*E a vida nunca mais é a mesma.*

Esta era uma das canções mais simples dela, que, talvez, é o motivo de eu ser capaz de lembrar melhor desta do que a maioria das outras.

Enquanto ela cantava, eu estava no Elísio, com a sensação de uma rica alma apoiando, abraçando e pairando sobre a minha, cheia de toda a abundância e generosidade. Senti como se ela pudesse me dar tudo que eu quisesse; como se eu jamais devesse desejar deixá-la, mas ficaria satisfeito de ouvir suas canções e ser alimentado por ela, dia após dia, conforme os anos passariam. Com o tempo caí no sono enquanto ela cantava.

Quando acordei, eu não sabia se era noite ou dia. O fogo havia encolhido para

algumas poucas brasas vermelhas, que me dava apenas a luz suficiente para ver a mulher de pé a alguns centímetros de mim, com suas costas viradas para mim, olhando para a porta pela qual eu havia entrado. Ela estava chorando, mas muito suave e abundantemente.

As lágrimas pareciam vir livremente do coração dela. Deste modo ela ficou por alguns minutos; então, lentamente virando em ângulos agudos para sua posição anterior, ela encarou outro dos quatro lados da cabana. Eu agora observava, pela primeira vez, que lá igualmente havia uma porta; e que, na verdade, havia uma no centro de cada lado da cabana. Quando ela olhou em direção à segunda porta, suas lágrimas pararam de cair, mas suspiros tomaram o lugar delas. Ela frequentemente fechava os olhos enquanto estava de pé; e cada vez que ela fechava os olhos, um suspiro suave parecia nascer no coração dela e escapar por seus lábios.

Mas quando os olhos dela estavam abertos, seus suspiros eram profundos e muito tristes, e mexiam com toda sua estrutura. Então ela se virou em direção à terceira porta, e um lamento como se de medo ou de dor suprimida escapou dela; mas ela pareceu se animar por cima do desânimo, e o enfrentar estavelmente; pois, embora eu às vezes ouvisse um leve lamento, e às vezes um gemido, ainda que ela nunca se movesse ou curvasse a cabeça, e eu tinha certeza que os olhos dela nunca estavam fechados.

Então ela se virou para a quarta porta, e eu a vi estremecer e então ficar imóvel como uma estátua; até que finalmente ela se virou em minha direção e se aproximou do fogo. Eu vi que o rosto dela estava branco como a morte. Mas ela olhou uma vez para cima e sorriu o sorriso mais doce e infantilmente inocente; então amontoou madeira fresca no fogo e, sentando-se perto da fogueira, trouxe para perto sua roda, e começou a fiar. Enquanto ela fiava, ela murmurava baixo uma canção estranha, para a qual o zumbido da roda de fiar fazia um tipo de sinfonia infinita. Com o tempo, ela parou de fiar e cantar e olhou em minha direção, como uma mãe vê se seu filho demonstra ou não sinais de que está acordado. Ela sorriu quando viu que meus olhos estavam abertos. Perguntei a ela se ainda era dia. Ela respondeu, “Sempre é dia aqui, enquanto eu mantiver meu fogo queimando”.

Me senti maravilhosamente revigorado; e um grande desejo de ver mais da ilha cresceu dentro de mim. Levantei-me, e dizendo que desejava ver o que havia ao meu redor, fui em direção à porta pela qual eu havia entrado.

“Fique um momento”, disse minha anfitriã, com um pouco de trepidação em sua voz. “Escute-me. Você não verá o que você espera quando você sair por aquela porta.

Apenas lembre-se disso: quando quer que você queira voltar para mim, entre em qualquer lugar que você vir esta marca”.

Ela estendeu sua mão esquerda entre mim e o fogo. Sobre a palma, que parecia

quase transparente, eu vi, em um vermelho escuro, uma marca como esta ,  
que eu tomei o cuidado de fixar em minha mente.



Ela então me beijou, e me disse adeus com uma solenidade que me intimidou; e me atordoou também, tendo em vista que eu apenas sairia para dar uma volta em uma ilha, que eu não acreditava que fosse maior tal que poderia ser compreendida em uma caminhada de algumas horas no máximo. Quando fui, ela voltou a fiar.

Eu abri a porta e sai. No instante em que meu pé tocou a relva suave, eu pareci ter saído da porta de um velho celeiro na cidade do meu pai, onde, nas tardes quentes, eu costumava ir e deitar entre as palhas, e ler. Parecia para mim agora que eu havia adormecido aqui. A uma pequena distância no campo, vi dois de meus irmãos brincando. No instante em que me viram, eles chamaram por mim para me juntar a eles, o que fiz; e brincamos juntos como fizemos anos atrás, até que o sol vermelho se pôs a Oeste, e a névoa cinza começou a subir do rio.

Então fomos para casa juntos com uma estranha felicidade. Conforme íamos, ouvíamos o continuamente renovado pio de um francolim <sup>49</sup> na grama comprida. Um de meus irmãos e eu nos separamos por uma pequena distância, e cada um começou a correr na direção do lugar de onde o som parecia ter vindo, na esperança de nos aproximarmos do lugar onde o pássaro estava, e então conseguir pelo menos um vislumbre dele, se não fôssemos capazes de capturar a pequena criatura. A voz de meu pai nos repreendeu por atropelar a longa e rica grama, que logo seria cortada e deixada de lado para o Inverno. Eu tinha me esquecido completamente da Terra das Fadas, da maravilhosa idosa e da curiosa marca vermelha.

Meu irmão favorito e eu dividíamos a cama. Uma disputa infantil surgiu entre nós; e nossas últimas palavras, antes que caíssemos no sono, não foram de gentileza, não obstante os prazeres do dia.

Quando acordei pela manhã, senti falta dele. Ele havia levantado cedo e tinha ido se banhar no rio. Na hora seguinte, ele foi trazido para casa afogado. Ai! Ai de mim! Se apenas tivéssemos ido dormir como o normal, um com o braço ao redor do outro!

Em meio ao horror do momento, uma estranha convicção pipocou em minha mente, que eu havia passado pelo exato mesmo momento uma vez antes.

Corri para fora da casa, eu não sabia por que, soluçando e chorando amargamente. Corri pelos campos com uma angústia sem rumo, até que, passando pelo antigo celeiro, vi uma marca vermelha na porta. As meras ninharias às vezes atraem a atenção na miséria mais profunda. Fui até lá olhar esta marca, que eu não me lembrava de jamais ter visto antes. Conforme eu olhava para ela, eu pensei que eu fosse entrar e deitar entre o feno, pois eu estava muito exausto com a corrida e os lamentos. Eu abri a porta; e lá na cabana estava sentada a velha mulher como eu a havia deixado, em sua roda de fiar.

“Eu não te esperava assim tão cedo”, ela disse, enquanto eu fechava a porta atrás de mim. Eu fui até o sofá e me joguei nele com aquela fadiga com a qual alguém acorda de um sonho febril de um luto desesperador.

*A velha mulher cantou:*

*O grande sol, surpreendido pela noite,*

*Pode se esvair do céu;*

*Mas o amor, uma vez iluminado,*

*Nunca mais morrerá.*

*Forma, com seu brilho,*

*Dos olhos partirá:*

*Ele anda, na brancura,*

*Pelos salões do coração.*

Antes que ela tivesse acabado de cantar, minha coragem voltou. Comecei do sofá e, sem obter a permissão da velha mulher, abri a porta dos Suspiros e saltei para o que quer que fosse aparecer.

Eu estava em um salão nobre, onde, perto um fogo ardente na lareira, estava sentada uma dama, esperando, eu sabia, por alguém há muito desejado. Um espelho estava perto de mim, mas vi que minha forma não tinha lugar em suas profundezas, então eu

não temia que pudesse ser visto. A dama maravilhosamente lembrava da minha dama de mármore, mas era completamente filha dos homens, e eu não poderia dizer se era ela ou não. Não era por mim que ela esperava. O ruído de passos de um grande cavalo percorreu pelo salão. Ele parou, e o tinido da armadura disse que seu cavaleiro havia desmontado, e o som de seus calcanhares sonoros aproximou-se do salão.

A porta abriu-se; mas a dama esperou, pois ela encontraria sozinha seu lorde. Ele entrou com passos largos: ela voou como uma pomba confinada até os braços dele e se aninhou no duro ferro. Era o cavaleiro da armadura manchada. Mas agora a armadura brilhava como vidro polido; e estranhamente, embora o espelho não refletisse minha forma, vi uma sombra turva de mim mesmo no ferro brilhante.

“Ó meu amado, tu vieste e eu me sinto abençoada.”

Os suaves dedos dela rapidamente dominaram o fecho do capacete dele; uma a uma ela soltou as fivelas da armadura dele; e ela labutou com o peso da cota de malha, conforme ela a colocaria de lado. Então ela soltou as grevas<sup>8</sup> e desafivelou as esporas; e mais uma vez ela se jogou nos braços dele e deitou a cabeça dela onde agora ela podia sentir a batida do coração dele. Então ela se soltou do abraço dele e, recuando um ou dois passos, olhou fixamente para ele. Ele estava ali em uma forma grandiosa, coroadado com uma nobre cabeça, onde toda a tristeza havia desaparecido ou havia sido absorvida com um objetivo solene.

Mas ainda assim acredito que ele parecia mais pensativo do que a dama havia esperado vê-lo, pois ela não renovou suas carícias, embora o rosto dele brilhasse com amor e as poucas palavras que ele falou fossem milagres de força; mas ela o guiou em direção à lareira e o sentou em uma cadeira muito antiga, colocou vinho à frente dele e sentou-se a seus pés.

“Sinto-me triste”, ele disse, “quando penso sobre o jovem que encontrei duas vezes nas florestas da Terra das Fadas; e quem, você diz, duas vezes, com as canções dele, a retirou de um sono profundo de um encantamento macabro. Havia algo nobre nele, mas era uma nobreza de pensamento e não de ação. Ele ainda pode perecer por conta de um medo vil.”

“Ah!” devolveu a dama, “você o salvou uma vez; e por isso lhe agradeço; pois não posso dizer que de alguma forma amei a ele? Mas diga-me como você se saiu, quando você atingiu o freixo com seu machado, e ele veio e te encontrou; pois você me contou tanto da história, quando a criança mendiga veio e te levou.”

“Assim que o vi”, replicou o cavaleiro, “eu soube que braços mundanos não se aproveitaram de alguém como ele; e que minha alma precisava conhecê-lo em sua força crua. Então desabotoei meu capacete e o atirei no chão; e, segurando meu bom machado ainda em minhas mãos, olhei fixamente para ele com um olhar estável. Para cima ele veio, um horror de fato, mas eu não recuei. A resistência deve conquistar onde a força não alcança.

Ele veio cada vez mais perto, até que a face medonha estava perto da minha. Um tremor como se de morte me percorreu; mas acredito que não me movi, pois ele pareceu retrair-se e recuou. Assim que ele recuou, acertei mais um golpe no tronco da árvore dele, que ecoou pela floresta; e então olhei para ele novamente. Ele se contorceu e sorriu ironicamente com fúria e dor aparente e novamente se aproximou de mim, mas recuou mais rápido do que antes.

Eu não mais tomei cuidado com ele, mas cortei com vontade a árvore, até que o tronco rachou, a cabeça tombou e com um estampido caiu na terra. Então desviei o olhar do meu trabalho e olha! O espectro havia desaparecido e não mais o vi; nem mesmo em minhas viagens ouvi falar dele novamente.”

“Bem feito! Bem resistente! Meu herói”, disse a dama.

“Mas”, disse o cavaleiro, de certa forma perturbado, “tu ainda amas o jovem?”

“Ah!”, ela respondeu, “como posso evitar? Ele me acordou de algo pior que a morte; ele me amou. Eu nunca estaria aqui para ti, se ele não tivesse me desejado antes. Mas não o amo como amo a ti. Ele foi apenas a lua da minha noite; tu és o sol do meu dia, ó amado.”

“Tu estás certa”, devolveu o nobre homem. “Foi difícil, de fato, não sentir algum amor em troca de tal presente como o que ele deu a ti. Eu, também, devo mais a ele do que palavras podem dizer.”

Humilhado diante deles, com um coração dolorido e desolado, ainda assim não pude refrear minhas palavras:

“Deixe-me, então, ainda ser a lua de tua noite, ó mulher! E quando teu dia estiver nublado, como os melhores dias serão, deixe alguma canção minha confortar a ti, como uma coisa velha, murcha e meio esquecida, que pertence a uma antiga e lúgubre hora de nascimento incompleto, que ainda assim foi linda em sua época.”

Eles ficaram em silêncio, e eu quase pensei que eles estivessem ouvindo. A cor dos

olhos da dama ficou cada vez mais profunda; as lágrimas lentas cresceram e os encheram, e transbordaram. Eles se levantaram e passaram, de mãos dadas, perto de onde eu estava; e cada um olhou em minha direção enquanto passava. Então eles desapareceram por uma porta que se fechou atrás deles; mas, antes que fechasse, vi que o quarto para o qual ela abria era uma rica câmara, decorada com belíssimas tapeçarias.

Fiquei de pé com um oceano de suspiros presos em meu peito. Não podia mais ficar ali. Ela estava perto de mim, e eu não podia vê-la; perto de mim nos braços de um mais amado que eu, e eu não poderia vê-la, nem seria amado por ela. Mas como escapar da proximidade do mais amado? Desta vez eu não havia me esquecido da marca; pelo fato de que eu não podia entrar na esfera destes seres vivos me mantive atento que, para mim, eu me movia em uma visão, enquanto eles se moviam na vida. Olhei para todos os lados procurando pela marca, mas não podia vê-la em lugar nenhum; pois eu evitava olhar exatamente onde ela estava. Ali o estúpido criptograma vermelho brilhava, na própria porta da câmara secreta deles.

Atingido com agonia, a escancarei, e caí aos pés da mulher idosa, que ainda fiava, todo o dissolvido oceano de suspiros explodindo de mim em uma tempestade de soluços sem lágrimas. Se eu desmaiei ou dormi, eu não sei; mas, conforme retornei a consciência, antes que eu parecesse ter o poder de me mover, ouvi a mulher cantando, e podia distinguir as palavras:

*Ó luz da morte e dos últimos dias!*

*Ó Amor, em tua glória vá,*

*Em uma mistura rosada e em um labirinto lunar,*

*Com os flocos de neve sem rumo.*

*Mas o que é deixado para a alma fria e cinza,*

*Que geme como uma pomba machucada?*

*Um vinho é deixado na tigela quebrada –*

*É – para o amor, e amor, e amor.*

*Agora eu podia chorar. Quando ela me viu chorando, ela cantou:*

*Melhor sentar-se na nascente das águas,*

*Do que um mar de ondas a vencer;*

*Viver no amor que fluiu para frente,*

*Do que o amor que vem para dentro.*

*Seja teu peito um poço de amor, minha criança,*

*Fluído, e livre, e certo;*

*Pois uma cisterna de amor, embora imaculada,*

*Não mantém o espírito puro.*

Levantei-me da terra, amando a dama branca como nunca amei antes.

Então andei até a porta do Desalento, a abri e entrei. E ah! Cheguei a uma rua cheia, aonde homens e mulheres iam de um lado a outro em multidões. A conhecia bem; e, virando em um sentido, andei tristemente junto ao pavimento. Subitamente vi aproximando-se de mim, um pouco distante, uma forma bem conhecida para mim (bem conhecia! – ai, como é fraca a palavra!) nos anos em que eu pensei que minha juventude havia sido deixada para trás, e pouco antes de eu entrar no domínio da Terra das Fadas. Errado e Tristeza haviam ido juntos, de mãos dadas como é como geralmente fazem. Imutavelmente querido era aquele rosto. Ele deitou-se em meu coração como uma criança se deita em sua própria cama branca; mas eu não podia encontrá-la.

“Qualquer coisa menos isso”, eu disse; e, virando de lado, apressei os passos até uma porta, na qual eu fantasiei ter visto o sinal místico. Eu entrei – não a cabana misteriosa, mas a casa dela. Apressei-me selvagememente, e fiquei próximo a porta do quarto dela.

“Ela está fora”, eu disse, “eu verei o velho quarto mais uma vez.”

Abri a porta suavemente, e me encontrei em uma grande e solene igreja. Um sino grave, cujos sons pulsavam, ecoavam e nadavam através da construção vazia, marcou a meia noite. A lua brilhou através das janelas do clerestório <sup>50</sup>, e o suficiente da radiância fantasmagórica era difundida pela igreja para me deixar ver,

andando com um passo estável ainda que de certa forma arrastado e cambaleante, no corredor oposto, pois eu estava em um dos transeptos <sup>51</sup>, uma figura vestida em um robe branco, se pela noite, ou por aquela noite mais comprida que dorme muito profundamente para o dia, eu não sabia dizer. Era ela? E era este o quarto dela? Cruzei a igreja e a segui. A figura parou, pareceu subir como se em uma cama alta e deitou-se. Cheguei ao lugar onde ela estava deitada, com um fraco brilho branco. A cama era um túmulo. A luz era fantasmagórica demais para ver-se claramente, mas passei minha mão sobre o rosto, as mãos e os pés, que estavam todos nus.

Eles estavam frios – eles eram de mármore, mas eu os conhecia. Escureceu. Virei-me para refazer meus passos, mas descobri, dentro em pouco, que eu havia vagado para dentro do que parecia uma pequena capela. Tateei ao meu redor, buscando pela porta. Tudo que eu tocava pertencia aos mortos. Minhas mãos caíram sobre a efígie <sup>52</sup> fria de um cavaleiro que estava deitado com as pernas cruzadas e sua espada quebrada ao lado dele.

Ele estava deitado em seu nobre repouso, e eu viva em uma contenda ignóbil <sup>53</sup>. Tateei pela mão esquerda e um dedo específico; descobri ali o dedo que eu conhecia: ele era um de meus próprios ancestrais. Eu estava na capela sobre o jazigo <sup>54</sup> de minha própria raça. Eu disse em voz alta: “Se qualquer um dos mortos estiver se movendo aqui, tenham pena de mim, pois eu, infelizmente, ainda estou vivo; e deixe certa mulher morta me confortar, pois sou um estrangeiro na terra dos mortos, e não vejo luz”. Um beijo quente pousou em meus lábios no escuro. E eu disse, “Os mortos beijam bem; não terei medo.” E uma grande mão foi estendida no escuro, pegou a minha por um momento, forte e suavemente. Eu disse a mim mesmo: “O véu entre nós, embora muito escuro, é muito fino”.

Tateando meu caminho adiante, tropecei sobre a pesada pedra que cobria a entrada do jazigo: e, entrando aos tropeços, avistei sobre a pedra a marca, brilhando em um fogo vermelho. Peguei o grande anel. Todo o meu esforço não poderia ter mexido a grande placa de pedra; mas abriu a porta da cabana, e me joguei mais uma vez, pálido e mudo, no sofá ao lado da dama idosa. Mais uma vez ela cantou:

*Tu sonhaste: em uma pedra tu estás,*

*Alto acima da onda quebrada;*

*Tu caíste com um terrível começo,*

*Mas não em teu túmulo;*

*Pois, acordando na luz do dia,  
Tu sorris para a noite desaparecida.  
Tão fraco tu afundas, todo pálido e mudo,  
Na escuridão débil;  
Mas antes que os terrores venham,  
Tu andas – onde está o túmulo?  
Tu andas – os mortos sorriem acima,  
Com braços suspensos de um amor insone.  
Ela fez uma pausa; então cantou novamente:  
Nós choramos de alegria, choramos de luto;  
As lágrimas são as mesmas;  
Suspiramos de saudade, e alívio;  
Os suspiros têm apenas um nome.  
E misturados na contenda minguante,  
Estão gemidos que não são tristes;  
Os tormentos da morte e as vibrações da vida,  
Seus suspiros às vezes são alegres.  
O rosto é muito estranho e branco:  
É o único ponto da Terra  
Que debilmente reflete a luz  
Que os vivos não veem.*

Eu dormi, e dormi um sono sem sonhos, não sei por quanto tempo. Quando acordei, descobri que minha anfitriã havia se movido de onde ela estava sentada e agora estava sentada entre a quarta porta e eu. Supus que o objetivo dela fosse me impedir de entrar lá. Saltei do sofá e disparei por ela em direção à porta. A abri de uma vez e saí. Tudo que me lembro foi um choro de angústia da mulher: “Não vá lá, minha criança! Não vá lá!”. Mas eu já havia ido.

Eu não sabia de mais nada; ou, se eu soubesse, eu havia esquecido tudo quando recobrei a consciência, deitado no chão da cabana, com minha cabeça no colo da mulher, que estava chorando sobre mim e acariciando meu cabelo com as duas mãos, como uma mãe fala com um filho doente, adormecido ou morto. Assim que olhei para cima e a vi, ela sorriu por entre suas lágrimas; sorriu com um rosto murcho e olhos jovens, até que o semblante dela estava irradiado com a luz do sorriso. Então ela banhou minha cabeça, rosto e mãos em um líquido gelado e incolor, que cheirava um pouco como terra úmida. Imediatamente fui capaz de me sentar. Ela se levantou e colocou um pouco de comida à minha frente. Quando eu terminei de comer, ela disse:

“Escute-me, minha criança. Você deve me deixar imediatamente!”

“Deixar-te!”, eu disse. “Estou tão feliz com você. Nunca estive tão feliz em minha vida.”

“Mas você precisa ir”, ela retrucou tristemente. “Escute! O que você ouve?”

“Escuto o som como se de uma grande pulsação de água.”

“Ah! Você ouve? Bem, eu tive que passar por aquela porta – a porta do Intemporal”, (e ela estremeceu conforme apontava para a quarta porta) – “para lhe encontrar; pois se eu não tivesse ido, você jamais teria entrado novamente; e porque eu fui, as águas ao redor da minha cabana irão subir e subir, fluir e vir, até que construam um grande firmamento de águas sobre minha habitação. Mas enquanto eu mantiver meu fogo queimando, elas não podem entrar. Eu tenho combustível suficiente para anos; e depois de um ano elas irão afundar novamente e serão exatamente como eram antes de você vir. Não estive enterrada por cem anos”. Ela sorriu e chorou.

“Ai! Ai!”, chorei. “Eu trouxe este mal para a melhor e mais gentil amiga de todas, que encheu meu coração com grandes presentes.”

“Não pense nisso”, ela retrucou. “Posso aguentar muito bem. Você voltará para mim

algum dia, eu sei. Mas eu lhe imploro, pelo meu bem, minha querida criança, que faça uma única coisa. Em qualquer tristeza que você esteja, quanto mais inconsolável e irremediável possa parecer, acredite em mim que a velha mulher na cabana, com os olhos jovens”, (e ela sorriu) “sabe de algo, embora ela não deva sempre falar isso, que iria satisfazê-lo sobre isso, mesmo nos piores momentos de sua angústia. Agora você deve ir”.

“Mas como posso ir, se as águas estão por todos os lados e se todas as portas levam para outras regiões ou outros mundos?”

“Isso não é uma ilha,” ela respondeu; “mas está ligada a terra por um corredor estreito; e sobre a porta, eu mesma o levarei através da certa.”

Ela pegou minha mão e me levou até a terceira porta; onde eu me encontrei de pé na profunda relva gramada na qual eu havia aterrado com o pequeno barco, mas do lado oposto da cabana. Ela apontou a direção que eu deveria tomar, para encontrar o istmo<sup>55</sup> e escapar das águas que subiam.

Então colocando os braços dela ao meu redor, ela me segurou em seu peito; e conforme eu a beijava senti como se eu estivesse deixando minha mãe pela primeira vez e não pude evitar chorar amargamente. Enfim ela suavemente me empurrou e com as palavras, “Vá, meu filho, e faça algo que valha a pena fazer”, virou as costas e, entrando na cabana, fechou a porta atrás dela.

Me senti muito desolado conforme fui.

39 Vulgarmente também designadas por cistos, tais plantas são arbustivas, frequentemente cultivadas como ornamentais.

40 Característica daquilo que não se pode vencer ou conquistar através da força; invencível.

41 Nome pelo qual é chamada a área externa, em geral cercada, das igrejas.

42 Um pano que antigamente se usava para limpar o suor. Frequentemente os sudários serviam como mortalha em tempos antigos.

43 Articulação do pé do cavalo.

44 Palha que fica no campo após a colheita.

45 No original, "bedesman" (ou "beadsman") é um termo que não possui tradução exata para o português. Um bedesman

era alguém cujo dever era rezar em prol de seu benfeitor. Geralmente eram pobres e/ou pensionistas. Na Escócia, país natal do autor do livro, era comum haver pobres que recebiam ajuda do Rei em troca de rezar por seu bem-estar e do seu Estado.

46 Espécie de gimnospermas arbustivas.

47 Som estridente (de trombeta).

48 Circunstância em que ocorrem conflitos; discussão ou discórdia. Situação em que há violência, luta, combates etc.

49 Espécie de perdiz, (*perdrix francolinus*).

50 Em arquitetura, clerestório é o nome que se dá à parte da parede de uma nave, iluminada naturalmente por um conjunto de janelas laterais do andar superior das igrejas medievais do estilo gótico.

51 O transepto é a parte de um edifício de uma ou mais naves que atravessa perpendicularmente o seu corpo principal perto do coro e dá ao edifício a sua planta em cruz.

52 Representação de uma pessoa numa moeda, pintura ou escultura.

53 Característica do que é baixo, vil; que infringe as leis da moral.

54 Tipo de construção, num cemitério, usada para sepultar várias pessoas de uma mesma família.

55 Língua de terra apertada entre dois mares e que une duas terras.

# Capítulo 20

*“Tu não tinhas fama; que tu fizeste como bem*

*Era apenas teu apetite que oscilava o sangue*

*Daquela vez para a melhor; pois como uma explosão*

*Que por uma casa vem, geralmente deixa*

*As coisas fora de ordem, ainda que talvez venha*

*E coloque uma única coisa em seu lugar,*

*Assim como teu apetite, e não teu zelo,*

*Balança tu com a chance de fazer uma coisa bem.” – Faithful Shepherdess, Fletcher*

*“O nobre coração que abriga pensamentos virtuosos*

*E é com uma criança com uma gloriosa e grande intenção,*

*Não pode jamais descansar, até que adiante traga*

*O pão eterno de excelência gloriosa.” – The Faerie Queene, Spenser*

Eu não tinha ido muito longe até que senti que a relva debaixo dos meus pés estava encharcada com a água ascendente. Mas alcancei o istmo em segurança. Era rochoso, e tão mais alto que o nível da península, que eu tive bastante tempo para cruzá-lo. Vi de cada um de meus lados a água subindo rapidamente, completamente sem vento, movimentos violentos ou ondas quebradas, mas como se um fogo lento e forte estivesse brilhando debaixo dela. Subindo um íngreme aclone, encontrei-me finalmente em uma terra aberta e rochosa. Depois de viajar por algumas horas, o mais em linha reta que eu podia, cheguei a uma torre solitária, construída no topo de uma pequena colina, que inspecionava toda a terra vizinha.

Conforme me aproximei, ouvi o tinido de uma bigorna; e tão rápidos eram os golpes, que eu me desesperei em fazer-me audível até que uma pausa no trabalho acontecesse. Levou alguns minutos até que uma pausa acontecesse; mas quando aconteceu, bati fortemente e não tive muito a esperar; pois, no momento seguinte, a porta foi parcialmente aberta por um jovem de aparência nobre, seminu, brilhando com o calor, e sujo com a negritude da forja. Em uma mão ele segurava uma espada, tão recente da fornalha que ainda brilhava com um fogo débil.

Assim que ele me viu, ele escancarou a porta e, colocando-se de lado, me convidou cordialmente a entrar. O fiz; quando ele fechou e parafusou a porta com o maior cuidado possível e então me guiou para dentro. Ele me levou até um salão grosseiro, que parecia ocupar quase que todo o térreo da pequena torre, e que eu vi que agora era usado como uma oficina. Um enorme fogo rugia no forno, ao lado do qual havia uma bigorna.

Perto da bigorna havia, similarmente despido, e em uma atitude de quem espera, com o martelo na mão, um segundo jovem, alto como o primeiro, mas muito mais franzino. Invertendo o curso natural da percepção em encontros como esse, achei os dois, a primeira vista, muito diferentes; e pela segunda vez, soube que eram irmãos. O primeiro, e aparentemente o mais velho, era musculoso e moreno, com cabelo encaracolado, e grandes olhos avelã, que às vezes ficavam assombrosamente suaves. O segundo era magro e branco, ainda que com um semblante como de uma águia, e olhos que, embora de um azul pálido, brilhavam quase com uma expressão feroz.

Ele estava ereto, como se olhando de cima de uma elevada montanha rochosa para um plano vasto estendido abaixo. Assim que entramos no salão, o mais velho virou para mim, e vi que um brilho de satisfação brilhou no rosto dos dois. Para a minha surpresa e grande prazer, ele me disse isso:

“Irmão, sente-se perto do fogo e descanse, até que terminemos esta parte de nosso trabalho?”

Eu assenti com um sinal; e, resolvido a esperar qualquer revelação que eles estivessem inclinados a fazer, sentei-me em silêncio próximo ao forno.

O irmão mais velho então colocou a espada no fogo, a cobriu, e quando havia chegado a um grau suficiente de calor, movendo-a cuidadosamente, enquanto o mais novo, com uma sucessão de golpes rápidos e espertos, parecia estar fundindo-a, ou martelando uma parte dela em um formato que concordava com o resto. Tendo terminado, eles a colocaram cuidadosamente no fogo; e, quando estava muito quente

de fato, a mergulharam em um refratário cheio de algum líquido, de onde uma chama azul subiu, conforme o ferro brilhante entrava. Ali a deixaram; e colocando dois bancos perto do fogo, sentaram-se, um de cada um de meus lados.

“Estamos muito felizes em te ver, irmão. Estivemos te esperando por alguns dias”, disse o jovem de cabelo escuro.

“Fico orgulhoso de ser chamado de seu irmão”, eu respondi; “e você não pensará que eu recuso o nome, se eu desejar saber por que você me honra com ele?”

“Ah! Então ele não sabe disso”, disse o mais novo. “Achamos que você soubesse do laço entre nós, e do trabalho que temos que fazer juntos. Você deve contar a ele, irmão, do começo.”

Então o mais velho começou:

“Nosso pai é rei desta terra. Antes que nascêssemos, três irmãos gigantes apareceram na terra. Ninguém sabe exatamente quando e ninguém tinha a menor ideia de onde eles haviam vindo. Eles tomaram posse de um castelo em ruínas que havia ficado igual e desocupado na memória de qualquer um dos nativos do lugar. As criptas deste castelo permaneceram intactas através do tempo, e estas, eu acredito, eles usaram no começo.

Eles raramente eram vistos, e nunca ofereceram o menor perigo a qualquer um; de forma que eram conhecidos pela vizinhança como pelo menos perfeitamente inofensivos, se não seres benevolentes. Mas começou a ser observado, que o velho castelo havia assumido de jeito ou de outro, ninguém sabia quando ou como, uma aparência de certa forma diferente do que costumava ter.

Não apenas havia várias violações na parte inferior das paredes construídas, mas na verdade algumas das ameias<sup>56</sup> que ainda estavam de pé haviam sido arrumadas, aparentemente impedindo-as de entrar em ainda maior decadência, enquanto as partes mais importantes estavam sendo restauradas. Claro, todo mundo imaginava que os gigantes deviam ter uma mão no trabalho, mas ninguém nunca os viu comprometidos com aquilo.

Os camponeses ficaram ainda mais inquietos, depois que um, que havia se escondido, e vigiado a noite toda, na vizinhança do castelo, reportou que havia visto, em pleno luar, os três enormes gigantes trabalhando com força e energia, toda a noite, devolvendo para a posição anterior delas algumas pedras enormes, antes

degraus de uma grande escada, grande parte da qual havia caído há muito, junto com parte da parede da torre redonda na qual havia sido construída. Esta parede eles estavam completando, metro por metro, junto com a escada. Mas as pessoas diziam que eles não tinham um pretexto justo para interferir: embora o real motivo para deixar os gigantes em paz fosse que todo mundo tinha muito medo deles para os interromper.”

“Finalmente, com a ajuda de uma pedreira vizinha, o todo da parede externa do castelo estava terminado. E agora os camponeses tinham ainda mais medo do que antes. Mas por vários anos os gigantes mantiveram-se muito pacíficos. A razão disso, mais tarde foi imaginada, ser o fato de que eles eram parentes distantes de várias pessoas boas na terra; pois, enquanto estas vivessem, eles ficariam quietos; mas assim que eles estivessem todos mortos a verdadeira natureza dos gigantes se soltou. Tendo completado o exterior do castelo, eles prosseguiram, deteriorando as casas do interior ao redor deles, para fazer uma provisão bem luxuosa para o conforto interno deles.

Os negócios chegaram a tal fim que a notícia dos roubos deles chegou até os ouvidos de meu pai; mas ele, ai! Estava tão aleijado com seus recursos, por conta de uma guerra que ele estava carregando com um príncipe vizinho, que ele pôde poupar apenas alguns poucos homens, para tentar capturar a fortaleza deles. Com isso os gigantes saíam à noite, e mataram cada um daqueles homens.

E agora, mais corajosos pelo sucesso e impunidade, eles não mais confinavam suas depredações às propriedades, mas começaram a se aproveitar das pessoas de seus vizinhos distintos, cavaleiros e damas, e mantê-los aprisionados, a miséria dos quais era intensificada por todo tipo de indignidade, até que fossem resgatados por seus amigos, a um preço exorbitante. Muitos cavaleiros se aventuraram na derrubada deles, mas apenas para conseguirem suas próprias; pois todos foram mortos, capturados ou forçados a fazerem uma retirada apressada.

Para coroar suas enormidades, se qualquer homem agora tenta a destruição deles, eles, imediatamente após sua derrota, dão a um ou mais de seus cativos uma morte vergonhosa, em uma torre à vista de todos os transeuntes; de forma que ultimamente eles têm sido muito menos aborrecidos; e nós, embora tenhamos queimado, por anos, atacar estes demônios e destruí-los, não ousamos, pelo bem dos prisioneiros deles, arriscar a aventura, antes que tivéssemos atingido pelo menos a idade adulta. Agora, porém, estamos nos preparando para a tentativa; e a base desta preparação é esta.

Tendo apenas a resolução, e não a experiência necessária para o ataque, nós fomos e

consultamos uma mulher solitária da sabedoria, que não mora muito longe daqui, na direção do quarteirão do qual você veio. Ela nos recebeu muito gentilmente, e nos deu o que para nós parece o melhor dos conselhos. Ela primeiramente perguntou quais experiências nós tivemos com armamentos. Nós dissemos a ela que fomos bem exercitados em nossa infância, e por alguns anos nos mantivemos em treino constante, visando esta necessidade.”

“Mas vocês não lutaram de verdade pela vida ou pela morte?”, disse ela.

“Fomos forçados a confessar que nunca o fizemos.”

“Muito melhor em alguns aspectos”, ela respondeu. Agora me escutem. Vão primeiro e trabalhem com um armeiro, pelo tempo que vocês acharem necessário para obter um conhecimento do ofício dele; que não será muito, tendo em vista que seus corações estarão por inteiro no trabalho. Então vão até alguma torre solitária, vocês dois. Não receba visitas de homens ou mulheres. Ali forjem para si mesmos cada pedaço de armadura que desejarem vestir, ou usar, no seu encontro futuro. E continuem com seus exercícios.

Como, porém, dois de vocês não podem ser equivalentes aos três gigantes, encontrarei para vocês, se eu puder, um terceiro irmão, que assumirá para si a terceira parte da luta e a preparação. Na verdade, eu já vi um que irá, acredito, ser o homem em questão para sua associação, mas demorará um tempo até que ele venha até mim. Ele está agora viajando sem um destino. Mostrá-lo-ei a vocês em um espelho e, quando ele vier, vocês o conhecerão

imediatamente. Se ele compartilhar de seu empenho, vocês devem ensinar a ele tudo que sabem e ele os recompensará bem, numa canção no presente, e com ações futuras.”

“Ela abriu a porta de um velho armário que ficava na sala. No interior desta porta havia um espelho convexo oval. Olhando dentro dele por algum tempo, nós vimos refletido o local onde estávamos, e a velha dama sentada em sua cadeira. Nossas formas não eram refletidas. Mas aos pés da dama, estava deitado um homem, você, chorando.”

“Certamente este jovem não servirá aos nossos propósitos,” disse eu, pois ele chora.”

“A velha mulher sorriu. Lágrimas passadas são força presente,” disse ela.

“Ah!” disse meu irmão, Vi você chorar uma vez por causa de uma águia que você matou.”

“Isso foi porque era muito parecida com você, irmão,” respondi; mas de fato, este jovem pode ter uma razão melhor para as lágrimas do que aquilo – eu estava errado.”

“Espere um momento,” disse a mulher; „se não estou enganada, ele os fará chorar até que suas lágrimas sequem para sempre. Lágrimas são a única cura para o choro. E você pode precisar da cura, antes que vocês vão brigar com os gigantes. Vocês devem esperar por ele, em sua torre, até que ele chegue.”

“Agora se você se juntar a nós, logo o ensinaremos a fazer sua armadura; e lutaremos juntos, trabalharemos juntos e nos amaremos como três jamais se amaram antes. E você cantará para nós, não cantará?”

“Isso o farei, quando puder,” respondi; “mas é apenas nos momentos em que o poder da música cai sobre mim. Por ele devo esperar; mas tenho uma sensação de que se eu trabalhar direito, a canção não estará muito distante para animar o trabalho.”

Este foi todo o acordo feito: os irmãos não pediram por mais nada, e eu não pensava em dar mais nada. Levantei-me, e joguei longe meus trajes da parte de cima.

“Conheço os usos da espada”, eu disse. “Sinto vergonha das minhas mãos brancas em comparação com as suas tão nobremente sujas e calejadas; mas esta vergonha logo se dissipará.”

“Não, não; não trabalharemos hoje. Descanso é tão necessário quanto labuta. Traga o vinho, irmão; é sua vez de servir hoje.”

O irmão mais novo logo cobriu a mesa com mantimentos grosseiros, mas bom vinho; e nós comemos e bebemos com vontade, apesar de nosso trabalho. Antes que a refeição terminasse, eu havia aprendido toda a história deles. Cada um possuía algo em seu coração que fazia a convicção, que ele iria vitoriosamente perecer no conflito futuro, uma verdadeira tristeza para ele. Caso contrário eles achavam que teriam vivido o suficiente. As causas dos problemas deles eram respectivamente estas: -

Enquanto eles forjavam uma armadura, em uma cidade famosa por sua feitura em ferro e prata, o mais velho havia se apaixonado por uma dama muito abaixo dele na escala real, já que ela estava acima da posição que ele teve como aprendiz de um

arameiro. Nem tampouco ele procurava promover sua adequação por descobrir-se; mas havia simplesmente tanta masculinidade nele, que ninguém nem pensava em escala quando na companhia dele. Isso foi o que o irmão dele disse sobre o fato. A dama não podia evitar amá-lo de volta. Ele disse a ela quando a deixou, que ele tinha uma aventura perigosa adiante dele, e que quando fosse concluída, ela o veria voltando para reivindicá-la ou ouviria que ele morrera com honra. O pesar do irmão mais novo surgiu do fato que, se ambos fossem mortos, seu velho pai, o rei, ficaria sem filhos.

O amor dele pelo pai era tão excessivo, que para alguém incapaz de simpatizar com ele, pareceria extravagante. Ambos o amavam igualmente no coração; mas o amor do mais novo havia sido mais desenvolvido, por que seus pensamentos e angústias não foram de outra forma ocupados. Quando em casa, ele havia sido a companhia constante dele; e, mais tarde, havia lidado com as enfermidades de sua idade avançada.

O jovem nunca ficava cansado de ouvir os contos das aventuras da juventude do pai; e ainda não tinha em nenhum nível perdido a convicção de que o seu pai era o melhor homem do mundo. O maior triunfo possível para a concepção dele era retornar para o pai dele, carregado com os estragos de um dos gigantes odiáveis. Mas ambos estavam um pouco aterrorizados, pelo menos quando o pensamento de solidão desses dois ocorria a eles, no momento em que decisões eram mais necessárias, e perturbar, em algum nível, o requisito de autoposse para o sucesso de sua tentativa.

Pois, como eu disse, eles ainda eram inexperientes com conflito real. “Agora”, pensei eu, “eu vejo para o que o poder de meu dom pode ser útil”. De minha própria parte, eu não temia a morte, pois eu não tinha nada para me importar e viver; mas eu temia o encontro por causa da responsabilidade conectada a ele. Resolvi, porém, trabalhar duro, e assim ficar frio, rápido e forte.

O tempo passou com trabalho e cações, em conversas e divagações, em lutas amigáveis e auxílio fraternal. Eu não forjaria para mim mesmo armadura de pesada malha como a deles, pois eu não era tão poderoso quanto eles, e dependia mais para cada sucesso que eu poderia garantir da agilidade dos movimentos, olhar certo, e resposta imediata da mão. Assim comecei a fazer para mim mesmo uma camisa de placas de ferro e anéis; que funciona, embora mais incômoda, era mais bem adequada a mim do que o trabalho mais pesado. Muita assistência os irmãos me deram, mesmo quando, com as instruções deles, fui capaz de fazer certo progresso sozinho. O trabalho deles foi momentaneamente abandonado, para oferecer qualquer

ajuda solicitada ao meu. Como a velha mulher havia prometido, tentei recompensá-los com música; e muitas foram as lágrimas que eles derramaram sobre minhas baladas e endechas <sup>57</sup>. As canções que eles mais gostavam e ouvir eram duas que eu fiz para eles. Elas não eram nem metade tão boas quanto às muitas outras que eu conhecia, especialmente algumas que eu havia aprendido da sábia mulher na cabana; mas o que mais se aproxima de nossas necessidades é o que mais gostamos.

1.

*O rei sentado em seu trono,*

*Brilhando em dourado e vermelho;*

*A coroa em sua mão direita brilhava,*

*E os cabelos grisalhos coroavam sua cabeça.*

*Seu filho único entra,*

*E em paredes de ferro ele está:*

*“Faça-me, ó pai, forte para vencer,*

*Com a bênção de mãos sagradas.”*

*Ele ajoelhou-se perante seu pai,*

*Que o abençoou com um fraco sorriso;*

*Seus olhos brilhavam com um fogo real <sup>58</sup>,*

*Mas seus velhos lábios tremiam enquanto isso.*

*“Vá à luta, meu filho,*

*Traga de volta a cabeça do gigante;*

*E a coroa com a qual minha frente já cansou,*

*Brilhará na tua ao invés.”*

*“Meu pai, não busco coroa,*

*Mas elogio tácito <sup>59</sup> de ti;*

*Pois tuas pessoas são boas, e tua fama,*

*Morrerei para libertá-los.”*

*O rei sentou-se e lá esperou,*

*E não se levantou, noite ou dia;*

*Até que um som de grito preencheu o ar.*

*E choros de uma consternação ferida.*

*Então como rei ele sentou mais uma vez,*

*Com a coroa em sua cabeça;*

*E até o trono as pessoas levaram*

*Um grande gigante morto.*

*E até o trono as pessoas levaram*

*Um garoto pálido e sem vida.*

*O rei se levantou como um profeta de outrora,*

*Em uma alegria sublime e mortal.*

*Ele colocou a coroa na fronte gelada: “Tu deverias ter reinado comigo;*

*Mas a Morte é a rainha de ambos, e agora*

*Eu vou obedecer contigo.*

*“Certamente algum bem em mim há,*

*Para gerar o nobre.”*

*O velho homem sorriu como um dia de Inverno,*

*E caiu ao lado de seu filho.*

**2.**

*“Ó dama, teu amante está morto,” eles choravam;*

*“Ele está morto, mas destruiu o inimigo;*

*Ele deixou seu nome para ser magnificado*

*Em uma canção de admiração e infortúnio.”*

*“Ai! Fui bem retribuída”, disse ela,*

*“Com uma dor que doe como alegria;*

*Pois eu temia, pela suavidade dele comigo,*

*Que ele era apenas um garoto fraco.*

*“Agora mantereí minha cabeça erguida,*

*A rainha entre os meus;*

*Se vocês ouvirem algum som, é apenas um suspiro*

*De uma glória deixada para trás.”*

As primeiras três vezes que cantei estas canções ambos choraram apaixonadamente. Os olhos deles brilhavam, suas faces ficaram pálidas, mas eles jamais choraram com qualquer uma de minhas canções novamente.

56 Cada um dos pequenos parapeitos denteados que guarnecem o alto das torres, fortificações ou castelos e que protegem os atiradores.

57 Composição poética composta de estâncias de quatro versos de cinco sílabas. Canção melancólica.

58 Aqui, real tem o sentido de realeza.

59 Implícito; que está subentendido e, por isso, não precisa ser dito; que não se pode traduzir por palavras.

# Capítulo 21

*“Coloco minha vida em minhas mãos.” – The Book of Judges.*

Enfim, com muito trabalho e com igual deleite, nossa armadura estava terminada. Armamos uns aos outros, e testamos a força de defesa, com vários golpes de uma força dedicada. Eu era inferior em força a ambos meus irmãos, mas um pouco mais ágil que eles; e com essa agilidade, junto com a precisão de atingir com a ponta de minha arma, cerquei minhas chances de sucesso no combate seguinte. Da mesma maneira trabalhei para desenvolver ainda mais a precisão da visão com a qual eu era naturalmente dotado; e, pelas observações de meus companheiros, logo aprendi que meus esforços não eram em vão.

A manhã chegou na qual havíamos determinado fazer a tentativa, e obter sucesso ou perecer – talvez ambos. Resolvemos lutar a pé; sabendo que o revés de muitos dos cavaleiros que haviam feito a tentativa havia resultado do medo de seus cavalos quando os gigantes apareceram; e concordando com o Sr. Gawain que, embora filhos de éguas possam ser falsos para nós, a terra nunca provaria um traidor. Mas a maior parte de nossas preparações foi, em seu objetivo principal pelo menos, frustrada.

Levantamo-nos, naquela manhã fatal, com o nascer do dia. Havíamos descansado de todo o trabalho no dia anterior, e agora estávamos renovados como a cotovia. Banhamo-nos em água fria da nascente, e nos vestimos em trajes limpos, com uma sensação de preparação, como se para uma festividade solene. Quando havíamos desjejuado, peguei uma velha lira <sup>60</sup>, que eu havia encontrado na torre e havia eu mesmo consertado, e cantei pela última vez as duas baladas das quais já disse muito. As segui com isso, por uma canção de encerramento: -

*Ah, bom para ele que quebra seu sonho*

*Com o golpe que acaba com a contenda;*

*E, acordando, conhece a paz que flui*

*Ao redor da dor da vida!*

*Estamos mortos, meus irmãos! Nossos corpos apertados,*

*Com uma armadura, nossas almas vagando;*

*Esta mão é o machado de batalha que eu agarro,*

*E esta meu martelo robusto.*

*Não temam, meus irmãos, pois estamos mortos;*

*Nenhum barulho pode perturbar nosso descanso;*

*A calma do túmulo está perto da cabeça,*

*E o coração eleva não o peito.*

*E nossas vidas jogamos de volta para nosso povo,*

*Para viver com elas, uma futura provisão;*

*As deixamos com eles, para que não haja falta*

*Na terra onde não mais vivemos.*

*Ah, bom para ele que quebra seu sonho*

*Com o golpe que acaba com a contenda;*

*E, acordando, conhece a paz que flui*

*Ao redor do barulho da vida!*

Conforme as últimas notas do instrumento fluíam, como uma endecha, a morte da canção, todos nós nos colocamos de pé. Pois, através de uma das pequenas janelas da torre, para as quais eu havia olhado enquanto cantava, eu vi, subitamente se erguendo sobre a borda do declive no qual nossa torre ficava três cabeças enormes. Os irmãos souberam imediatamente, pela minha aparência, o que causou meu movimento súbito. Estávamos todos completamente desarmados e não havia tempo para nos armarmos.

Mas parecemos adotar a mesma resolução simultaneamente; pois cada um pegou sua arma favorita e, deixando sua defesa para trás, saltou para a porta.

Eu apanhei um longo florete, bruscamente, mas muito bem pontiagudo, na minha mão

de espada, e na outra um sabre; o irmão mais velho agraciou seu pesado machado de batalha; e o mais novo uma grande espada de duas mãos, que ele empunhava em uma mão como uma pena. Tivemos apenas tempo para sairmos da torre, nos abraçarmos e dizermos adeus, e nos separarmos em certa distância, onde não iríamos dificultar os movimentos uns dos outros, antes que a fraternidade tripla de gigantes se aproximasse para nos atacar. Eles tinham quase o dobro de nossa altura, e armados até os dentes. Através dos visores de seus capacetes os monstruosos olhos deles brilhavam com uma ferocidade horrenda. Eu estava na posição central, e o gigante do meio se aproximou de mim. Meus olhos estavam ocupados

com a armadura dele, e eu não estava, nem por um momento, em me colocar em meu modo de ataque. Eu vi que sua armadura corporal era de certa forma mal feita, e que as sobreposições na parte inferior tinham mais funções do que as necessárias; e eu esperava que, em um momento oportuno, alguma junta abriria um pouco, em uma parte visível e acessível. Fiquei de pé até que ele viesse próximo o suficiente de mim para mirar um golpe com a clava <sup>61</sup>, que havia sido, em todas as épocas, a arma favorita dos gigantes, quando, claro, eu saltei para o lado, e deixei o golpe cair sobre o ponto onde eu anteriormente estava. Eu esperava que isso fosse tencionar ainda mais as juntas da armadura dele.

Cheio de fúria, ele partiu para mim novamente; mas o mantive ocupado, constantemente esquivando os golpes dele, e esperando desta forma cansá-lo. Ele parecia não temer nenhum golpe partido de mim, e eu ainda não havia tentado nenhum; mas enquanto observava seus movimentos para evitar seus golpes, eu, ao mesmo tempo, observava igualmente aquelas juntas da armadura dele, através de uma das quais eu atingiria a vida dele. Enfim, como se de certa forma fatigado, ele pausou por um momento, e se ergueu levemente; eu saltei para frente, pés e mãos, e bati com meu florete bem através da armadura das costas dele, me virei conforme ele caiu, e voei para ele com meu sabre.

Com um golpe feliz dividi a banda do capacete dele, que caiu, e me permitiu, com um segundo corte pelos os olhos, cegá-lo; depois disso eu parti a cabeça dele, e virei, intacto, para ver como meus irmãos haviam se saído. Ambos os gigantes estavam caídos, mas meus irmãos também estavam.

Voiei primeiro para um, depois para o outro. Ambos os pares de combatentes estavam mortos, e ainda assim presos juntos, como se na luta da morte. O mais velho havia enterrado seu machado no corpo de seu inimigo, e havia caído abaixo dele quando ele caiu. O mais novo havia quase cortado fora a perna esquerda do inimigo; e, preso com o ato, havia, quando eles rolaram juntos pela terra, achado

para sua adaga uma passagem entre a gorjeira <sup>62</sup> e a couraça <sup>63</sup> do gigante, e o esfaqueou mortalmente na garganta.

O sangue da garganta do gigante ainda estava se derramando sobre a mão de seu inimigo, que ainda segurava o punho da adaga embainhado na ferida. Eles estavam em silêncio. Eu, o menos valioso, fui o único sobrevivente na lista.

Conforme permaneci exausto entre os mortos, depois do primeiro ato digno da minha vida, subitamente olhei atrás de mim, e ali estava a Sombra, de volta na luz do sol. Fui para a torre solitária, e lá estavam as armaduras inúteis dos jovens nobres – indolentes <sup>64</sup> como eles. Ah, como parecia triste! Fora uma morte gloriosa, mas era a morte. Minhas canções não podiam me confortar agora. Eu estava quase envergonhado pelo fato de eu estar vivo, quando eles, os sinceros, não estavam mais. E embora eu respirasse mais livre que eu havia passado pelo julgamento, e não havia falhado. E talvez eu fosse perdoado, se alguns sentimentos de orgulho crescessem em meu peito, quando eu olhasse para baixo para a grandiosa forma que estava morta pela minha mão.

“Depois de tudo, porém”, eu disse para mim mesmo, e meu coração afundou, “foi apenas habilidade. Seu gigante era apenas um estúpido.”

Deixei os corpos de amigos e inimigos, pacíficos o suficiente quando a batalha mortal havia terminado, e, apressando-me para a terra abaixo, despertei os camponeses. Eles vieram com gritos e alegria, trazendo carroças para carregar os corpos. Resolvi levar os príncipes de volta para o pai deles, cada um deitado como estava, nos braços do inimigo de suas terras. Mas antes procurei os gigantes, e encontrei as chaves do castelo deles, a qual eu consertei, seguido de uma grande companhia do povo.

Era um lugar de maravilhosa força. Soltei os prisioneiros, cavaleiros e damas, todos em uma condição triste, das crueldades e negligências dos gigantes. Humilhava-me vê-los se amontoando ao meu redor com agradecimentos, quando na verdade os irmãos gloriosos, deitados mortos perto de sua torre solitária, eram aqueles a qual os agradecimentos pertenciam. Eu tinha apenas ajudado a carregar o pensamento nascido no cérebro deles, e pronunciado em uma forma visível antes mesmo que eu chegasse lá. Mas ainda assim eu me encontrava feliz por ter sido escolhido como irmão deles neste grande ato.

Depois de algumas horas gastas em banhar e vestir os prisioneiros, todos nós começamos nossa jornada em direção à capital. Isso foi lento a princípio; mas,

conforme a força e vontade dos prisioneiros voltaram, se tornou mais rápido; e em três dias chegamos ao palácio do rei. Conforme entramos pelos portões da cidade, com os grandes corpulentos cada um em uma carroça puxada por cavalos, e dois deles inextricavelmente <sup>65</sup> entrelaçados com os corpos mortos de seus príncipes, as pessoas soltaram um grito depois um choro, e seguiram em multidões a procissão solene.

Não tentarei descrever o comportamento do grande velho rei. Alegria e orgulho de seus filhos sobrepujou a tristeza da perda deles. Sobre mim ele empilhou todo tipo de gentileza que o coração poderia inventar ou mão executar. Ele costumava sentar e me questionar, noite após noite, sobre qualquer coisa que estivesse de alguma forma conectada a eles e a preparação deles. Nosso modo de vida, e relação para com um ao outro, durante o tempo que passamos juntos, era um tema constante. Ele entrou nos detalhes mais minuciosos sobre a construção das armaduras, mesmo em um modo peculiar de rebitar algumas das placas, com interesse incansável.

Esta armadura eu tinha a intenção de implorar ao rei, como minhas únicas memórias do combate; mas, quando vi o prazer que ele tinha quando a contemplava, e o consolo que parecia oferecer a ele em sua tristeza, não pude pedir por ela; mas, a pedido dele, deixei minhas próprias, armas e tudo, para serem juntas às deles em um troféu, elevado em um grande salão do palácio. O rei, com belíssima cerimônia, me nomeou cavaleiro com sua própria mão velha, na qual tremia a espada de sua juventude.

Durante o pequeno tempo em que permaneci, minha companhia era, naturalmente, muito cortejada pelos jovens nobres. Eu estava constantemente rodeado de alegria e diversão, não obstante o fato de que a corte estava de luto. Pois o lugar estava tão alegre com a morte dos gigantes, e tantos de seus amigos perdidos haviam sido restabelecidos à nobreza e homens de riqueza, que a alegria superava o luto. “Vocês de fato deixaram suas vidas para o seu povo, meus irmãos!”, eu disse.

Mas eu era sempre assombrado pela velha sombra, que eu não havia visto durante todo o tempo em que estava trabalhando na torre. Mesmo na sociedade das damas da corte, que pareciam achar que era apenas o dever delas fazer da minha estadia aqui o mais prazerosa para mim quanto possível, eu não podia evitar estar consciente da sua presença, embora não estivesse me perturbando no momento.

Enfim, de certa forma cansado de prazer ininterrupto, e de maneira alguma fortalecido por isso, tanto em corpo quanto em mente, vesti uma esplêndida armadura de ferro ornada com prata, que o velho rei havia me dado, e, montando no

cavalo que havia sido trazido para mim, deixei o palácio, para visitar a distante cidade na qual a dama habitava, a quem o príncipe mais velho havia amado. Eu antecipei uma tarefa dolorosa, ao transmitir a ela a notícia do glorioso destino dele: mas seu julgamento havia me poupado, de uma maneira tão estranha quanto tudo que havia acontecido comigo na Terra das Fadas.

60 Instrumento musical de corda, com a forma aproximada de um U, cujos braços são ligados por uma barra a que se prendem as extremidades superiores das cordas. Sua origem remonta aos primórdios da história.

61 Tipo de armamento composto por um pedaço, grosso e maciço, de madeira, sendo uma de suas extremidades mais volumosa, muito utilizado como arma de ataque ou de defesa.

62 Armadura para pescoço.

63 Armadura que reveste o dorso e o peito.

64 Que não tem a capacidade de sentir dor física. Que não se deixa afetar; sem sensibilidade; insensível.

65 Que não se desemaranha, desembaraça ou desenlaça: nó inextricável.

# Capítulo 22

*“Niemand hat meine Gestalt als der Ich.” – Schoppe, em Titan, Jean Paul*

*“Ninguém tem minha forma apenas eu.”*

*“Alegria é um elfo sutil. Acredito que o homem é mais feliz quando se esquece de si mesmo.” – The Revenger’s Tragedy, Cyril Tourneur*

No terceiro dia de minha jornada, eu estava cavalgando por uma estrada, aparentemente pouco frequentada, a julgar pela grama que crescia sobre ela. Eu estava me aproximando de uma floresta. Em qualquer lugar nas florestas da Terra das Fadas estão os lugares onde alguém pode muito certamente esperar por aventuras. Conforme me aproximei, um jovem, desarmado, delicado e lindo, que havia acabado de cortar um galho de um teixo crescendo nas saias da madeira, evidentemente para fazer um arco para si, me encontrou, e por isso me abordou.

“Sr. cavaleiro, tenhas cuidado conforme tu cavalgas por esta floresta; pois é dita ser estranhamente encantada, de tal maneira que mesmo aqueles que foram testemunhas de seus encantos mal podem descrever.”

Eu agradeci a ele pelo conselho, que eu prometi seguir, e continuei. Mas no momento em que entrei na floresta, pareceu para mim que, se lá havia algum encantamento, seria de um bom tipo; pois a Sombra, que estava mais escura e aflitiva que o normal, desde que eu havia partido nesta jornada, subitamente desapareceu. Senti uma maravilhosa elevação de humor, e comecei a refletir sobre minha vida passada, e especialmente meu combate com os gigantes, com tal satisfação, que eu na verdade tinha que lembrar a mim mesmo que eu havia matado apenas um deles; e que, se não fosse pelos irmãos, eu jamais teria tido a ideia de atacá-los, sem mencionar o menor poder de encará-los. Ainda assim eu regozijava-me, e me incluía entre os gloriosos cavaleiros de idade; tendo ainda a indescritível presunção – minha vergonha e auto condenação na memória são tamanhas que eu escrevo como a única e mais dolorosa penitência que eu consigo produzir – pensar de mim mesmo (o mundo irá acreditar?) como lado a lado com o Sr. Galahad!

Mal o pensamento havia nascido em minha mente, quando, aproximando-se de mim pela esquerda, através das árvores, espiei um resplandecente cavaleiro, de tamanho poderoso, cuja armadura parecia brilhar por si só, sem o sol. Quando ele se aproximou, fiquei atônito ao ver que a armadura dele era como a minha própria; ora,

eu podia traçar, linha por linha, a correspondência dos ornamentos de prata do aparato com a meu próprio. O cavalo dele, também, era como o meu na cor, forma e movimento; salvo que, como seu cavaleiro, ele era maior e mais feroz que sua contrapartida. O cavaleiro cavalgava com a viseira levantada. Conforme ele parou exatamente o meu oposto no caminho estreito, barrando meu caminho, vi o reflexo do meu semblante na placa central de ferro brilhante no peitoral dele. Sobre ela erguia-se o mesmo rosto – o rosto dele – apenas, como eu disse, maior e mais feroz. Eu fiquei aturdido. Não pude evitar sentir certa admiração por ele, mas estava misturada com uma fraca convicção de que ele era mau, e que eu deveria lutar com ele.

“Deixe-me passar”, eu disse.

“Quando eu quiser”, ele respondeu.

Algo dentro de mim disse: “Lança em repouso, e a lance até ele! Senão tu és para sempre um escravo”.

Eu tentei, mas meu braço tremia tanto, que eu não podia conceber o lançamento. Para dizer a verdade, eu, que havia vencido o gigante, tremia como um covarde perante este cavaleiro. Ele deu uma risada desdenhosa, que ecoou pela floresta, virou seu cavalo, e disse, sem olhar em volta, “Siga-me”.

Obedeci, envergonhado e estupefato. Por quanto tempo ele guiou, e por quanto tempo segui, não sei dizer. “Jamais conheci miséria antes”, disse a mim mesmo. “Se eu apenas tivesse o atingido, e tivesse obtido meu golpe mortal em retorno! Por que, então, eu não o desafio a virar e defender-se?”

Ai! Eu não sei por que, mas eu não posso. Um olhar dele me intimidaria como um cão espancado”. Eu segui, e estava calado.

Enfim chegamos a uma torre quadrada e lúgubre, no meio de uma floresta densa. Parecia que mal uma árvore havia sido cortada para dar espaço a ela. Atravessando a própria porta, diagonalmente, crescia o caule de uma árvore, tão grande que havia espaço apenas para se esgueirar ao redor dele para entrar. Um miserável buraco quadrado no telhado era a única sugestão visível de janela. Torreão <sup>66</sup> ou ameia, ou qualquer tipo de cantaria <sup>67</sup> que se projetava, não havia nenhum. Clara, suave e maciça, erguia-se de sua base, e terminava com uma linha reta e contínua. O telhado, carregado até o meio por cada uma das quatro paredes, erguia-se suavemente até o ponto em que as vigas se encontravam. Ao redor da base havia diversos pequenos montes de galhos quebrados, murchos e descascados, ou ossos semi clareados; eu não sabia dizer qual. Conforme me aproximei, o chão parecia oco debaixo dos cascos do meu cavalo. O cavaleiro pegou uma grande chave de seu bolso, e

esticando-se além do tronco da árvore, com certa dificuldade, abriu a porta. “Desmonte,” ele comandou. Obedeci. Ele virou a cabeça de meu cavalo para longe da torre, o deu um golpe terrível com a parte chata de sua espada, e o mandou trotando selvagememente pela floresta.

“Agora”, disse ele, “entre, e leve seu companheiro com você.”

Olhei em volta: o cavaleiro e o cavalo haviam sumido, e atrás de mim estava a terrível sombra. Entrei, pois não pude evitar; e a sombra me seguiu. Tinha uma terrível convicção de que o cavaleiro e a sombra eram um só. A porta se fechou atrás de mim.

Agora eu estava de fato em uma situação lamentável. Não havia literalmente nada na torre exceto por minha sombra e eu. As paredes erguiam-se diretamente até o teto; no qual, conforme eu havia visto de fora, uma pequena abertura quadrada. Esta, agora, eu sabia que era a única janela que a torre possuía. Sentei-me no chão, em uma miséria apática. Acredito que devo ter caído no sono, e dormido por horas; pois subitamente tomei consciência da existência, ao observar que a lua estava brilhando através do buraco no teto. Conforme ela subia mais e mais alto, a luz dela rastejava pelas paredes até mim, até que enfim brilhou diretamente sobre minha cabeça. Instantaneamente as paredes da torre pareceram desaparecer como uma névoa. Eu estava sentado debaixo de uma faia, na borda de uma floresta, e o campo aberto estendia-se, no luar, por quilômetros e quilômetros ao meu redor, manchado com casas, pináculos e torres cintilantes.

Pensei comigo mesmo, “Ó, alegria! Foi apenas um sonho; o terrível caminho estreito sumiu, e acordo debaixo de uma faia, talvez uma que me ame, e eu posso ir aonde quiser”. Levantei-me, enquanto pensava, e andei por aí, e fiz o que eu queria fazer, mas sempre mantinha-me perto da árvore; pois sempre e, claro, desde meu encontro com a mulher da faia muito mais do que sempre, eu amava aquela árvore. Então a noite passou. Esperei o sol nascer, antes que me aventurasse a renovar minha aventura. Mas assim que as primeiras luzes fracas do alvorecer apareceram, ao invés de brilhar sobre mim pelo olho da manhã, se esgueirou como um fantasma enfraquecido pelo pequeno buraco quadrado acima da minha cabeça; e as paredes apareciam conforme a luz se intensificava e a gloriosa noite foi engolida pelo dia odiável. O longo dia horrível passou.

Minha sombra estava preta, no chão. Eu não sentia fome, não sentia necessidade de comida. A noite veio. A lua brilhou. Vi a luz dela lentamente descer pela parede, como eu poderia ver, descendo no céu, a aproximação longa e rápida de um anjo que

veio para ajudar. Os raios dela me tocaram, e eu estava livre. Assim noite após noite se passou. Eu deveria ter morrido apenas por causa disso. Toda noite a convicção retornava, que eu estava livre. Toda manhã eu me sentava miseravelmente desconsolado. Enfim, quando o curso da lua não mais permitia que os raios dela me tocassem, a noite era tão terrível quanto o dia. Quando eu dormia, era de certa forma consolado pelos meus sonhos; mas toda vez que eu sonhava, eu sabia que estava apenas sonhando. Mas uma noite, finalmente, a lua, um mero pingo de palidez, fez chover alguns poucos e espalhados raios sobre mim; e acredito que eu dormi e sonhei. Eu estava sentado em uma noite de Outono, antes da colheita das uvas, em uma colina observando meu próprio castelo.

Meu coração pulsou com alegria. Ah, ser uma criança novamente, inocente, destemido, sem inibição ou desejo! Andei até o meu castelo. Todos estavam consternados com minha ausência. Minhas irmãs choravam por minha perda. Elas saltaram e se agarraram a mim, com choros incoerentes, conforme entrei. Meus velhos amigos vieram reunindo-se ao meu redor. Uma luz acinzentada brilhava no telhado do salão. Era a luz do alvorecer brilhando pelo buraco quadrado da torre. Mais seriamente do que nunca, desejei liberdade após este sonho; mais terrivelmente do que nunca, rastejou o próximo dia miserável. Eu media pelos raios solares, pegos pela pequena janela no topo da minha torre, conforme iam, esperando apenas pelos sonhos da noite.

Perto do meio dia, eu comecei como se algo estrangeiro para todos os meus sentidos e toda minha experiência houvesse subitamente me invadido; ainda assim era apenas a voz de uma mulher cantando. Toda minha compostura tremeu com alegria, surpresa e a sensação do inesperado. Como uma alma viva, como uma encarnação da Natureza, a canção adentrou meu presídio. Cada nota dobrava suas asas e se deitava, com um pássaro acariciador, sobre meu coração. Banhou-me como um mar; me envolveu como um vapor cheiroso; entrou em minha alma como uma longa seca que é preenchida por uma nascente de água; brilhou sobre mim como a luz solar essencial; me acalmou como a voz de uma mão e seu carinho.

Ainda assim, como o poço mais claro da floresta às vezes tem o gosto amargo de folhas em decomposição, para o meu coração cansado e prisioneiro, sua alegria tinha um quê de frio, e sua ternura me deprimia com a fraqueza de alegrias há muito desaparecidas. Chorei meio amargamente, meio luxuosamente; mas não muito. Mandei embora as lágrimas, envergonhado de uma fraqueza que eu achei que tivesse abandonado. Antes que eu soubesse, eu havia andado até a porta, e sentado com minha orelha contra ela, com o objetivo de pegar cada sílaba da revelação do

invisível mundo exterior.

E agora eu ouvia cada palavra distintamente. A cantora parecia estar de pé ou sentada próxima à torre, pois os sons não indicavam mudança de lugar. A canção era algo assim:

*O sol, como um nó dourado acima,  
Junta as glórias do céu,  
E as liga em uma tenda brilhante,  
Cobrindo o mundo com seu firmamento.  
E pelo pavilhão os ricos ventos sopram,  
E pelo pavilhão as águas fluem.  
E os pássaros por alegria, e as árvores por prece,  
Mexendo suas cabeças no ar ensolarado,  
E por pensamentos, as nascentes que falam suavemente,  
Que vêm do centro com coisas secretas  
Tudo faz uma música, suave e forte,  
Unidas ao coração em uma doce canção.  
E em meio a todos eles, a mãe Terra  
Senta com os filhos do parto dela;  
Ela encaminha todos eles, como uma mãe  
Os pequeninos ao redor dela, doze ou dez anos:  
Frequentemente ela se senta, com as mãos nos joelhos,  
Preguiçosa com o amor de sua família.  
Vão até ela do escuro e da poeira,  
E choram ao lado dela, se chorar tu precisas;  
Se ela não o segurar ao peito dela;  
Como uma criança cansada, que chora por descanso;  
Enfim ela o pressionará contra o joelho dela,  
E contará um conto lento e doce para ti,  
Até que a cor de tuas bochechas, e a luz de teus olhos,  
Fiquem forte em teus membros, e eleve a coragem  
Para teu coração fraco, voltam rapidamente,  
E fora para trabalhar tu vais novamente.  
Do deserto mais estreito, ó homem orgulhoso,  
Venha até a casa, tão alta e larga.*

Mal sabendo o que sei, abri a porta. Por que não o fiz antes? Eu não sei.  
A princípio eu não podia ver ninguém; mas quando me forcei para fora da árvore que

crescia na entrada, eu vi, sentada no chão, e encostada contra a árvore, com as costas viradas para minha prisão, uma linda mulher. As feições dela pareciam familiares para mim, e ainda assim desconhecidas. Ela olhou para mim e sorriu, quando apareci.

“Ah! Você era o prisioneiro de lá? Estou muito feliz que o persuadi a sair.”

“Você me conhece?”

“Você não me conhece?”

Mas você me machucou, e isso, suponho, faz com que fique fácil para um homem esquecer. Você quebrou meu globo. Mas ainda assim fico agradecida. Talvez eu lhe deva muitas coisas por tê-lo quebrado. Levei os pedaços, todos pretos e molhados por ter chorado sobre eles, e levei até a Rainha das Fadas. Não havia mais música ou luz nele. Mas ela os pegou de mim, e os deixou de lado; e me fez dormir em um grande salão branco, com pilares brancos e muitas cortinas vermelhas. Quando acordei pela manhã, fui até ela, esperando ter meu globo de volta, são e salvo; mas ela me mandou embora sem ele e não o vejo desde então. Nem tampouco me importo com ele agora. Eu tenho algo muito melhor. Não preciso do globo para tocar para mim; pois posso cantar. Eu não podia cantar nada antes.

Agora vou para todos os lugares na Terra das Fadas, cantando até que meu coração esteja prestes a se quebrar, assim como meu globo, por pura alegria com minhas próprias canções. E onde quer que eu vá, minhas canções fazem bem e libertam pessoas. E agora eu o libertei, e estou tão feliz.”

Ela parou, e as lágrimas chegaram até seus olhos.

Todo este tempo, estive observando-a; e agora reconhecia completamente o rosto da criança, glorificado no semblante de uma mulher. Eu estava envergonhado e humilhado perante ela; mas um grande peso foi levantado de meus pensamentos. Ajoelhei-me perante ela, a agradei e implorei pelo seu perdão.

“Levante-se, levante-se”, ela disse; “Não tenho o que perdoar; eu agradeço-lhe. Mas agora preciso ir, pois não sei quantos podem estar esperando por mim, aqui e ali, através das florestas escuras; e eles não podem sair até que eu venha.”

Ela se levantou, e com um sorriso e um adeus, virou e me deixou. Não ousei pedir a ela que ficasse; na verdade, eu mal conseguia falar com ela. Entre ela e eu, havia um grande abismo. Ela era elevada, pela tristeza e beneficência, até uma região que eu mal podia esperar algum dia entrar. Eu vi a partida dela, como alguém assiste a um

pôr-do-sol. Ela foi como um raio de luz através da floresta escura, que doravante era clara para mim, simplesmente por saber que tal criatura estava nela. Ela estava levando o sol para os lugares não ensolarados. A luz e a música do globo quebrado dela estavam agora no coração e cérebro dela. Conforme ela ia, ela cantava; e peguei estas poucas palavras da canção dela; e as notas pareciam se demorar e serpentear pelas árvores depois que ela desaparecia:

*Tu vais o teu, e eu vou o meu  
Em vários caminhos terminamos;  
Vários dias, e vários caminhos,  
Terminando em um mesmo lugar.  
Muitos errados, e sua canção que cura;  
Muitas estradas, e muitas pousadas;  
Vagam e vagam, mas apenas uma casa  
Para o mundo todo ganhar.*

Então ela desapareceu. Com um coração triste, acalmado pela humildade, e o conhecimento da paz e gratidão dela, eu refleti sobre o que eu deveria fazer agora. Primeiramente, devo deixar a torre muito para trás, para que não, em algum momento maligno, eu fique novamente preso no interior de suas paredes horríveis. Mas foi desconfortável acordar em minha armadura pesada; e além do fato de agora eu não ter direito às esporas douradas e a malha resplandecente, apropriadamente opaca com longa negligência.

Eu precisava de um escudeiro; mas eu honrava muito a cavalaria, para continuar referindo a mim mesmo como um dos nobres da fraternidade. Despi-me de toda minha armadura, empilhei-a debaixo da árvore, exatamente onde a dama estava sentada, e tomei meu caminho desconhecido, a este pela floresta. De todas as minhas armas, eu carregava apenas um curto machado em minha mão.

Então primeiramente conheci o deleite de ser modesto; de dizer a mim mesmo, “Eu sou o que sou, nada mais”, “Eu falei”, eu disse; “Eu me perdi – se não fosse por minha sombra”. Olhei em volta: a sombra não estava em nenhum lugar visível. Dentro em pouco, descobri que não fui eu mesmo, apenas minha sombra, que eu havia perdido. Aprendi que é melhor, mil vezes, para um homem orgulhoso cair e ser humilhado, do que manter a cabeça erguida em seu orgulho e falsa inocência. Aprendi que ele que será um herói, mal será um homem; que aquele que não será nada além de um executor de seu trabalho, está certo de sua masculinidade.

Em nada meus ideais foram rebaixados, ou ofuscados, ou ficado menos preciosos; eu apenas os vi muito claramente, para me deixar um momento de fora disso. Na verdade, meu ideal logo se tornou minha vida; enquanto, antes, minha vida havia consistido em uma vã tentativa de observar, se não meu ideal em mim mesmo, pelo menos eu mesmo em meu ideal.

Agora, porém, eu senti, primeiramente, o que talvez fosse um prazer equivocados, em me menosprezar e degradar. Outro eu pareceu se erguer, como um espírito branco de um homem morto, do estúpido e calcado eu do passado. Indubitavelmente, este eu deve novamente ser morto e enterrado, e novamente, de seu túmulo, nutrir uma criança ferida; mas disso minha história ainda não tem recordações. O eu virá à vida mesmo durante a morte do eu; mas sempre há algo mais profundo e forte que ele, que emergirá finalmente dos abismos desconhecidos da alma: será com uma melancolia solene, queimando com os olhos?

Ou uma manhã clara depois da chuva?

Ou uma criança sorridente, que não se encontra em lugar algum, e em todo lugar?

66 Torre larga, com ameias, que constitui o reduto defensivo de um castelo.

67 Pedra lavrada para construções.

# Capítulo 23

*“Pensamento ereto e elevado, sentado em um coração de cortesia” – Sir Philip Sidney.*

*“Um tipo de graça doce e agradável,  
Uma total segurança concebida pela aparência,  
Conforto contínuo em um rosto,  
Os lineamentos dos livros do Evangelho.” – Sir Philip Sidney, Matthew Roydon.*

Eu não tinha ido longe, pois eu havia acabado de perder a odiosa torre de vista, quando uma voz de outro tipo, soando perto ou longe, conforme as árvores permitiam ou interceptavam sua passagem, me alcançou. Era uma voz masculina cheia e profunda, mas, além disso, clara e melodiosa.

Agora explodia aos ouvidos com um súbito inchaço, e sem demora, morrendo de forma igualmente súbita, pareceu vir até mim através de um grande espaço. Não obstante, se aproximou; até que, finalmente, eu podia distinguir as palavras da canção, e conseguia vislumbres transitórios do cantor, por entre as colunas de árvores. Ele veio mais perto, se aproximando de mim como um pensamento crescente. Ele era um cavaleiro, armado dos pés à cabeça, montado sobre um animal de aparência estranha, cuja forma eu não conseguia entender. As palavras que o ouvi cantando eram como estas: -

*Coração seja forte,  
E o olho verdadeiro;  
Boa lâmina!  
E dificilmente irá se arrepender.  
Coragem, cavalo!  
Não te faltas habilidade;  
Bem tua força  
Combinou com minha vontade.  
Pelo inimigo,  
Com hálito feroso,  
Com um golpe,  
Está imóvel na morte.  
Manso, cavalo!*

*Ande destemido;  
É o caminho dele  
Que te sobrecarrega.  
O olho do sol  
É feroz ao meio dia;  
Eu e tu  
Descansaremos logo.  
E nova força  
Novo trabalho irá encontrar;  
Até que, enfim,  
O longo descanso é doce.*

E agora cavalo e cavaleiro haviam chegado perto o suficiente para que eu visse, preso do longo pescoço até a parte posterior da sela, e deixando seu comprimento horrendo no chão atrás de si, o corpo de um grande dragão. Não era de se surpreender que, com tal carga sobre seus calcanhares, o cavalo podia fazer apenas um progresso lento, não obstante seu desânimo aparente. A cabeça horrível, como a de uma serpente, com sua língua preta, bifurcada em vermelho, pendurada para fora de suas mandíbulas, pendendo contra o lado do cavalo. Seu pescoço estava coberto com longos pelos azuis; suas laterais com escamas verdes e douradas.

As costas dele eram de uma pele enrugada, de uma tonalidade roxa. Sua barriga era similar em natureza, mas sua cor era de chumbo, manchada com pintas de um azul vívido. Suas asas magrelas e como as de um morcego, assim como seu rabo, eram de um cinza amorfo. Era estranho ver como tantas cores maravilhosas, tantas linhas curvas, e coisas tão lindas como asas, pelos e escamas, combinavam-se para formar esta criatura horrível, intensamente feia.

O cavaleiro estava passando por mim com uma saudação; mas, conforme andei em direção a ele, ele freou, e eu me mantive em pé ao lado de seu estribo. Quando me aproximei dele, vi para minha surpresa e prazer, embora uma dor súbita, como o nascimento do fogo, saltasse para meu coração, que era o cavaleiro da armadura manchada, que eu conhecera antes e que eu vira na visão, com a dama de mármore. Mas eu poderia ter jogado meus braços ao redor dele, porque ela o amava. Esta descoberta apenas fortaleceu a decisão que eu havia tomado, antes de reconhecê-lo, de me

oferecer ao cavaleiro, de esperar por ele como um escudeiro, pois ele parecia estar desacompanhado. Fiz meu pedido com o menor número de palavras possível. Ele hesitou por um momento e olhou para mim pensativamente. Vi que ele suspeitava de

quem eu era, mas ele continuou incerto com sua suspeita. Sem dúvidas ele logo foi convencido da verdade; mas durante todo o tempo que estive com ele, nenhuma palavra cruzou os lábios dele com referência ao que ele evidentemente concluiu que eu gostaria de deixar despercebido, se não manter escondido.

“Escudeiro e cavaleiro deveriam ser amigos”, disse ele: “você pode me pegar pela mão?”. E ele estendeu a grande mão direita enluvada. A agarrei com vontade e força. Nem mais uma palavra foi dita. O cavaleiro deu o sinal para o cavalo dele, que novamente começou sua marcha lenta, e eu andava ao lado e um pouco atrás.

Não havíamos andado muito antes que chegássemos a uma pequena cabana; da qual, conforme nos aproximamos, uma mulher correu para fora com uma exclamação:

“Minha filha! Minha filha! Encontrou minha filha?”

“Eu a encontrei”, respondeu o cavaleiro, “mas ela está severamente machucada. Fui forçado a deixá-la com o eremita, conforme voltei. Você encontrará ela lá, e acredito que ela irá melhorar. Você vê que eu lhe trouxe um presente. Este desgraçado não lhe machucará novamente”. E ele soltou o pescoço da criatura, e arremessou a temerosa carga perto da porta da cabana.

A mulher estava agora quase fora de vista na floresta; mas o marido ficou à porta, com uma gratidão muda no rosto.

“Você deve enterrar o monstro”, disse o cavaleiro. “Se eu tivesse chegado um instante mais tarde, teria sido tarde demais. Mas agora você não precisa temer, pois uma criatura como esta muito raramente aparece, no mesmo lugar, duas vezes durante a vida.”

“Você não quer desmontar e descansar, Sr. Cavaleiro?”, disse o camponês, que tinha, até o momento, se recuperado um pouco.

“Isso o farei, agradecidamente”, disse ele; e, desmontando, ele deu as rédeas para mim, e me disse para soltar o cavalo, e o levar para a sombra. “Você não precisa amarrá-lo”, ele adicionou; “ele não fugirá.”

Quando voltei, depois de obedecer às ordens dele, e entrei na cabana, vi o cavaleiro sentado, sem o capacete, e falando muito intimamente com o simples anfitrião. Fiquei à porta aberta por um momento, e, olhando fixamente para ele, interiormente justifiquei a dama branca preferir ele a mim. Nunca vi um semblante mais nobre. Amabilidade e gentileza brilhavam de cada traço do rosto dele. Parecia como se ele fosse se retribuir pelo último e árduo combate, ao entregar-se a todas as gentilezas de um coração feminino. Mas quando a conversa pausou por um momento, ele pareceu cair em um devaneio. Então as extraordinárias curvas do lábio superior

desapareceram. O lábio foi esticado e comprimido concomitantemente. Você poderia dizer que, dentro dos lábios, os dentes estavam firmemente fechados. Todo o rosto ficou sério e determinado, tudo menos feroz; apenas os olhos queimavam como um sacrifício sagrado, elevados em uma pedra de granito.

A mulher entrou, com sua filha nos braços. Ela estava tão pálida quanto sua pequena carga. Ela olhou fixamente, com um amor cru e ternura desesperadora, para a face imóvel e tudo exceto morta, branca e livre de perda de sangue ou terror.

O cavaleiro se levantou. A luz que havia sido confinada nos olhos dele agora brilhava em todo seu semblante. Ele pegou a pequena coisa nos braços e, com a ajuda da mãe, despiu-a, e olhou suas feridas. As lágrimas desceram pelo rosto dele conforme ele o fez. Com mãos tenras ele as enfaixou, beijou a bochecha pálida e a devolveu para a mãe. Quando ele foi para casa, todo o conto seria do luto e alegria dos pais; enquanto para mim, que havia observado, o gracioso semblante do homem de armadura, brilhando da panóplia de ferro, sobre a criança aparentemente morta, enquanto as poderosas mãos a viraram e enfaixaram, se possível ainda mais suavemente que as mãos da mãe, formavam o centro da história.

Depois que havíamos participado do melhor que eles podiam oferecer a nós, o cavaleiro se retirou, com algumas instruções de saída para a mãe, sendo como ela deveria tratar a criança.

Eu trouxe ao cavaleiro seu corcel, ajudei com o estribo enquanto ele montava e então o segui pela floresta. O cavalo, feliz em estar livre de sua carga horrenda, saltava debaixo do peso de homem e armadura, e mal podia ser contido de sair galopando. Mas o cavaleiro o fez ficar no mesmo ritmo que eu, e então avançamos por uma hora ou duas. Então o cavaleiro desmontou e me persuadiu a subir na sela, dizendo: “Cavaleiro e escudeiro devem dividir o trabalho”.

Segurando no estribo, ele andou ao meu lado, pesadamente vestido como ele estava, com aparente facilidade. Conforme avançávamos, ele guiou uma conversa, na qual eu tomei a humilde parte que meus sentidos e minha condição me permitiam.

“De jeito ou de outro”, disse ele, “não obstante a beleza desta terra de Fadas, na qual estamos, há muito que está errado nela. Se há grandes esplendores, há horrores correspondentes; altos e baixos; mulheres lindas e demônios medonhos; homens nobres e fracos. Tudo que um homem precisa fazer é melhorar o que ele consegue. E se ele se acomodar consigo mesmo, que mesmo fama e sucesso não são neles mesmos de grande valor, e ficar satisfeito em ser derrotado, seja de tal maneira que a

culpa não seja dele; e então se segue o trabalho dele com uma mente fresca e uma vontade forte, ele o fará; e não cobrará ninguém no final, que ele não sobrecarregou com provisão e cuidado.”

“Mas nem sempre ele se dará bem”, me aventurei dizer.

“Talvez não”, respondeu o cavaleiro, “no ato individual; mas o resultado da vida dele o satisfará.”

“Então irá acontecer com você, sem dúvidas”, pensei eu; “mas para mim ”

Me aventurando a retomar a conversa depois de uma pausa, eu disse, hesitante:

“Posso perguntar o motivo da garota mendiga precisar de sua ajuda, quando ela veio até seu castelo para encontrá-lo?”

Ele olhou para mim por um momento em silêncio, e então disse:

“Não posso evitar me perguntar como você sabe disso; mas há algo em você estranho o suficiente para te intitular o privilégio da terra; isto é, ir sem ser questionado.

Eu, porém, sendo apenas um homem, como você me vê, estou pronto para lhe contar qualquer coisa que você gostaria de me perguntar, desde que eu consiga. A pequena criança mendiga veio até o salão onde eu estava sentado, e me contou uma história muito curiosa, que eu posso recordar muito vagamente, era tão peculiar. O que posso recordar é que ela foi mandada para juntar asas. Assim que ela conseguiu um par de asas para si mesma, ela voaria para longe, ela disse, para o lugar de onde ela veio; mas onde estavam, ela não podia dar esta informação.

Ela disse que tinha que implorar por suas asas para que as borboletas e mariposas fizessem um par para ela; então ela teria que perambular dia após dia, procurando por borboletas, e noite após noite, procurando por mariposas; e então ela imploraria pelas asas delas. Mas no dia anterior, ela havia chegado a uma parte da floresta, ela disse, onde haviam multidões de esplêndidas borboletas voando, com asas que eram exatamente o que ela precisava; e ela sabia que podia conseguir quantas quisesse ao pedi-las; mas assim que ela começou a implorar, veio uma grande criatura até ela, e a jogou no chão e andou por cima dela. Quando ela levantou, viu que a terra estava cheia desses seres, e parecendo não ter nada a ver um com o outro.

Assim que ela começou a implorar, um andou até ela; até que finalmente em desânimo, e em crescente horror das criaturas insensíveis, ela correu para procurar alguém que pudesse ajudá-la. Perguntei a ela como eles eram. Ela disse, como homens grandes, feitos de madeira, sem joelhos ou cotovelos, e sem bocas, narizes

ou olhos nos rostos. Eu ri da pequena dama, achando que ela estava fazendo brincadeiras de criança comigo; mas, embora ela também tenha explodido em gargalhada, ela persistiu afirmando a veracidade da história dela.

“Apenas venha, cavaleiro, venha e veja; vou guiá-lo.”

Então me armei, para estar pronto para qualquer coisa que pudesse acontecer, e segui a criança; pois, apesar de eu não conseguir tirar nada da história dela, pude ver que ela era um pequeno ser humano com necessidade de algum tipo de ajuda. Conforme ela andava à minha frente, eu olhava atentamente para ela. Se era ou não pelo fato de ser frequentemente derrubada e atropelada, eu não sabia dizer, mas as roupas dela estavam muito puídas, e em vários lugares a pele branca dela estava espiando para fora. Eu achei que ela fosse corcunda; mas ao olhar mais atentamente, eu vi, através dos farrapos do vestido dela – não ria de mim – várias asas em cada ombro, das cores mais maravilhosas.

Olhando ainda mais de perto, vi que elas tinham o formato de asas dobradas e eram feitas de todos os tipos de asas de borboletas e mariposas, amontoadas juntas como as na ponta da asa individual da borboleta; mas, como elas, arranjadas da maneira mais bonita, e produzindo perfeita harmonia de cor e sombra. Eu agora podia mais facilmente acreditar no resto da história; especialmente quando vi, de quando em quando, certa agitação nas asas, como se elas desejassem ser elevadas e abertas.

Mas debaixo dos trajes escassos dela asas completas não podiam ser escondidas, e na verdade, pela própria história dela, elas estavam inacabadas.

“Depois de andar por duas ou três horas (como a pequena menina encontrou o caminho, não posso nem imaginar), chegamos a uma parte da floresta, cujo próprio ar estava tremulando com os movimentos de multidões de borboletas resplandecentes; tão belas nas cores, como se os olhos <sup>68</sup> das penas dos pavões tivessem decidido voar, mas de variedade infinita de cor e forma, só que a aparência de algum tipo de olho predominava em cada asa.

Ali estão eles, ali estão eles!., exclamou a criança, em um tom de vitória misturado com terror. Exceto por este tom, eu deveria imaginar que ela se referia às borboletas, pois eu não podia ver mais nada.

Mas no momento em que uma borboleta enorme, cujas asas possuíam grandes olhos azuis cercados por confusas e nubladas multidões de uma coloração mais desbotada, exatamente como uma rachadura nas nuvens em um dia tempestuoso que vai em direção à noite, acomodada próxima a nós. A criança instantaneamente começou a

murmurar: Borboleta, borboleta, me dê suas asas;. quando, no momento seguinte, ela caiu no chão, e começou a chorar como se machucada. Peguei minha espada e inferi um grande golpe na direção na qual a criança havia caído. Atingiu algo, e instantaneamente a imitação mais grotesca de homem se tornou visível.

Você vê que esta Terra das Fadas é cheia de estranhezas e todos os tipos de coisas incrivelmente ridículas, que um homem é persuadido a conhecer e tratar como existências reais, embora durante todo o tempo se sinta tolo por fazê-lo. Esta criatura, se podia ser chamada de criatura, era como um bloco de madeira grosseiramente moldado nos meros contornos de um homem; e dificilmente, pois tinha apenas uma cabeça, corpo, pernas e braços – a cabeça sem um rosto e os membros totalmente disformes.

Eu havia cortado fora uma das pernas dele, mas as duas partes moveram-se adiante o melhor que podiam, independentes uma da outra; então eu não tinha feito bem. Corri atrás dele, e o dividi no meio da cabeça para baixo; mas ele não podia ser convencido de que sua vocação não fosse andar sobre as pessoas; pois, assim que a garotinha começou a implorar novamente, todas as três partes chegaram atropelando; e se eu não tivesse colocado meu peso entre ela e eles, ela mais uma vez teria sido jogada para baixo deles. Vi que outra coisa deveria ser feito.

Se a floresta estava cheia das criaturas, seria um trabalho infinito cortá-los em pedaços minúsculos de forma que não pudessem causar danos; e então, além disso, as partes seriam tão numerosas, que as borboletas ficariam em perigo por conta da acumulação de lascas voadoras. Deixei este como estava, porém; e então disse à garota para implorar novamente, e apontar a direção de onde algum deles estivesse vindo. Fiquei feliz em descobrir, porém, que agora eu podia vê-los eu mesmo, e me perguntei como eles poderiam ter sido invisíveis antes. Eu não permitiria que ele andasse sobre a criança; mas enquanto o mantinha longe, e ela começou a implorar novamente, outro apareceu; e era tudo que eu podia fazer, do peso da minha armadura, protegê-la dos esforços estúpidos e perseverantes dos dois. Mas subitamente o plano correto me ocorreu.

Eu peguei um deles, e, o pegando pelas pernas, o sentei sobre a cabeça dele, com os calcanhares contra uma árvore. Fiquei encantado de ver que ele não podia se mover. No meio tempo a pobre criança estava sendo atropelada pelo outro, mas foi pela última vez. Sempre que um aparecia, eu seguia o mesmo plano – o pegava e o colocava sentado sobre sua cabeça; e então a pequena mendiga era capaz de juntar todas as asas sem problemas, tal ocupação ela continuou por diversas horas em

minha companhia.”

“O que aconteceu com ela?”, perguntei.

“Levei-a para casa comigo até meu castelo, e ela me contou toda a história dela; mas parecia para mim, o tempo todo, como se eu estivesse ouvindo uma criança falar durante o sono. Eu não conseguia de maneira alguma organizar a história dela em minha cabeça, embora parecesse estar na dela em certa ordem própria. Minha esposa.”

Aqui o cavaleiro se repreendeu, e não disse mais nada. Nem eu estimei para que a conversa fosse para frente.

Assim viajamos por diversos dias, descansando à noite nos abrigos que conseguíamos encontrar; e quando não havia nada melhor, nos deitávamos debaixo de alguma árvore, em um acolchoado de velhas folhas.

Eu amava o cavaleiro cada vez mais. Acredito que nenhum escudeiro jamais serviu seu mestre com mais cuidado e alegria do que eu. Eu cuidava do cavalo dele; eu limpava a armadura dele; minha habilidade no ofício permitia que eu a consertasse quando necessário; eu observava as necessidades dele; e era bem retribuído por tudo, pelo próprio amor que eu tinha em relação a ele.

“Este”, eu disse a mim mesmo, “é um verdadeiro homem. Vou servi-lo, e dar a ele toda a adoração, vendo nele a incorporação do que eu com prazer seria. Se eu mesmo não posso ser nobre, ainda serei servo da nobreza dele”. Ele, em retorno, logo mostrou tais sinais de amizade e respeito que fez meu coração feliz; e eu senti que, depois de tudo, a minha vida não seria uma perda, se eu pudesse ficar com ele até o fim do mundo, mesmo que nenhum sorriso exceto o dele me saudasse, e ninguém mais exceto ele dissesse, “Bem feito! Ele foi um bom servo!”, finalmente. Mas eu queimava com vontade de fazer para ele algo mais do que a rotina ordinária de trabalho de um escudeiro permitia.

Uma tarde, nós começamos a observar a aparição de estradas na floresta. Galhos haviam sido cortados, e aberturas feitas, onde passos não haviam marcado o caminho abaixo. Estas indicações cresceram conforme seguimos em frente; até que, enfim, chegamos a uma avenida longa e estreita, formada pela derrubada de árvores na sua linha, como as raízes remanescentes evidenciavam. A certa distância, nas duas mãos, observamos sinais de avenidas similares, que pareciam convergir com a nossa, em direção a um ponto. Junto com essas indistintamente vimos diversas formas se movendo, que pareciam, para nós, aproximarem-se do centro.

Nosso caminho nos trouxe, enfim, a uma parede de teixos, que cresciam juntos, e entrelaçando seus galhos de forma que nada pudesse ser visto além deles. Uma abertura fora cortada nele como uma porta e toda a parede estava aparada suave e perpendicularmente. O cavaleiro desmontou, e esperou até que eu tivesse arranjado o conforto do cavalo dele; depois disso entramos no lugar juntos.

Era um grande espaço, desnudo de árvores e cercado por quatro paredes de teixos, similares àquela pela qual havíamos entrado. Estas árvores cresciam até uma altura muito grande e não se separavam umas das outras até o topo, onde suas copas formavam uma fila de batalhas cônicas por toda a volta das paredes. O espaço contido era um paralelogramo de grande extensão. Ao longo dos dois lados mais compridos do interior, estavam arranjadas três categorias de homens, em robes brancos, de pé silenciosos e solenes, cada um com uma espada ao lado, embora o resto de seus trajes e comportamentos fossem mais de clérigos do que de soldados. A alguma distância no interior, em direção à extremidade posterior, muito além da multidão, em uma longa avenida, parecendo se estreitar na distância, iam as duas longas fileiras de homens em robes brancos. No que a atenção da multidão estava fixa, não sabíamos dizer, pois o sol havia se posto antes que chegássemos, e estava ficando escuro no interior. Ficou cada vez mais escuro.

A multidão esperava em silêncio. As estrelas começaram a brilhar sobre o recinto e elas ficavam mais brilhantes e maiores a cada instante. Um vento surgiu, e balançou os pináculos das copas das árvores; e fazia um som estranho, meio como música, meio como gemidos, através dos galhos próximos e das folhas das árvores-parede. Uma jovem garota que estava ao meu lado, vestida no mesmo traje que os padres, curvou a cabeça, e ficou pálida com admiração.

O cavaleiro sussurrou para mim, “Quão sério isto é! Certamente eles esperam para ouvir a voz de um profeta. Há algo bom por perto!”.

Mas eu, de certa forma abalado pelo sentimento expresso por meu mestre, ainda tinha uma inexplicável convicção de que havia algo ruim. Então resolvi ficar atento na vigia do que estava por vir.

Subitamente uma grande estrela, como um sol, apareceu alto no ar sobre o templo, iluminando-o por inteiro; e uma grande canção começou partindo dos homens de branco, que foram rolando ao redor da construção, ora recuando para o fundo, e ora aproximando-se, pelo outro lado, do lugar onde estávamos. Pois alguns dos cantores estavam naturalmente parando, e o seguinte a eles regularmente assumindo a canção;

então ela rastejava adiante com gradações produzidas por mudanças que não poderiam ser diretamente detectadas, pois apenas alguns daqueles que estavam cantando paravam no mesmo instante. A canção parou; e vi uma comitiva de seis dos homens de robe branco andarem até o centro da avenida humana, rodeando um jovem belamente vestido por baixo de seu robe branco, e usando uma grinalda de flores na cabeça dele.

Os segui de perto, com minha observação mais aguçada; e, ao acompanhar o progresso lento deles com meus olhos, fui capaz de perceber mais claramente o que acontecia quando eles chegavam ao outro lado. Eu sabia que minha visão era muito mais aguçada do que a da maioria das pessoas, que eu tinha bons motivos para supor que eu conseguiria ver mais do que elas, a certa distância. Na extremidade posterior um havia um trono sobre uma plataforma, elevada acima da cabeça dos padres circundantes. A essa plataforma vi a comitiva começar a subir, aparentemente por um plano inclinado de declive suave. O próprio trono estava novamente elevado, em um tipo de plinto quadrado, no topo da qual havia um lance de escadas. No trono estava sentada uma figura majestosa, cuja postura indicava uma mistura de orgulho e benignidade, conforme ele olhava para a multidão abaixo.

A comitiva subiu até a base do trono, onde todos eles ajoelharam-se por alguns minutos; eles então se levantaram e passaram para o lado do plinto no qual o trono estava. Aqui eles amontoaram o jovem, o colocando no lugar principal; e um deles abriu uma porta no plinto, para que o jovem entrasse. Tenho certeza que o vi se encolher para trás e aquele amontoado atrás dele o empurrava para dentro. Então, novamente, surgiu uma explosão de música da multidão de branco, que durou algum tempo. Quando parou, uma nova comitiva de sete começou sua marcha até o centro. Conforme avançavam, olhei para meu mestre: todo o semblante dele estava cheio de reverência e admiração. Ele mesmo sendo incapaz de mal, ele mal podia suspeitá-lo em algum outro ser, muito menos em uma multidão como esta e cercado com tantas aparências de solenidade.

Eu tinha certeza que eram os realmente grandiosos acompanhamentos que o venceram; que as estrelas acima, as copas escuras dos teixos, e o vento que, como um espírito invisível, suspirava através de seus galhos, curvavam o humor dele para a crença de que em todas essas cerimônias há um grande significado místico que, sua humildade disse a ele, a ignorância dele o prevenia de entender.

Mais convencido do que antes, de que havia mal aqui, eu não suportaria que meu mestre fosse iludido; que alguém como ele, tão puro e nobre, deveria respeitar o que,

se minhas suspeitas fossem verdade, era pior do que as decepções ordinárias do sacerdote.

Eu não sabia dizer o quão longe ele poderia ser levado à aprovação, e caso contrário apoiar as ações deles, antes que ele achasse motivos para se arrepender amargamente do seu erro. Assisti a nova procissão ainda mais atentamente, se possível, do que a anterior. Desta vez, a figura central era uma garota; e, no final, observei, ainda que mais indubitavelmente, o encolhimento para trás e o empurrão da multidão. O que acontecia com as vítimas, eu nunca soube; mas eu havia aprendido o suficiente e não podia mais aguentar. Curvei-me e sussurrei para a jovem garota que estava ao meu lado, para que me emprestasse o traje branco dela. Eu o queria, pois eu talvez não fosse totalmente capaz de manter a solenidade, mas poderia pelo menos ter essa ajuda para passar sem perguntas. Ela olhou para cima, metade entretida, metade aturdida, como se duvidando se eu era ou não sincero. Mas na perplexidade dela, ela me permitiu desamarrá-lo, e escorregá-lo para baixo dos ombros dela.

Facilmente tomei posse dele; e, afundando-me nos meus joelhos na multidão, ergui-me aparentemente no traje de um dos adoradores.

Dando meu machado para a garota, para guardar em garantia da devolução da roupa dela, pois eu gostaria de testar o assunto desarmado, e, se fosse um homem que estava sentado ao trono, atacá-lo com minhas próprias mãos, como eu supunha que ele fosse, abri caminho pela multidão até a frente, enquanto o canto continuava, desejando alcançar o plinto enquanto estivesse desocupado por qualquer um dos padres. Fui permitido andar pela longa avenida de robes brancos sem ser perturbado, embora eu visse olhares questionadores em vários dos rostos pelos quais eu passava. Presumi que minha frieza ajudava minha passagem; pois eu me sentia bem indiferente quanto ao meu próprio destino; sem sentir, depois dos últimos eventos da história, que eu valesse a pena de ser cuidado; e gostando, talvez, de algo como uma satisfação maléfica na vingança que eu estaria assim conseguindo sobre o eu que me enganara por tanto tempo.

Quando cheguei ao plinto, a música havia acabado de parar e senti como se todos estivessem olhando em minha direção. Mas ao invés de me ajoelhar aos pés dele, andei direto até as escadas do trono, pude ver uma grande imagem de madeira que parecia estar sentada sobre ele e tentei arremessá-lo de seu assento. Nisto falhei primeiramente, pois descobri que era firmemente fixo.

Mas com medo de que, tendo passado o primeiro choque de espanto, os guardas

chegariam até mim antes que eu tivesse concluído meu objetivo, eu o puxei com toda a minha força; e, com um barulho como se rachando, quebrando e destruindo madeira podre, algo cedeu e eu atirei a imagem escada abaixo. Seu deslocamento revelou um grande buraco no trono, como o oco de uma árvore podre, descendo aparentemente um bom tanto. Mas não tive tempo de examiná-lo, pois, conforme olhava dentro dele, dele ergueu-se um grande brutamontes, como um lobo, mas com o dobro do tamanho, e me fez cair de cabeça com ele, pelos degraus da escada do trono. Conforme caíamos, porém, o peguei pela garganta, e no momento em que chegamos à plataforma, uma luta começou, na qual eu logo consegui vantagem, com minha mão sobre a garganta dele e o joelho sobre o coração.

Mas agora surgiu um choro selvagem de ira, vingança e resgate. Um universal silvo de ferro, conforme cada espada era desembainhada, pareceu destroçar o próprio ar em pedaços. Ouvi a corrida de centenas para a plataforma na qual eu estava ajoelhado. Eu apenas intensifiquei meu aperto na garganta do brutamontes. Os olhos dele já estavam saltando da cabeça dele e a língua dele estava pendendo para fora. Minha nervosa esperança era que, mesmo depois que eles tivessem me matado, eles fossem incapazes de desfazer meu aperto na garganta dele, antes que monstro já houvesse parado de respirar. Eu, portanto, coloquei toda minha força, minha vontade e meu objetivo na mão que apertava. Não me lembro de nenhum golpe. Uma fraqueza caiu sobre mim e minha consciência partiu.

68 Aqui, “olhos” se refere a marcas que se parecem com olhos, na forma e na cor, presentes nas penas do pavão. São encontradas, também, em borboletas, répteis, felinos, pássaros e peixes.

# Capítulo 24

*“Nunca seremos como anjos até que nossas paixões morram” – Dekker.*

*“Esta pousada miserável, onde mal ficamos para um lanche,*

*A chamamos de nossa Morada:*

*Chamamos um Passo de Corrida:*

*Mas os anjos em seu estado totalmente erudito,*

*Anjos, que Vivem, e sabem o que é Ser,*

*Que toda a bobagem de nossa linguagem veem,*

*Que falam coisas, e nossas palavras, seus retratos mal desenhados, desprezados,*

*Quando nós, em uma figura tola, dizemos,*

*Veja um homem velho morto! Então eles*

*Falam corretamente, e choram, Vejam uma criança recém nascida!” – Cowley.*

Eu estava morto e bastante satisfeito. Estava deitado em meu caixão, com minhas mãos dobradas em paz. O cavaleiro, e a dama que eu amara, choravam sobre mim. As lágrimas dela caíam em meu rosto.

“Ah!”, disse o cavaleiro, “Corri entre eles como um louco. Os cortei como lenha. As espadas deles batiam em mim em saraivadas, mas não me machucavam. Abri um caminho até meu amigo. Ele estava morto. Mas ele havia enforcado o monstro, e eu tive que soltar a mão da garganta dele, antes que pudesse soltar o corpo e carregá-lo. Eles não ousaram me incomodar enquanto eu voltava.”

“Ele morreu bem”, disse a dama.

Meu espírito regozijou-se. Eles me deixaram em meu repouso. Eu sentia como se uma mão fria tivesse sido colocada sobre meu coração e o tivesse parado. Minha

alma era como uma noite de Verão, depois de uma chuva pesada, quando as gotas ainda estão reluzindo nas árvores nos últimos raios do sol poente e o vento do crepúsculo começou a soprar. A quente febre da vida havia passado e eu respirava o limpo ar montanhoso da terra da Morte. Eu nunca havia sonhado com tamanha bênção. Não é como se de alguma maneira eu tivesse parado de ser o que eu tinha sido. O próprio fato de que qualquer coisa pode morrer implica a existência de algo que não pode morrer; que deve então tomar outra forma em si, como a semente que é semeada morre e ergue-se novamente; ou, na existência consciente pode, talvez, continuar a levar uma vida puramente espiritual. Se minhas paixões estavam mortas, as almas das paixões, aqueles mistérios essenciais do espírito que haviam incorporado a si mesmos nas paixões, e tinham dado a eles toda a sua glória e maravilha, ainda viviam, ainda brilhavam, com um fogo puro e imortal.

Eles erguiam-se acima de seus trajes mundanos que estavam desaparecendo e se autoneameavam anjos da luz. Mas, ah, tão mais lindos que a forma antiga! Fiquei assim por um momento e vivi como se fosse uma existência que não irradiava; minha alma um lago imóvel, que recebia todas as coisas e não dava nada em troca; satisfeito em uma contemplação imóvel e consciência espiritual.

Dentro em pouco, eles me levaram até meu túmulo. Nunca uma criança cansada se deitando em sua cama branca, e ouvindo o som de seus brinquedos sendo colocados de lado para a noite, com uma satisfação mais luxuosa de repouso do que eu conhecia, quando senti o caixão se acomodar sobre a terra firme e ouvi o som do mofo caindo sobre sua tampa. Não tem o mesmo chocalho oco dentro do caixão, que mande para a extremidade do túmulo. Eles não me enterraram em um cemitério. Eles me amavam muito para isso, agradeço a eles; mas eles me enterraram no solo do próprio castelo, em meio a várias árvores; onde, pois era Primavera, estavam crescendo primulas, jacintos e todas as famílias das florestas.

Agora que eu estava deitado em seu seio, toda a terra, e cada um de seus muitos partos, era um corpo para mim, à minha vontade. Eu parecia sentir o grande coração da mãe batendo no meu e me alimentando com a própria vida dela, os próprios ser essencial e natureza dela. Eu ouvi os passos dos meus amigos acima e eles mandaram um arrepio pelo meu coração. Eu soube que os ajudantes haviam ido embora e que o cavaleiro e a dama ficaram, e falaram palavras lentas, gentis e cheias de lágrimas dele que estava deitado debaixo da terra ainda fresca. Ergui-me em uma única e grande primula que crescia na extremidade do túmulo, e da janela de seu rosto humilde e confiável, olhei em cheio no semblante da moça. Senti que eu podia me manifestar na primula; que ela dizia parte do que eu queria dizer; como nos velhos tempos, eu tinha me valido de uma canção para o mesmo fim.

A flor pegou o olhar dela. Ela inclinou-se e arrancou-a, dizendo, “Ah, sua criatura linda!”, e, levemente beijando-a, colocou-a no peito. Foi o primeiro beijo que ela jamais me deu. Mas a flor logo começou a murchar e eu a abandonei.

Era noite. O sol estava abaixo do horizonte; mas seus raios róseos ainda iluminavam uma nuvem de penas, que flutuava bem alto acima do mundo. Levantei-me, alcancei a nuvem; e, me jogando sobre ela, flutuei com ela com a visão do sol poente. Ele afundou e a nuvem ficou cinza; mas o tom de

cinza não tocou meu coração. Ele carregava o tom rosado em seu interior; pois agora eu podia amar sem necessitar ser amado novamente. A lua veio deslizando para cima com todo o passado no rosto pálido dela. Ela mudou meu acolchoado para uma palidez fantasmagórica e jogou toda a terra abaixo como se no fundo de um mar pálido de sonhos. Mas ela não conseguia me deixar triste. Eu sabia agora, que é por amar, e não por ser amado, que alguém pode chegar mais perto da alma de outro alguém; sim, ali, onde dois se amam, é o amar de um ao outro, e não o ser amado um pelo outro, que origina, aperfeiçoa e garante a bênção deles. Eu sabia que o amor dá àquele que amas, poder sobre qualquer alma amada, mesmo se aquela alma ele não conheces, trazendo-o internamente próximo àquele espírito; um poder que não pode ser para nada exceto par ao bem; pois proporcionalmente, quando o egoísmo invade, o amor acaba e o poder que nasce daí morre. Embora todo o amor irá, um dia, encontrar seu retorno.

Todo amor verdadeiro irá, um dia, observar sua própria imagem nos olhos do amado, e ele ficará humildemente satisfeito. Isso é possível no reino da sublime Morte. “Ah! Meus amigos”, pensei eu, “como eu tomarei conta de vocês, e esperar por vocês, e assombrá-los com o meu amor”.

Minha biga <sup>69</sup> flutuante me levou para cima de uma grande cidade. Seu fraco e enfadonho som vaporizava no ar – um som – como era composto? “Quantas exclamações desesperadas”, pensei eu, “e quantos gritos enlouquecidos acontecem para fazer o tumulto, aqui tão fraco onde eu flutuo na paz eterna, sabendo que um dia eles serão silenciados com a calma circundante, que o desespero morrerá em esperança infinita e que o que lá aparentemente é impossível, é a lei aqui! Mas, ó mulher de rosto pálido, homem de feições melancólicas e crianças esquecidas, como esperarei por vocês e os ajudarei e, colocando meus braços ao seu redor no escuro, pensarei com esperança em seus corações, quando vocês acreditam que ninguém está perto! Assim que meus sentidos tiverem todos voltado e, tendo acostumado com esta nova vida abençoada, estarei entre vocês com o amor que cura”.

Com isso, uma dor e um terrível tremor me percorreram; uma contorção como se de morte me convulsionou; e mais uma vez fiquei consciente de uma vida mais limitada, e até física e mundana.

69 Carro romano puxado por dois cavalos.

# Capítulo 25

“Unser Leben ist kein Traum, aber es sol und wird vielleicht einer warden.” – Novalis.

“Nossa vida não é um sonho; mas deverá se tornar um, e talvez se torne.”

"E no chão, que é minha barreira,

Eu bato com meu báculo <sup>70</sup>, ilustre e atrasado,

E digo para ela, deixe mãe, deixe-me entrar.” – The Pardoner's Tale, Chaucer.

Afundando de tal estado de alegria ideal, no mundo de sombras que novamente se fechada ao meu redor e me enrolava, meu primeiro temor foi, não anormalmente, que minha própria sombra havia me encontrado novamente e que minha tortura havia começado mais uma vez. Eu era uma triste revulsão de sentimentos. Isso, na verdade, parecia corresponder com o que nós pensamos que a morte é, antes de morrermos. Mas ainda assim sentia em meu interior o poder de uma calma resistência para com o que eu tinha até agora desconhecido.

Pois, na verdade, que eu deveria ser capaz de apenas pensar tais coisas que eu estava pensando, era um deleite indescritível. Uma hora de tal paz fez um tumulto de uma vida inteira digno de ser conquistado.

Descobri-me deitado a céu aberto, cedo pela manhã, antes do alvorecer. Sobre mim erguia-se o céu de Verão, na expectativa pelo sol. As nuvens já o viam, vindo de longe; e logo cada gota de orvalho iria regozijar-se em na presença individual dele em seu interior. Fiquei imóvel por alguns minutos; e então lentamente me levantei e olhei ao meu redor.

Eu estava no cume de uma pequena colina; um vale estendia-se abaixo e uma série de montanhas fechava a visão naquele lado. Mas, para o meu horror, atravessando o vale, e sobre a altura das montanhas opostas, esticava-se, de meus próprios pés, uma enorme expansão de sombra. Ali estava, longa e larga, escura e poderosa. Virei-me com um desespero doentio; quando ah! Eu vi o sol acabando de levantar sua cabeça sobre o morro a Leste e a sombra que caía de mim estava apenas onde os raios dele não estavam. Dancei com alegria. Era apenas a sombra natural, que acompanha todos os homens que andam no sol. Conforme ele se ergueu, cada vez mais alto, a

cabeça da sombra afundou na lateral do morro oposto e rastejou pelo vale em direção aos meus pés.

Agora que eu estava tão felizmente livre deste medo, eu vi e reconheci a terra ao meu redor. No vale abaixo, estava meu próprio castelo e os assombros de minha infância estavam todos ao meu redor. Apressei-me para casa. Minhas irmãs me receberam com uma alegria indescritível; mas suponho que elas notaram alguma mudança em mim, pois um tipo de respeito, com certo toque de admiração, misturava-se com a alegria delas e me deixou constrangido. Elas haviam estado em grande agonia por minha causa.

Na manhã do meu desaparecimento, elas haviam encontrado o chão do meu quarto inundado; e, durante todo aquele dia, uma névoa assombrosa e quase insensível havia pairado ao redor do castelo e redondezas. Eu havia sumido, elas disseram, por vinte e um dias. Para mim pareceram vinte e um anos. Nem tampouco eu podia me sentir seguro em minhas novas experiências. Quando, à noite, deitei-me mais uma vez em minha própria cama, eu não tinha certeza de que quando acordasse eu não me encontraria em alguma região misteriosa da Terra das Fadas. Meus sonhos foram incessantes e perturbados; mas quando acordei, vi claramente que estava em minha própria casa.

Minha mente logo se acalmou; e comecei com os deveres de minha nova posição, de certa forma instruído, eu esperava, pelas aventuras que haviam me acontecido na Terra das Fadas. Poderia eu traduzir a experiência de minhas viagens lá para a vida comum? Esta era a questão. Ou devo viver tudo de novo, e aprender tudo de novo, nas outras formas que pertenciam ao mundo dos homens, cujas experiências ainda assim são paralelas àquelas da Terra das Fadas? A estas perguntas não posso responder. Mas eu temo.

Ainda assim, às vezes me encontro olhando em volta nervoso, para ver se minha sombra fica longe do sol ou não. Eu ainda nunca descobri nenhuma inclinação para nenhum dos lados. E se não estou triste com pouca frequência, ainda assim não faço mais sombra na terra do que a maior parte dos homens que viveram aqui pelo mesmo tempo que eu. Tenho um sentimento estranho às vezes, de que sou um fantasma, mandado para o mundo para ajudar meus companheiros homens, ou, melhor, consertar os erros que eu já havia feito. Que o mundo possa ser mais brilhante para mim, pelo menos naquelas partes dele, onde minha escuridão não cai.

Assim eu, que sai para encontrar meu Ideal, voltei regozijando por ter perdido minha

Sombra.

Quando o pensamento da bênção que eu havia experienciado, depois da minha morte na Terra das Fadas, é muito alto para eu segurar e manter a esperança, frequentemente penso sobre a sábia mulher na cabana e da certeza solene dela de que ela sabia algo bom demais para ser dito.

Quando me sinto oprimido por qualquer tristeza ou perplexidade real, frequentemente me sinto como se tivesse deixado a cabana dela apenas por um tempo e novamente voltaria da visão para dentro dela novamente. Às vezes, nestas ocasiões, eu me encontro, quase inconscientemente, procurando pela mística marca vermelha, com a vaga esperança de entrar pela porta e ser confortado pela ternura sábia dela. Eu então me consolo dizendo: “Eu vim pela porta do Desalento; e o caminho de volta do mundo ao qual ela me levou é através de meu túmulo. Sobre ele está o sinal vermelho, e o encontrarei um dia, e ficarei feliz”.

Encerrarei minha história com a relação de um incidente que aconteceu comigo alguns dias atrás. Estive com meus ceifeiros e, quando eles pararam o trabalho ao meio dia, eu havia me deitado debaixo da sombra de uma faia grande e anciã, que ficava na fronteira do campo. Conforme eu estava deitado, com meus olhos fechados, comecei a ouvir o som das folhas acima de mim. Primeiramente, elas faziam sozinhas uma música doce e inarticulada; mas, aos poucos, o som pareceu começar a ganhar forma e começou a se moldar gradualmente em palavras; até que, finalmente, eu parecia capaz de distinguir estas, meio dissolvidas em um pequeno oceano de notas circunfluentes <sup>71</sup>: “Uma grande bondade está vindo – está vindo – está vindo para ti, Anodos”; e assim de novo e de novo.

Fantasiei que a voz me lembrava da voz da mulher idosa, na cabana que tinha quatro paredes. Abri meus olhos e, por um momento, quase acreditei que via o rosto dela, com suas muitas rugas e os olhos jovens, olhando para mim por entre dois ramos grisalhos da faia acima. Mas quando olhei mais atentamente, vi apenas galhos e folhas e o céu infinito, em pequenos pontos, me encarando fixamente por entre eles. Ainda assim sei que alguma bondade está vindo para mim – esta bondade está sempre vindo; embora poucos tenham sempre a simplicidade e coragem de acreditar. O que nós chamamos de mau é a única e melhor forma, que, para a pessoa e a condição dela no momento, poderia ser assumida pela melhor bondade. E assim, Adeus.

71 Que flui ao redor ou circunda à maneira de um fluido.

# Table of Contents

[Prefácio](#)

[Ficha Técnica](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)